



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



ALCEBÍADES COSTA FILHO

**A GESTAÇÃO DE CRISPIM:
um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade**

NITERÓI
2010

ALCEBÍADES COSTA FILHO

**A GESTAÇÃO DE CRISPIM:
um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade**

ORIENTADOR: Prof. Dr. EDWAR DE ALENCAR CASTELO BRANCO

**NITERÓI
2010**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C837g Costa Filho, Alcebíades.

A GESTAÇÃO DE CRISPIM: um estudo sobre a constituição
histórica da piauiensidade / Alcebíades Costa Filho. - 2010.
194 f. : il.

Orientador: Edwar de Alencar Castelo Branco
Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2010.

Bibliografia: f. 172-198.

1. Brasil – História. 2. Literatura brasileira – História. 3. Literatura
piauiense – História e crítica. 4. Piauí – Identidade cultural. I. Título.

ALCEBÍADES COSTA FILHO

A GESTAÇÃO DE CRISPIM:
um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em História.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco – UFPI

Prof. Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva – UESPI

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento – UFPI

Prof^a Dra. Ana Maria Mauad de Sousa A Assus– UFF

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho – UEMA

Para o Espírito Santo, fonte de toda sabedoria.

Para Conceição e Ariel, entre tantas opções que a vida me ofereceu, foi ao lado de vocês que decidi envelhecer com tranquilidade.

Para Ariana Maria, Isácio, Ana Carolina, Victor, Oberdan e João Lucas votos de uma vida de realizações.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de quatro anos de trabalho, a ação de algumas pessoas foi valiosíssima para a realização dos objetivos definidos inicialmente. Gostaria de registrar minha gratidão a Sônia Maria Dias Mendes (Sônia Terra) que, nesse período, apesar de sua responsabilidade como gestora pública, não esqueceu nossa amizade e seu auxílio para a realização desse trabalho foi decisivo.

Agradeço a Teresinha Mary Cortes de Sousa, amizade constituída ainda na graduação e consolidada no trabalho em defesa do patrimônio documental do estado do Piauí no Arquivo Público. Ao longo dessas duas décadas, apesar de nossas diferenças, a amizade apenas se consolidou, seu apoio nesse momento foi revelador.

Não posso esquecer a preocupação e a torcida de amigos como Verônica Pacheco, Sérgio e Ana Brandim que ao longo dessa jornada, sem alarde, me propiciaram tempo, espaço e bibliografia, a amizade de vocês é riqueza imensa.

Quero agradecer aos queridos amigos Pedro Alcântara Carvalho Nascimento, Naria Rúbia e Adail W. Santos os momentos de entretenimento, “para refazer as forças”; aos dois últimos agradeço pelo apoio na digitação e configuração do trabalho.

As companheiras do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, em Caxias, Antonia Valtéria Melo Alvarenga, Arydmar Gayoso Barros, Dalva Almeida, Jordânia Maria Pessoa, Raimunda Borba (Dudu) e Salânia Maria Barbosa Melo, agradeço a solidariedade recebida nessa fase da minha vida acadêmica. Obrigado pelos momentos

agradáveis de entretenimento e conversas que ajudaram a compreender aspectos do meu trabalho.

É necessário registrar minha admiração a Professora Dra. Teresinha Queiroz, cuja obra se ergue como luzeiro a iluminar o campo de estudos sobre a intelectualidade brasileira e, de maneira singular, a intelectualidade piauiense.

Contei com a boa vontade de José Elias de Arêa Leão pela leitura do primeiro capítulo desse trabalho, foram valiosas suas sugestões, indicações de fontes e lembranças, que ampliaram nosso conhecimento acerca da temática.

Ao professor Halan Silva, um apaixonado pelo estudo da intelectualidade piauiense e que escreve sobre a “Geração de 1945”, agradeço a leitura e sugestões do segundo capítulo; também ao professor Luiz Valadares Filho que leu e comentou os três capítulos em vários momentos da sua elaboração.

Aos professores Dr. Diógenes Buenos Aires, Dr. Francisco Alcides do Nascimento e Dr. Jorge Ferreira, leitores de versões desse trabalho, obrigado pelas críticas. É claro que os problemas que o trabalho apresenta é minha responsabilidade, os diferentes leitores apenas contribuíram com suas críticas e sugestões.

Agradeço ao Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco, pela competência e tranquilidade no âmbito da orientação, foram valiosas as conversas, as leituras indicadas, as correções. Nesses anos, além de ter crescido o meu respeito pelo intelectual, cresceu também minha admiração pela pessoa humana de riso e fala afável que sempre me incentivou com seus elogios.

Agradeço a Universidade Estadual do Piauí que possibilitou a oportunidade de cursar o doutorado e aos companheiros de docência na Coordenação do Curso de História quase todos cursando pós-graduação, ao João Batista do Vale Junior, Valdinar da S. Oliveira Filho e Viviane Padrazani que integram a minha turma do doutorado, desejo sucesso. Desejo lembrar

os nomes dos professores da Universidade Federal do Piauí que também integram a turma do doutorado: Antônio Melo, Bernardo P. de Sá Filho, Dalton Macambira, João Kennedy Eugênio, Jonhy Santana de Araújo, Junia Motta A. Napoleão do Rego, Manoel Ricardo Arraes Filho e Sônia Campelo Magalhães e mais Francisco das C. F. Santiago Júnior, Jóina Freitas Borges e Francisco de Assis de S. Nascimento.

Agradeço ao Arquivo Público do Piauí, cujo acervo me ajuda a compreender aspectos da sociedade piauiense. Para cada um dos funcionários, amigos de muito tempo, meu muito obrigado.

Na verde catedral da floresta, num coro
triste de cantochão, pelas naves da mata,
desce o rio a chorar o seu perpétuo choro,
e o amplo fluido lençol de lágrimas desata.

Caudaloso a rolar desde o seu nascedouro,
num rumor de oração, no silêncio da oblata,
ao sol - lembra um rocal todo irisado de ouro,
ao luar - rendas de luz com vidrinhos de prata.

Alvas graças a piar, arrepiadas de frio,
seguem, de absorto olhar, a vítrea correnteza;
pendem ramos em flor sobre o espelho do rio...

É o Parnaíba assim, carpindo as mágoas,
- rio de minha terra, ungado de tristeza,
refletindo o meu ser à flor móvel das águas.

(Rio das Garças, Da Costa e Silva)

RESUMO

Este trabalho reflete sobre alguns aspectos da formação histórica da piauiensidade, entendida como a média dos parâmetros identitários que foram capazes de dar aos piauienses um sentimento de pertença a uma comunidade. José Elias de Arêa Leão, Os recursos empíricos utilizados para o estudo foram principalmente livros, jornais e revistas que veicularam produtos literários da lavra de intelectuais piauienses, em especial aqueles produzidos entre os anos de 1852 e 1952. Tais recursos foram lidos como instrumentos através dos quais, do ponto de vista deste trabalho, seria possível refletir sobre como se constituiu um sistema literário no Piauí e, no lastro deste, como se conformou uma identidade piauiense.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil. Literatura Brasileira. Literatura Piauiense. Identidade Cultural.

ABSTRACT

This work reflects about some aspects of the historical formation of the “piauiensidade”, understood as on average of the parameters of the identity that were able to give the “piauienses” a sense of belonging to a community. The resources utilized for the empirical study were books, newspapers and magazines that published the literary production of the intellectual circle of Piauí, particularly those produced between the year of 1852 and 1952. These resources have always been read as instruments through which, from the standpoint of this work, we could reflect on how to set up a literary system in Piauí, and in its trails, how the piauiense identity was built.

KEYWORDS: History of Brazil. Literature of Brazil. Literature of Piauí. Cultural Identity^h

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Censo da população piauiense em meados do século XVIII

Quadro 02- Periódicos piauienses em circulação entre 1880 e 1922

Quadro 03- Livros de ficção de escritores piauienses em circulação entre 1880 e 1922

Quadro 04- Livros de escritores piauienses em circulação entre 1880 e 1922

Quadro 05- Periódicos piauienses em circulação entre 1922 e 1952

Quadro 06- Livros de escritores piauienses em circulação entre 1922 e 1952

Quadro 07- Livros de ficção de escritores piauienses em circulação entre 1922 e 1952

Quadro 08- Patronos da Academia Piauiense de Letras e sua obra literária

Quadro 09- Sócios efetivos do Cenáculo Piauiense de Letras e respectivos patronos

LISTA DE SIGLAS

ABL- Academia Brasileira de Letras

APL - Academia Piauiense de Letras

APPI - Arquivo Público do Piauí

CPL - Cenáculo Piauiense de Letras

IHAGP - Instituto Histórico Antropológico e Geográfico Piauiense

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

SAIN - Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional

SUMÁRIO

COMO FORMA DE INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – De curraleiros a oficiais da Coroa Portuguesa	17
1.1 Oeiras como centro da vida social piauiense: um olhar sobre a formação da elite	17
1.1.1 Manoel de Sousa Martins: a ascensão da elite piauiense.....	31
1.2 Práticas sociais rurais no Piauí oitocentista.....	33
1.3 Teresina entra em cena: o surgimento do “high-life” e as práticas sociais urbanas	38
1.3.1 Para além de Teresina marcas do progresso e de civilidade.....	58
CAPÍTULO II – De curraleiros e oficiais da Coroa portuguesa a notáveis em Paris, Lisboa, Rio de Janeiro e Teresina.....	63
2.1 Um olhar sobre a escrita de literatos piauienses na primeira metade do século XIX	63
2.2 A formação de um ambiente literário em Teresina	70
2.3 Vitória da cultura letrada e a institucionalização da literatura.....	80
2.4 Intelectuais piauienses imersos nos cânones literários.....	103
2.4.1 Institutos de representação literária.....	117
CAPÍTULO III – Representações identitárias na produção literária piauiense	132
3.1 Um Piauí longínquo, tosco e inculto emergem de exemplares da literatura piauiense.....	135
3.2 A celebração do espaço piauiense na poesia produzida na passagem do século XIX para o XX.....	149
3.3 Letras Calcinantes: a seca na produção literária piauiense	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS.....	168

COMO FORMA DE INTRODUÇÃO

Que relação poderia ser estabelecida entre os recursos literários de um povo e as representações identitárias deste mesmo povo? De que modo, com que intensidade a literatura poderia favorecer, nas pessoas, o sentimento de pertencimento a uma comunidade? Se o espaço é um lugar praticado¹, qual seria o capital de importância dos textos literários para a prática histórica de um espaço? Estas são algumas das questões que nortearam este trabalho, o qual, tendo em vista a conformação histórica das identidades culturais, indaga sobre o processo de constituição da piauiensidade².

Do ponto de vista empírico o trabalho operou com um vasto universo de textos – indistinguindo-os em termos de ficcionalidade e não-ficcionalidade – produzidos por três gerações de literatos piauienses e que circularam no Piauí e no Brasil entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Ressalte-se que “textos literários”, neste trabalho, não diz respeito apenas aos “clássicos da literatura”, geralmente compostos por romances, novelas e livros de poemas. Admitiu-se como “textos literários” também outros documentos, inclusive teses acadêmicas, documentos oficiais e cartorários e artigos e crônicas que circularam, no período estudado, em revistas e em jornais.

A atividade literária é um dos fatores de convergência entre os produtores de literatura, atividade exercida por prazer ou na busca de status social, já que nenhum desses literatos dependia da literatura para sobreviver. Os literatos escreveram poesias, crônicas, romances e textos reconhecidos como resultantes de estudos sobre determinados objetos nas mais diferentes áreas do conhecimento. Consultando esse conjunto de textos e sua articulação com o contexto histórico em que foi produzido, encontram-se indícios de que seus produtores se preocupavam em singularizar o Piauí em face das demais províncias/estados do Brasil.

Procurando atingir o objetivo proposto, no primeiro capítulo refletiu-se sobre aspectos da formação da sociedade piauiense que permitiram o surgimento de um grupo social

¹CERTEAU, 1994.

²Entendida como a média dos parâmetros identitários que dão aos piauienses um sentimento de pertença a uma comunidade.

que, se destacando do restante da sociedade, formou a elite³. Refletiu-se sobre as formas do viver rústico, pouco afeitas às práticas da leitura e da escrita e o lento processo de transição para as formas do viver urbano que por sua vez valorizam a cultura letrada. Nesse sentido, extrapolaram-se o marco cronológico estabelecido para esse trabalho, para observar os fatores que conformaram os grupos de elite no Piauí Colonial e seu interesse pela educação formal.

No segundo capítulo refletiu-se a cerca do momento da institucionalização da literatura piauiense, que se manifesta através da criação das mais importantes instituições culturais da época, a Academia Piauiense de Letras - APL e o Instituto Histórico Antropológico e Geográfico Piauiense - IHAGP, instâncias específicas de seleção e consagração intelectual, das quais se originaram as regras para produção literária.

No terceiro capítulo, a preocupação foi com o conteúdo de livros, jornais e revistas na busca de representação⁴ de piauiensidade. No conjunto de textos analisados, privilegiou-se a poesia enquanto forma de manifestação dominante no ambiente literário piauiense. Essa manifestação literária parece apropriada para os objetivos proposto para o referido capítulo, como se observa no trecho seguinte:

A poesia é notável enquanto registro de todo um conjunto de experiências ligadas ao sentimento, ao pulsar da vida, ao cotidiano, à expressão e ao registro das emoções que a história, por muito tempo, não necessariamente conseguia captar e cristalizar. Enfoques novos da história que colocam em primeiro plano as dimensões da subjetividade resgatam por essa via a efervescente sensibilidade de sujeitos da história, e essa notação é bastante bem elucidada e apreendida segundo as fontes poéticas. Ao mesmo tempo em que a poesia consegue condensar toda uma variedade de sentimentos, esses sentimentos são captados da história, são absorvidos da vivência social, e a poesia os perpetua enquanto memória desta sociedade à qual faz referência.⁵

³A concepção de elite que orienta esse trabalho se aproxima de um conjunto bibliográfico, que trabalha com a elite brasileira, a exemplo de: “A construção da ordem” de José Murilo de CARVALHO (1981), “O tempo Saquarema” de Ilmar R. MATTOS (1994), “Belle époque tropical” de J. D. NEEDELL (1993), “Os literatos e a República” de Terezinha QUEIROZ (1994), “A elite colonial piauiense” de Tanya Maria P. BRANDÃO (1995) e “As barbas do imperador” Lilia M. SCHWARCZ (1998). Concebe-se a elite “como uma categoria histórica, e não [como] uma mera classificação”, tanto que, ao longo do texto, utilizaram-se diferentes expressões para denominá-la, ouvindo a voz dos sujeitos da época: “pessoas distintas da terra”, “gente principal”, “nobreza da terra”, “pessoas gradadas”, “high-life”. Guardando-se as peculiaridades das diferentes interpretações, algumas características parecem comuns as elites analisadas pelos pesquisadores citados: constitui segmento social minoritário, concentra bens materiais, monopoliza a máquina administrativa, possui e valoriza a educação formal, participa de uma teia de sociabilidades muito peculiar, que exige uma série de atributos pessoais, frequência a determinados espaços, modos de ver e sentir o mundo.

⁴A expressão está sendo utilizada no sentido atribuído por CHARTIER (1991), segundo o qual a representação é o produto do resultado de uma prática. A literatura, por exemplo, é representação, porque é o produto de uma prática simbólica que se transforma em outras representações.

⁵QUEIROZ, 2008, p. 205/206.

Além da poesia, romances e textos não ficcionais, tais como depoimentos, reportagens e estudos, foram utilizados para reforçar as marcas de representação da piauiensidade contida nos textos poéticos.

Os dados foram basicamente levantados junto ao acervo do Arquivo Público do Piauí. Na “Biblioteca de Apoio à Pesquisa” da referida instituição, na qual destaca-se um rico acervo bibliográfico constituído na sua maioria pela primeira edição das obras ali acondicionadas, foram apropriadas leis, decretos, discursos, teses, estatísticas, estudos de história e geografia, documentos de governo e instituições piauienses, além dos livros de ficção tais como os de poesias e os romances, todos datados de meados do século XIX até a presente data.

A bibliografia seleta, isto é, os livros de meados do século XIX e primeira metade do XX, ajudaram na observação das formas de viver dos piauienses. Foram valiosas as informações contidas nas obras “Cronologia Histórica do Estado do Piauí” e “Notícia sobre as comarcas da província do Piauí” (manuscrito de 1885) de Pereira da Costa; “Pesquisas para a História do Piauí” de Odilon Nunes, assim como o acervo da hemeroteca do Arquivo Público do Piauí – APPI. Anúncios e colunas sociais de jornais e revistas piauienses se constituíram em fonte de informação, complementando vários outros textos, a exemplo de memórias e literatura de viagem. É necessário destacar que no já citado Arquivo Público do Piauí encontra-se o acervo particular de Joel Oliveira, constituído de telegramas, cartas, cartões postais, convites para diferentes eventos sociais, fontes que foram que ajudaram no entendimento de aspectos do viver social em Teresina nas primeiras décadas do século XX.

No segundo capítulo o acervo da “Biblioteca de Apoio à Pesquisa” e revistas e jornais da Hemeroteca “Joel Oliveira” do Arquivo Público do Piauí assumiram o caráter de objeto de estudo. Procurou-se determinar os livros em circulação e também os jornais e as revistas, assim como as condições de produção e as pessoas ou grupos de pessoas envolvidas na elaboração dos impressos. Um rico conjunto bibliográfico composto de obras sobre a história da literatura brasileira a exemplo de “Formação da Literatura Brasileira” de Antonio Cândido (1997), “História Concisa da Literatura Brasileira” de Alfredo Bosi, (2006), “A Literatura no Brasil” de Afrânio Coutinho (2004) e “De Anchieta a Euclides” de José Guilherme Merquior (1996), ajudou a reforçar, em nós, a idéia que o fenômeno literário se confaz em íntima articulação com o contexto social.

Quanto à expressão escolhida para dar título ao trabalho, “A gestação de Crispim”, remete a um dos marcos da identidade piauiense. O pescador Crispim, algoz de sua própria

mãe, é o principal personagem da lenda “Cabeça de cuia”, a qual povoa largamente o imaginário popular piauiense e, portanto, constitui um dos alicerces da identidade cultural piauiense.

A referida lenda conta a história de “uma viúva, mãe de filho único (Crispim), residentes à beira do Poti, os quais viviam de uma pequena roça e da pesca. Com isso o filho tornou-se um bom pescador e mergulhador. Em decorrência da ausência misteriosa de peixes em uma de suas pescarias, mãe e filho, [certo dia] discutem e este a agride com um fêmur de boi. Antes de morrer a mãe roga-lhe a praga de encantamento temporário: viver como peixe no fundo das águas, só tendo perdão para essa fome após devorar sete virgens, de nome Maria, de 7 em 7 anos”⁶.

Ao apropriarmo-nos da imagem lendária e trágica do pescador Crispim para dar título ao trabalho, pensamos, com a lembrança do drama de Píndaro⁷, que estamos remetendo nossos leitores ao cerne da questão que é substrato do estudo: como chegamos a ser o que somos?⁸

⁶BASTOS, 1994, p.94.

⁷Píndaro foi um dos mais importantes poetas do século V a.C.

⁸NIETZSCHE, 2001.

CAPÍTULO I – DE CURRALEIROS A OFICIAIS DA COROA PORTUGUESA

1.1. Oeiras como centro da vida social piauiense: um olhar sobre a formação da elite

No final do século XVII, os principais cursos de água do “vasto sertão do Piauí”⁹ estavam pontilhados de currais. A ocupação do território fora um empreendimento de criadores de gado *vacum* e cavalariço, assim, a iniciativa particular antecedeu a ação da Coroa portuguesa. Reduzido era o contingente populacional, bastante diferenciado quanto à posse e ao uso da terra, o que configurava quatro grupos distintos: os colonizadores, os colonos, os nativos e os escravos.

Os colonizadores representavam a Metrópole, eram temidos e respeitados tanto pelo poder de mobilizar contingentes de homens armados, como pela influência que exerciam junto aos representantes da Coroa portuguesa no Brasil. Responsáveis pelo processo de ocupação territorial, este grupo exibia a posse legal da terra ocupada por seus rebanhos e, via de regra, era composto por senhores de escravos. Percentual considerável de currais pertencia a criadores pernambucanos que, conjuntamente, com criadores baianos, ocuparam o território. Com domicílio na capitania de Pernambuco ou Bahia, na impossibilidade de gerir seus negócios no sertão, os colonizadores constituíram representantes, em geral, os vaqueiros de suas fazendas.

No grupo dos colonos – bastante complexo na sua composição - destacavam-se vaqueiros e moradores¹⁰. Os vaqueiros eram temidos e respeitados, pois representavam os colonizadores. Alguns eram curraleiros, uma vez que, na falta de moeda, eram pagos com percentuais das “cabeças de gado”, o que permitiu a constituição de seus próprios currais. É possível inferir, em razão do exposto, que esta situação resultaria na formação de currais, possuídos por vaqueiros, dentro ou fora dos limites das grandes propriedades dos colonizadores. Os moradores, não possuíam terras, habitavam na propriedade de “favor”, além de pagar certa quantia ou prestar serviços aos proprietários. Presume-se que constituíam o maior contingente populacional, contudo, não tinham influência perante as autoridades portuguesas, nem tampouco a posse legal das terras que ocupavam.

O grupo composto pelos nativos lutava contra a invasão de suas terras, uma parte estava reduzida em aldeamentos e outra vagava pelo sertão. Contrariando as determinações da

⁹A expressão “sertão do Piauí” é comum nos documentos da época, além de ser utilizada pelos pesquisadores piauienses que estudam o Período Colonial. A concepção de sertão aqui expressa se aproxima da concepção de ABREU, 1976, p. 98-172; VAINFAS, 2000, p. 528-529.

¹⁰Concepção de morador no Período Colonial, cf. VAINFAS, 2000, p. 409. No Piauí, ainda hoje, a expressão “morador” é muito utilizada pela população.

Coroa portuguesa, colonizadores e colonos constantemente desrespeitavam os direitos dos nativos, promovendo guerras para ocupar suas terras e obrigando seus integrantes ao trabalho forçado. Por fim, o grupo dos escravos que, tal qual ocorreu em todo o Brasil nos períodos Colonial e Monárquico, legalmente não tinha direito ou acesso à terra, além de ser submetido ao trabalho forçado. Infere-se, com base em Pereira da Costa, que esse contingente populacional, na sua maioria, era oriundo das capitanias de Pernambuco e Bahia.

A ocupação foi um empreendimento masculino. No final do século XVII, o “sertão do Piauí” possuía 438 habitantes, apenas 38 mulheres; 27 indígenas, 7 negras, 3 mestiças e 1 branca. Cinco eram casadas, inclusive a mulher branca, D. Mariana Cabral, esposa de Domingos de Aguiar. “As outras, mal entravam na pubescência, prostituíam-se e tornar-se-iam, quando muito, amásias dos vaqueiros.”¹¹ A luta pela posse e uso da terra, desencadeada pelos colonizadores contra os nativos¹² e as péssimas condições de vida, no que diz respeito à segurança e conforto, estão entre os fatores que explicam a ausência de mulheres brancas e a presença dominante de mulheres nativas e negras. Estas viviam na dependência dos colonizadores e colonos e não estavam em condição nem mesmo de escolher seus parceiros. A legalização do casamento entre reinóis e nativos da América, autorizado pelo rei de Portugal, em 1755¹³, tendeu a atenuar esse grave problema, o que possibilitou o crescimento da população.

Examinando aspectos da cotidianidade desse contingente populacional, nota-se que viviam não mais que cinco pessoas por fazenda, isoladas quilômetros de distância umas das outras. A cultura de alimentos não chega para suprir os habitantes das fazendas onde havia algum roçado, a terra destinava-se ao pasto natural e alimentava os rebanhos. O contingente humano alimentava-se da carne de animais silvestres e peixes, em geral, assada no espeto de pau, também, da coleta de frutos, mel e laticínios¹⁴.

No final do século XVII, partiria do bispado de Pernambuco a primeira manifestação de ordenamento dos habitantes do sertão, uma vez que a região estava na jurisdição dessa prelazia. Em fevereiro de 1697, na fazenda Tranqueira, residência de Antonio Soares Thougua, reuniram-se vários habitantes do sertão com o objetivo de deliberar o melhor local para construir a igreja da freguesia de Nossa Senhora da Vitória, criada no ano anterior. A

¹¹NUNES, 1972, p. 11-13.

¹²Sobre o extermínio dos nativos no Piauí cf. MACHADO, 2002.

¹³COSTA, 1974, p. 126, v.1.

¹⁴NUNES, 1972, p. 12.

criação e instalação da freguesia era indício de que a Coroa portuguesa reconhecia oficialmente a existência de um crescente complexo sistema social no sertão do Piauí¹⁵.

A interferência da Igreja nos domínios dos potentados pernambucanos e baianos ameaçava sua autoridade ou poder. Em agosto de 1698, o colonizador Domingos Afonso Serra, invadiu a sede da freguesia de Nossa Senhora da Vitória, colocou a capela abaixo e destruiu todo o casario em derredor, o que fez sob alegação de invasão antecedente de terras de sua propriedade. O fato causou mal-estar entre as autoridades eclesiásticas e, também, entre as autoridades seculares. No sentido de conter os abusos de poder, a Coroa portuguesa decidiu instalar-se na região. É no contexto de organização e disciplinamento dos habitantes do sertão que se deve entender a atitude de Serra.

No ano seguinte, a Coroa determinou que os possuidores de terra no Piauí “que não as cultivassem por si, seus feitores, colonos ou constituintes as perdessem, e que as mesmas terras fossem dadas a quem as denunciasse”. Três anos depois, Carta Régia de 1702 determinava aos possuidores de terra que as demarcassem no prazo de dois anos, “sob pena de ficarem elas devolutas”¹⁶. Como se observa, gradualmente, a Coroa controlava as decisões sobre a questão da terra, fomentava o conflito, ao mesmo tempo em que se apresentava como mediadora. Como sede de sua administração, elevou a freguesia de Nossa Senhora da Vitória à condição de vila. Em 1717, no ato da instalação da referida vila, o governador do Maranhão enviou para povoá-la muitas famílias e 300 degredados portugueses¹⁷.

Em 1715, a Coroa portuguesa criou a capitania subalterna de São José do Piauí, sob a jurisdição do Maranhão, retirando o Piauí da influência de Pernambuco e Bahia. Garantidos os direitos dos colonizadores que no século anterior foram agraciados com o título de propriedade de terra. Ao longo do século XVIII, novas sesmarias foram concedidas àqueles que preenchessem as exigências da Coroa, foram contemplados alguns vaqueiros e moradores, da mesma forma, pessoas de origem portuguesa que se fixavam no sertão do Piauí¹⁸.

A propriedade da terra continuou, porquanto, como um elemento definidor das posições sociais. Desse modo, a distribuição de novas sesmarias incluiu novos agentes sociais no grupo dominante. Os novos proprietários se sentiram capazes de assumir o controle

¹⁵BRANDÃO, 1995; NUNES, 1975, v.1.

¹⁶COSTA, 1974, v.1, p. 60 e 66.

¹⁷COSTA, 1974, v.1, p. 77, 82 e 83.

¹⁸Concepção de sesmarias cf. VAINFAS, 2000, p. 529-531. Uma leitura de COSTA (1974, v.1), NUNES (1975, v.1) e BRANDÃO (1995) permite concluir que, na passagem do século XVII para o XVIII, e ao longo desse último, pessoas se fixaram no sertão do Piauí, ocupando terras nos limites das propriedades já existentes, gerando focos de tensão.

político da região em oposição aos colonizadores, em especial aqueles que residiam fora da capitania¹⁹. Logo aflorou o conflito. Brandão já havia chegado a essa conclusão, ao asseverar que, “no início do processo de organização da ordem social piauiense o estrato superior começou a ser delineado na luta pela posse da terra”²⁰.

Representação da Câmara de Oeiras, datada de 1743, dirigida à Coroa portuguesa, aclara aspectos do conflito entre antigos e novos proprietários de terra.

São extraordinários os danos espirituais e temporais que tem havido, e atualmente se experimentam nesta capitania [do Piauí] originados da sem razão e injustiça com que os governadores de Pernambuco, nos princípios da povoação daqueles sertões, deram por sesmarias neles e indevidamente grande quantidade de terras a três ou quatro pessoas particulares moradores na Bahia, que, cultivando algumas delas, deixaram a maior parte devolutas sem consentirem que pessoa alguma as povoasse, salvo quem à sua custa e com risco de suas vidas as descobrissem e defendessem do gentio bárbaro, constringendo-lhes depois a lhes pagarem dez mil réis de renda por cada sítio em cada ano; pedimos a V. M. seja servido mandar que os ditos intrusos sesmeiros não possam usar os ditos arrendamentos nem pedir renda aos moradores desta capitania dos sítios, que com tantos riscos e trabalho descobriram à sua custa, mas antes se sirva ordenar que cada uma das ditas fazendas contribua em cada ano com algum limitado foro, atendendo a muita pobreza destes moradores, a metade para o aumento da real fazenda, e a outra metade para o rendimento do conselho e câmara daquela vila, para o que o provedor da fazenda e o ouvidor da dita capitania faça averiguação das fazendas que há nelas pelo modo que for mais suave, fazendo-as numerar em um livro por ele numerado e rubricado, que fique na câmara, ficando dessa forma as terras das sobreditas fazendas pertencendo **in solidum** aos ditos possuidores delas sem que em tempo algum se possa converter e disputar em juízo escusa alguma a respeito do domínio das ditas terras, porque só desta sorte poderão cessar tão injustos pleitos e o contínuo desassossego que experimentam os referidos moradores; e o universal clamor e queixa que há naquela capitania sobre esta matéria, e que por nenhum modo possam os ditos moradores serem convencidos e demandados fora de seu domicílio mas que o sejam em todas as suas causas e dependências perante os juízes que há naquela capitania ou perante o ouvidor e provedor da fazenda real.²¹

Infere-se da leitura do documento transcrito que a primeira metade do século XVIII foi historicamente marcada pela exploração dos potentados pernambucanos e baianos, sobre moradores de suas propriedades, impondo taxas constantes e abusivas; marcou ainda o período, a disputa por áreas entre proprietários legalmente constituídos e aqueles que ocupavam terras sem ter a posse legal e a demanda pela solução dessas questões via autoridades da capitania do Piauí.

¹⁹Na passagem do século XVII para o XVIII e por toda primeira metade desse último, colonizadores e colonos se enfrentaram pelo domínio político do sertão. A Coroa portuguesa mediu o conflito, resultando na hegemonia política dos colonos, que passaram a representar a “gente principal”, “pessoas distintas” ou “nobreza da terra”. Restava aos colonizadores se adequar ao novo contexto social, supomos que alguns venderam terras e gado, cortando relações de qualquer natureza com o Piauí, outros passaram a residir na capitania, submetendo-se às determinações da Coroa e aceitando as condições dos novos agentes sociais.

²⁰BRANDÃO, 1995, p.275.

²¹COSTA, 1974, v. 1, p.113-114.

Conclui-se ainda que estivesse em crescente declínio a autoridade ou poder dos colonizadores. O documento transcrito é um forte indício da força de parcela dos habitantes da capitania e da insatisfação dos mesmos contra o domínio dos potentados pernambucanos e baianos. A questão da terra não é o único fato revelador do caráter violento das relações sociais na capitania do Piauí. Ao quadro descrito, somavam-se a luta contra os nativos que, expulsos de sua terra, vagavam pela capitania e pelas capitanias vizinhas e também a luta contra os bandos de desordeiros, tais como o de Luís Cardoso Balegão, que na década de 1720, aterrorizava os habitantes da capitania²².

O sentimento de importância que cada indivíduo conferia a si mesmo, a presumida capacidade de resolver os problemas com o uso da força, sem recorrência às instâncias legais, contribuía para o clima de tensão na capitania. Um representante da Coroa informava a autoridade portuguesa.

Neste sertão, por costume antiqüíssimo, a mesma estima têm brancos, mulatos e pretos, e todos, uns e outros, se tratam com a recíproca igualdade, sendo rara a pessoa que se separa deste ridículo sistema, porque se seguirem o contrário expõem as suas vidas²³.

A representação da Câmara de Oeiras, transcrita acima, demonstra que a população da capitania acenava com a possibilidade de mudança de postura em frente a esses problemas, uma vez que convocava a Coroa para mediar as demandas originadas pelos interesses entre antigos e novos proprietários de terra, reconhecendo a autoridade da mesma. Ao longo do século XVII e parte do século XVIII, as situações conflituosas tiveram desfecho violento, semelhante à derrubada da primeira capela de Nossa Senhora da Vitória, por Domingos Afonso Serra, com tendência a diminuição a partir desse período. Mediando as divergências locais, a Coroa controlava os diferentes focos de tensão, objetivo principal de sua intervenção no sertão do Piauí.

Na primeira metade do século XVIII, com a tendência ao disciplinamento do contingente populacional da capitania do Piauí, cresceu a parcela da população feminina. Nessa mesma centúria, diferente do século XVII, surgiram os primeiros núcleos familiares da nascente sociedade piauiense. A população dispersa pela capitania concentrava-se em fazendas e sítios, onde a divisão do trabalho era menos rígida, ao lado dos escravos e

²²COSTA, 1974, v. 1, p. 94.

²³COSTA, 1974, v. 1, p. 167.

empregados, senhores e membros de sua família participavam diretamente das atividades necessárias à sobrevivência²⁴.

Em 1758, dando continuidade a intervenção e disciplinamento das relações entre os habitantes da capitania do Piauí, a Coroa portuguesa concedeu-lhe foros de capitania independente, nomeando seu primeiro governador. É bastante interessante, para uma reflexão sobre a sociedade piauiense em seu processo de formação, a leitura de documentos como o transcrito a seguir, sobre a posse de João Pereira Caldas:

Havendo o dito senhor [o governador da Capitania] pernoitado no dia 16 de setembro de 1759 no sítio Olho-d'água, distante uma légua desta vila; e havendo na manhã seguinte ali concorrido a encontrá-lo diferentes **pessoas das distintas da terra**, o aclamaram todos conduzindo até a passagem do riacho vulgarmente chamado Mocha, onde, apeando-se o mesmo senhor, para cumprimentar a câmara, que naquele lugar o esperava e ouvir a oração, que recitou um dos vereadores, depois foi ao mesmo tempo cortejado com as continências e descargas das tropas pagas, e de ordenanças, que também ali se achavam postadas. Depois disto, com o acompanhamento da câmara e **gente principal** se encaminhou o dito governador a fazer oração na igreja paroquial, e dela enfim se recolheu com todo o referido cortejo a casa que para sua residência se achava destinada; e havendo de noite e nas duas seguintes o costumado obséquo de luminárias que em semelhantes ocasiões se pratica; e repetindo-se também todo dia 20 do mesmo mês e ano com o motivo da posse, que do governo desta capitania se conferiu ao sobredito senhor governador na maneira seguinte:

“Na tarde do referido dia, tendo concorrido à casa do senhor governador o corpo do senado, precedido do desembargador ouvidor-geral da comarca, e toda **nobreza da terra**, logo o dito senhor, entrando debaixo de um pátio, que ali se achava pronto, e se conduziu por algumas pessoas distintas, que a esse fim o mesmo senado havia convidado; recitada que foi uma oração por um dos vereadores, se transportou assim o senhor governador com todo aquele acompanhamento à casa da câmara, para nela se realizar o ato da sobredita posse, em virtude da sua patente e carta credencial que com aquela ali juntamente apresentou. Procedendo-se então ao termo de posse, logo que ela lhe foi dada pelo senado, se encaminhou o dito senhor com igual formalidade a render a Deus as graças, na igreja paroquial, sendo na passagem cortejado com as continências e descargas das tropas que na praça se achavam formadas. E por fim se recolheu às casas da sua residência com toda a indicada cerimônia, e ainda debaixo do referido pátio, que pertence ao secretário - Joaquim Antunes” (destaques nossos).²⁵

Segundo o texto, em meados do século XVIII, representantes da Coroa portuguesa já reconheciam que na capitania do Piauí existia um grupo social que se aproximava ao nível da nobreza da Metrópole ou “gente do reino”, por eles denominado de “pessoas distintas”, “gente

²⁴Passada a fase mais violenta da ocupação e repovoamento do Piauí, correspondente à segunda metade do século XVII e primeiras décadas do século XVIII, ocorreu um aumento no número mulheres e de famílias. Este fato repercutiria favoravelmente na formação e diversificação da sociedade piauiense, ampliando e complexificando os troncos familiares. Em razão disso, na segunda metade do século XVIII, eram numerosos os domicílios com estrutura familiar, principalmente entre os proprietários de terra. Nas freguesias que foram surgindo, algumas famílias já se destacavam pelo patrimônio material acumulado e pelo poder de influir junto aos oficiais da Coroa portuguesa. Estudos abordando aspectos relativos à família no Piauí, no período da Colônia e Império, cf. BRANDÃO, 1995; RÉGO, 2001; FALCI, 2002.

²⁵COSTA, 1974, v.1, p.133.

principal” ou “nobreza da terra”. É nesse grupo social que os representantes da Coroa se inserem, contudo, é necessário registrar que, no processo de acomodação, ocorreram momentos de muita tensão entre os representantes da Coroa e os proprietários de terra e rebanhos residentes na Capitania.

Como base na exposição, entende-se por “pessoas distintas”, “gente principal” ou “nobreza da terra” as famílias constituídas entre o século XVII e XVIII, que construíram um patrimônio em terra e gado, o que lhes dava preeminência aos olhos dos representantes da Coroa. Essas famílias foram constituídas por antigos vaqueiros e moradores das fazendas dos potentados pernambucanos e baianos e também por “gente do Reino”, portugueses de nascimento, que se fixaram no Piauí em busca de uma vida melhor. Em meados dos setecentos, essas primeiras famílias já exibiam riqueza e poder.

O recém empossado governador recebeu instruções no sentido de iluminar “a rusticidade desta gente”²⁶. A urbanização foi um dos meios utilizados com vistas à consecução desse objetivo, ainda que se possa lembrar, a título de exemplo que, ao final do século XVIII, a própria Europa encontrava-se imersa em fortes laços da tradição rural, conforme se depreende do excerto a seguir:

Tinha pouco mais de vinte cidades com cem mil habitantes, em geral, possuíam de dois a cinco mil. Eram pequenas cidades de província, onde as pessoas podiam, a pé e em poucos minutos, vencer a distância entre a praça da catedral e o campo. Estas cidades não eram menos urbanas por serem pequenas, nem por pertencerem essencialmente à sociedade e à economia do campo.²⁷

Somente em face do exposto, é possível falar em urbanização no Piauí, no século XVIII. Ao tomar posse, o primeiro governador da capitania elevou as seis freguesias da capitania à condição de vila e a vila da Mocha à condição de cidade. Em 1761, essas freguesias eram todas “arraiais mantidos no interesse dos criadores de gado, sendo os primeiros moradores agregados no serviço de pastoreio e na incipiente lavoura de sustentação”²⁸. Como se observa, as vilas piauienses nasciam dependentes dos interesses rurais.

²⁶Expressão do governador João Pereira Caldas em ofício ao governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão, informando sobre a população que habitava a capitania do Piauí. O trecho completo é: “Devo igualmente segurar a V. Exa. que pela minha parte não tenho omitido todos os meios que me parecem conducentes ao sossego e **civilidades** destes povos, que V. Exa. semelhantemente me recomenda. Porém **a rusticidade dessa gente não tem permitido o gosto de a ver tão polida** como desejara, não obstante as repetidas persuasões e advertências que continuamente lhes estou fazendo para este fim”. Cf. COSTA, 1974, v.1, p. 161 (destaque nosso).

²⁷HOBSBAWM, 1977, p. 27.

²⁸FRANCO, 1977, p. 32.

O quadro seguinte, com dados relativos à população residente em cada município, datado da época da criação das vilas, possibilita algumas considerações acerca desses núcleos populacionais. Aproveitamos igualmente para considerações sobre a distribuição das famílias “distintas da terra” ao longo do território da capitania.

Quadro 01- Censo da população piauiense em meados do século XVIII

Vilas	Habitantes urbanos	Habitantes rurais	Total de habitantes
Valença	156	1.329	1.485
Marvão	65	994	1.059
Campo Maior	162	1.705	1.867
Parnaíba	19	2.349	2.368
Jerumenha	99	598	697
Parnaguá	97	805	902
Oeiras	1.120	2.495	3.615
Total	1.718	10.275	11.993

Fonte: NUNES, 1975, v. 1, p. 110.

Observamos inicialmente a capital da Capitania, Oeiras. Em 1712, a freguesia de Nossa Senhora da Vitória deu origem à vila da Mocha, sede dos negócios da capitania de São José do Piauí, subalterna ao governo do Maranhão. Documento de 1722, elaborado pelo ouvidor da comarca, Antonio José de Moraes Durão, descrevia a cidade de Oeiras.

Não tem relógio, casas de Câmara, cadeia, açougue, ferreiro ou outra nenhuma oficina pública. Servem de Câmara uma das casas térreas de barro e sobre que ocorre litígio. A cadeia é cousa indigníssima sendo necessário estarem os presos em tronco e ferro, para segurança. A casa do açougue é alugada e demais cousa alguma. As casas da cidade todas são térreas até o próprio palácio do Governo. Tem uma rua inteira, outra de uma só face e metade de outra. Tudo o mais são nomes supostos; o de cidade verdadeiramente só goza o nome.²⁹

Não obstante ser o núcleo urbano mais povoado, na opinião do ouvidor Durão, Oeiras não apresentava um equipamento urbanístico apropriado à categoria de sede do governo. Em outro trecho do documento transcrito, o ouvidor acrescentava que a cidade ficava no meio da Capitania “situada numa região isolada”, o que motivou as autoridades a projetar a transferência da capital para o norte, tanto pela proximidade do litoral como pelas promissoras condições de desenvolvimento. Ainda assim, com a criação da Capitania independente, a vila foi mantida capital. O primeiro governador, João Pereira Caldas (1759-

²⁹BRANDÃO, 1995, p. 65.

1769), seguindo instruções da Coroa portuguesa, concedeu-lhe os privilégios de cidade, mudando o nome para Oeiras.

Por essa época, no termo da cidade e circunvizinhanças, já eram numerosos os domicílios com estrutura familiar. Na passagem do século XVIII para o XIX, entre outras famílias, já se destacavam: Coelho, Vieira de Carvalho, Sousa Martins, Pereira da Silva e Araújo Costa, notáveis pela posse de terras e rebanhos e poder de influência junto aos delegados da Coroa portuguesa. Em decorrência da atividade de criação extensiva, base da riqueza dos habitantes daquela cidade, a população se concentrou na zona rural, formando uma rede de sociabilidades que se limitava ao círculo dos parentes e as famílias de igual condição social.

Segundo o ouvidor Durão, “regularmente os próprios vaqueiros [eram chamados] para servirem de juízes e vereadores” nas Câmaras, confirmando o que se concluiu acima acerca da formação dessas primeiras famílias e o importante papel social que desempenharam nessa época. Essas famílias, a partir de 1743, recorreram à Coroa para mediar os conflitos locais, reconhecendo o poder da autoridade portuguesa. Mediando as divergências locais, atendendo favoravelmente à demanda das famílias que habitavam na capitania, a Coroa reconhecia a crescente influência que elas exerciam nas suas decisões, incluindo-as no restrito círculo da autoridade ou poder.

No extremo norte do Piauí, Parnaíba foi uma das vilas para a qual se cogitou a transferência da sede do governo³⁰. Único porto marítimo da Capitania, no final do século XVIII, constituía-se em importante empório comercial, exportando carne seca para Bahia, Pará, Minas Gerais e Rio de Janeiro, bem como outros produtos, tais como couro e algodão. Na passagem do século XVIII para o XIX, em contato direto com a Europa e outras regiões do Brasil, já se destaca um grupo de famílias notáveis pela riqueza e também pelo estilo de vida refinado, mais próximo dos hábitos e costumes europeus, considerados civilizados.

Entre as “famílias distintas” se destacavam os Dias da Silva, que possuíam grande riqueza, habitavam casarões assobradados com capela contígua, empreenderam viagens à Europa, cultivaram a música e possuíam escravos de libré³¹. A família Miranda Osório, por sua vez, destacava-se pela riqueza, mas principalmente pela erudição. Esta distinção parnaibana, expressa exemplarmente na vivência dos Dias da Silva e dos Miranda Osório, favorecia a circulação de jornais e livros, o que transformou Parnaíba em um centro de

³⁰COSTA, 1974, v. 2, p. 233.

³¹Sobre esse tipo de escravos treinados para atender às necessidades pessoais do senhor, cf. FALCI, 2002, p. 241-277; DEL PRIORE, 2006, p. 141-149

convergência dos debates sobre a independência do Brasil³². O estilo de vida das famílias da Parnaíba não impediu que integrassem a rede de relações entre as famílias proprietárias de terras, rebanhos e escravos, no sentido de dominar a capitania³³.

Outra vila, Campo Maior, apresentava maior “progresso do que Oeiras, localizada numa espaçosa e alegre campina, com 79 fogos à semelhança de povoação do Reino, desafrentada de matos; é mais capaz de ser cidade do que esta de Oeiras, que fica numa furna”³⁴. Antes mesmo da elevação da freguesia à condição de vila, a família Castelo Branco já exercia domínio na região. Essa família se integrou ao acordo tácito³⁵ estabelecido entre as “famílias distintas da terra”, apresentando interesses convergentes no que diz respeito ao exercício da autoridade ou poder na capitania do Piauí.

Ainda que relativamente insignificante, o número de habitantes no termo da vila de Campo Maior, havia um comércio de produtos de primeiras necessidades, tais como aves, porcos, carneiros, bodes, gado vacum, algodão, mel de cana e aguardente. Do mesmo modo, já existia também uma significativa divisão social do trabalho, conforme se pode depreender de documento da Câmara, datado de 1764, o qual legislava sobre taxas a serem cobradas pelos serviços de profissionais tais como ferreiro, carpinteiro, alfaiate, sapateiro e pedreiro³⁶. Nesse aspecto, guardadas as proporções de uma vila para outra, já estava disseminado um incipiente comércio e uma divisão social do trabalho. Não obstante as potencialidades que qualquer um dos núcleos urbanos da época pudesse apresentar, a idéia da transferência da capital se efetivou somente em meados do século XIX.

³²BASTOS, 1994, p. 409, 538 e 542.

³³O objetivo aqui é demonstrar que, na época da criação das vilas, no Piauí já existiam “famílias distintas”, expressão que denomina o grupo das famílias que se formou no contexto social do XVIII. Alicerçaram essas famílias, vaqueiros, moradores e os portugueses natos que se fixaram na capitania do Piauí. O patrimônio em bens materiais que construíram e o poder de influenciar as decisões dos representantes da Coroa portuguesa deram ao grupo a liderança na condução do processo de formação da sociedade piauiense. As famílias aqui citadas ilustram a afirmação, são apenas famílias entre as “famílias distintas”. É necessário considerar que nas últimas décadas do século XVIII e por todo o século seguinte, os matrimônios entre membros dessas famílias geraram novos grupos familiares que ainda hoje exercem influência social no Piauí.

³⁴FRANCO, 1983, p. 82.

³⁵Referencia a rede de interdependência que se estabeleceu entre as “famílias distintas” desse período, no sentido de imporem sua autoridade ou poder por toda a capitania do Piauí, embora não existam indícios de acordo firmados entre elas. Colocamo-nos em posição distinta a idéia de espaços isolados de autoridade ou poder de cada família. A área habitada pelos membros da família Sousa Martins, por exemplo, extrapolava os limites do município de Oeiras, conseqüentemente, também, sua área de influência. O que se percebe e a solidariedade entre essas famílias nos momentos em que sua autoridade ou poder estiveram ameaçados. As divergências entre elas afloraram em diversos momentos nos séculos XVIII, XIX e XX, contudo, não alteraram as relações de poder que estabeleceram desde essa época, não impediram que membros de “famílias distintas” rivais contraissem laços matrimoniais. Dados nesse sentido, cf. COSTA, 1974, v.1 e 2; NUNES, 1975, v.1; RÊGO, 2001.

³⁶COSTA, 1974, v. 1, p. 162-163.

No extremo sul do Piauí localizava-se a vila de Parnaguá. Como em Parnaíba e Campo Maior, o número de seus habitantes da zona rural era maior do que nos limites da vila. Geograficamente distante do centro político da Capitania e com dificuldades de comunicação com a mesma, as “famílias distintas” dessa vila, como a Barros, Nogueira, Ribeiro e Cavalcante, estabeleceram relações econômicas e sociais com a Bahia. A família Carvalho da Cunha, uma das mais preeminentes da vila, casou João Lustosa da Cunha Paranaguá com Amanda Pinheiro de Vasconcelos, filha do Visconde de Montserrat, importante político baiano³⁷. Todavia, essas famílias, assim como outras residentes na vila, integraram-se ao grupo de famílias que conduziu o processo de formação da sociedade piauiense.

As demais vilas, eram pequenas, constituíam-se em espaços de moradia de uma população diminuta, de pouca ou nenhuma influência política junto às autoridades reais, cujos habitantes não preenchiam nem mesmo os requisitos necessários para exercer os diferentes cargos da Câmara. As “famílias distintas” residiam em suas fazendas, nas circunvizinhanças das vilas. Em Valença, entre outras, se destacavam as famílias Pereira Ferraz, Portella, Castro Veloso e Nogueira; em Jerumenha os Alves da Rocha, Fonseca e Pereira.

Diante do quadro de predomínio da população rural, a Coroa portuguesa insistia com seus representantes para reverter o quadro de ruralismo que caracterizava a sociedade em formação. Nesse sentido, determinou ao primeiro governador da capitania:

Vossa Mercê [deve persuadir] aos mesmos povos que também a nobreza deste reino tem fazendas a 5, 10, 15, 30, 40, 50, 60 e mais léguas fora das cidades e vilas onde habitam; e que por isso não vai viver com os gados e com os irracionais nessas distâncias para se escurecer até vir perder a nobreza na habitação de ermos tão remotos; por cuja razão as pessoas distintas, ou que se procuram distinguir, costumam viver, nas cidades e vilas, terem nas fazendas criados e administradores para tratarem delas, e irem então visitá-las de tempos em tempos, para não se perderem.³⁸

Como incentivo à fixação nas vilas, a Coroa passou a oferecer vantagens. O esforço de persuasão expressava-se através de regimentos como o seguinte:

³⁷João Lustosa da Cunha Paranaguá (1821-1912) era irmão do Barão de Paraim e do Barão de Santa Filomena. Pai do conde de Paranaguá e marquês de Monferrat. Formou-se na Faculdade de Direito em Olinda em 1846. Foi Veador da Casa Imperial, Gentil Homem da Imperial Câmara, oficial da Imperial Ordem da Rosa e comendador da Ordem de São Gregório Magno. Conselheiro do Império e ministro de diferentes pastas. Presidiu as províncias do Maranhão, Bahia e Pernambuco. Foi deputado geral e senador pelo Piauí. Na Bahia, atuou como advogado e atingiu a magistratura. Exerceu cargos administrativos como de delegado de polícia e secretário da província, além de exercer o mandato de deputado provincial. No Rio de Janeiro, foi chefe de polícia e juiz de direito em Petrópolis. Pertenceu ao IHGB, do qual foi presidente. Fundou e presidiu a Sociedade Brasileira de Geografia. Cf. PACHECO, 1917; ACADEMIA PIAUEINSE DE LETRAS, 1980; BASTOS, 1994, p. 362-363.

³⁸COSTA, 1974, v. 1, p. 148.

Os ofícios de justiça das mesmas vilas não serão dadas de propriedade, nem de serventia, a quem não for morador nelas. Entre os seus habitantes, os que forem casados preferirão aos solteiros para as propriedades, e serventias dos ditos ofícios; porém os mesmos moradores solteiros serão preferidos a quaisquer outras pessoas de qualquer prerrogativa e condição que sejam, [...] de sorte que só aos moradores das ditas vilas se dêem estes ofícios

E por mais favorecer aos outros moradores – hei outrossim por bem, que não paguem maiores emolumentos aos oficiais de justiça ou fazenda, do que aqueles que pagam os moradores dessa capital, assim pelo que toca à escrita dos escrivães, como pelo que pertence as mais diligencias, que os mesmos ofícios fizerem.

Por favorecer ainda mais aos sobreditos moradores [...] – hei por bem de os isentar a todos de pagarem fintas, taxas, pedidas e quaisquer outros tributos, e isto por tempo de doze anos, que terão principio do dia das fundações das ditas vilas, em que se fizerem as primeiras eleições das justiças que hão de servir nelas, excetuando somente os dízimos devidos a Deus dos frutos da terra, os quais deverão pagar sempre com os mais moradores do Estado.

E pelo muito que desejo beneficiar este novo estabelecimento, sou servido que as pessoas, que morarem dentro nas sobreditas vilas, não possam ser executadas pelas dividas, que tiverem contraído fora dela e de seus distritos. O que porém se estenderá somente nos primeiros três anos, contados do dia em que tais moradores se forem estabelecer nas mesmas vilas, ou seja nas suas fundações, ou no tempo futuro.³⁹

Ocupar ofícios régios exigia educação formal necessária à execução das tarefas administrativas, o que despertou na “gente distinta” ou “nobreza da terra” o interesse pelo ensino. Disto decorreria uma crescente demanda, a qual a Coroa portuguesa não foi capaz de atender. O último governador nomeado pela Coroa, Elias José Ribeiro de Carvalho (1819-1821), relatou sobre o ensino na cidade de Oeiras:

O que mais se deve esperar de uma cidade cujas cadeiras de primeiras letras e Gramática Latina estão por prover, porque não há pessoas que possua medianos conhecimentos para as ocupar? Que se pode esperar de uma cidade onde em mais de dois anos que governo só tenho mandado passar uma provisão para advogado, e este mesmo tal qual Deus sabe? Que mais se deve esperar de uma cidade onde não existe senão a última classe de povo e poucos empregados públicos.⁴⁰

O contundente discurso do representante piauiense às Cortes portuguesa confirma o discurso do governador português, revelando a dimensão do problema de forma ampliada para o contexto da província.

Setenta mil portugueses, cidadãos pacíficos do Piauí, são setenta mil cegos que desejam a luz da instrução pública, para que tem concorrido, com seus irmãos, de ambos os hemisférios, pagando o subsidio literário, desde a sua origem, e apenas conhecem três escolas de primeiras letras, na distancia de sessenta léguas cada uma, estas incertas, e quase sempre vagas, por não haver na província quem queira submeter-se ao peso da educação da mocidade, pela triste quantia de sessenta mil réis anuais, quando a um feitor de escravos, tendo cama e mesa, se arbitra no país a quantia de 200\$000 anualmente.⁴¹

³⁹COSTA, 1974, v.1, p. 144-145.

⁴⁰KNOX, 1986, p.16.

⁴¹COSTA, 1974, v. 2, p. 263-264.

É possível que a cifra de 70 mil corresponda apenas ao número de piauienses sem instrução, uma vez que, em 1826, apenas quatro anos depois, a estimativa da população geral era de 94.948 habitantes⁴². Vários fatores urdiam contra o desenvolvimento do ensino: o clima de insegurança não permitia que os alunos transitassem tranquilamente; a dispersão da maioria da população pela zona rural afastava alunos e professores, estes concentrados nas vilas e povoados e os baixos salários pagos aos mesmos concorreram para a permanente vacância das cadeiras do magistério.

Por outro lado, as atividades básicas da economia dispensavam educação formal como elemento necessário a sua execução, os mais novos aprendiam diretamente observando as situações de trabalho. Por isso, a maioria da população colocava a leitura e a escrita em plano secundário, visto que tinha pouca importância para sua sobrevivência⁴³. Esse contexto determinou o surgimento do ensino alternativo, representado pelas aulas particulares de primeiras letras, ministradas nas próprias fazendas, segundo interesse e conveniência dos fazendeiros. No caso do ensino secundário, os piauienses cursaram em outras províncias como o Maranhão, Bahia, Pernambuco⁴⁴ ou Rio de Janeiro. A criação do colégio “Boa Esperança”, do padre Marcos de Araújo Costa, na década de 1820, e do Liceu Piauiense, na década de 1840, contribuiu para diminuir o número de piauienses que deixavam a província em busca do ensino secundário. Esse contexto tornava a aprendizagem formal onerosa, apenas a “nobreza da terra” estava em condições de assumir tal ônus. Na falta de escolas superiores na Colônia, as famílias de maior poder aquisitivo encaminharam seus filhos para as faculdades da Europa, em especial para Portugal e França. Depois da emancipação política do Brasil, para as faculdades localizadas em Olinda, depois Recife, também para São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro.

O oferecimento de ofícios régios para aqueles que se fixassem nas vilas teve como desdobramento o processo de luta entre as “famílias distintas da terra” e os oficiais da Coroa, motivada pelo desejo de ambas as partes de manter o controle político e administrativo da Capitania. As famílias piauienses perceberam a importância de ocupar os ofícios régios como

⁴²COSTA, 1974, v. 2, p. 367 e 381. As taxas de iletrados permaneceriam altas para além do século XIX, segundo FREITAS (1988, p. 94), em 1911, 90% da população piauiense era constituída de pessoas que não dominavam a leitura nem a escrita.

⁴³Mais de uma fonte indica a abundância de frutos, caças e peixes no Piauí do século XIX, o que permitia à população maior tranquilidade quanto ao alimento diário. Um documento afirma: “talvez a abundância do país concorra para estes males”, isto é, a preguiça e o desleixo atribuído ao piauiense oitocentista. COSTA, 1974, v. 2, p. 227.

⁴⁴COSTA, 1974, v.2.

um elemento de ascensão social, embora muitos já estivessem engajados no serviço da Coroa⁴⁵.

Vários episódios ilustram como foi intensa essa luta. Um fato ocorrido com o quarto governador da capitania, Dom João de Amorim Pereira, denota que as forças locais tentavam comprometer os representantes da Coroa. Em dezembro de 1797, o governador encaminhou missiva ao presidente da Câmara da vila de Parnaíba com o seguinte teor:

Logo que Vossa Mercê receber esta minha ordem fará avisar aos vereadores e mais oficiais dessa câmara para que se ajuntem no dia e hora que lhe determinar [...] e quando estiverem juntos, Vossa Mercê, entregará ao vereador Joaquim Barroso de Veras as fivelas de ouro que vão nesse embrulho, que deve Vossa Mercê abrir, para que se veja e realize a sua entrega, e o repreenderá severa e asperamente do temerário e atrevido arrojo que ele teve de fazer-me semelhante presente, atacando por um modo tão escandaloso a minha independência, a minha honra e inteireza, devendo fazer um termo de entrega em que o mesmo se assine, e que remeterá para esta secretaria, deixando no mesmo senado por copia nos livros de registro, para que em todo tempo conste do atentado daquele, e do meu procedimento, e finalizado que seja o ato Vossa Mercê deixará preso à minha ordem até eu não mandar o contrário ao mesmo Joaquim Barroso de Veras na casa da mesma câmara, e não tendo esta comodidade para ele estar preso fará buscar uma casa que sirva para esse fim; avisando ao depois a mesma câmara da tida prisão para que nomeiem outro vereador que deva substituir o seu lugar.⁴⁶

O segundo governador do Piauí, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, não escapou de ser fantoche nas mãos de uma das famílias mais influentes no cenário social piauiense do século XVIII, a família Rego Castelo Branco⁴⁷. Outro governador, Carlos César Burlamaqui, foi preso, destituído de suas funções reais e teve seus bens seqüestrados, numa trama urdida entre Oeiras e São Luís, envolvendo entre outras personalidades o então governador do Maranhão, José Tomás de Menezes, o coronel Francisco da Costa Rabelo, nomeado governador interino do Piauí, por Tomás de Menezes e José Lourenço de Mesquita, na época, oficial da administração real⁴⁸.

⁴⁵Sobre a importância social dos ofícios régios no Brasil colônia cf. WEHLING, WEHLING, 2000, p. 139-159. Segue uma relação de piauienses que ocupavam cargos ou prestavam serviços à Coroa portuguesa, no período de 1754 a 1776: José Marques da Fonseca Castelo Branco (ouvidor), José de Abreu Bacelar (arrendatário de dízimos da Fazenda Real), Francisco da Cunha e Silva Castelo Branco (capitão comandante de Companhia militar), Felix José Leite Pereira Castelo Branco (capitão comandante de Companhia militar), José da Cunha Lustosa (capitão-mor), João do Rego Castelo Branco (comandante militar para defesa do litoral), Felix do Rego Castelo Branco (serviços da Coroa), Marcos Francisco de Araújo Costa (juiz ordinário) e Antônio do Rego Castelo Branco (vereador em Oeiras), esses dados são indícios de que na segunda metade do século XVIII, “famílias distintas” já estavam organizadas de forma a monopolizar funções administrativas na área de fazenda, justiça e militar, cf. COSTA, 1974, v.1, p. 125-183. Observa-se que a elite será definida, entre outros elementos, pela posição formal ocupada na esfera da administração real.

⁴⁶COSTA, 1974, v.1, p. 201-202.

⁴⁷COSTA, 1974, v. 1, p. 172.

⁴⁸COSTA, 1974, v. 2, p. 232-233.

Via de regra, a autoridade metropolitana defendia seus agentes na colônia, nesse sentido, Burlamaqui foi posto em liberdade e lhe seriam restituídas todas as vantagens inerentes aos cargos que exercia e penalizados aqueles que contra ele conspiraram. Esses fatos ressaltam o campo tenso das relações político-sociais na capitania do Piauí, sublinhando, de modo particular, os intensos conflitos entre uma burocracia patrimonialista, encetada pela Coroa portuguesa e os interesses locais, comumente atrelados aos grandes proprietários.

1.1.1. Manoel de Sousa Martins: a ascensão da elite piauiense

Considerando a virada do século XVIII para o XIX, a família Sousa Martins, é aquela que melhor ilustra o aparelhamento dos ofícios reais na capitania do Piauí por parte dos grandes fazendeiros. Acompanhar a trajetória social de Manoel de Sousa Martins (1767-1856), um dos seus mais expressivos membros, é interessante para se refletir sobre a forma de ascensão dos proprietários de terra. Descendente de famílias portuguesas radicadas no Piauí, piauiense de nascimento, rico fazendeiro, Sousa Martins foi distinguido cavaleiro da ordem do Hábito de Cristo, por concessão da Coroa portuguesa. Em 1825, receberia do Império o título de Barão, bem como o de Visconde, em 1841. Detentor de formação militar assentou praça como soldado raso, nas últimas décadas do século XVIII; em 1804 era alferes da 5ª companhia do Regimento de Cavalaria de Milícias, sob o comando do coronel Luís Carlos Pereira de Abreu Bacelar, foi reformado como brigadeiro, em 1820. Seu engajamento na administração da Capitania ocorreu quando assumiu o cargo de Tesoureiro Geral da Junta Real da Fazenda⁴⁹.

Na década de 1820 comporia a Junta de Governo que se formou em cumprimento ao Decreto Régio de 27.09.1821, fato que favoreceria sua participação no movimento de adesão do Piauí à Independência do Brasil. Conseguiu, estrategicamente, reunir em torno de si lideranças da capital, bem como das vilas da Parnaíba e de Campo Maior, no combate às forças portuguesas aquarteladas aqui, o que resultaria em sua nomeação para a presidência da Província, em 1823. A partir dessa data, a família Sousa Martins se apoderou do aparelho administrativo provincial, dominando o Piauí por mais de duas décadas. Ainda que houvesse resistências pontuais à dominação dessa família, a nomeação de Manoel de Sousa Martins

⁴⁹Dados biográficos sobre Manoel de Sousa Martins cf. ALENCASTRE, 1981; PINHEIRO FILHO, 1988; FRANCO, 1983; COSTA, 1974, v. 2; BASTOS, 1994.

para a presidência da província representou a vitória dos fazendeiros piauienses sobre as forças dos representantes régios, dando visibilidade e consistência à elite piauiense⁵⁰.

Ainda assim, as divergências entre as famílias da elite seriam atenuadas no processo de construção do Estado Imperial, especialmente a partir de 1835, com a criação das Assembléias Legislativas em cada província. Grupos familiares da elite conquistaram um espaço formal de embate, o que deslocou os conflitos para a esfera institucional, permitindo o controle por parte do Estado. Levantamento dos deputados provinciais, entre 1835 e 1889, confirma a presença de famílias piauienses de reconhecido prestígio social representadas na Assembléia Provincial, registra-se: Miranda Osório, Alves Rocha, Sousa Martins, Araújo Costa, Coelho de Resende, Coelho Rodrigues, Rêgo Monteiro, Moraes Rêgo, Sousa Mendes, Pires Ferreira, Nogueira, Castro e Silva, Ribeiro Gonçalves, Burlamaqui, Arêa Leão, Gaioso, Cunha Lustosa, Aguiar, entre outras. Consultando a relação de deputados estaduais, entre 1890 e 1950, observamos que essas famílias permaneceram atuantes no cenário da política piauiense, até meados do século XX⁵¹.

Aos poucos, as famílias da elite foram se acomodando nas diferentes esferas da administração da província. Ao longo do Império, além de Manoel de Sousa Martins, três piauienses foram nomeados presidentes da província: Marcos Antônio de Macedo, Polidoro César Burlamaqui e Lourenço Valente Figueiredo⁵². Da mesma forma, ainda que por curto período de tempo, vinte e cinco piauienses, na condição de vice-presidentes da província, governaram o Piauí. Entre eles: Simplício de Sousa Mendes, Ernesto José Baptista, Antônio Sampaio de Almendra, José Manoel de Freitas, José Francisco de Miranda Osório, Augusto da Cunha Castelo Branco, José de Araújo Costa, Firmino de Sousa Martins, Manuel Idelfonso de Sousa Lima e Raimundo de Arêa Leão⁵³. Como se observa, a partir de meados do século XVIII, período de implantação da administração real no Piauí, famílias piauienses, possuidoras de rico patrimônio material, monopolizaram a estrutura de governo e dela se utilizaram para reafirmar sua autoridade ou poder.

⁵⁰ A expressão “elite” equipara-se a expressões como “pessoas distintas”, “nobreza da terra” ou “gente principal”, no Piauí corresponde a uma parcela significativa de proprietários de terras que foram contemplados com a redistribuição de terras realizadas no século XVIII, pelos governadores do Maranhão e Piauí. Ao longo dessa mesma centúria, as “pessoas distintas” minaram o poder dos potentados pernambucanos e baianos, assumindo o processo de formação da sociedade piauiense.

⁵¹ O número de famílias é bem maior do que a relação apresentada. Destacaram-se algumas que tiveram papel decisivo em acontecimentos memoráveis da sociedade piauiense. Estudos sobre o Legislativo piauiense: GOMES, 1985; TITO FILHO, 1980; sobre o Executivo: TITO FILHO, 1978; apontamentos genealógicos: CARVALHO, 1988; FERRAZ, 1926.

⁵² RÊGO, 2001, p.205.

⁵³ RÊGO, 2001, p. 210-211.

1.2. Práticas sociais rurais no Piauí oitocentista

Em 1810, a capitania do Piauí possuía de 60 a 70 mil habitantes, vivia da criação de gado e da agricultura de subsistência. Exportava gado *vacum* e cavalar, peles de cabra e ovelha. Do rebanho caprino e ovino retiravam o alimento, carne e leite. “Perdem, porém, o principal, que é a lã, porque não sabem dela fazer uso”⁵⁴. Como se observa, a criação de gado, atividade que motivou a ocupação e povoamento do sertão do Piauí, no século XVII, era ainda uma criação extensiva, de baixa produtividade e sem inovação do ponto de vista tecnológico.

As famílias da elite possuíam um complexo de fazendas, isto é, várias fazendas e sítios que nutriam sua autoridade ou poder, cujo centro era a casa de telha ou casa grande da fazenda⁵⁵, residência do proprietário e de sua família. Nesse círculo familiar são valorizados os vínculos biológicos e afetivos em detrimento de interesses e idéias⁵⁶. Possuidor do título legal da terra, o proprietário pretende com isso exercer o domínio pessoal sobre os habitantes do complexo de fazenda. Aí predominava relações firmadas no compromisso pessoal baseado no direito costumeiro do lugar, cuja fonte era a vontade dos proprietários.

Os moradores livres, assim como os escravos, integravam grupos socialmente subalternos. Contudo, a condição de morador permitia escapar às diferentes formas de perigos a que estavam sujeitos os pobres, inclusive aos rigores da lei⁵⁷. Uma vez fixado na grande propriedade, o morador podia criar algumas cabeças de gado, aves domésticas e cultivar roças de onde tirava o sustento, em geral, com a obrigação de ceder ao fazendeiro parte da colheita. Tinha liberdade para caçar e colher frutos nativos pela extensão da propriedade. Com regularidade, por falta de um mercado consumidor, o leite recolhido na ordenha destinava-se ao consumo dos habitantes do complexo de fazendas, indistintamente, o mesmo acontecendo quando abatiam uma rês ou qualquer outra criação.

Este convívio estreitava-se quando moradores, vaqueiros e até mesmo escravos, convidavam o fazendeiro ou algum outro membro da sua família, para estabelecer laços de compadrio⁵⁸. Este tipo de convivência não diminuiu a exploração dos fazendeiros sobre os moradores e escravos de sua propriedade, pelo contrário, contribuiu para a consolidação da autoridade ou poder senhorial, dificultando entre os moradores o desenvolvimento da consciência de dependência e exploração.

⁵⁴COSTA, 1974, v.2, p. 227.

⁵⁵Sobre a expressão “complexo de fazenda” cf. FALCI, 1995; sobre a expressão “casa de telha” ou “casa grande da fazenda” cf. CASTELO BRANCO, 1970.

⁵⁶HOLANDA, 1975, p.47.

⁵⁷MONTEIRO, 1981, p.20.

⁵⁸Concepção de compadrio cf. VAINFAS, 2000, p.126-127.

Não obstante o isolamento das fazendas e da população, determinadas práticas sociais coletivas foram se desenvolvendo conforme o caráter familiar e rural da sociedade. O exemplo é a vaquejada e a farinhada⁵⁹, práticas sociais coletivas em que trabalho e divertimento se confundiam em uma mesma atividade. No caso da vaquejada, o gado criado à solta, era reunido, identificado e contado. Discriminado, as crias novas recebiam a ferra e as reses doentes recebiam tratamento. A atividade envolvia os habitantes de diferentes complexos de fazendas de uma mesma região.

Essas atividades alteravam a rotina dos círculos familiares, implicava o deslocamento e contato de pessoas, permitia a troca de experiências. Reunidos em uma fazenda durante vários dias, enquanto realizavam o trabalho, conversavam, comiam e bebiam. O alimento, geralmente arroz, feijão, farinha e carne, era servido ali mesmo, no local de trabalho, aos senhores, moradores e escravos que, indistintamente, se sentavam em bancos de madeira ou mesmo pelo chão.

As redes ficavam armadas pelos alpendres e latadas⁶⁰, à noite, improvisavam versos cantados, com acompanhamento de viola, celebrando a vida sertaneja. Vários letrados do século XIX se apropriaram do versejar rurícola, desenvolvendo a chamada poesia de temas sertanejos. As mulheres acompanhavam os maridos, ajudavam no preparo da comida, e, com elas, levavam as crianças, as almofadas de bilros e fusos, onde teciam o algodão. Realizada anualmente, a vaquejada era um evento festivo esperado por todos os habitantes de uma região.

Nas residências, tanto de alguns senhores como de moradores do complexo de fazendas, era comuns as novenas, que homenageavam um santo. Abdias Neves, um dos literatos piauienses mais renomados na passagem do século XIX para o XX, escreveu: “Os festejos, faziam-se fora sob uma latada, no terreiro [...] onde fora erguido o altar. Altar, propriamente não, um dossel de cobertas sobre uma mesa e muitas flores, muitos ramos em redor⁶¹”, tendo ao centro a imagem do santo homenageado. Todas as noites, um grupo de pessoas se reunia para rezar o terço ou o rosário. Na “derradeira noite”, era comum a grande afluência de pessoas, embora não houvesse convite formal. Algumas novenas, dependendo do prestígio do promotor, recebiam a visita do padre da freguesia. Nessa noite, além das orações,

⁵⁹IGLESIAS, 1952, p. 183-184; RIBEIRO, 1995, p. 344; HOLANDA, 1975, p. 30; CASTELO BRANCO, 1988, p. 27- 66, aqui a literatura sociológica e ficcional se encontra na forma de ver as relações sociais.

⁶⁰Expressão nordestina que se refere a abrigos improvisados, em geral, de madeira e palmas.

⁶¹Descrição de Abdias Neves em artigo de nov. 1907, em revistas piauienses em circulação em Teresina.

havia missa e festa dançante, com farta distribuição de comida e bebida⁶². Fartura e sofisticação dependiam das condições materiais do promotor da novena.

No espaço das fazendas, ainda se realizava a desobriga, outro momento de convivência social rurícola⁶³. Como a maioria da população estava isolada e dispersa pela zona rural, periodicamente os párocos se deslocavam pelo sertão, realizando batizados e casamentos, celebrando missas, ministrando o sacramento da eucaristia àqueles que se arrependessem dos pecados cometidos. Um complexo de fazenda, de mais fácil acesso aos paroquianos, sediava essas atividades religiosas, colocando o acontecimento sob o controle tanto da autoridade eclesiástica como do fazendeiro. Esse é um desenho das principais práticas sociais coletivas que se desenvolveram na zona rural piauiense ao longo do século XIX. Guardadas as devidas transformações, esse desenho permaneceu válido até meados do século passado.

Quanto ao incipiente setor urbano, por todo o século XIX se apresentou vinculado ao rural. A rusticidade do viver urbano chamou a atenção dos viajantes que passaram pelo Piauí na primeira metade dessa centúria. George Gardner registrou seu contato com o presidente da província, o poderoso Manoel de Sousa Martins. Impressionou-o a simplicidade do traje com o qual a autoridade o recebeu: “leve camisa branca de algodão, solta por cima de calças do mesmo tecido e que desciam pouco abaixo dos joelhos, mostrando as pernas, calçava um par de chinelos velhos e trazia em volta do pescoço diversos rosários, com crucifixos e outros berloques de ouro”. O viajante informou que, nos abrasadores dias de calor, no interior das residências, era assim que os piauienses do sexo masculino se vestiam⁶⁴.

O ambiente das refeições e os comensais do presidente da província também chamaram a atenção do inglês. As refeições eram servidas numa vasta sala sem ornamentação, apenas uma mesa, cujo comprimento tomava quase todo o ambiente. Sousa Martins tomava assento à cabeceira e, nas laterais, em longos bancos de madeira, sem encosto, se sentavam os convidados, em geral, simples vaqueiros, empregados do presidente⁶⁵. Considerando que os fatos se passaram no centro político da província, no palácio do governo, é possível conjecturar o que acontecia na intimidade das fazendas, longe de olhares estranhos, quando o fazendeiro e sua família se reuniam para as refeições e não se sentiam obrigados a cumprir as formalidades necessárias ao ato.

⁶²AZEVÊDO, 1986, p. 55-66; CASTELO BRANCO, 1988, p. 67- 86.

⁶³IGLÉSIAS, 1952, p.73.

⁶⁴GARDNER, 1975, p.123-124.

⁶⁵GARDNER, 1975, p. 131.

Duas décadas depois da passagem de Gardner, o presidente da província, José Ildefonso de Sousa Ramos, Barão das Três Barras, queixava-se ao Ministro do Império de como a mobília do palácio da presidência era constituída de peças toscas, as cadeiras, por exemplo, com assento de sola preta crivada de pregos de latão, chegavam a manchar a roupa das pessoas. Muitas vezes, o palácio era invadido por cobras, que ameaçavam seus habitantes e empregados⁶⁶.

Não há informações sobre movimentação pelas ruas das vilas e cidades piauienses na primeira metade do século XIX. O incipiente comércio a grosso e a varejo, se realizava a intervalos regulares ou em lojas que funcionavam na residência do comerciante, sem horários regulares de funcionamento, abertas segundo a vontade do proprietário e do freguês. Poucos artesãos tinham tenda aberta nos centros urbanos, presume-se que, pela força da tradição, ofereciam seus serviços, de casa em casa, de fazenda em fazenda. A utilização dessa mão de obra implicava despesas que a maioria da população não podia pagar, realizando cada pessoa, os serviços de que necessitava. O complexo de fazenda, por exemplo, dispensava muitos desses trabalhadores e seus serviços, uma vez que possuía trabalhadores especializados⁶⁷.

Por mais de setenta anos, a zona urbana piauiense permaneceu igual ao período de sua criação, apenas seis vilas e uma cidade, dependentes do mundo rural, infraestrutura precária, nenhum melhoramento ou embelezamento, tudo igual ao século XVIII. Somente a partir de 1832, foram criadas novas vilas, a exemplo de Jaicós, Piracuruca, Príncipe Imperial, Poti, Amarante, Barras e São Raimundo Nonato⁶⁸ que, do ponto de vista urbanístico, eram pouco atraentes.

Dois tipos de eventos quebravam a monotonia do viver urbano, as festividades oficiais organizadas pelas autoridades administrativas e, em especial, as festividades religiosas. As festas oficiais estavam relacionadas à posse dos governantes da capitania e, depois, província, ou à abertura do ano legislativo, eventos bastante concorridos pelos membros da elite, como observamos pela transcrição da crônica de posse do primeiro governador da capitania, ainda no século XVIII. Algumas datas, também eram festejadas: a independência do Brasil e aniversários de membros da família real, quando rezavam missas e entoavam “Te Deum”, seguidas de sessões solenes no Senado da Câmara ou no Palácio de governo. Durante as noites festivas, nos prédios das repartições administrativas e na residência “das gentes principais se ascendiam luzes”. Em março de 1840, por ocasião do

⁶⁶NUNES, 2007, p. 24.

⁶⁷COSTA FILHO, 1992, p. 23-33.

⁶⁸FRANCO, 1977.

natalício da Imperatriz D. Teresa Cristina e da princesa D. Januária, o presidente da província, José Ildefonso de Sousa Ramos, promoveu duas festas, às quais compareceu a elite oeirense.

E todos [...] compareceram no Palácio do Governo nas noites desses dias [11 e 14 de março], entretendo-se com inocentes recreios até quase ao amanhecer, e formando-se assim em ambas as noites reuniões pelo crescido número de pessoas presentes e distinção delas, e contentamento que mostraram, são por certo as mais brilhantes que se tem visto nesta cidade.⁶⁹

Na Igreja começavam ou terminavam quase todas as cerimônias públicas oficiais. Dagoberto Carvalho Jr. lembra a grandeza das cerimônias realizadas na igreja de Nossa Senhora da Vitória, enquanto matriz da capital: “Aqui outrora cantaram-se te-deums vibrantes pela pátria lusa; rezaram-se litúrgicas missas de réquiem [...] armaram-se, de orgulho, vaidosos cavaleiros da ordem de Cristo; enterraram-se, de farda e sabre, sisudos oficiais da guarda”⁷⁰. Nos sermões, os padres indicavam comportamentos e costumes civilizados, faziam crítica política ou, simplesmente, faziam o aconselhamento espiritual⁷¹. A Igreja, assim como a Coroa portuguesa, era uma instituição de disciplinamento de comportamentos, hábitos e costumes.

Diferentemente das cerimônias oficiais, onde a elite tomava parte ativamente e a população mais humilde participava como espectadora, as festividades religiosas possibilitavam a participação de pessoas de diferentes grupos sociais. O natal, a páscoa e o festejo do padroeiro da vila, eram as principais festas religiosas que animavam os núcleos urbanos⁷². As famílias da elite se deslocavam para a casa da vila. A cada dia, no final do ato religioso, a população reunia-se no adro da igreja para a quermesse, oportunidade para conversar, consolidar alianças políticas e familiares. Os jovens aproveitavam para namorar. No último dia do festejo havia procissões pelas ruas da vila, momentos em que a elite exibia trajes luxuosos, jóias, penteados.

Como se percebe, essas festas fundadas em antigas tradições, se repetiam a intervalos regulares e, no restante do ano, as vilas não tinham animação. Em Oeiras não havia cafés, bares, teatros, que pudessem lembrar o centro agitado de Paris ou Lisboa ou Rio de Janeiro ou mesmo de Recife ou Salvador, cidades que, a partir do final do século XVIII, receberam

⁶⁹NUNES, 2007, p. 25.

⁷⁰CARVALHO JR, 2004, p. 68.

⁷¹Sermões e discursos são excelentes meios de transmissão de informações no contexto das sociedades com baixo nível de leitura e pouca circulação de livros e jornais, a exemplo do Piauí nesse período. Nesse sentido, cf. Antonio Candido MELLO E SOUZA, 2000, p.67-99.

⁷²Esse tipo de prática se tornou tão mais frequente quanto mais se adiantava o século XIX; tão mais frequente quanto mais a sociedade avançava no processo de incorporação de hábitos e costumes considerados civilizados, em especial a elite, que demandava por eventos que rompessem com a monotonia da vida rural. Sobre festas religiosas cf. VAINFAS, 2002, p. 267-269 e 276-278; NAPOLEÃO, 1986.

filhos da elite piauiense que iam cursar o ensino superior. Nenhuma livraria, nem lojas de moda masculina e feminina, nada de comércio de produtos alimentícios e bebidas finas. As casas comerciais, em geral, ficavam no mesmo espaço da residência do comerciante, que esperava pacientemente pelos poucos fregueses, levava dias sem realizar uma venda qualquer, a exemplo da acanhada loja do jornalista Tibério César Burlamaqui, que comercializava gêneros variados, inclusive o jornal “O Eco Liberal”⁷³.

Sem o conforto e o luxo que o universo urbano do século XIX já proporcionava as populações da Europa, a sociedade rurícola piauiense influenciava a opção dos piauienses de fixar residência nas cidades onde concluíam a graduação ou mesmo a Corte, onde as possibilidades de uma vida de sucesso eram promissoras. A família Sousa Martins, dominando a máquina administrativa, restringia o acesso ao limitado mercado de trabalho da província, em parte representado pelos serviços na administração provincial, afastando mais ainda os recém formados.

Na década de 1840, com o declínio do poder dos Sousa Martins e a diminuição do contexto de violência que marcou o Piauí desde o século XVII, abriu-se a possibilidade de retorno dos piauienses que estudavam fora da província⁷⁴. Um fator de ordem externa foi determinante para impulsionar o movimento de retorno, o grande número de bacharéis que se formava a cada ano nas faculdades do Império, era maior do que a oferta de emprego na magistratura, menor ainda era a demanda por serviços especializados, até mesmo nos centros urbanos mais desenvolvidos⁷⁵. Mas, a transferência da capital de Oeiras para Teresina abriu possibilidade de novas formas de convivência, o que de certa forma atraía os segmentos letrados para a nova capital.

1.3. Teresina entra em cena: o surgimento do “high-life” e as práticas sociais urbanas

Segundo indicação das fontes consultadas, Oeiras não apresentava condições para sediar o governo. Localizada em meio a chapadas, distante de rios navegáveis, carente de estradas, a cidade tinha dificuldades de comunicação com os principais centros literários, financeiros e econômicos do Brasil, o que acabou por gerar um longo debate sobre a

⁷³PINHEIRO FILHO, 1972, p. 79.

⁷⁴Sobre o contexto de violência se infere das fontes consultadas. Observa-se que a partir de meados do século XIX, até meados da centúria seguinte, o Piauí passou por um processo de mudanças, em especial de hábitos e costumes, desencadeado por segmentos das elites, na tentativa de adequar a região ao modelo de vida civilizada segundo os parâmetros europeus.

⁷⁵CARVALHO, 1981, p. 51-72. Em relação a atração das capitais de províncias sobre os indivíduos com formação superior, cf. NEEDELL, 1993, p.75.

necessidade da transferência da capital para um local de mais fácil acesso e comunicação. Esse debate é recorrente, remonta ao século XVIII e ressurgiu com vigor em meados do século XIX. A causa recebeu apoio do presidente da província, José Antônio Saraiva (1850-1853), que efetivou a mudança da capital no ano de 1852. O antigo município do Poti, ao norte da província, na confluência dos rios Parnaíba e Poti, recebeu a honraria de sediar o governo, contudo, problemas relativos a inundações e salubridade na sede desse município, levaram a construção de uma cidade, Teresina.

Por essa mesma época, meados do século XIX, os Estados Unidos da América e países da Europa ocidental, destacando-se a França e a Inglaterra, impulsionados pela força de sua industrialização, ditavam os princípios de um novo modelo econômico e de novas formas de convivência social, com base no capitalismo moderno, racional, industrial e imperialista⁷⁶. Nessas áreas, estava acontecendo a substituição da milenar sociedade rural e agrícola pela sociedade urbana industrializada. O Brasil harmonizava-se com esta nova ordem social, da mesma forma, o Piauí deveria integrar o conjunto das áreas que aderiam ao modelo de urbanização e industrialização européia, consideradas civilizadas.

Os partidários da mudança da capital defendiam em seu discurso a necessidade de retirar tanto a capital como a província do isolamento e promover a modernização⁷⁷ da economia. A localização da nova capital era favorável à superação do isolamento, ficava entre dois rios perenes, vias fluviais que seriam aproveitadas para aproximar o Piauí das áreas economicamente desenvolvidas e civilizadas. Foi assim que o governo encampou projeto de navegação como um dos meios de colocar a província na senda do progresso.

Quando em 1858 foi criada a Companhia de Navegação do Rio Parnaíba, com sede em Teresina, o governo provincial aparece como um dos principais acionistas da empresa. No ano seguinte, o primeiro vapor da companhia foi recebido festivamente no porto fluvial da capital e, por mais de meio século, suas embarcações navegaram o rio Parnaíba transportando pessoas e mercadorias⁷⁸. No sentido da melhoria da navegabilidade dos rios piauienses, o governo provincial incentivou estudos acerca da bacia do Parnaíba, do Canindé e do Gurguéia.

⁷⁶HOBSBAWM, 1996.

⁷⁷Expressão utilizada para definir as transformações das sociedades consideradas tradicionais em direção ao modelo de civilização europeu, cf. VAINFAS, 2002, p.537-539.

⁷⁸Embora com alguns períodos de paralisação das atividades, desse período até a década de 1940, foi intenso o movimento de embarcações no rio Parnaíba, cf. MENSAGENS E RELATÓRIOS DOS GOVERNADORES DO PIAUÍ, APPI; BASTOS, 1994, p. 387-392.

Em 1867, contratado pelo governo da província, o jornalista David Moreira Caldas realizou viagem de estudo pelo rio Parnaíba, da qual resultou o “Relatório de viagem feita de Teresina até a cidade de Parnaíba, pelo rio do mesmo nome, inclusive todo o seu delta, por ordem do Exm^o. Sr. Dr. Adelino Antônio de Luna Freire, presidente do Piauí”⁷⁹. Na década seguinte, entre 1870 e 1871, o engenheiro Gustavo Luís Guilherme Dodt percorreu o Parnaíba, em sentido contrário ao de David Caldas, de Teresina até as nascentes, em viagem de estudo organizada pelo governo da província⁸⁰. Em 1872, por iniciativa do Império, foi organizada a Comissão de Melhoramentos do Rio Parnaíba, composta por três engenheiros, cujo objetivo era a “desobstrução das cachoeiras que impediam a navegação, devendo o trabalho ser feito com eliminação de uma a uma”⁸¹. A comissão conseguiu melhorar a navegação em vários trechos do rio⁸².

Teresina, como capital, centralizava a administração da navegação além de ocupar a posição de principal porto fluvial da província. Em 1874 construíram uma moderna rampa de pedra na margem piauiense do Parnaíba, para melhor receber passageiros e cargas, estabeleceram serviços de barco a vapor e lanchas de reboque entre Teresina e a povoação de São José, hoje Timon, facilitando as relações entre Piauí e Maranhão. O projeto de navegação também contemplava a navegação marítima. Embarcações de empresas de Pernambuco e Maranhão faziam transporte de passageiros e mercadorias para o porto de Parnaíba, em intervalos regulares. As empresas fluviais ligavam o litoral ao interior da província e às empresas marítimas, o litoral do Piauí ao de Pernambuco e Maranhão, entre outras regiões.

O projeto de vencer o isolamento da capital e da província contemplava a abertura de estradas⁸³. Diagnóstico realizado pelo governo provincial, em 1873, sobre a situação da viação constatou:

São péssimas as vias de comunicação e de transportes de todos os municípios da província; não há neles uma só estrada, que valha a pena ser aqui mencionada como digna desse nome, embora seja fácil e pouco dispendioso o melhoramento das atuais. As estradas [...] são simples caminhos somente transitados pelo tempo das

⁷⁹Publicado em mensagem desse Presidente da Província, cf. o acervo MENSAGENS E RELATÓRIOS DOS GOVERNADORES DO PIAUÍ, APPI.

⁸⁰BASTOS, 1994, p. 190.

⁸¹BASTOS, 1994, p. 422.

⁸²MENSAGENS E RELATÓRIOS DOS GOVERNADORES DO PIAUÍ, APPI; BASTOS, 1994, p. 421-425.

⁸³Nota-se que o projeto de vencer o tradicional isolamento do Piauí, implicava na abertura de vias fluviais, terrestres e ferroviárias. Dotar a capital de equipamento urbano que indicasse civilidade e progresso, como a construção do teatro e a instalação do relógio em praça pública, representa mudanças que, num processo quase imperceptível, foram influenciando o comportamento de parcela dos habitantes da cidade. A assiduidade ao teatro é sinal de adesão a novas formas de vida social, fora das relações restritas ao âmbito privado. No caso do relógio, na própria citação já é clara a intenção de racionalização do tempo e disciplinamento do serviço nas repartições públicas provinciais.

secas e que se deterioram completamente durante a estação invernos, visto serem quase todas interceptadas de rios.⁸⁴

Várias vias terrestres foram abertas nas regiões norte e sul do Piauí que, na falta de manutenção, logo foram tomadas pelo mato. A idéia de progresso e sua relação com abertura de vias que colocassem o Piauí em contato com o resto do Brasil e do mundo, completa-se com a tentativa de implantação de uma rede de estradas de ferro projetada ainda na segunda metade do século XIX e, parcialmente, construída na centúria seguinte⁸⁵.

Do conjunto de medidas é possível notar que a partir desse período esforços foram envidados no sentido da criação de infraestrutura para circulação de pessoas, mercadorias e, conseqüentemente, informações. Pelas fontes consultadas, o governo provincial, através de seus agentes, aparece como um dos promotores da modernização e integração do Piauí ao modelo urbano industrial. Voltando o foco da observação para Teresina, a assertiva parece verdadeira. Como capital da província e sede do governo, os presidentes da província tiveram que atender às demandas por equipamento urbano que pudesse identificar Teresina com os centros civilizados, como se vê no trecho abaixo.

Neste ano [1858] o presidente da província dr. João José de Oliveira Junqueira comprou uma casa que servia para algumas representações teatrais de uma companhia particular, com todos os seus utensílios e decoração interior, pela quantia de 2:500\$000, como fim de aproveitá-la para um teatro público na capital. Efetuada a compra, mandou fazer um frontão análogo ao fim a que se destinava, bem como interiormente todos os melhoramentos necessários, de forma que conseguiu preparar economicamente um sofrível teatro, a que deu o nome de Santa Teresa e começou logo a funcionar, trabalhando uma companhia dramática.⁸⁶

Ao longo do século XIX, a representação teatral foi, por excelência, a forma de entretenimento tanto dos grupos sociais refinados e elegantes como dos letrados. A maioria das capitais de província possuía casa de espetáculo, da Corte a Manaus, passando por Recife, Fortaleza e São Luís, com companhias estabelecidas e temporadas determinadas, incluindo companhias estrangeiras. No caso de Teresina, apenas seis anos depois da transferência da capital, a cidade ganhou sua primeira casa de espetáculo, o Teatro Nacional de Santa Teresa⁸⁷, que esteve em funcionamento até década de 1870. Na década seguinte, foi inaugurado o Teatro Concórdia, palco para todo tipo de manifestações e shows variados, do carnaval aos saraus literários, recitais de poesias e conferências, onde os literatos locais falavam sobre

⁸⁴COSTA, 1974, p. 522.

⁸⁵Através dos conjuntos documentais MENSAGENS E RELATÓRIOS DOS GOVERNADORES DO PIAUÍ e LEGISLAÇÃO PIAUIENSE, APPI, é possível acompanhar as discussões acerca da implantação de linhas férreas no Piauí.

⁸⁶COSTA, 1974, v.2, p. 482.

⁸⁷BASTOS, 1994, p. 554-556.

assuntos literários e científicos, atraindo um público diversificado, curioso e ávido de lazer, muito mais do que de conhecimento, como se percebe através das notas nos jornais. Em 1894 foi inaugurado o Teatro 4 de Setembro, em funcionamento até nossos dias⁸⁸.

Na presidência de Adelino Antônio de Luna Freire (1866-1867), um dos ícones mais representativos da modernização chegou a Teresina.

Neste ano [1866] foi colocado, numa das torres da igreja matriz de N. S. do Amparo de Teresina, um relógio para servir de regulador público, que o governo da província mandou vir da Inglaterra, com o fim de satisfazer a uma necessidade indeclinável, sobretudo em relação às repartições públicas, onde é indispensável a pontualidade do tempo.⁸⁹

O relógio instaurou uma nova concepção de tempo para o teresinense, em especial aqueles envolvidos com a administração da Província, ainda que a idéia de um tempo natural permeasse todo o restante da sociedade confinada na zona rural.

A preocupação com o progresso e a civilidade levou o governo a intervir no setor da instrução pública, no sentido de remover os fatores que impediam o seu desenvolvimento. No conjunto dos elementos que evidencia novas formas de convivência social, a educação formal é valorizada como um elemento de contenção dos impulsos individuais e formação de uma rede de relações, possível de ser internalizada através da aprendizagem sistematizada. Nesse sentido, entre as décadas de 1840 e 1870, partes das ações relacionaram-se à organização de um corpo administrativo para gerenciar o setor e um corpo docente para o ensino primário, através da implantação do Ensino Normal, cumprindo dispositivos legislativos, de levar ensino de primeiras letras às vilas mais densamente habitadas do Império. Contudo, o ensino particular continuou dividindo espaço com o ensino público, papel que desempenhava desde o período da Colônia, tanto oferecendo aulas particulares relativas a determinadas disciplinas, como na instalação de colégios com currículos e graus de ensino seqüenciados, a exemplo do Colégio Nossa Senhora do Amparo, para alunos do sexo masculino, que durante um período foi dirigido por Jesuíno José de Freitas.

Em 1859, foi criada a Diretoria Geral da Instrução, permitindo ao governo maior controle sobre a administração do ensino, tanto público como particular⁹⁰. Vale destacar que na década seguinte foi implantado o ensino profissionalizante, a exemplo do Internato Artístico, escola profissional para meninos órfãos e desvalidos. Essa modalidade de ensino estava em fase de experimentação desde a década anterior, quando foi criado o

⁸⁸TITO FILHO, 1978.

⁸⁹COSTA, 1974, v. 2, p. 501.

⁹⁰COSTA FILHO, 2006; COSTA, 1974.

Estabelecimento dos Educandos Artífices. Observa-se que o objetivo desta modalidade de ensino era adequar mão-de-obra para o mundo do trabalho urbano e industrial⁹¹, o que se colocava em desacerto com a estrutura produtiva piauiense, uma vez que o urbano e o industrial tinham pouca penetração no meio local. No caso do Piauí, o ensino profissionalizante tinha um caráter mais filantrópico.

O diretor-geral da instrução, na tentativa de sensibilizar os grupos sociais dominantes a apoiar as medidas governamentais, incentivou a criação da Sociedade Promotora da Instrução Pública, cuja instalação aconteceu no palácio da presidência da província, na presença de “pessoas gradas e cidadãos de todas as classes sociais”⁹². Em seguida, um grupo de senhoras, “da sociedade teresinense”, criou a Sociedade Protetora da Infância Desvalida, com o intuito de dar vestuário e material escolar necessário para que crianças pobres pudessem cursar o ensino primário.

A Sociedade Promotora da Instrução Pública, com a doação do governo da província e de particulares, reuniu um acervo de 1.194 volumes e instalou a primeira biblioteca pública do Piauí, em 1874. Com a extinção da referida sociedade, em 1877, a biblioteca passou a integrar o patrimônio provincial, ficou fechada por um período e foi reaberta em 1883. Em 1889, no ano da proclamação da República, foi anexada ao Liceu Piauiense⁹³. Todo esforço no sentido de organização e difusão do ensino, era parte da crença das elites letradas do Império, de que a educação era o instrumento para difundir a civilização e o progresso.

A dimensão humana desse projeto de desenvolvimento da província encontra sua correspondente na formação de um segmento especial da população que se diferenciava pelo afastamento das formas de viver rurícola. Efetivamente, o projeto de vencer o isolamento, modernizar a economia e civilizar hábitos e costumes é uma demanda desse segmento social e sua execução se faz em benefício de homens e mulheres que o integram. Nas três décadas após a fundação de Teresina, integra esse seleto grupo a família de Antônio Borges Leal Castelo Branco (1817-1871), Deolindo Mendes da Silva Moura (1835-1872), Cândido Gil Castelo Branco (1820-?), Antônio de Sampaio Almendra (1829-1871), Manuel Ildefonso de Sousa Lima (1834-1897), Polidoro César Burlamaqui (1836-1894), Simplício Coelho de Melo Resende (1841-1915), Helvídio Clementino de Aguiar (1848-1936), Gabriel Luis Ferreira (1848-1905), Raimundo de Arêa Leão (1846-1904), Simplício de Sousa Mendes (1823-1892), Davi Moreira Caldas (1836-1879), Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco (1836-

⁹¹COSTA, 1974; VAINFAS, 2002, verbetes Civilização, Indústria e Instrução sintetizam aspectos da questão além de fazer indicação de leitura.

⁹²COSTA, 1974, p. 530-533.

⁹³BASTOS, 1994, p. 77; TITO FILHO, 1978, p.14.

1887), Antonio Gentil de Sousa Mendes (1842-1892), Lívio Lopes Castelo Branco e Silva (1811-1869), Licurgo José Henrique de Paiva (1844-1887), poeta boêmio que morreu solteiro e os cônegos Raimundo Alves da Fonseca (1842-1884) e Tomás de Moraes Rego (1845-1890)⁹⁴.

Esses homens, com esposa e filhos, entre 1852 e 1882, constituíram a elite teresinense. Oriundos da elite rural, domiciliados em Teresina, foram se distanciando das práticas sociais rurais. Para as camadas letradas do Império, e no Piauí não foi diferente, a cidade era o local apropriado para viver as pessoas ilustradas, o ponto de partida do processo de civilização, em oposição ao viver rurícola, símbolo do atraso. Portadores ou não de diploma de curso superior, todos esses homens se notabilizaram pelo saber. Muitos sabiam ler e escrever em latim, francês, inglês e alemão. Alguns escreviam poesia e discutiam métrica, segundo o levantamento biográfico. Em harmonia com esse contexto social, presume-se que possuíam livros e dedicavam parte do seu tempo à leitura, tanto que na década de 1870, particulares liberaram parte do seu acervo bibliográfico para composição de uma biblioteca pública. Enquanto pessoas ilustradas, lecionaram no Liceu Piauiense e na Escola Normal.

Com raríssimas exceções, quase todos exerceram atividade na imprensa periódica, como proprietários e redatores de jornais. Também, dominaram as esferas da administração provincial, exercendo cargos no executivo ou mandatos no legislativo. Alguns integraram a magistratura, como se pode acompanhar no apêndice, quadros respectivos.

Residir em Teresina não implicou o abandono das antigas formas de convivência rural. Dados de 1885 indicam que, dos 30 mil munícipes, apenas um terço morava no perímetro urbano⁹⁵. A área central da cidade se constituía de trinta e três logradouros, entre praças e ruas, “todas espaçosas, bem alinhadas e cortadas em ângulos retos, formadas em geral de boa e elegante edificação”, havendo em torno de quinhentos prédios. Noventa combustores a querosene iluminavam as ruas do centro da cidade⁹⁶. Essa é a cidade ordenada, seguindo seu plano geográfico inicial, a partir da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, nas

⁹⁴Foram selecionadas prioritariamente personalidades que de alguma forma estão ligadas à Academia Piauiense de Letras, entretanto, selecionaram-se, ainda alguns indivíduos que ocuparam posições de destaque na sociedade (atuação na imprensa periódica, na magistratura e no magistério, exercício de cargos no executivo e mandato legislativo). Compreende-se que a elite constitui um conjunto maior e mais complexo de pessoas, a exemplo de empresários, militares, entre outros, aqui pouco contemplados. Levantamento biográfico cf. PINHEIRO FILHO, 1972; BASTOS, 1994; SANTOS, 1994; MONSENHOR CHAVES, 1998.

⁹⁵Dados de setembro de 1922 informam que o município possuía 120 mil habitantes, apenas 50 mil residiam na zona urbana. Os segmentos mais importantes da população se constituíam de empregados do serviço público, profissionais liberais, empregados do comércio e das pouquíssimas fábricas que se instalaram na cidade na passagem do século XIX para o XX. Cf. COMISSÃO DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA, [1923].

⁹⁶COSTA, 1885.

proximidades do rio Parnaíba. A cidade eleita pelos bacharéis piauienses, recém formados, como espaço privilegiado para residir. Pelos arredores, dezenas e dezenas de choupanas, habitações precárias, ruelas, sem o mínimo de infraestrutura, é a cidade desordenada, onde a maioria da população tem condições de vida insatisfatórias.

Dados informam que, na área do município, havia 244 fazendas de criação de gado vacum e cavalariço, 263 sítios de lavoura, além de oito engenhocas que produziam rapadura e aguardente em pequena quantidade. Cultivavam cana, algodão e fumo, também cereais que eram consumidos no mercado local. O município exportava algodão, fumo, peles secas e salgadas, pois não havia indústria de beneficiamento desses produtos⁹⁷. Alguns sítios, não muito distantes do centro da cidade, onde muitos indivíduos da elite preferiam morar, formavam um conjunto de vivendas sertanejas, com curral, criação de animais e aves domésticas, cultivo de canteiros com hortaliça e roças de terra seca, que abasteciam a casa. Além do capinzal cultivado para alimentar o gado vacum e cavalariço, que servia de transporte. Vários sítios possuíam poços que facilitavam o abastecimento de água⁹⁸. As atividades econômicas do município ainda não haviam movimentado as ruas de Teresina, que permaneciam vazias e sem animação, e a atividade comercial permanecia ligada à residência dos comerciantes, numa paciente espera de consumidores.

Todo o esforço no sentido de incluir o Piauí no modelo urbano-industrial resultou na incorporação de novos hábitos e costumes por parte de uma parcela da elite rural que na modernização das tradicionais atividades da economia piauiense. A transferência da capital em 1852 e o quadro de desenvolvimento que se delineava, serviram como atrativo para o retorno dos piauienses que estavam fora da província cursando o ensino superior. O movimento de retorno, iniciado em meados do século XIX, intensificou-se na década de 1880. Entre 1852 e 1880 observa-se uma intensa atividade no sentido de adequação econômica do Piauí ao modelo urbano-industrial europeu e à instalação de equipamento urbanístico moderno em Teresina, nas duas últimas décadas do século XIX os esforços se voltaram para as mudanças de hábitos e costumes dos segmentos sociais privilegiados da capital.

De volta ao Piauí, os bacharéis traziam consigo formas de convivência social assimiladas nos círculos sociais que freqüentaram nos locais onde cursaram a faculdade, a

⁹⁷Registros da época informam sobre ações desenvolvidas no sentido de dinamizar o tradicional setor produtivo piauiense, dominado pela pecuária e a agricultura. Vale destacar o empreendimento do agrônomo Francisco Parentes, na década de 1870 (COSTA, 1974, v. 2, p. 527; BASTOS, 1994, p. 191 e 212-215). No final do século XIX e início do XX, destaca-se o empreendimento do engenheiro industrial Antonio José de Sampaio (BASTOS, p. 500; DEMES, 2002, p. 123-130).

⁹⁸REGISTRO GERAL DE TERRAS, APPI; COSTA, 1885.

exemplo de cidades como Rio de Janeiro, Recife e Salvador⁹⁹. Uma vez domiciliados em Teresina, passaram a imitar esses círculos sofisticados e elegantes. É o momento da formação do “high-life”, expressão estampada em jornais e revistas da época que, segundo o entendimento deste pesquisador, designa um segmento social oriundo da elite rural, que se formou a partir da década de 1880, distanciando-se das sociabilidades rurícolas¹⁰⁰. Seus integrantes se diferenciavam pelo domínio da leitura e da escrita, tanto homens como mulheres. A maioria dos homens, portadora de diploma de curso superior, em continuidade à tradição de família, ocupou os quadros da magistratura e da administração direta da província, além das cadeiras do legislativo. Ocupou espaços na imprensa periódica e no magistério; desenvolveu estudos, escreveu e publicou.

Os integrantes do “high-life” se diferenciam também pela forma elegante do traje, pelo comportamento socialmente orientado por uma etiqueta, pela criação e frequência de determinados espaços onde se encontravam. O domicílio na capital era requisito importante, porém, abrangia moradores de outras cidades e vilas piauienses, o importante era comungar das formalidades necessárias às relações em sociedade. Nesse sentido, esse segmento social incorporou agentes oriundos dos grupos sociais humildes que se destacavam por notável saber e se comportavam segundo as formas cerimoniosas do trato social. A alguns desses agentes sociais foi oferecida uma colocação no serviço público, como uma forma de proximidade com o poder ou autoridade, posição socialmente reconhecida e respeitada. O “high-life” se instalou no topo da hierarquia social, triunfando sobre os demais grupos sociais.

Entre os homens que fizeram o “high-life” teresinense entre 1880 e 1922, incluindo mulheres e filhos, encontram-se: João Gabriel Batista (1851-1919), Teodoro Alves Pacheco (1851-1891), Álvaro de Assis Osório Mendes (1853-1907), Clodoaldo Severo Conrado de Freitas (1855-1924), Higino Cícero da Cunha (1858-1943), Anísio Auto de Abreu (1863-1909), Agésilau Pereira da Silva (1864-1913), Areolino Antônio de Abreu (1866-1908), Elias Firmino de Sousa Martins (1869-1936), Odilo de Moura Costa (1873-1957), Ernesto José Batista (1873-1965), Francisco Pires de Castro (1873-1963), Valdivino Tito de Oliveira (1873-1925), Fenelon Ferreira Castelo Branco (1874-1925), Miguel de Paiva Rosa (1876-1930), Abdias da Costa Neves (1876-1928), Antonino Freire da Silva (1876-1934), Eurípedes Clementino de Aguiar (1880-1953), Pedro de Alcântara de Sousa Brito (1882-1955), Honório Portela Parentes (1882-1909), Cromwell Barbosa de Carvalho (1883-1974), Mario José

⁹⁹Referência a existência de círculos sofisticados e elegantes nas referidas cidades cf. VAINFAS, 2002, p. 668-670.

¹⁰⁰Orientam o olhar deste pesquisador: ELIAS, 1994; NEEDELL, 1993; MATTOS, 1994; CARVALHO, 1981.

Batista (1884-1965), Celso Pinheiro (1887-1950), Antônio Ribeiro Gonçalves (1877-1928), João Pinheiro (1877-1946), Benjamin de Moura Batista (1880-1940), Simplício de Sousa Mendes (1882-1971), Matias Olímpio de Melo (1882-1967), Jônatas Batista (1885-1935), Anísio de Brito Melo (1886-1946), José de Arimatéa Tito (1887-1963), Raimundo Zito Batista (1887-1926), Pedro Borges da Silva (1890-1961), Cristino Couto Castelo Branco (1892-1983), Luís Mendes Ribeiro Gonçalves (1895-1984)¹⁰¹.

Revelando conhecimento das formas de convivência social imposta pelos códigos sociais vigentes, a missão dessa plêiade era moldar valores, normas e padrões que permitissem aos piauienses ingressar no mundo civilizado. Em última instância, os homens mencionados e sua respectiva família, seriam responsáveis pela difusão do projeto civilizador do Império no Piauí.

Os membros do “high-life” introduziram na sociedade piauiense, rural e patriarcal, hábitos e costumes que se opuseram aos hábitos e costumes do viver rurícola, como trabalhar diariamente com o rebanho e passar o tempo livre caçando e pescando. A maneira no vestir ilustra a diferença entre antigos e novos hábitos. Para esses homens se desenvolveu um comércio de artigos masculinos de luxo - chapéus, perfumes, gravatas, colarinhos, meias, camisas, cuecas, pijamas, cintos, carteiras, relógios, bengalas -, necessários a um cavalheiro, como a Alfaiataria e Camisaria Rego ou o Centro Elegante ou a Casa Carvalho considerava seus fregueses¹⁰².

O esmero no vestir era enormemente valorizado, segundo os padrões da sociedade urbana industrial européia, indicando civilidade. Alguns dos homens anteriormente citados, muito mais que outros, contribuíram efetivamente para a constituição desse segmento social sofisticado, o “high-life”. O senhor Higino Cunha, com seu traje requintado, sua aptidão musical e o domínio da oratória conquistava a simpatia de mulheres e homens, novos e velhos, logo, era figura indispensável nos eventos sociais da elite. Sua voz se levantava nas solenidades públicas e nas festas particulares, em casamentos e aniversários, é o que se pode inferir das fontes consultadas.

Abdias Neves foi um dos homens mais elegantes que circularam pelas reuniões sociais de Teresina também encantava a todos pelo pendor musical. João Pinheiro, famoso

¹⁰¹Entre os integrantes do “high-life”, existem pais e filhos, atuando no mesmo contexto social, a exemplo de Clodoaldo Freitas, pai de Lucídio e Alcides Freitas e Higino Cunha, pai de Edson, Ducila e Leopoldo Cunha. Nesses casos, só o pai foi relacionado como membros do high-life, embora os filhos tenham destaque pela própria atuação no meio social. Agentes sociais como Anísio de Abreu e Areolino de Abreu, Celso Pinheiro e João Pinheiro, irmãos, considerou-se a família constituída por cada um.

¹⁰²Estabelecimentos comerciais localizados em Teresina, nas primeiras décadas do século XX, cf. anúncios em CORREIA, LIMA, 1945; ALMANAQUE DO CARIRÍ, 1952 e jornais da Hemeroteca do APPI.

contista, tinha fama de elegante, trajava sempre terno de casimira inglesa, colarinho duro e colete. Entretanto, ninguém superou o poeta Lucídio Freitas, em beleza, elegância e encanto pessoal. Os amigos da família, os intelectuais da sua época, dão desmedidos elogios ao “belo filho de Clodoaldo Freitas”- bonito, elegante, amável, alegre, educado, comunicativo, pleno de graça, pleno de espírito, finura e distinção¹⁰³.

Recepcionar estava entre os atributos de civilidade que orientavam as relações no modelo de convivência urbano industrial europeu. Rompendo os círculos familiares rurais da antiga Oeiras ou as sociabilidades de rua, com suas festas públicas oficiais ou religiosas, o “high-life” teresinense promoveu encontros regulares de recreio na residência de seus integrantes. Nessas ocasiões, o anfitrião enviava convites impresso ou manuscritos em cartões cuidadosamente escolhidos¹⁰⁴. Embora acontecendo na residência de alguém, essas reuniões eram organizadas por várias pessoas, exigindo o cumprimento de determinadas formalidades. A “boa conversa” garantia o sucesso do encontro, o que demandava o consumo de informações, valorizando assim a cultura letrada. O consumo de determinados textos escritos e literários tornava-se uma necessidade.

Os encontros de recreio oportunizaram a exibição das aptidões artísticas. Higino Cunha e sua filha Ducila, por exemplo, eram exímios instrumentistas. O pai tocava piano, bandolim e flauta¹⁰⁵ e a filha, além de instrumentista, era considerada uma das vozes mais bonita da cidade. Eram comuns, nesses encontros, os recitais de poesia, onde os oradores declamavam poetas famosos, como Olavo Bilac e Raimundo Correia, e os poetas da terra recitavam a poesia de sua lavra. Distraíam-se com jogos de cartas e de tabuleiro, igualmente, muito apreciados pelos homens da elite teresinense¹⁰⁶.

A residência dos Freitas era uma das mais movimentadas. Clodoaldo Freitas, elegante figura masculina, gostava de recepcionar em sua casa. Aí se realizaram saraus literários onde discutiam literatura. Os poetas Lucídio e Alcides, filhos do anfitrião, lideravam a juventude requintada e inteligente. Aprenderam como conduzir reuniões sociais circulando por salões sofisticados do Rio de Janeiro, São Luís, Belém, Manaus, Recife, Salvador ou Fortaleza, onde cursaram o ensino superior ou viveram temporariamente, nas infundáveis

¹⁰³ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS, 1997, p. 11-42.

¹⁰⁴Convites para peças teatrais, para conferências, cartões de congratulação, cartões natalinos cartões anunciando visitas, cartões postais, etc., circularam por Teresina nas primeiras décadas do século XX, no conjunto, demonstram que mesmo as relações pessoais assumem um caráter mais formal. Observando cada cartão, a objetividade e utilização da norma culta da língua na elaboração do texto impresso ou manuscrito, a qualidade do papel, os detalhes no acabamento, entre outros elementos que os distinguem, demonstram também o requinte do emissor. Cf. acervo JOEL OLIVEIRA, APPI.

¹⁰⁵CUNHA, 1939, p.61.

¹⁰⁶CUNHA, 1939; MONTEIRO, 1988.

andanças do pai, que mudava constantemente de cidade, na luta pela sobrevivência, mas, sempre articulado aos círculos do poder.

Segundo a imprensa periódica, a residência de Higino Cunha foi outro ponto de reunião do “high-life”. Reuniões que, segundo o próprio Higino, transcorriam num clima “de franca e sadia espiritualidade, com declamações de poesias e prosa variada e encantadora”. Momentos de conagração social, essas reuniões contribuía para inculcar nos jovens o gosto pela literatura, o respeito e a solidariedade ao grupo social, além de aproximá-los, possibilitando futuras alianças matrimoniais.

Afastando-se do clima de “franca e sadia espiritualidade” e dos comportados saraus literários, festas dançantes foram organizadas para deleite de todos. Entre 1907 e 1920, “soirées dançantes” aconteceram em residências de conhecidos personagens do “high-life”: Jugurtha Couto, Agesilau Pereira, José Furtado Beleza e Maria Carolina, Manoel da Paz, Tersando Paz, Joel Oliveira, Julia Velloso, José Pereira de Araújo, Samuel Cunha e Sátiro Pinto¹⁰⁷.

Os preparativos para esses compromissos sociais são cada vez mais sofisticados. Podemos observar no fundo Joel Oliveira, que vários convites de casamento celebrados nesse período, traziam impresso até o cardápio e as músicas a serem executadas na festa. Nessas ocasiões, as mulheres exageravam no traje, penteados e no uso de jóias. Um convite que circulou em Teresina no início do século XX, para “soirée dançante”, recomendava simplicidade e modéstia na “toillete das senhoritas”¹⁰⁸.

Essa movimentação social, está intimamente relacionada com a administração pública provincial e estadual, não só porque os membros do “high-life” fossem membros do executivo e legislativo provincial, mas também porque em algumas ocasiões as portas do próprio palácio de governo se abrem para receber o círculo sofisticado da cidade. Em 1889, no ano da proclamação da República, apesar da enorme seca que assolava a província, a imprensa noticiou que o palácio do governo foi palco de banquetes e bailes concorridíssimos. Por ocasião do aniversário do presidente da província, Raimundo José Vieira da Silva, o empresário Joseph Mayer, patrocinou uma festa para seletos grupo de convidados, onde foram servidos salgados, doces, vinhos finos e cerveja, tudo com profusão e realizado com toda regularidade, como noticiou o jornal “A Falange”¹⁰⁹.

¹⁰⁷No acervo JOEL OLIVEIRA, APPI, são vários os indícios dessas festas. O contra ponto desse viver refinado na cidade de Teresina na passagem do século XIX para o XX cf. ARAÚJO, 1995.

¹⁰⁸Acervo JOEL OLIVEIRA, APPI.

¹⁰⁹Alguns casamentos, aniversários e bailes, em 1889, foram noticiados pelo jornal “A Falange”, APPI.

Mas, na passagem do século XIX para o XX, o teatro é a principal região social que permite perceber as sociabilidades articuladas pelo “high-life”. Nos dias de espetáculos, era grande a movimentação de pessoas nas imediações do prédio, os vendedores de iguarias com tabuleiros de bolo, doce e água¹¹⁰. Curiosos, ávidos de bisbilhotices, vinham observar a chegada do “high-life”, na sua toalete luxuosa ou ver de perto as atrizes e atores, os quais conheciam através dos comentários que circulavam nos jornais que noticiavam sobre a temporada. Após a apresentação, havia manifestações de apreço aos artistas, com bandas de música e discursos. Muitas vezes estas manifestações ganhavam o pátio do teatro, prolongando-se pelas ruas da cidade¹¹¹, levando a multidão.

No interior do teatro, as acomodações apontam para a precariedade do ambiente e as distinções sociais. O “high-life” tomava assento nas cadeiras, que escravos e empregados deixam no teatro antes do espetáculo, um incômodo para a elite, que sonhava com o luxo e o conforto das casas de espetáculos do Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, São Luís e Manaus, as quais costumam freqüentar quando de passagem por essas cidades. Em bancos desconfortáveis se acomoda o restante da assistência, diferentes tipos sociais, frequentadores eventuais, que através de preços diferenciados ou burlando a vigilância do teatro ou, ainda, através de apresentações gratuitas¹¹² conseguiam compor a assistência. Muitas vezes, pessoas assistiam ao espetáculo de pé.

No dia seguinte, após um espetáculo, a imprensa noticiava os acontecimentos, o desempenho dos protagonistas e o comportamento da assistência estavam no centro dos comentários da imprensa. Comportamentos fora dos padrões civilizados eram criticados, a imprensa terminava divulgando e reforçando esses padrões de comportamento. A Revista “Alvorada” noticiou um dos atos de incivilidade ocorridos no interior do teatro.

INCIVILIDADE – “Realizou-se, em a noite de 7 do corrente em o nosso “Quatro de setembro”... a representação do esplendido drama em quatro atos “Deus e a Natureza”... O “Quatro de setembro” recebeu a de muitas e importantes famílias da nossa melhor sociedade. Pena é que a nossa platéia inferior... seja composta ou representada pelo que há de mais réles e estúpido. Indivíduos que não tem a mínima noção de civilidade, que deveriam ser enxotados, pela policia, do nosso teatro para as grades da prisão, não tem o menor respeito pelas famílias, abusando e perturbando tudo de uma maneira que chega a revoltar e encolerizar ao mais indiferente. E, para provar o que afirmamos, não é preciso mais do que lembrar aqui que os perturbadores levaram a sua audácia ao ponto de espalharem, por todo o teatro, pimenta moída, como é de praxe fazerem os desordeiros nos pequeninos bailes dos arrabaldes.

¹¹⁰MONSENHOR CHAVES, 1998, p.48.

¹¹¹QUEIROZ, 2008.

¹¹²Jornal “O Semanário”, 1877, APPI.

Nos, com pesar dizemos, tivemos de passar pela vergonhosa contingência de ver, no espetáculo ultimo, que diversos caxienses se retiraram, antes de terminar a representação, incomodados com tão grosseira selvageria.

E não é só: - Além do barulho ensurdecedor que se faz na platéia, a ponto de quase se não poder estabelecer uma diferença entre o nosso teatro ou uma taberna de bêbedos, tal o barulho e a gritaria que la se presencia, nos camarotes (é duro, mas é a verdade), durante as representações, espectadores de certa ordem ou mesmo crenças que, por qualquer motivo, não ligam interesse a peça, levam todo o tempo a passear pelos corredores, a bater e a arrastar cadeiras, como se não tivessem o dever que lhes impõe a civilidade de não perturbar aos que vão ao espetáculo para ver e ouvir e não para incomodar.”¹¹³

Essa campanha pedagógica se dirigia a toda sociedade, até mesmos aos integrantes da elite que resistiam às novas formas de convivência social. A falta de interesse do público pela arte teatral estava no centro desses reclames, que exigem da assistência maior atenção ao que se passava no palco.

A aura de progresso que se instalou com a mudança da capital, em meados do século XIX, continuou por toda a primeira metade do século XX, como se pode acompanhar através da ação do governador do estado, o engenheiro Antonino Freire. Egresso da Escola Politécnica do Rio de Janeiro presume-se que tenha entrado em contato com as idéias de modernização urbana que perpassavam a cidade do Rio de Janeiro e se efetivaram com as reformas do prefeito Pereira Passos.

Na sua gestão, à frente do governo do estado, realizou em Teresina uma série de serviços que pretendiam inserir a cidade na esfera dos centros urbanos modernos, como a ampliação da rede de abastecimento de água encanada e a telegráfica. Iniciou os trabalhos de instalação da rede de energia elétrica, além de construir vários prédios para abrigar repartições do governo. Retomando o plano de interligar o Estado aos demais da federação, construiu estradas de rodagem e ampliou a navegação atingindo o alto Parnaíba. No âmbito da educação formal, empreendeu reforma do ensino, criou a Escola Normal que, a partir desse período, não mais sofreu descontinuidade e desenvolveu a nascente rede escolar do estado¹¹⁴.

Na primeira metade do século XX, em Teresina, espaços de fruição de pessoas ganharam uma dimensão social nunca vista na sociedade piauiense. Embora muitas fontes apontem para ruas sem calçamento, sujas, poeirentas, lamacentas, sem iluminação, com animais pastando de um lado para outro¹¹⁵, em nada se assemelham aos logradouros desertos da velha Oeiras da primeira metade da centúria passada. Não obstante as condições adversas, data desse período a instalação dos primeiros escritórios de advocacia, consultórios médicos e

¹¹³Revista “Alvorada”, nov. 1909, APPI.

¹¹⁴TITO FILHO, 1978, p. 45-46; MONSENHOR CHAVES, 1998, p. 581.

¹¹⁵TITO FILHO, 1978.

dentários, gráficas, magazines, farmácias, alfaiatarias, bares, cafés e restaurantes no centro de Teresina. Estabelecimentos comerciais ganham prédios próprios, separados da residência do comerciante, integrando uma rede comercial.

Havia uma movimentação constante de pessoas pelas ruas do centro, entre os diferentes estabelecimentos comerciais e os diversos tipos de consultórios. Na geografia da cidade, nenhum espaço superava a Praça Rio Branco. Nas primeiras décadas do século XX, o logradouro foi equipado para maior comodidade dos seus freqüentadores: jardins, pistas para circulação de pessoas, assentos e coreto. A iluminação feita por “dois lindos lampadários, tendo cada um três focos de arco voltaico [...] perfazendo um total de 13.800 velas” veio da Europa, e só eram “empregados” aos domingos e feriados¹¹⁶.

No entorno dessa praça surgiam e desapareciam cinemas e teatros, cafés, bares e restaurantes que, em mesas espalhadas pelas calçadas, serviam comida e bebida ao público. É o ponto “chic” da cidade¹¹⁷, onde o “high-life” se reunia para desfilar roupas, calçados, jóias. O espaço denota o grau de refinamento desse segmento social. Duas vezes por semana a banda da polícia militar ocupava o coreto para a retreta, atraindo grande número de pessoas. Diferente de Oeiras, antiga capital, local de encontro da elite rural e moradia dos empregados no serviço público, a partir da década de 1880, segmentos da elite rural elegeram Teresina como local para fixar residência. A cidade atraía piauiense de todos os municípios à procura tanto de trabalho como de educação formal.

Nas primeiras décadas do século XX, à medida que a cidade cresceu em população e riqueza, foram surgindo outros espaços para a diversão e o entretenimento do “high-life”. Em maio de 1912, Matias Olímpio, Benício Freire e João M. Broxado reuniam no palacete municipal “famílias da sociedade” para tratar da fundação de um clube de recreio familiar¹¹⁸. Duas notícias indicam o sucesso da empreitada, a primeira data de novembro do mesmo ano, quando o Grêmio Literário Abdias Neves, por ocasião do aniversário do seu patrono, fez circular convite para uma sessão solene a se realizar no Clube Recreativo Teresinense. Em dezembro de 1912, o jornal Piauí noticiava um passeio em embarcação a vapor, através do rio Parnaíba, promovido pelo Clube Recreativo Teresinense¹¹⁹, que se supõe seja aquele articulado em maio de 1912.

¹¹⁶MENSAGENS E RELATÓRIOS DO EXECUTIVO MUNICIPAL DE TERESINA, Intendente Thersandro Gentil Pedreira Paz, 1916, APPI

¹¹⁷MENSAGENS E RELATÓRIOS DO EXECUTIVO MUNICIPAL DE TERESINA, Intendente Anfriso Lobão Vêras Filho, 1929, APPI.

¹¹⁸Acervo JOEL OLIVEIRA, APPI.

¹¹⁹Jornal “Piauí”, 1912, APPI.

Das associações recreativas criadas na primeira metade do século XX, o Clube dos Diários foi, para além de meados do referido século, o que mais possibilitou momentos alegres à elite teresinense. Criado no início da década de 1920, sua finalidade era organizar festas dançantes e outras “diversões sadias e agradáveis”¹²⁰. Admitiam dois tipos de sócios: efetivos e temporários. Os sócios temporários residiam fora de Teresina, entretanto, igualmente aos efetivos, estavam sujeitos a uma taxa exigida quando da admissão, embora estivessem liberados da taxa mensal. De passagem por Teresina, utilizando os serviços do clube, pagavam uma taxa, presume-se que correspondesse a uma mensalidade, o que possibilitava parcela das elites residentes em outros municípios, compartilhar de convívio civilizado. Na década de 1950, a sede do clube tinha a seguinte estrutura:

O Edifício [...] internamente é amplo e confortável, dispondo de várias dependências assim distribuídas: Salão Nobre, destinado aos bailes e reuniões de caráter literário ou recreativo; local para JAZZ; botequim; sala de jogos e ainda salas para toailete feminina; etc. Fica isolado, recebendo, franca e constante ventilação.¹²¹

As festas dançantes realizadas no salão nobre do clube foram bastante concorridas, destacando-se o “requite com que se vestem as damas, numa exibição multicolor de belas e ricas indumentárias, valiosos e apreciáveis ornamentos em jóias e outros adornos”¹²². Com certa regularidade, o clube promovia atividades em benefício de determinadas entidades ou causa, ganhando foros de instituição filantrópica, o que demonstra que o “high-life” se sentia responsável pelos destinos da sociedade piauiense como um todo. O clube possuía uma secção de jogos de salão, tais como xadrez, gamão, damas, ping-pong, entre outros. Os associados poderiam frequentar o clube diariamente de 14 a 17 horas e de 19 a 23 horas. Aos domingos e feriados, a sede do clube ficava aberta das 8 às 23 horas. Aos associados não era permitido levar ao clube pessoas estranhas ao quadro de sócios. O caráter de segregação que marcou a relação dos associados desse clube com o restante da sociedade ficou registrado na memória de muitos contemporâneos, como se pode observar no trecho que segue:

Local de reunião da grã-finagem. E, aburguesado, permaneceu até os seus últimos dias, quando se popularizou um pouco, em decorrência da criação de novos clubes, instalados nos arredores da cidade. Para se ingressar no seu quadro social, o pretendente tinha a vida vasculhada, esmiuçada, e dependia muito de sua condição sócio-econômica. Se fosse preto, não entrava, a não ser que tivesse dinheiro ou fosse doutor, coisa raríssima na época.¹²³

¹²⁰CLUBE DOS DIÁRIOS, 1925. Também, a cidade do Rio de Janeiro tinha o seu Clube dos Diários, cf. NEEDELL, 1993, p. 95-97.

¹²¹A descrição corresponde a sede do clube na década de 1950, ALMANAQUE DO CARIRÍ, 1952, p. 239.

¹²²CLUBE DOS DIÁRIOS, 1925.

¹²³GARCIA, 2000, p. 49.

Ao longo da primeira metade do século XX, surgiram outros “clubes sociais”, como o Jóquei Clube do Piauí¹²⁴, criado em 1927, contudo, nenhum se iguala ao Clube dos Diários. Observa-se que uma aura associativa perpassava a sociedade piauiense desde a década de 1870. Primeiro foram as irmandades religiosas¹²⁵, depois as diversas associações culturais, associações laborais e esportivas que colocavam em contato direto pessoas de diferentes grupos sociais¹²⁶. Na área da cultura, marcaram as primeiras décadas do século XX os grêmios literários e grêmios escolares, possibilitando aos jovens interessados em literatura, oportunidade de convivência literária com consagrados homens de letras.

O teatro ensejou condições para as primeiras formas de associações culturais de que se tem notícia nessa passagem do século XIX para o XX, as quais congregavam artistas amadores, teatrólogos e admiradores da arte de representar. Essas entidades trabalhavam no sentido de difundir o gosto pelo teatro, seus membros auxiliavam as companhias que se apresentavam na cidade ou, na falta dessas, elaboravam e encenavam peças teatrais¹²⁷.

Surgiram outras instituições como as Uniões Artísticas e os Círculos Operários, associações laborais de caráter beneficente, assim como instituições de caráter financeiro e bancário¹²⁸, indícios de que elementos da sociedade urbana industrial européia se instalavam na sociedade piauiense. A tradicional sociedade rurícola, lentamente, abria espaços para novas formas de organização e convivência social urbana.

No setor de produção, Teresina ganhou ares de cidade fabril com a instalação de algumas fábricas, a exemplo da Fiação e Tecidos Piauienses e Cigarros Ipiranga¹²⁹, diversificando o mercado de trabalho, antes restrito às tradicionais atividades rurais ou ao serviço da administração pública. O grande comércio era realizado, entre outras firmas comerciais, pela Casa Almendra & Irmãos Ltda, Carvalho & Carvalho Ltda., Castelo & Companhia Ltda. e Rocha & Companhia¹³⁰, que realizam atividades de exportação e importação.

Se durante a segunda metade do século XIX, o teatro foi o principal espaço de entretenimento para o “high-life”, na primeira metade do século XX dividiu espaço com o

¹²⁴A cidade Rio de Janeiro, nesse período, possuía um clube com o mesmo nome, cf. NEEDELL, 1993, p. 98-100.

¹²⁵LEGISLAÇÃO PIAUIENSE, APPI.

¹²⁶TITO FILHO, 1978, p.44-57; NASCIMENTO, 1988.

¹²⁷QUEIROZ, 2008.

¹²⁸Algumas dessas instituições cf. NASCIMENTO, 1988, p. 96-297; ALMANAQUE DO CARIRI, 1952.

¹²⁹A idéia de cidade fabril é metafórica. Dados de 1922 sobre indústria e comércio indicam que, entre 1852 e 1922, esses setores evoluíram lentamente, apesar de todo esforço no sentido da modernização tanto da capital como do estado. Cf. COMISSÃO DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA, [1923]; sobre as fabricas cf. BASTOS, 1994, p. 234 e 556-557.

¹³⁰CORREIA, LIMA, 1945.

cinema. Na falta mesmo de salas adequadas, a projeção de filmes aconteceu, inicialmente, no prédio do Teatro 4 de Setembro. Só na década de 1930, é que o cinema ganharia salas próprias e adequadas. Pela imprensa os reclames são constantes em relação às incomodas instalações, falta de iluminação e o excessivo calor nas salas de projeção. Reclamavam porque não havia sala de espera onde as senhoras e senhoritas da elite pudessem desfilarem sua toailete e sisudos cavalheiros pudessem conversar sobre literatura, guerra e crise econômica, enquanto aguardavam o início da exibição do filme.

O cinema contribuiu para que a população teresinense se percebesse diversa. Se vários fatores afastaram as crianças do espaço do teatro como as apresentações demoradas e, em geral, noturnas, o cinema flexionava horário, selecionava fitas e, ao longo do dia, podia realizar diversas sessões, entretendo crianças e jovens. Ganha contornos o público infantil e juvenil, com interesses, usos e costumes peculiares. Através das películas ou das colunas especializadas em cinema, mantidas pelos jornais em circulação, atrizes e atores ditavam moda e comportamento, que perpassavam toda a sociedade, em especial o público feminino, despertando-o para que se percebesse diferenciada do público masculino. As senhoritas copiavam modelos de roupas e comportamentos das atrizes de sua predileção, confeccionados por famosas costureiras da cidade.

Através dos jornais, é possível perceber as tensões entre antigos e novos hábitos e costumes. Nesse contexto de mudanças, era necessário preservar a moral e os bons costumes. Em meio conservador e tradicionalmente religioso como o piauiense, o clero católico e os jornalistas simpatizantes estavam atentos para o conteúdo veiculado pelas fitas cinematográficas e a reação dos espectadores. Polêmicas foram geradas a partir desses postos da censura, possibilitando a formação de grupos que, através da imprensa, publicavam artigos, expressando opiniões divergentes sobre o conteúdo veiculado pelas películas e seu impacto sobre a assistência. O público leitor, embora restrito, acompanhava com interesse, discutia opiniões, tomava partido. Jornais em circulação, a exemplo de “O Tempo”, dedicaram colunas especialmente ao cinema, divulgando programação e comentando conteúdo dos filmes e atuação dos atores, além do comportamento do público durante as sessões¹³¹.

Por volta dos anos de 1920, observa-se que uma segunda geração do “high-life” ocupou o cenário social. Entre os novos integrantes: João Luís Ferreira (1881-1927), Artur de Araújo Passos (1882-1977) Joaquim Vaz da Costa (1886-1972), Esmaraldo de Freitas e Sousa (1887-1946), Álvaro Alves Ferreira (1893-1963), João Francisco Ferry (1895-1962),

¹³¹As observações sobre cinema e a cidade de Teresina tomou como referência a coluna “Notícias de Cinema” do jornal “O Tempo”, 1935, APPI; MARTINS, 1920.

Felismino de Freitas Weser (1895-1984) Leônidas de Castro Melo (1897-1981), Jacob Manoel Gaioso e Almendra (1899-1976), José Burlamaqui Auto de Abreu (1899-1978), José Vidal de Freitas (1901-1987), Benedito Martins Napoleão do Rego (1903-1981), Raimundo de Brito Melo (1904-1961), Francisco da Cunha e Silva (1905-1990), Luís Lopes Sobrinho (1905-1984), Hermínio de Moraes Brito Conde (1905-1965), José Patrício Franco (1906-1989), Joel Genuíno de Oliveira (1906-1969), João Coelho Marques (1907-1966), Antonio Bugyja de Souza Britto (1907-1992), Cláudio Pacheco Brasil (1909-1993), Raimundo de Moura Rego (1911-1988), Clidenor Freitas Santos (1913-2000), Clemente Honório Parentes Fortes (1914-1974), Celso Pinheiro Filho (1914-1974), Ofélio das Chagas Leitão (1915-1989), Benjamin do Rego Monteiro Neto (1915), Darci Fontenele Araújo (1916-1974), Fabrício de Arêa Leão (1917-1982), Robert Wall de Carvalho (1918-1984), mulheres e filhos.

Essa segunda geração vivenciou a expansão de Teresina. A cidade exigia nova orientação urbanística. Na década de 1930 estava em discussão o “plano regulador da cidade”. Nesse mesmo período, demarcaram a cidade em duas zonas: norte e sul. Administradores, técnicos, intelectuais, todos os teresinenses percebiam que Teresina deixava seu traçado inicial, os arredores da margem do Parnaíba, a área das praças Deodoro e Rio Branco, para ganhar o “Alto da Jurubeba”, onde estava localizada a Igreja de São Benedito¹³². Isso explica a grande reforma da atual Praça Pedro II, naquele período¹³³. Foram construídos 2.565,90 metros quadros de passeio cimentado “com ajardinamento, estampas nos canteiros originais e variadas figuras, de desenhos caprichosos, que atraem a atenção de todos”; figueiras, palmerinhas, crótons de variado gosto, roseiras e flores diversas completavam o embelezamento; coreto; 52 bancos de cimento; 68 postes de iluminação elétrica; escadas de acesso ao plano superior; balaustrada. A praça passou a ser o “ponto chic” da cidade, a Praça Rio Branco perdia o seu charme.

Nesse sentido, a av. Getúlio Vargas, hoje Frei Serafim, foi ampliada e arborizada, assim também o centro da cidade, em especial as ruas para os lados do largo de Nossa Senhora das Dores, envolvendo as atuais ruas Coelho Rodrigues, Álvaro Mendes, Teodoro Pacheco, Paissandu, Félix Pacheco e São Pedro, que ganharam oitizeiros, o que exigiu disciplinamento da parte da autoridade municipal. É desse mesmo período, as décadas de

¹³²Dados sobre o período cf. TITO FILHO, 1978.

¹³³Na década de 1930, as praças Deodoro, Rio Branco e João Luiz Ferreira também passaram por reformas. A Praça João Luiz Ferreira ganha um playground, com uma “escorregadeira” (os famosos “escorrega bunda”), campo de vôlei ball, balanços, barras verticais e horizontais de madeira para exercícios físicos, gangorra giratória em forma de cruz, inaugurado no natal de 1941, cf. MENSAGENS E RELATÓRIOS DO EXECUTIVO MUNICIPAL DE TERESINA, 1941, APPI.

1930 e 1940, o surgimento de tradicionais bairros da cidade. Na zona sul, vencendo o imenso grotão, surgiram: o “Barroco” e a “Vermelha”; na zona norte, o bairro Vila Operária.

A expansão da cidade exigiu um sistema de transportes urbano, a partir da década de 1930, tanto por iniciativa privada como pública, em diferentes momentos, a cidade foi beneficiada com esse serviço. Antes dessa data, na década de 1920, ficaram registros da existência de bondes circulando pela cidade¹³⁴. Em novembro de 1940, foi inaugurada a Viação Municipal que possuía três ônibus com capacidade para 24 passageiros cada¹³⁵. A estrada de ferro São Luís–Teresina foi liberada e a construção da ponte férrea sobre o rio Parnaíba possibilitou a circulação de pessoas, que transitavam a negócios ou a passeio, deixando na elite piauiense a sensação de que, enfim, rompera o secular isolamento.

Entre 1922 e 1952, embora vários pontos da cidade, a exemplo da Praça Pedro II, disputassem com a Praça Rio Branco o título de principal logradouro da cidade, no seu entorno ainda se concentravam importantes casas comerciais, a Tipografia Popular, entre outras, comercializavam livros “instrução, música, literatura, direito, medicina, romances e novelas”. Nessas lojas era possível encontrar máquinas de pequeno e médio porte, ferragens em geral, material elétrico, máquinas de escrever, bicicletas, fogões, móveis, artigos fotográficos, artigos de luxo masculino e feminino, perfumaria e automóveis, o que indica um consumo diversificado e articulado com os grandes centros desenvolvidos do país e da Europa. A elite teresinense não demorou a se lançar nesse mercado, não raro, importando vários desses produtos¹³⁶.

Localizados no entorno da Praça Rio Branco, o “Teresinense Bar” (inaugurado em 1926) o “Petit Bar” (inaugurado em 1930) e o moderno “Café Avenida” (inaugurado em 1937), já disputavam com o “Bar Trianon” (inaugurado em 1935), localizado na Praça João Luís Ferreira, a preferência do “high-life”¹³⁷. Com a expansão da cidade, entre os anos de 1930 e 1940, essas praças foram perdendo espaço para a Praça Pedro II. As elites se deslocavam para aquele logradouro. Entre 1945 e 1947, aí já se reunia um grupo de jovens intelectuais piauienses interessados em literatura¹³⁸.

¹³⁴NASCIMENTO, 1988; CASTELO BRANCO, 2005.

¹³⁵MENSAGENS E RELATÓRIO DO EXECUTIVO MUNICIPAL DE TERESINA, Prefeito Lindolfo do Rego Monteiro, 1940, APPI.

¹³⁶Os anúncios nos jornais da época oferecem dados para se refletir sobre o comércio em Teresina e em outros municípios do Piauí. Nota-se através desses anúncios que a partir da década de 1880 se intensificou a comercialização de produtos alimentícios e bebidas finas, produtos de luxo como tecidos, perfumaria e cosméticos tanto para homens como mulheres. Além de máquinas diversas para conforto doméstico e atividades profissionais.

¹³⁷TITO FILHO, 1978.

¹³⁸SILVA, 2005, p. 24.

Focalizando a vida mundana da elite teresinense entre 1922 e 1952, apesar do surgimento de vários “clubes sociais”, o Clube dos Diários continuava sediando suas atividades sociais. Nesse clube se realizou parte das homenagens à primeira miss Piauí, a senhorita Antônia de Arêa Leão¹³⁹. A partir de 1929 até a década de 1960, os concursos de beleza, para escolha da miss Piauí, passaram a movimentar não só o “high-life teresinense”, mas a mais “fina flor da sociedade piauiense”, residente em diferentes municípios do estado.

Em 1927, a visita do príncipe dom Pedro de Orleans, com a esposa e uma das filhas, à cidade de Teresina, possibilitou a visão de que no seio do “high-life” havia um grupo mais seletivo ainda. Se todos puderam ver o príncipe e as princesas, durante a procissão do Corpo de Deus, apenas um seletivo grupo participou da recepção que o intendente municipal Anfrísio Lobão Veras Filho ofereceu a suas altezas. Mais restrito ainda foi o grupo de convidados que participou do banquete de 50 talheres na residência do Sr. Vieira da Cunha em homenagem aos membros da família real¹⁴⁰. Mais excludente foi o jantar em palácio de Karnak, onde o poeta Martins Napoleão encantou a todos com sua simpatia, beleza e fluente oratória, roubando a cena dos homenageados.

1.3.1. Para além de Teresina marcas do progresso e de civilidade

Parnaíba se apresenta superior à capital, pela dimensão da movimentação econômica e financeira. Grandes empresas, como a Casa Inglesa, de James Frederick Clark e a Casa Marc Jacob, de Moise Marc Disiré Jacob, demonstram a inserção do município na complexa economia capitalista de escala mundial¹⁴¹. Essas, entre outras empresas investiam no comércio de exportação e importação e no serviço de transporte. Gozavam de sólido conceito no Brasil e no exterior, além de representar muitas firmas estrangeiras no estado.

O porto marítimo de Parnaíba era regularmente visitado por embarcações do Lloyd Brasileiro, Companhia de Navegação do Maranhão, Companhia Pernambucana e Companhia Inglesa “Red Crose Line”. A cidade tinha representação consular dos governos Britânico, Português e Francês, além de representante comercial do governo dos Estados Unidos da

¹³⁹TITO FILHO, 1978, p. 44-55.

¹⁴⁰TITO FILHO, 1978, p. 50.

¹⁴¹Essas empresas possuíam filiais no Piauí e Maranhão e representação comercial na capital da República, Rio de Janeiro. CORREIA, LIMA, 1945; ALMANAQUE DO CARIRÍ, 1952.

América¹⁴². O movimento de exportação indica a comercialização de produtos como borracha, algodão, cera de carnaúba, mamona, amêndoas de babaçu, nozes de tucum, entre outros produtos de origem vegetal, peles, couros e crinas de animais. Parcela significativa dos produtos importados se destinava a suprir as necessidades de segmentos da elite: tecidos, calçados, acessórios, alimentos, bebidas, livros, revistas, jornais, entre outros.

O município era servido de vias ferroviárias, aí se localiza a sede da Estrada de Ferro Central do Piauí¹⁴³. Por essa mesma época, duas linhas de “auto-ônibus” e caminhões faziam, semanalmente, o transporte de passageiros e cargas para Fortaleza, capital do Ceará. Pelo espaço aéreo do município trafegavam os aviões das empresas Cruzeiro do Sul e Panair do Brasil. Os hotéis Carneiro e Parnaíba Hotel, assim como as pensões Santa Teresinha, Santo Antônio e Carioca recebiam grande número de pessoas de diferentes partes do Brasil e da Europa, que transitavam pela cidade, a negócios ou passeio.

Pelo contato direto com países da Europa ou da América, Parnaíba se constituiu em uma porta de entrada não só de produtos sofisticados, mas também de novos hábitos e costumes. Na década de 1920, em frente à igreja matriz, foi construído um jardim público de quatro mil metros quadrados, tendo ao centro um coreto de ferro e cimento, um dos lugares mais freqüentados da cidade. Bares e clubes sociais complementavam essa estrutura voltada para o lazer¹⁴⁴.

Em Parnaíba se formou uma elite empreendedora, diferente do “high-life” teresinense, que se voltou para o serviço público e para as profissões liberais. Não obstante as constantes reclamações dos parnaibanos, de que o governo estadual abandonara a cidade à sua própria sorte, empresários, políticos e intelectuais de Parnaíba sempre transitaram pelos círculos sofisticados da capital com a maior desenvoltura, gozando da simpatia e amizade de todos. Assim também membros da elite teresinense foram sempre bem recebidos nos círculos da elite parnaibana.

O conagraçamento se manifesta principalmente na prática literária, quando diferenças desaparecem. Observando a composição do quadro de sócios efetivos da Academia Piauiense

¹⁴²Dados sobre os diversos municípios piauienses em meados do século XX cf. CORREIA, LIMA, 1945; ALMANAQUE DO CARIRÍ, 1952.

¹⁴³Na primeira metade do século XX, a Estrada de Ferro Central do Piauí e Estrada de Ferro São Luís-Teresina, possibilitaram um considerável movimento de passageiros e produtos entre o Piauí e o Maranhão. Por essas vias transitaram intelectuais e livros entre São Luís, Caxias e Teresina; essas vias serviram para aproximar a elite caxiense e a elite teresinense, como se pode inferir das fontes hemerográficas consultadas. Notícias sobre estradas de ferro em outros municípios piauienses cf. COMISSÃO DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA, [1923], itens: Vias e transportes. Mais informações sobre o tema cf. LEGISLAÇÃO PIAUIENSE e MENSAGENS E RELATÓRIOS DOS GOVERNADORES DO PIAUÍ.

¹⁴⁴COMISSÃO DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA, 1922; ALMANAQUE CARIRÍ, 1952.

de Letras, excluindo os intelectuais teresinenses, entre os demais intelectuais de todo o Piauí, os parnaibanos foram os primeiros a compor o quadro desse sodalício. A leitura das edições do “Almanaque da Parnaíba” ilustra bem essa relação de aproximação entre as duas elites, com frequência, o periódico publicava trabalho de intelectuais teresinenses¹⁴⁵.

No município de Gilbués, beneficiado pelo extrativismo mineral, ficava a matriz da firma Palitot & Cia – aviadores e comerciantes – que comercializava tecidos, chapéus, calçados, perfumes, linhas, entre outros produtos. Possuía três aviões para seu serviço particular, que ligavam a matriz à filial, com sede na cidade de Barras, no estado da Bahia. Não obstante a precariedade das vias de tráfego, no final dos anos de 1940, já era intensa a circulação de pessoas e mercadorias por todo o Piauí, como constata o grande número de escritórios de representação comercial de firmas do Ceará, Pernambuco, Maranhão, Bahia e Rio de Janeiro, existentes no estado. Pela primeira vez na história do Piauí, de forma articulada, diferentes municípios, formaram uma complexa praça comercial e de serviços, que se utilizava da imprensa periódica para divulgação de serviços e produtos. Alguns produtos, ainda não disponíveis para a venda no comércio da maioria das cidades, já eram consumidos pelos grupos sociais de maior poder aquisitivo, através da importação. Outro sintoma dessa movimentação comercial foi o desenvolvimento de uma rede de pensões e hotéis, confirmando o movimento de pessoas¹⁴⁶.

Nem todos os municípios conseguiram o mesmo grau de progresso material que Parnaíba e Gilbués, contudo, pelas fontes consultadas, é possível concluir que, em meados do século XX, parcelas significativas das elites piauienses haviam aderido às formas de convivência das sociedades urbano-industrial. No município de Campo Maior, parcela da população com poder aquisitivo, freqüentava a Praça Rui Barbosa, em cujo, bar homônimo, de propriedade de Jonas Farias de Sousa, a população se distraía jogando sinuca e bilhar. Os freqüentadores podiam comprar bebidas finas nacionais e estrangeiras, cigarros e charutos de primeira qualidade. Podiam saborear doces, biscoitos e bolachas. No entorno dessa praça, ficava o prédio do cinema, vizinho ao café e botequim “Bar Vitória”, ambiente familiar, onde, após a exibição de filmes, a assistência poderia se deliciar tomando refresco e café.

¹⁴⁵Nas primeiras décadas do século XX, um grupo de intelectuais parnaibanos estreitou relações com intelectuais da capital, destacando-se Jonas Fontenelle da Silva (1880-1947), Alarico José da Cunha (1883-1965), José Euclides de Miranda (1885-1961), Jonas de Moraes Correia (1874-1918), Luís de Moraes Correia (1881-1934), Benedito Benu da Cunha (1885-1933), Mirócles Campos Veras (1890-1978), Monsenhor Roberto Lopes Ribeiro (1891-1980), Benedito dos Santos Lima, o Bembem (1893-1958) e Antônio Otávio de Melo (1894-1968).

¹⁴⁶Informes sobre diversos municípios piauienses permitem observar essa nascente rede de pensões e hotéis, cf. ALMANAQUE CARIRÍ.

Na década de 1950, em José de Freitas, uma parcela pequena da população, detentora de educação formal e poder aquisitivo, dominava o executivo e legislativo municipal, além dos principais empregos públicos. Formavam a elite local, que, demonstrando um sentimento de pertencimento a um segmento social diferenciado, criou para seu lazer o Esporte Clube Ipiranga, na localidade Olho D'água.

O Clube está excelentemente servido de uma piscina, medindo 9 metros de comprimento, por 4 ½ de largura e 270 cents. de profundidade. É cercada, dispondo de guaritas para homens e senhoras e um campo esportivo. Encontra-se também ali um muito bem organizado bar, onde são servidas excelentes bebidas aos banhistas. A sua diretoria atual está assim organizada: Presidente - Dr. Ferdinand Carvalho de Almendra Freitas. Vice-Presidente - Antonio Portela. 1º Secretário - Antonio Craveiro de Melo. 2º Secretário - Raimundo Portela de Miranda. 1º Tesoureiro - Elger Mendes. 2º Tesoureiro - Jacob Sampaio Almendra.¹⁴⁷

A elite de José de Freitas, assim como de outros municípios próximos a Teresina, exercia forte influência na sociedade teresinense, dominando setores da política e da economia.

As ruas de vários municípios se tornaram movimentadas, a exemplo do movimento das feiras semanais ou quinzenais. Nesses dias, a população rural afluía para a cidade com suas cargas de cereais e legumes, animais e aves. Na feira comercializavam todo tipo de produtos, do sabão ao perfume, tecido e calçados, ferragens para o trabalho rural, ervas medicinais e remédios laboratoriais, carnes e cereais. Poetas cantadores improvisavam versos rimados ao som de viola, ofereciam folhetos cantando os versos de sua autoria. As pessoas paravam em volta para ouvir, compravam os folhetos que interessavam. Entre tantas histórias de amor, algumas de sertanejos espertos e valentes, que enganavam até o diabo. Os folhetos eram expostos num pano estendido no chão, muitas vezes, a gravura da capa atraía o comprador, que se informava com o vendedor sobre o conteúdo. Em casa, as pessoas se reuniam envolta daqueles que sabiam ler, para ouvir as histórias. A leitura e a escrita se disseminavam lentamente por todos os grupos sociais.

Ruas, feiras, mercados, cartórios, passaram a dividir com o adro da Igreja, o cenário dos acontecimentos das comunidades piauienses. Indivíduos de diferentes grupos sociais participavam cada vez mais de variados acontecimentos. Lentamente a Igreja e o complexo de fazendas deixavam de ser o centro da vida social. Ainda na segunda metade do século XIX, as manifestações e festas cívicas reuniam pessoas que, lideradas por homens de letras e jovens estudantes entusiastas, desfilavam pelas ruas, faziam discursos inflamados, declamavam

¹⁴⁷ALMANAQUE CARIRÍ, 1952, p. 693.

poesias. Fizeram época em Teresina as manifestações de rua pela libertação dos escravos, ou aquelas que comemoraram o natalício de sua majestade D. Pedro II ou o Sete de Setembro. Era o início de vida social que envolvia cada vez mais pessoas de diferentes níveis sociais, inimagináveis em qualquer complexo de fazenda da elite rural.

Em 1952, os convidados às festas de comemoração do centenário de Teresina demonstram o nível de articulação política a que haviam chegado o “high-life” teresinense. A “Cidade Jardim – SoCoPo”, foi um espaço que abrigou parte dos eventos. Em um mesmo dia se reuniram na “Cidade Jardim” Assis Chateaubriand, diretor dos “Diários Associados” e patrono das festividades; o governador do Maranhão, Eugênio Barros; o governador do Ceará, Raul Barbosa; Comandante Renato Archer, vice-governador do Maranhão; Pedro Calmon, Magnífico Reitor da Universidade do Brasil e o vice-reitor Deolindo Couto (piauiense); Simões Filho, ministro da Educação e Saúde, que representou o presidente Vargas; senador Francisco Galloti; Hugo Napoleão do Rego (de tradicional família piauiense), consultor jurídico do Banco do Brasil; senador Raimundo Arêa Leão (piauiense); Paulo Cabral, prefeito de Fortaleza; Freire de Andrade, médico piauiense residente no Rio de Janeiro; senador Oto Mader; João Calmon, diretor dos “Diários Associados” do Nordeste; Otávio Passos, prefeito de São Luís; senador Matias Olímpio (piauiense); deputados federais Leônidas de Castro Melo (piauiense) e Vitorino Correia; os rotarianos Paulo Abreu, sócio de Abreu & Rego, firma proprietária das Lojas Rianil no Maranhão; Acir Marques, comerciante em São Luís; Cândido Ataíde, Governador do Distrito 117, do Rotary Clube e Carlos Macieira, médico maranhense. As águas verdes da piscina da “Cidade Jardim” foi o ponto alto do encontro, o jornalista Assis Chateaubriand, por exemplo, “deleitou-se demoradamente com os mergulhos na grande banheira socopoense”¹⁴⁸.

Através da imprensa periódica, notas como essa, sobre piscinas em Teresina e no interior do estado, são indícios da propagação de novos hábitos e costumes. Hábitos que exigiam recato, como tomar banho e comer, próprios do interior das residências, agora se tornavam práticas públicas, coletivas e sofisticadas. É certo que em meados do século XX, a elite piauiense, proprietária de terras e rebanhos, com prestígio político e domínio territorial reconhecido, possuía um segmento sofisticado e letrado que a representava neste e no outro lado do Atlântico, em Teresina, Rio de Janeiro, Lisboa e Paris.

¹⁴⁸ALMANAQUE CARIRÍ, 1952, p. 986.

CAPITULO II – DE CURRALEIROS E OFICIAIS DA COROA PORTUGUESA A NOTÁVEIS EM PARIS, LISBOA, RIO DE JANEIRO E TERESINA

2.1. Um olhar sobre a escrita de literatos piauienses na primeira metade do século XIX¹⁴⁹

No Piauí, na segunda metade do século XVIII, passada a fase mais violenta da ocupação da terra e com a instalação do aparato administrativo da Coroa portuguesa, ocorreu a valorização de práticas de leitura e escrita, requisitos básicos para preencher os quadros de oficiais da administração régia. Teve início a demanda pelo ensino que a Coroa e, depois de 1822, o Império, não conseguiram atender.

Na passagem do século XVIII para o XIX, o ensino oficial não funcionava a contento, entre outros fatores, pela inadequação entre o estilo de vida do piauiense e os diferentes desenhos curriculares oferecidos, o que afastava a população do ensino oficial. Para a sociedade piauiense da época o ensino não era o lugar da educação; a reprodução do saber em relação ao trabalho produtivo e à transmissão das regras da vida social eram internalizadas pelas gerações mais novas, no contato direto com as mais velhas. Aulas régias e cadeiras de ensino permaneciam a maior parte do tempo sem professores e alunos, em decorrência dos baixos salários que não atraíam as pessoas qualificadas para o magistério¹⁵⁰.

Em face do exposto, os grupos sociais interessados em educação formal passaram a contratar professores que ministravam aulas no espaço doméstico. No âmbito das fazendas, crianças e jovens da elite piauiense aprenderam a ler e escrever e também as metérias exigidas pelo desenho curricular do ensino primário e secundário. A partir da década de 1830, o Império legalizou os diferentes espaços alternativos de ensino. Para a passagem de um nível para outro, não era exigida a frequência às aulas, nem a conclusão do grau antecedente, mas a prestação de exames que obrigatoriamente eram realizados pelas autoridades determinadas pelo Governo Imperial. Os pais organizavam a aprendizagem dos filhos segundo suas conveniências, recorrendo ao órgão de governo competente apenas para regularizar a situação de aprendizado.

No caso do Piauí, em geral, o ensino primário foi ministrado na residência do aluno por professores particulares. No município de Oeiras surgiram os primeiros colégios

¹⁴⁹Embora o foco da pesquisa seja as gerações vivendo em Teresina entre 1852 e 1952 foi esclarecedor lançar um olhar na ação de gerações atuando antes e depois desse período.

¹⁵⁰Pereira da COSTA, 1974, no primeiro e no segundo volume da “Cronologia Histórica do Estado do Piauí”, faz referência aos baixos salários pagos aos professores piauienses. Mais informações sobre educação nos séculos XIX E XX cf. MENSAGENS E RELATÓRIOS DOS GOVERNADORES DO PIAUÍ.

particulares, a exemplo do colégio “Boa Esperança”, do padre Marcos de Araújo Costa, a principal instituição de ensino particular do Piauí na primeira metade do século XIX. Aqueles que desejavam continuar estudos eram enviados para outras províncias para cursar o ensino secundário. A partir da década de 1840, com a criação do Liceu Piauiense, os grupos interessados em educação formal passaram a contar com uma escola preparatória para o ingresso na faculdade, embora as famílias de posse continuassem enviando seus filhos para outras províncias ou mesmo para a Europa.

Observa-se que, na passagem do século XVIII para o XIX, apenas a elite tinha capital suficiente para cobrir despesas com ensino primário e secundário. Já no ensino superior, a situação era mais difícil, pois não havia universidades na Colônia. Os interessados nesse nível de ensino cursavam-no na Europa, um ônus elevado mesmo para as famílias da elite.

A despeito do quadro delineado sobre o ensino no Piauí, na passagem do século XVIII para o XIX, piauienses já frequentavam faculdades e seminários da Europa, entre eles: Marcos de Araújo Costa (1780-1850) ordenado padre; Francisco de Sousa Martins (1805–1857) e Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva (1787-1852), ambos iniciaram estudos de direito em Coimbra e concluíram em Olinda¹⁵¹. Após a separação do Brasil de Portugal, e a instalação das faculdades de direito em Pernambuco e São Paulo, a maioria dos piauienses passaram a frequentá-las no Brasil embora, ao longo do século XIX, alguns preferissem estudar na Europa, a exemplo de Pedro Francisco da Costa Alvarenga (1826–1883), Marcos Antônio de Macedo (1808-1872), Francisco Parentes (1839-1876) e Antônio José de Sampaio (1857-1906).

Em meados do século XIX, era significativo o número de piauienses com formação superior. Entre outros, é possível relacionar: Antônio Borges Leal Castelo Branco (1817-1871), Eudoro de Carvalho Castelo Branco (1839-1870), Francisco José Furtado (1818-1870), Antônio de Sousa Martins (1829-1896), Casimiro José de Moraes Sarmiento (1813-1860), Manoel Pereira da Silva (1816-1855), José Coriolano de Sousa Lima (1829-1869), Manoel Idelfonso de Sousa Lima (1834-1897), João Lustosa da Cunha Paranaguá, marquês de Paranaguá (1821-1912), José Mariano Lustosa do Amaral (1829-?), José Manoel de Freitas (1832-1887) e Frederico Leopoldo César Burlamaqui (1803-1866). Alguns conquistaram o grau de doutor, como Costa Alvarenga, doutor em medicina pela Universidade de Bruxelas e

¹⁵¹PINHEIRO, 1994; BASTOS, 1994.

Leopoldo César Burlamaqui, doutor em ciências matemáticas e naturais pela Escola Militar do Rio de Janeiro¹⁵².

A maioria dos integrantes desse grupo estabeleceu residência fora do Piauí onde as condições apresentavam-se favoráveis a uma vida de sucesso. A esse motivo somam-se outros, a exemplo do constante deslocamento dos integrantes do grupo para diferentes pontos do Brasil no exercício de cargos de delegado do Império, como presidentes de província ou magistrados. Além da naturalidade, do diploma do curso superior e a opção por residir fora do Piauí, essa geração de piauienses tem outras características comuns: a atividade jornalística, escrevendo regularmente na imprensa periódica, nos locais onde fixaram residência ou na imprensa piauiense, mesmo residindo fora; a maioria viveu a experiência de escrever e publicar obras de caráter pragmático e literário, além de se destacar como orador sacro ou orador político.

Um aspecto que sobressai ao conjunto das obras publicadas pelos componentes do grupo acima citado, é a quantidade considerável de trabalhos publicados na área do direito: comentários e anotações de obras jurídicas, pareceres, processos, projetos de lei, traduções, entre outras. Outras publicações referem-se a pronunciamentos e trabalhos parlamentares, uma vez que quase todos exerceram atividades nos parlamentos provinciais ou no parlamento geral do Império. Obras do marquês de Paranaguá: “Reforma hipotecária”, “Reforma da Lei de Execução” e “Eleição para um senador”, servem para ilustrar e lhe garante um lugar na galeria de políticos do seu tempo que se dedicaram à escrita¹⁵³.

Esse conjunto de obras denota preocupação em contribuir para o debate de questões relativas ao progresso do Império, o que guarda estreita relação com a posição que seus autores ocuparam no cenário político e social. Marcos Antônio de Macedo esteve no Ceará como político e magistrado. Durante sua permanência naquela província, realizou estudos e publicou “Mapa topográfico da comarca do Crato, província do Ceará, indicando a possibilidade de um canal tirado do rio São Francisco, no lugar Boa Vista, para comunicar com o rio Jaguaribe, pelo riacho dos Porcos e rio Salgado”; “Observações sobre secas do Ceará e meio de aumentar o volume das águas nas correntes do Cariri” e “Descrição dos terrenos carboníferos da comarca do Crato”.

¹⁵²Para a formação desse grupo considerou-se as informações de PINHEIRO, 1994; BASTOS, 1994; MONSENHOR CHAVES, 1998; ADRIÃO NETO, 1995.

¹⁵³Os exemplos são inúmeros, no Primeiro Reinado, José Bonifácio de Andrada e Silva, cf. CALDEIRA, 2002; no Período Regencial, Diogo Antônio Feijó, cf. CALDEIRA, 1999; no segundo reinado, Paulino José Soares de Sousa, Visconde do Uruguai, cf. CARVALHO, 2002; Joaquim Nabuco, cf. NABUCO, 1975; Rui Barbosa, cf. BARBOSA, 2003.

Alguns desses bacharéis realizaram e publicaram estudos fora da sua área de formação, é o caso de Morais Sarmiento com “Opúsculo sobre a educação física dos menores”. Na obra desse escritor, evidencia-se outro aspecto que marca o conjunto de obras em apreciação, as traduções que muitos realizaram. Morais Sarmiento, por exemplo, traduziu “Solidão” obra de George Zimmerman, também compêndios de direito e história sagrada, alguns de autoria M. A. Macharel.

Esses escritores tiveram uma atuação intelectual notável em todos os lugares por onde passaram. Marcos Antônio de Macedo participou de expedições científicas pela África, Ásia e Europa, residiu temporariamente na Alemanha, onde faleceu. Colaborou com o Grande Dicionário Internacional de Larousse e publicou em língua estrangeira: “Notice sur la palmier Carnahube” e “Pélerinage aux-Lieux-Saints, suivi d’une excursion dans le Basse Egypte, en Syrie et a Constantinople”, entre outras obras¹⁵⁴. Teve grande repercussão por toda a Europa ocidental o trabalho de Costa Alvarenga. Doutor em medicina pela Universidade de Bruxelas lecionou na Escola Médica-Cirúrgica de Lisboa, cidade onde passou a maior parte de sua vida e faleceu. Desenvolveu estudos sobre a aorta, que o consagraram como médico pesquisador. Escreveu vasta obra na área da medicina, traduzida para línguas como o inglês, francês, italiano e alemão.

Na Corte, Frederico Burlamaqui, Doutor em Ciências da Matemática e Naturais, construiu uma carreira de sucesso como homem dedicado às letras e como professor da Escola Militar do Rio de Janeiro, cidade onde viveu e morreu. Entre as instituições onde atuou, destaca-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB e a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional – SAIN, instituições de grande penetração na sociedade brasileira da época, pelo trabalho realizado no sentido da civilização e do progresso. Escreveu uma vasta obra articulada com os interesses dessas associações, abrangendo, além de temas sociais, como a escravidão, obras sobre mineralogia e agricultura. Burlamaqui pertenceu a Ordem de São Bento de Aviz e a Ordem da Rosa.

A exceção é Francisco de Sousa Martins que, no exercício de funções políticas e jurídicas, viveu no Rio de Janeiro, Bahia e Ceará, mas fixou residência em Oeiras, onde advogou e lecionou francês no Liceu Piauiense. Como membro do IHGB, em 1846, publicou na revista do Instituto “Progresso do jornalismo no Brasil”, estudo de história da imprensa periódica, onde dedicou espaço para a história do jornalismo na província do Piauí. O escritor faleceu em uma de suas fazendas no atual município de Jaicós.

¹⁵⁴PINHEIRO, 1994, p. 24-25.

Escritores, na condição de literatos¹⁵⁵, foram os poetas Ovídio Saraiva e Manoel Pereira da Silva, que produziram uma poesia impregnada pelo espírito áulico, revestida de intuitolouvaminheiro¹⁵⁶. Sousa Lima escreveu poesia de temática sertaneja, sua produção foi reunida e publicada após sua morte, segundo esforço envidado pela geração de escritores de sua época. Esses poetas viveram fora da província do Piauí, participando de diferentes ambientes literários.

A historiografia literária acrescenta ao rol dos poetas dessa geração um fazendeiro autodidata, Leonardo de Carvalho Castelo Branco (1788-1873), que nasceu e morreu no Piauí, embora temporariamente tenha morado em Lisboa e no Rio de Janeiro. Na sua obra se destaca “O Santíssimo Milagre”, “A Criação Universal” e “O Ímpio Confundido”¹⁵⁷. Como quase todo homem de letras do seu tempo, realizou e publicou estudos pragmáticos, a exemplo de “Memória acerca das abelhas da província do Piauí”. Entre os escritores dessa geração, somente sua obra e a de Francisco de Sousa Martins dão visibilidade ao Piauí.

Dispersos pelas diversas regiões do Império e mesmo pela Europa, não há indícios de sociabilidades entre esses escritores. No conjunto, as obras que produziram quase nenhuma relação tem com a experiência social piauiense, visto que foram impressas e circularam fora do Piauí. No caso de Leonardo Castelo Branco e Francisco de Sousa Martins, não se encontrou sinal de que suas obras foram recepcionadas nessa província, apesar de aqui residirem e de suas obras fazerem referência ao Piauí. Nesse sentido, não contribuíram para configuração do ambiente ou do sistema literário piauiense.

A imprensa periódica que, em geral, é apontada como elemento que concorre para a formação de ambientes culturais, no Piauí teve origem na ação das elites rurais e estava ligada à estrutura de governo da época. Entre as primeiras tipografias instaladas em Oeiras, consta a Tipografia Silveira & Cia, pertencente ao cônego Antônio Fernandes da Silveira, nascido na região onde hoje é Sergipe. Parte de sua história pessoal está ligada à província do Piauí, onde viveu, entre 1824 e 1830, na condição de político e secretário de governo provincial¹⁵⁸. Na tipografia por ele instalada, foi impresso o primeiro jornal da província, “O Piauiense”, jornal de caráter oficioso, redigido pelo professor Amaro Gomes dos Santos e pelo vigário de Oeiras, Pedro Antônio Pereira Pinto do Lago, que além de fazendeiro foi também deputado

¹⁵⁵ Antonio Candido MELLO E SOUSA (2000, p.96), utiliza a expressão “literato”, para designar poetas, diferenciando-os dos “publicistas”, “estudiosos da realidade social, doutrinadores dos problemas por ela apresentados”, escritores de forte atuação na imprensa periódica e divulgadores das idéias liberais no Brasil.

¹⁵⁶ PINHEIRO, 1994; MORAES, 1976.

¹⁵⁷ COSTA, 1974, v. 2, p. 525; PINHEIRO, 1994, p.17-18.

¹⁵⁸ PINHEIRO FILHO, 1972; BASTOS, 1994, p.543 e 564.

provincial e secretário de governo de Manoel de Sousa Martins¹⁵⁹. Na mesma tipografia foi impresso o “Diário do Conselho Geral”¹⁶⁰ e “Correio da Assembléia Legislativa”¹⁶¹, ambos de caráter definitivamente oficial e destinados à divulgação dos atos de governo.

Notícias sobre a instalação de novas tipografias na cidade, só a partir de 1835, quando a Assembléia Legislativa autorizou ao governo da província a compra de uma, que foi instalada no ano seguinte. Embora fosse propriedade do governo provincial, com o encargo de publicar o expediente de governo, também imprimiu vários jornais não oficiais. “O Telégrafo”, impresso na referida tipografia, surgiu e desapareceu no contexto da Balaiada e tinha como objetivo registrar as ocorrências favoráveis ao governo. Uma década depois, a Tipografia Provincial estava em condições deploráveis, faltavam tinta e tipos, alguns estavam tão gastos que dificultavam a qualidade da impressão e a leitura do impresso. Foi vendida em hasta pública no ano de 1849¹⁶².

No ano de 1849 há notícia de mais duas tipografias em Oeiras. A Tipografia Saquarema, propriedade de Francisco de Sousa Mendes, político influente, deputado provincial entre 1835 e 1847, que, com a extinção da Tipografia Provincial, foi contratada para imprimir a documentação do governo, além de imprimir periódicos favoráveis à situação política. A outra era a Tipografia Liberal, que imprimiu vários periódicos da oposição, a exemplo de o “Eco Liberal”, semanário político, redigido por Tibério César Burlamaqui (1810-1863) que, ao lado de Lívio Lopes Castelo Branco e Silva (1813-1869), marcaram o jornalismo piauiense na primeira metade do século XIX, além de movimentar as fileiras do Partido Liberal. Lívio Castelo Branco fez oposição ferrenha à dominação dos Sousa Martins, pegando em armas contra a mesma, durante a Balaiada.

Os dados acerca da imprensa, entre 1832 e 1852, possibilitam a conclusão de que a aquisição de prelos não tinha fins comerciais, o interesse era enaltecer ou combater determinadas pessoas ou grupos. Nesse sentido, os jornais divulgavam matérias de ataque ou defesa, numa linguagem violenta, elitista e discriminatória. Alguns jornais foram editados, circunstancialmente, para divulgar fatos extraordinários, a exemplo da Balaiada e, ainda outros, para divulgar atos do governo. Enfim, os jornais postos em circulação tinham feição panfletária, circunstancial e oficial.

¹⁵⁹BASTOS, 1994, p. 274, 337 e 564.

¹⁶⁰Conselho Geral da Província, órgão de assessoramento dos presidentes de província, entre 1823 e 1834, quando foi extinto e criadas as Assembléias Legislativas Províncias. Cf. BASTOS, 1994, p. 144.

¹⁶¹BASTOS, 1994, p. 274.

¹⁶²COSTA, 1974, v. 2, p. 398-401.

Oriundos da elite, os proprietários de jornais redigiam, imprimiam e distribuían jornais. Não havia divisão de atividades, nem jornalistas profissionais. Tibério César Burlamaqui, entre os mais destacados jornalistas da época, para sobreviver, possuía loja na Rua do Norte, em Oeiras, onde entre outros produtos, vendia os jornais que imprimia. Os consumidores e leitores de jornais pertenciam à elite, pois ler e escrever eram práticas restritas às classes sociais privilegiadas, isto é, à elite, representada pelos fazendeiros.

Não há informações de que, na primeira metade do século XIX, outro núcleo urbano piauiense, além de Oeiras, tivesse tipografia ou imprimisse jornal. Em Parnaíba, desde o final do século XVIII, formou um núcleo urbano em permanente contato com o exterior, o que resultou na formação de um grupo de letrados, de forte atuação nas primeiras décadas do século XIX.

Nas três primeiras décadas do século XIX, um homem de opulentos cabedais reúne na residência faustosa a elite da Vila. É Simplício Dias da Silva (Parnaíba, 1773-1829) Havia estado na Europa e se impregnara das idéias do tempo, que dissemina com fervor. Tendo-o como personagem central, constitui-se um grupo de homens notáveis, perfeitamente identificados uns com os outros. João Candido de Deus e Silva (Pará, 1773, Niterói, 1860) é o grande ideólogo. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, inteligente e vibrátil, lidera os circunstantes. [Na sua vasta bibliografia, da qual] apenas se conhecem tópicos escassos, não há, em rigor, feição literária. O estilo empolado serve ao desenvolvimento de idéias jurídicas, filosóficas e morais. Mas os trabalhos não apresentam valor literário. [...] Mas há uma figura de relevo nessa plêiade. É Leonardo Castelo Branco (Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, como se chamaria depois, Parnaíba, 1788, Barras, 1873), influente nas lutas políticas, que se iniciam para a constitucionalização do Reino de Portugal, e já estimado poeta. Sabe-se que em Oeiras, onde se encontra como eleitor de sua paróquia, inflama a sociedade local com a recitação de uma de suas poesias¹⁶³.

Contudo, nenhuma informação sobre tipografia ou circulação de jornais no período em apreciação. A maioria dos integrantes desse grupo se destacava mais pela sofisticação na forma de viver e como leitores do que como produtores de literatura. Todas as referências apontam para um acalorado debate oral, principalmente no âmbito privado, embora acontecesse também no âmbito institucional, a exemplo das Câmaras de vereação. Sua atuação isolada não foi capaz de agregar os diferentes escritores piauienses do período, nem resultou em ação continuada, não contribuindo para a formação de um ambiente literário.

Nesse contexto adverso ao desenvolvimento de uma imprensa livre, noticiosa e de idéias, circularam jornais com dístico literário como “A Voz da Verdade”, dos quais não se tem mais informações. A movimentação de instalação de tipografias em Oeiras e as características assumidas pelos primeiros jornais publicados, articulados às práticas rurícolas

¹⁶³BRANDÃO, 1981, p. 9-10.

da sociedade piauiense, com seu afastamento do universo da cultura letrada, explicam as dificuldades para surgimento de um ambiente literário no Piauí, na primeira metade do século XIX.

2.2. A formação de um ambiente literário em Teresina

Até meados do século XIX, os núcleos urbanos do Piauí não apresentavam condições para aglutinar os diferentes escritores. O declínio do poder dos Sousa Martins, a transferência da capital de Oeiras para Teresina, o projeto de inclusão do Piauí no conjunto das áreas urbanizadas e civilizadas e o retorno de número significativo de piauienses que haviam saído da província para cursar o ensino superior, permitiram que em Teresina se formasse um grupo de piauienses que se destacavam pelo papel social desempenhado nas funções de direção da sociedade, pela prática da leitura e da escrita, pela atuação na imprensa periódica e pelo exercício do magistério, como ficou explicitado no capítulo anterior, cuja ação levou a criação de um ambiente literário e conseqüentemente, a formação do sistema literário.

Essa plêiade não é formada apenas por pessoas com ensino superior, a estes se juntou um conjunto de autodidatas, amantes das letras, que também se destacaram pela atuação no cenário cultural. Os integrantes desse grupo se originavam das camadas elevadas na hierarquia social, constituindo a elite teresinense. Integrava o grupo entre 1852 e 1880: David Caldas, Licurgo de Paiva, Lívio Castelo Branco, Miguel Castelo Branco, Simplício Mendes, Deolindo Mendes, Cândido Gil Castelo Branco, Antônio de Sampaio Almendra, Polidoro Burlamaqui, Coelho de Resende, Raimundo de Arêa Leão, Helvídio Clementino de Aguiar, Gabriel Ferreira, o cônego Tomás de Moraes Rego, (1845-1890) Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco (1829-1901) e Luiza Amélia de Queiroz Brandão (1838-1898)¹⁶⁴.

Residindo em outras províncias do Império, alguns piauienses que se destacaram pela prática da escrita, estreitaram relações com o grupo de letrados residentes em Teresina, conquistando o respeito de todos. Entre eles, os poetas José Coriolano de Sousa Lima e José Manoel de Freitas, o marquês de Paranaguá, Antônio Castelo Branco, Antônio Coelho Rodrigues (1846-1912) e o cônego Raimundo Alves da Fonseca (1842-1884).

¹⁶⁴Foram selecionadas prioritariamente personalidades ligadas à Academia Piauiense de Letras, entretanto, selecionaram-se alguns indivíduos com atuação na imprensa periódica e no magistério, espaços que potencializavam a posição social dos sujeitos que os ocupavam, dando a estes destaques na esfera da cultura letrada. Cf. PINHEIRO FILHO, 1972; BASTOS, 1994; SANTOS, 1994; MONSENHOR CHAVES, 1998. As personalidades sem a indicação de nascimento e morte, já foram citadas anteriormente.

É ilustrativo o caso da família de José Manoel de Freitas que, por mais de sete décadas, manteve relacionamento permanente com os letrados piauienses. De família tradicional do município de Jerumenha, José Manoel de Freitas e seus filhos João Alfredo de Freitas (1862–1891) e Amélia Carolina de Freitas (1860-1946)¹⁶⁵ estavam sempre dispostos a receber parentes e amigos do Piauí. É algo que conquistava os piauienses aqui residentes, pois, no geral, não nutriam simpatia por aqueles que conquistavam êxito lá fora, esquecendo os que aqui “mourejavam” e só se referiam ao Piauí para “amesquinhá-los”. Clodoaldo Freitas, residente em Teresina, mediava a relação da família de José Manoel de Freitas com o ambiente literário local. Na condição de sócio fundador da Academia Piauiense de Letras e ocupante da cadeira n.1, elegeu José Manoel de Freitas como patrono. Posteriormente, ao assumir uma das cadeiras nesse mesmo sodalício, Amélia de Freitas, escolheu como patrono o poeta Lucídio Freitas, filho de Clodoaldo.

Residindo ou não no Piauí, independente de formação superior, os integrantes desse grupo formaram a primeira geração¹⁶⁶ de escritores piauienses com a consciência de integrar um segmento especial da sociedade, dedicado à escrita e à leitura, em uma sociedade composta, na maioria, de iletrados. Foi a partir de Teresina, entre 1852 e 1880, que eles estabeleceram uma rede de sociabilidades atípicas para a sociedade rurícola. As atividades que desenvolveram através da imprensa periódica e das associações de caráter cultural que criaram, contribuíram para diferenciá-los do restante da sociedade e formar um ambiente literário, sem precedentes na história piauiense.

Essa primeira geração de homens de letras atuando em Teresina modificou os contornos da imprensa periódica. Se comparada à fase oeirense, percebe-se maior regularidade na circulação dos jornais, predominando o jornalismo político e noticioso, que atenuava o caráter oficioso e de ataque às famílias e aos indivíduos. Os jornais apresentavam contornos comerciais, como se percebe pelos reclames publicitários. O próprio jornal tornou-se objeto de comércio, circulando com valor estipulado para assinaturas ou venda avulsa¹⁶⁷.

¹⁶⁵Importante intelectual na passagem do século XIX para o XX, esposa de Clóvis Beviláqua, é mais conhecida como Amélia de Freitas Beviláqua.

¹⁶⁶Nesse sentido, a expressão “geração” refere-se a pessoas que atuaram em um mesmo contexto histórico, a exemplo de Clodoaldo Freitas e Higinio Cunha, que atuaram juntamente com os filhos no mesmo período e no mesmo ambiente literário.

¹⁶⁷Na relação de jornais piauienses de PINHEIRO FILHO (1972, 79-106) é possível encontrar dados sobre preço da unidade de alguns periódicos ou mesmo assinatura.

Multiplicaram-se as tipografias¹⁶⁸ e dividiram-se as atividades, formando-se um setor de trabalho especializado. Na fase oeirense, o dono da tipografia e do jornal participava desde a impressão até a distribuição. Ao longo da segunda metade do século XIX, a tendência foi a formação do grupo dos proprietários, dos redatores e dos impressores. No Piauí, até o fim do Império, o Partido Conservador e o Partido Liberal se destacaram como principais proprietários de tipografias. A regularidade de circulação dos grandes jornais, como “A Imprensa”, “O Amigo do Povo” e “A Época”, contrastam com a grande quantidade de pequenos jornais que circularam nesse período e tiveram vida efêmera. Neles os proprietários ainda exerciam diferentes funções no processo de elaboração, principalmente, como redatores.

Individualmente, foram muitos os proprietários, dos quais se destacaram David Caldas, Miguel Castelo Branco e o cônego Tomás de Morais Rego¹⁶⁹. David Caldas, por exemplo, conseguiu o sustento da família dos parques recursos conseguidos através do trabalho na imprensa periódica, muito embora ainda estivesse próximo do antigo modelo de jornalismo, desenvolvendo ele mesmo as funções de redator, impressor e distribuidor.

Percebe-se a importância do grupo de impressores pelo destaque dado a eles no expediente dos jornais, em que os nomes apareciam estampados ao lado do nome dos proprietários e redatores. Nos diferentes jornais do período, encontram-se notas relativas à questão da remuneração dos impressores, o que permite afirmar que a atividade de impressão ganhava caráter profissionalizante. A partir das primeiras décadas do século XX, paulatinamente, os impressores foram desaparecendo do expediente dos jornais, assim como os proprietários¹⁷⁰. Observa-se, nesse período, intenso movimento de compra e venda de prelos e que a atividade tipográfica concentrava-se cada vez mais nas mãos de poucos indivíduos ou consórcios.

Entre 1853 e 1880, circularam em Teresina, sessenta e dois jornais, uma revista e um almanaque, num total de sessenta e quatro periódicos, contudo, a maioria desapareceu logo nos primeiros números. Os grandes jornais do período pertencem aos partidos políticos e apresentam maior regularidade na sua circulação. Nesse período, o jornal “A Imprensa”, que teve entre seus redatores Deolindo Mendes e David Caldas, representava o Partido Liberal e o

¹⁶⁸É possível acompanhar esse movimento tipográfico através das marcas impressas em acervos da época, a exemplo das MENSAGENS E RELATÓRIOS DOS GOVERNADORES DO PIAUÍ, LEGISLAÇÃO PIAUIENSE e o conjunto bibliográfico em circulação no período. Cf. Biblioteca de Apoio a Pesquisa, APPI. Oferece dados interessantes sobre o assunto PINHEIRO FILHO, 1972; BASTOS, 1994; COSTA 1974, v. 2.

¹⁶⁹Por um longo período ainda, proprietários de tipografias continuaram participando de todas as etapas de edição do jornal, da redação a impressão.

¹⁷⁰Em diferentes jornais da época, encontra-se registro com nomes de impressores que trabalharam em Teresina entre 1852 e 1920, cf. Hemeroteca do APPI; PINHEIRO FILHO, 1972, p.79-106; BASTOS, 1994, p.274-307.

jornal “A Época”, órgão do Partido Conservador, contou entre seus redatores, com Raimundo de Arêa Leão e Coelho de Resende. Uma análise desses periódicos aponta para as semelhanças entre o trabalho jornalístico de ambos. As acusações pessoais ocupavam significativo espaço, denunciando as sevícias de escravos, defloramentos, agressões físicas e verbais e os saques aos haveres públicos¹⁷¹.

“O Amigo do Povo”, propriedade de David Caldas, cuja circulação data do ano de 1868, apresenta um perfil político e noticioso. Como noticioso, o jornal informou sobre acontecimentos do Brasil e do mundo. Como político, de tendência liberal, em artigo programa, de 1868, declarou não ser inimigo do Império nem de suas instituições, embora a marca do periódico fosse os constantes ataques às estruturas monárquicas e seus representantes. A partir de 1872, circulou como republicano. A política provincial dominava as páginas do jornal, que também transcrevia matérias de alguns jornais em circulação em outras regiões do Império.

Em 1873, “O Amigo do Povo” deu lugar ao “Oitenta e Nove”, folha de curta duração, marcada pelo lado místico e introspectivo de David Caldas. As matérias veiculadas são quase todas a pedido e responsabilidade de seus autores. Foram mantidas as transcrições de artigos de jornais de fora da província, a exemplo de alguns jornais em circulação na Corte. O noticiário toma quase todo o espaço do jornal e os anúncios são em maior quantidade do que no título anterior.

Observa-se nos periódicos piauienses consultados que, entre 1852 e 1880, a poesia, a crônica e o conto eram pouco divulgados, predominando o jornalismo político e noticioso. Todavia, encontram-se composições poéticas de caráter mordaz, que ridicularizam e censuram fatos e comportamentos relativos aos políticos locais ou uma poesia de temas políticos ou, ainda, uma poesia lírica sentimental, contudo, não chega a configurar uma publicação permanente e intencional dos escritores locais¹⁷².

Observamos através da imprensa periódica, que essa primeira geração de homens de letras atuando em Teresina se mostrou sensível aos problemas que marcaram a sociedade

¹⁷¹Em suas “Memórias”, Higino CUNHA (1939, p. 44) lembrar-se-ia desse tipo de jornalismo no seguinte trecho: “felizmente esses grandes acessos de polêmicas jornalísticas pessoais, com descompostura desbragadas de parte a parte foram rareando e, hoje, quando aparece algum saudosista de antanho, espectro erradio, empregando um calão sujo, o público leitor o refuga como elemento antiquado e indesejável entre gente limpa e bem educada”.

¹⁷²O jornal “O Amigo do Povo” publicou poesias de escritores locais, a exemplo de Licurgo de Paiva. Cf. na edição de fev. de 1871 a poesia “República”. O trecho é o seguinte: “Debaixo desta epígrafe escreveu Licurgo de Paiva uma patriótica poesia, que nos enviou para ser publicada, declarando-nos que era ela sua profissão de fé nos arraiais do novo partido que tão pujante se levanta nesta grande porção da América do Sul, fadada aos mais altos destinos [...] É com sumo prazer que damos à luz a bela poesia [...] do nosso correligionário...”. Nessa mesma década, ao longo dos anos de 1878 e 1879, o jornal “A Época” publicava poesias de caráter lírico sentimental.

brasileira em meados do século XIX, em especial as discussões acerca da forma de governo e a abolição da escravidão. Na escassez de fontes sobre a leitura efetuada por essa geração, observa-se que os jornais da época encimavam legendas com a indicação de escritores que, presume-se, foram lidos e discutidos, servindo de base teórica para enfrentamento dos problemas. Chama-se à atenção os nomes de François Guizot, Lord Palmerston, Tito Lívio e Erasmo¹⁷³. Esses escritores se ajustam à preferência de leitura dos homens de letras daquela época, uma vez que as questões acerca da política estavam entre os primeiros itens da pauta de discussão social. A preferência recaía sobre os escritores europeus cuja obra se relacionava com a atividade política, em especial aqueles que atuaram na passagem do século XVIII para o XIX¹⁷⁴. Há indícios da leitura de escritores do Romantismo brasileiro como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves¹⁷⁵.

No período de 1852 a 1880, três jornais circularam como órgão de divulgação de “sociedades” culturais, a exemplo do “Recreio Literário”¹⁷⁶, que circulou a partir de 1875 e pertencia a uma sociedade literária do mesmo nome, sobre a qual não se tem mais informações. O jornal “O Propagador”, em circulação entre 1858 e 1860, pertencia a uma “sociedade político-literária”, cujo nome não é indicado no jornal. As fontes analisadas apontam para a Sociedade Propagadora de Idéias e Conhecimentos Úteis, fundada em dezembro de 1857 por Deolindo Mendes. Em 1860, por motivos ignorados, o jornal deixou de circular. Dois anos depois, surgiu o jornal “Liga e Progresso”, órgão de divulgação dessa mesma associação, que desapareceu em 1864. Se for possível incluir nos quadros da referida associação os redatores do jornal, entre seus associados é possível relacionar: Deolindo Mendes, Lívio Castelo Branco, Cândido Gil Castelo Branco, Antônio Castelo Branco e David Caldas¹⁷⁷, nomes expressivos nas letras piauienses da época.

Esse tipo de associação foi comum no Brasil, foram as primeiras formas de organização dos homens de letras. Estudando-as em outras regiões do Brasil, no final do século XVIII, Antonio Candido percebeu o papel que desempenharam.

Tendência associativa que vinculava os intelectuais uns aos outros, fechado-os no sistema de solidariedade e reconhecimento mútuo das sociedades político-culturais, conferindo-lhes um timbre de exceção. Não espanta que se tenha gerado um certo sentimento de superioridade, [...] inclinada a supervalorizar o *filósofo*, detentor das

¹⁷³ Observar legendas e seus respectivos autores na relação dos periódicos piauienses PINHEIRO FILHO, 1972.

¹⁷⁴ Estudos introdutórios na coleção “Formadores do Brasil” revelam aspectos sobre a leitura dos homens de letras do Brasil, no período entre 1852 e 1880. Destaque para o estudo introdutório à obra de Paulino José Soares de Sousa, Visconde do Uruguai, “Entre a autoridade e a liberdade” de José Murilo de CARVALHO, 2002.

¹⁷⁵ MENDES, ALBUQUERQUE, ROCHA, 2009; CUNHA, 1939.

¹⁷⁶ PINHEIRO FILHO, 1972, p. 83.

¹⁷⁷ PINHEIRO FILHO, 1972, p. 80-81.

luzes e capaz, por isso, de conduzir os homens ao progresso. Aí se encontram porventura as raízes da jactância, reforçada a seguir pelo Romantismo, que deu aos grupos intelectuais, no Brasil, exagerada noção da própria importância e valia.¹⁷⁸

No caso do Piauí, pela ausência dessas associações ou por sua efemeridade, as tipografias desempenharam importante papel no desenvolvimento do ambiente literário, servindo de espaço de encontro para os homens de letras. Quando, no final da década de 1860, o poeta Licurgo de Paiva fixou residência em Teresina, passou a freqüentar a Tipografia Liberal, onde os jornalistas Deolindo Mendes e David Caldas redigiam o jornal do Partido Liberal, estabelecendo com eles laços fraternais. Essa amizade facilitou sua inserção no universo da imprensa periódica.

Licurgo de Paiva iniciou sua atividade literária no Recife, quando se preparava para entrar para faculdade. Entregou-se à boemia e à literatura, embora tenha publicado um livro de poesias, “Flores da Noite”. Malgrado o plano de cursar a faculdade, de volta a Teresina, apresentava o livro como passaporte para ocupar um lugar no universo dos homens de letras. Inteligente e ativo, participou dos principais eventos culturais da época, assim como das manifestações de rua em defesa da abolição da escravidão e da proclamação da República, idéias que defendeu fervorosamente.

Licurgo de Paiva escreveu para o teatro, são de sua autoria os dramas “Voos e Quedas” e “Quedas Fatais”, que se presume terem sido encenados no teatro da cidade. Sua obra poética foi motivo de recitais públicos. É interessante o episódio ocorrido com a poesia “Conseqüências do Baile”, censurada pelo Chefe de Polícia da Província, como atentado à moral e aos bons costumes e proibida de ser reapresentada publicamente, em recital programado pela atriz Maria Henriqueta¹⁷⁹.

Em janeiro de 1873, por sua atuação como redator do jornal “Província do Piauí”, periódico de oposição ao presidente da província, o poeta foi espancado, “ficando estendido como morto foi o amigo David Caldas quem o apanhou para os primeiros socorros”¹⁸⁰. Os jornais, tanto da situação como da oposição, deram larga divulgação ao fato, criticando duramente o ato de incivilidade. A situação ficou insustentável quando o agredido reconheceu que seus agressores pertenciam à guarda do presidente da província. Logo depois, o presidente deixava a presidência e a província. Ainda assim, o poeta se entregou desregradamente ao álcool. Sua nomeação como promotor de São Raimundo Nonato, em

¹⁷⁸CANDIDO, 1997, p. 222.

¹⁷⁹COSTA FILHO, 1997, p. 113-126.

¹⁸⁰MONSENHOR CHAVES, 1998, p.480-484.

1878, provocou veementes protestos dos membros do Partido Conservador através do jornal “A Época”. Destituído, voltou a Teresina. Em seguida, perambulou por outros municípios, até encontrar a morte em Jerumenha, onde foi enterrado em lugar ignorado.

A trajetória da poetisa Luiza Amélia de Queiroz Brandão também revela a importância da imprensa periódica na formação do ambiente literário. Na sociedade rurícola de hábitos e costumes tradicionais, predominantemente masculinos, o papel social da mulher se restringiu às funções no âmbito da casa. Em um universo de iletrados, ler e escrever eram práticas disseminadas entre homens de condição social mais elevada, em geral, utilizadas no âmbito profissional ou para gerir os negócios da família ou como exibição de sua autoridade ou poder. Contudo, algumas mulheres dos grupos sociais de posição elevada na hierarquia social tiveram acesso ao ensino, foram educadas para gerir a economia doméstica e instruir os filhos, é o caso da poetisa Luiza Amélia de Queiroz Brandão.

Embora se afastando do modelo de mulher da sua época, pela prática de fazer poesia e, acima de tudo, publicá-las, a poetisa não foi arrebatada pelos arroubos do feminismo rebelde do século XIX. Sua trajetória pessoal revela tranquilidade e os problemas comuns às mulheres de sua época e posição social, é o que se observa na crítica de Clodoaldo Freitas: “o que hei de dizer de uma senhora cuja vida serena deslizou no suave aconchego do lar, sempre feliz e descuidosa, apenas empanada pela tênue nuvem de uma saudade, velada pelo cendal da dor pela morte ou separação de entes queridos?”¹⁸¹ A poetisa escreveu e publicou poesia através dos jornais em circulação em Teresina, consolidando sua posição no universo das letras com a publicação do livro “Flores Incultas” (1875) e do poema “Georgina ou os efeitos do amor” (1893)¹⁸².

A rede de relações que se estabeleceu a partir das tipografias, ultrapassa os limites do individual, como se observa na movimentação dos homens de letras do período, no sentido de publicar um livro póstumo para homenagear o poeta José Coriolano de Sousa Lima, piauiense de nascimento, que viveu parte de sua vida fora do Piauí. Gravemente enfermo, retornou à província natal, onde faleceu. Em 1870, o desembargador José Manoel de Freitas liderou um grupo de homens de letras, que conseguiu subvenção da Assembléia Legislativa Provincial, para publicar o livro “Impressões e Gemidos” do referido poeta, que foi prefaciado pelo jornalista David Caldas¹⁸³.

¹⁸¹FREITAS, 1998, p. 105.

¹⁸²Sobre a obra da poetisa cf. seleta de autores parnaibanos de ADRIÃO NETO, 2001; MENDES, ALBUQUERQUE, ROCHA, 2009.

¹⁸³Revista Mensal de Literatura, Ciências e Artes, da Sociedade União Piauiense, Hemeroteca do APPI.

Entre os livros que circularam em Teresina, no período de 1852 a 1880, encontram-se “Flores da Noite” de Licurgo de Paiva, “Flores Incultas” de Luiza Amélia de Queiroz Brandão e “Impressões e Gemidos” de José Coriolano de Sousa Lima. Três livros de poesias, forma de manifestação literária predominante no ambiente literário piauiense em formação¹⁸⁴. No caso do Piauí, a poesia de temática sertaneja foi a mais popular, destacando-se entre seus cultores: José Coriolano de Sousa Lima, os poetas José Manoel de Freitas¹⁸⁵ e Teodoro Castelo Branco que publicou “Harpa do caçador” (1884). No entanto, Hermínio de Carvalho Castelo Branco (1851-1889), sobrinho de Teodoro Castelo Branco, é o mais expressivo de todos os poetas cultores desse viés poético. Seu livro “Ecos do Coração”, publicado em 1881, teve recepção singular, no norte do Brasil.

Sucederam-se pequenas edições da obra, em numero de oito, afora a primeira, que logo iam se esgotando. Foi a única obra de autor piauiense do século passado, e quiçá do presente, que alcançou tamanho sucesso.

A última edição lançada pelo autor foi a 7ª, em Fortaleza, no ano de 1887, quando mudou o título para Lira Sertaneja. A 8ª edição foi lançada no Rio, pelo livreiro Quaresma, em 1906; e a 9ª pela Livraria Universal de São Luis, em 1938.¹⁸⁶

Clodoaldo Freitas, em “Vultos Piauienses”, oferece elementos para se entender o que é a poesia de temática sertaneja, que ele, entre outros críticos da época, denomina de “poesia sertaneja”. No estudo sobre o poeta José Coriolano de Sousa Lima escreveu:

As melhores poesias de José Coriolano são aquelas em que descreve as cenas do sertão de sua terra natal [...] Nessas cenas da vida real do sertanejo, na descrição de seus usos e costumes, o poeta piauiense prima pela singeleza e naturalidade. É por elas que ocupará lugar saliente na nossa literatura pátria [...] quem ler os seus versos sertanejos experimentará suave impressão pela sua cor local, pela facilidade e sentimento com que estão escritos¹⁸⁷

O crítico João Cabral no estudo que elaborou na busca dos elementos de inspiração poética na literatura piauiense define a “poesia sertaneja” como “poesia original, espontânea, dos cantadores do sertão, caçadores, pescadores, barqueiros e embarcadiços, criadores de emboladas, loas, desafios, libelos, romances de amores e de vitupérios, de guerras e de cangaço.”¹⁸⁸

¹⁸⁴ Não podia ser diferente, na segunda metade do século XIX, parcela considerável da intelectualidade brasileira entendia como literatura apenas “as intituladas belas-letas”, que se restringia “quase exclusivamente à poesia” cf. COUTINHO, 2004, p. 2.

¹⁸⁵ Não há registro de que José Manoel de Freitas tenha publicado livros de poesia, contudo, em estudo biográfico realizado por Clodoaldo FREITAS (1998, p. 15-31) o foco é a poética do referido intelectual.

¹⁸⁶ PINHEIRO FILHO, 1988.

¹⁸⁷ FREITAS, 1998, p. 133-134.

¹⁸⁸ CABRAL, 1938, p. 170.

Em “Vultos Piauienses”, livro publicado nos primeiros anos do século XX, Clodoaldo Freitas afirma que, por essa época, a “poesia sertaneja” já havia passado, numa clara referência de que essa tendência literária predominara no século XIX: “a época da poesia sertaneja, de que o poeta [José Manoel de Freitas] foi um dos corifeus e fundadores, passou como tantas outras; devo, porem, consignar para honra nossa que tivemos três representantes notáveis: José Coriolano, Freitas e posteriormente Hermínio Castelo Branco.”

¹⁸⁹ Em síntese, observamos que, embora a natureza seja um elemento privilegiado pela poesia de temática sertaneja, a sua ênfase foi na descrição do viver rurícola, seus usos e costumes, como se observa nas obras “A Harpa do Caçador” e “Lira Sertaneja”.

Além da poesia de temática sertaneja, registra-se uma poesia de circunstância¹⁹⁰, elaborada para os saraus, festas cívicas ou manifestações políticas de rua, como algumas elaboradas por Licurgo de Paiva e David Caldas. Não menos importante, circulou no ambiente literário piauiense, uma poesia lírica, celebrando emoções e sentimentos íntimos, a exemplo da lírica de Luiza Amélia de Queirós e o próprio autor de “Flores da Noite”, Licurgo de Paiva¹⁹¹.

É necessário realçar algumas publicações que, distanciando-se das “belas letras”, isto é, da poesia, movimentaram o ambiente cultural piauiense: “Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí”, de José Martins Pereira de Alencastre, publicado pela Revista do IHGB, em 1857 e o “Relatório da viagem feita de Teresina até a cidade de Parnaíba, pelo rio do mesmo nome, inclusive todo o seu delta, por ordem do Exmo. sr. dr. Adelino de Luna Freire, presidente do Piauí”, no ano de 1867, elaborado por David Caldas e publicado em anexo a mensagem desse presidente da província à Assembléia Legislativa Provincial¹⁹².

O relatório de David Caldas faz parte do conjunto de ações para desenvolver a navegação fluvial na bacia do Parnaíba, com vistas ao progresso da província, retirando-a do

¹⁸⁹FREITAS, 1998, p. 29.

¹⁹⁰Poesia cuja temática trata de eventos diversos do cotidiano, cf. PARANHOS, 2002, p.11.

¹⁹¹Alguns críticos literários encontram dificuldades em incluir os poetas piauienses dessa geração no contexto literário romântico, como se vê na transcrição que segue. “Apesar da época em que viveram, no ambiente romântico brasileiro, os autores [da geração em análise], em rigor, não podem ser classificados como românticos. O romantismo, de resto, não deixa marca profunda na literatura piauiense [...] a poesia exprime a dor, o amor, a decepção, os maus presságios, que constituem temas fundamentais do romantismo. Mas a linguagem desses vates não tem os cacoetes da escola. Vê-se, por isso, que não se impregnaram do espírito do tempo. Só Licurgo José Henrique de Paiva [...] de formação recifense, em contacto pode se dizer íntimo com os poetas de então, [...] se faz marcar pelo romantismo.” BRANDÃO, 1981, p. 12-13. Na “Antologia de escritoras piauienses” de MENDES, ALBUQUERQUE, ROCHA (2009), a leitura da biografia de Luiza Amélia de Queiroz sugere enquadramento da obra da poetisa no Romantismo, posição defendida por outros críticos literários piauienses.

¹⁹²Há informações de que esse trabalho foi publicado no “Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão” de Cesar Marques.

isolamento e do atraso secular, como foi abordado no primeiro capítulo. O ápice da movimentação nesse sentido foi a vinda ao Piauí do engenheiro Gustavo Luís Guilherme Dodt, patrocinado pelo governo da província. Em 1868, durante vários meses, o engenheiro navegou o rio Parnaíba até suas nascentes, numa viagem pioneira. Em 1873, publicou circunstanciado relatório com o título “Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi”.

Nessa mesma época, teve grande repercussão o trabalho de pesquisa e editoração de Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco que, em 1879, publicou “Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres”. Como editor, também publicou o “Almanaque piauiense”. Esse editor, pesquisador e poeta foi professor de francês no Liceu Piauiense e proprietário do Colégio Nossa Senhora das Dores, uma das instituições do ensino particular mais importantes de Teresina no final do século XIX, responsável pela formação de parte da “mocidade” teresinense¹⁹³. Embora para muitos estudiosos esse tipo de publicação não pertençam à categoria do literário, refletem a visão de mundo que nos legaram esses primeiros estudiosos da sociedade piauiense, fica no pesquisador da história das letras piauienses a impressão de que esse conjunto bibliográfico ajudou a formar o ambiente literário, contribuindo para despertar do sentimento de grupo entre os escritores¹⁹⁴.

Entre 1852 e 1880, o livro era ainda uma raridade na sociedade piauiense, circulava em meios restritos, destacando-se a capital da província, local de concentração dos letrados. Entretanto, as tipografias locais já imprimiam livro¹⁹⁵ e havia pelo menos uma livraria em

¹⁹³É necessário registrar que é bem maior o volume de obras de piauienses publicadas entre 1852 e 1882. No entanto, optou-se por um conjunto menor que permitisse tranquilidade quanto à sua circulação pela província e, em especial, por Teresina. A título de ilustração, data desse período “A Criação Universal” (1856) e “O Ímpio Confundido” (1873) de Leonardo Castelo Branco; “Primeiras estrofes” (1875) “Mártires da vitória” (1880) e “Emancipação” (1881) de Joaquim Ribeiro Gonçalves e “O Micrógrafo” (1882) de César do Rego Monteiro com Anísio de Abreu. No campo da ficção, os contos de Francisco Gil Castelo Branco datam desse período, mas não se encontraram indícios de que foram recepcionadas no Piauí nesse mesmo período. É interessante registrar mais de oito dezenas de estudos assinados por piauienses circulando em outras províncias do Império, alguns de Costa Alvarenga e Marcos Antônio de Macedo publicados na Europa, outros de Frederico L. C. Burlamaqui, Fernando Pires Ferreira e Joaquim Sampaio Castelo Branco. Sobre a atividade de Miguel Castelo Branco cf. MONSENHOR CHAVES, 1998, p. 466-468.

¹⁹⁴O objetivo é mostrar as obras em circulação em cada período, em especial, aquelas que possam evidenciar o Piauí como território e a população como sociedade produtora de uma cultura específica. Em sua “História concisa da literatura brasileira” Alfredo BOSI (2006, p. 83-87) analisando a literatura brasileira, produzida na passagem do século XVIII para o XIX, trabalha com a idéia de “gêneros públicos” para designar o conjunto de textos “extraliterários”: sermões, artigos, discursos, ensaio jornalístico e ensaio-político social, obra dos publicistas, escritores que escreveram sobre assuntos diversos. Contudo, para Bosi, esse conjunto bibliográfico, colado a práxis, não influenciou no despertar da consciência literária brasileira. A idéia de “gêneros públicos” contribuiu para se entender o conjunto de publicação extraliterárias no contexto social piauiense, muito embora, verifica-se que, no caso do Piauí, esse mesmo conjunto teve enorme importância tanto na formação do ambiente literário, como no despertar da consciência de pertencimento a um grupo de escritores. A publicação de obras que podemos incluir em “gêneros públicos”, garantiu a alguns piauienses um lugar na Academia Piauiense de Letras.

¹⁹⁵“O Semanário”, out. 1877, APPI.

Teresina, a Livraria Econômica, localizada na Rua Paissandu, n. 47¹⁹⁶. Diferentes reclames comerciais indicam que os livros eram comercializados em bazares, em meio aos mais variados produtos.

Na primeira metade do século XIX, um contexto de dificuldades, apresentado no primeiro capítulo, impediu a formação de um ambiente literário no Piauí. No terceiro quarto desse mesmo século, a concentração de homens de letras em Teresina; o surgimento de uma imprensa regular, noticiosa e de debates e o surgimento de associações de caráter científico e literário formaram um conjunto de elementos para a superação daquele contexto de dificuldades, possibilitando o surgimento do ambiente literário.

A poesia, mais do que qualquer outra forma de manifestação literária, triunfava entre os piauienses letrados, sem embargar o surgimento e consolidação de uma literatura pragmática, orgulho de seus autores, cujo foco de estudo era o Piauí. Por isso mesmo, esta literatura deve ser mencionada ao lado das “belas-letras” como elemento que movimentou e incentivou o ambiente literário piauiense em formação. É necessário realçar a importância que os escritores piauienses, no passado e no presente, atribuem a esse conjunto de obras extraliterárias. Quando da criação da Academia Piauiense de Letras, alguns foram eleitos como patronos apenas pela autoria de obras pragmáticas, muito embora quase todos tenham incursionado pelo universo da poesia.

Como se observa, foi a partir de Teresina, como centro da vida urbana da Província, que se iniciou o processo de formação de um ambiente literário piauiense. A atividade na imprensa periódica possibilitou a agregação dos homens de letras e conseqüentemente o desenvolvimento de uma rede de sociabilidades. Contudo, a difusão do livro e da leitura entre elementos de outros grupos sociais, a afirmação da intelectualidade¹⁹⁷ através da institucionalização da literatura, seria tarefa das próximas gerações.

2.3. Vitória da cultura letrada e a institucionalização da literatura

Vários acontecimentos indicam que uma nova geração de homens dedicados às letras estava surgindo no ambiente literário piauiense: a morte de David Caldas, em 1878, indicava que a geração em atuação entre 1852 e 1880 estava desaparecendo de cena; a publicação do

¹⁹⁶MONSENHOR CHAVES, 1998, p. 467.

¹⁹⁷Higino Cunha denomina a si e aos companheiros de sua geração de intelectuais, cf. CUNHA, 1939; através das páginas da revista “Litericultura”, a expressão intelectual é muito utilizada para designar os produtores de literatura do período.

livro de poesias “Três Liras” (1882), de Joaquim Ribeiro Gonçalves, Antônio Rubim e Anísio Auto de Abreu, indicava a articulação entre novos e velhos escritores que deixava o cenário cultural, tornando possível a continuidade da atividade literária; as reedições de “Ecos do Coração” de Hermínio Castelo Branco e sua recepção em outras províncias do norte do Império infundiram positivamente no ânimo dos intelectuais possibilitando a sensação de co-participação de uma rede de escritores que extrapolava as fronteiras do Piauí, ao mesmo tempo em que, no interior da província, possibilitava a sensação de formar uma rede de escritores locais, cuja prática da escrita diferenciava-os do restante da sociedade. Esse sentimento dos escritores tinha sua correspondência na demonstração de aprovação e louvor que a população piauiense dispensava à atividade literária por eles desenvolvida.

O fluxo de piauienses iniciado em meados do século XIX, que após a conclusão do curso superior retornaram ao Piauí, intensificou-se na década de 1880. Uma leva de destacados bacharéis fixou residência em Teresina, trata-se do mesmo grupo correspondente à primeira geração do “high-life” teresinense. Pela intensa atividade cultural entre 1880 e 1922, ressaltam-se os nomes de Clodoaldo Freitas e de seus filhos Lucídio Freitas (1894-1921) e Alcides Freitas (1890-1913), Higinio Cunha e dos filhos Edson e Leopoldo Cunha (1891-1973), Anísio de Abreu, Elias Martins, Odílio Costa, Felon Castelo Branco, Abdias Neves, Eudócio Neves, João Pinheiro, Benjamin Batista, Simplício Mendes, Matias Olímpio, Eurípedes de Aguiar, Anísio de Brito, Arimatéa Tito, Pedro Borges, Cristino Castelo Branco, Luís Mendes Ribeiro Gonçalves¹⁹⁸.

Um grupo de intelectuais residentes em Teresina, sobre o qual não se encontrou informação de que seus integrantes tenham concluído o ensino superior, estabeleceu uma teia de relações com os bacharéis acima indicados, a exemplo de Zito Batista, Jônatas Batista, Celso Pinheiro, Pedro Brito, Hermínio Castelo Branco, Teodoro Castelo Branco e Antonio Diniz Chaves (1883-1938). Portadores ou não de diploma do ensino superior, estes indivíduos integravam a geração de homens de letras, em atividade entre 1880 e 1922, que desencadeou um processo de modificação de hábitos e costumes rurícolas como se viu no capítulo anterior, dando contornos ao ambiente literário através da institucionalização da literatura. Portadores

¹⁹⁸A maioria dos relacionados foi citada no primeiro capítulo com data de nascimento e morte, quase todos integram a primeira geração do “high-life” teresinense. Lucídio e Alcides Freitas e Edson Cunha aparecem aqui e não foram citados no primeiro capítulo, como integrantes do “high-life”, porque na composição da elite se considerou o grupo familiar (pai, mãe, filhos), no caso, foi citado o pai, Clodoaldo Freitas e Higinio Cunha, respectivamente. Quanto à complexidade da afirmação “fixaram residência em Teresina”, alguns residiram temporariamente na cidade, o poeta Lucídio Freitas, com uma carreira profissional construída em Manaus, não se desligava intelectualmente de Teresina, passando temporada na casa do pai; outros fixaram domicílio em Teresina e, depois, mudaram para outros locais, mantendo relações com o ambiente literário piauiense.

ou não de diplomas de curso superior, com raríssimas exceções, quase todos pertenceram ao quadro de empregados públicos, cujo salário era a principal fonte de renda para sobrevivência da família de cada um desses intelectuais. Vale ressaltar que, nessa época, o emprego público conferia dignidade e proximidade com o poder.

Participou dessa teia de sociabilidades um grupo de piauienses residentes em outras províncias do Império, cuja produção literária integrava o esforço de constituição de uma literatura piauiense, entre outros, destacam-se: os irmãos Freitas, João Alfredo e Amélia Beviláqua, Leopoldo Damasceno Ferreira (1857-1906), Gregório Taumaturgo de Azevedo (1853-1921), Joaquim Sampaio Castelo Branco (1860-1892), Leônidas Benício Mariz e Sá (1867-1902), Taumaturgo Sotero Vaz (1869-1921), João Crisóstomo da Rocha Cabral (1870-1946), José Fêlix Alves Pacheco (1879-1935), Antônio Francisco da Costa e Silva (1885-1950) e Francisco Alves do Nascimento Filho (? -1894).

Com domicílios em outros municípios do Piauí, vários letrados se integravam ao ambiente literário da Capital, a exemplo de Joaquim Nogueira Paranaguá (1855-1926), Isaías Rodrigues Coelho (1890-1960) e Benedito Nogueira Tapety (1890-1918)¹⁹⁹. No período em apreciação, na região do atual município de Altos, o poeta José Fernandes de Carvalho (1871-1945) o Zé da Prata ou Zé Caboclo encantava a população piauiense com sua poesia de temática sertaneja, que continuava na preferência dos piauienses.

Merece referência à parte o município de Parnaíba. Como se evidenciou anteriormente, na passagem do século XVIII para o XIX, aí se formou um grupo de homens dedicados às letras que participou efetivamente do movimento de independência²⁰⁰. Com o desaparecimento natural dessa geração de parnaibanos, observa-se o declínio das atividades culturais no município, reativadas nas últimas décadas do século XIX. Entre os intelectuais desse período estão Jonas de Moraes Correia (1874-1915), Jonas Fontenele da Silva (1880-1947), Armando Madeira Brandão (1881-1973), Luiz de Moraes Correia (1881-1934), Alarico José da Cunha (1883-1965), José Euclides de Miranda (1885-1961), José Pires de Lima Rebelo (1885-940), Benedito Benu da Cunha (1885-1933), Mirócles Campos Veras (1890-1978), Monsenhor Roberto Lopes Ribeiro (1891-1980), Benedito dos Santos Lima, o Bembem (1893-1958), Antônio Otávio de Melo (1894-1968), Luís Torres Raposo (1898-1930) e a poetisa Francisca Montenegro²⁰¹.

¹⁹⁹ Com exceção de Baurélio Mangabeira, os demais possuíam diploma de curso superior.

²⁰⁰ A ideia de “intelectuais parnaibanos”, não passa pela naturalidade, mas, pela atividade cultural desenvolvida em Parnaíba.

²⁰¹ Sobre a poetisa cf. MENDES, ALBUQUERQUE, ROCHA, 2009; AIRES, 1972.

Os intelectuais parnaibanos desse período estiveram em diálogo permanente com os de Teresina, de forma que, no momento da criação da Academia Piauiense de Letras, integrantes desse grupo foram eleitos patronos ou sócios fundadores desse sodalício. Oriundos do município de maior movimentação cultural depois da Capital e de atividade comercial mais importante do Piauí, os escritores desse grupo produziram obras de caráter pragmático, abordando as potencialidades econômicas de Parnaíba²⁰². Entretanto, Calíope mantinha seu manto estendido sobre o grupo, o poeta Jonas Silva é o mais elogiado entre os poetas piauienses do seu tempo. Outro indício de relação estreita entre os integrantes do grupo e os intelectuais teresinenses é possível ver na reciprocidade de colaboração através dos periódicos publicados nos dois municípios, ao longo da primeira metade do século XX.

A maioria dos intelectuais piauienses em atividade entre 1880 e 1922 estudou direito na faculdade do Recife, o que possibilitou contato com o conjunto de “ideias novas” que perpassaram o meio acadêmico do norte do Brasil.

Essas “ideias novas” eram tributárias de um pensamento que, ancorado na confiança na razão, ciência e progresso europeus, condenava a religião, a metafísica e o clericalismo. Baseada na valorização do método científico, essa geração iria difundir e defender novas correntes de pensamento como o positivismo de Comte, o biologismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer e o determinismo de Taine. O “bando de idéias novas” tornou-se referencial importante para se pensar o Brasil e seus graves problemas. [...] Um dos maiores impasses enfrentados pela “Geração de 1870” foi o de tentar conciliar os pressupostos teóricos europeus, marcados pelo racismo e pela avaliação negativa das possibilidades da civilização em países periféricos, com uma realidade tropical e uma sociedade miscigenada, muito diversa em termos sociais e étnicos. Os desafios dessa geração não foram pequenos. Envolveram o encaminhamento da abolição da escravidão, a reorganização do mercado disciplinado de trabalho, a diversificação social, principalmente nas cidades, e o estabelecimento de uma nova ordem política e social para a nação que se pretendia fundar²⁰³.

Apesar do conjunto de “ideias novas” se relacionar à década de 1870, no Piauí, sua influência se faz notar até os anos de 1940 e serviu para reforçando o “status” social do grupo de intelectuais. Originários das elites rurais entendiam como sua missão o progresso da província e a civilidade dos hábitos e costumes. Animava a todos a fé na juventude como representantes do porvir e na ciência como forma de atingir o “progresso social”. A educação formal era a melhor forma de treinamento da juventude e a imprensa, o veículo de propagação

²⁰² Não se quer afirmar que outros intelectuais, fora do grupo, não tenham preocupação com questões econômicas e sociais, é possível ilustrar com a trajetória de estudo e atividades do engenheiro industrial Antônio José de Sampaio, cf. BASTOS, 1994, p. 500.

²⁰³ VAINFAS, 2002, p. 309-310. Em suas memórias, Higinio Cunha confirmaria que entrou em contato com todas essas ideias e que, entre outros autores, leu Spencer e Taine.

de ideias e conhecimentos úteis²⁰⁴. A religião, o Império e, depois a República, a família e a propriedade eram valores intocáveis, que todos tinham por obrigação defender.

A educação de João Alfredo de Freitas, um dos mais lídimos representantes dessa geração de intelectuais, demonstra como essas ideias repercutiram na vida de cada indivíduo. Sua formação intelectual ocorreu no momento em que o darwinismo, o naturalismo e o cientificismo faziam adeptos na faculdade de Direito do Recife, onde ele estudou. Após o bacharelado, esteve a serviço do Império no Piauí, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Apaixonado pelas ciências da natureza declarou-se adepto do Deísmo e dedicou-se ao estudo de entomologia. Estudou igualmente a sociedade, pesquisando sobre lendas e superstições do norte do Brasil, contemplando lendas piauienses. João Alfredo também escreveu ficção, com o poeta José Coriolano de Sousa Lima forma a dupla de contista da sua época, reconhecida pelos instituidores da Literatura Piauiense, muito embora, no Piauí, esse gênero literário só tenha penetração no ambiente literário a partir da primeira metade da centúria seguinte²⁰⁵.

Como João Alfredo, quase todos os intelectuais desse período estiveram a serviço do Império, senão em diferentes províncias, mas em outros municípios do Piauí, como juízes e promotores públicos. Paralelo à atividade na magistratura, muitos atuaram no magistério. Em Teresina, foram professores no Liceu Piauiense e na Escola Normal e, a partir da década de 1930, na Faculdade de Direito do Piauí²⁰⁶. Como professores, é clara a intenção em se especializar em determinada área do conhecimento, por exemplo, Anísio Brito, apesar da formação na área da saúde, dedicou-se ao estudo de história e o poeta autodidata, Celso Pinheiro, à literatura, ambos tornaram-se professores respeitados e autoridades nas áreas de estudos citadas.

Passamos a observar a atuação dessa geração de intelectuais na imprensa periódica. Entre 1880 e 1922, a imprensa passou por transformações significativas, marcadamente no que diz respeito à modernização técnica e concentração das atividades em pequenas

²⁰⁴“A propagação das ideias e conhecimentos úteis é uma empresa generosa e profícua à sociedade. A boa vontade, união e confiança constituem a mais poderosa alavanca do progresso social” Cf. PINHEIRO FILHO, 1972, p.80, essa legenda encimava o jornal “O Propagador” (1858-1860), de forma lapidar, resume o pensamento das gerações de piauienses entre 1852 a 1922, sobre a importância do conhecimento como fator de progresso social.

²⁰⁵Dados sobre João Alfredo cf. FREITAS, 1998, p. 55-67. Em relação ao conto no Piauí cf. BRANDÃO, 1981. É necessário destacar o silêncio dos instituidores da Literatura Piauiense em relação a Francisco Gil Castelo Branco, e a intenção de não incluí-lo na tradição literária piauiense. Entre 1852 e 1917, não há indícios de recepção a sua obra no Piauí, muito embora “Ataliba o vaqueiro” lhe tenha granjeado notoriedade por todo o norte do Brasil. É estranho que nem mesmo os membros da família Castelo Branco eleitos para a APL lembraram-se de homenageá-lo com um patronato. No Piauí, a recepção a sua obra data da segunda metade do século XX e está ligada à atividade docente universitária e de ensino médio.

²⁰⁶Em relação às gerações analisadas, quase todos os integrantes dedicaram-se ao magistério, é considerável o número daqueles que foram proprietários de colégio, a exemplo de Gabriel Ferreira e Abdias Neves. A propaganda veiculada pela imprensa periódica é o melhor meio de visualizar esses colégios.

empresas²⁰⁷. Na última década do século XIX o setor tipográfico teresinense recebia os primeiros maquinários modernos. Mariano Gil Castelo Branco adquiriu impressoras do “tipo minerva com tintagem por cilindros, movidas a vapor, capaz de imprimir 2.000 mil cópias por hora”, que substituíram antigos prelos manuais²⁰⁸.

É perceptível que, a partir desse período, formaram-se consórcios de pessoas que passaram a investir capital no setor gráfico, com vistas à obtenção de lucros, realizando não só a impressão de jornais mas também outros serviços gráficos além de realizar o comércio de papelaria. Entre 1852 e 1880 as tipografias aparecem como propriedade de um único indivíduo, a exemplo da tipografia de David Caldas e, em geral, eram adquiridas com objetivo de imprimir um jornal, muitas vezes para defesa de interesses próprios.

“A Época”, “Semanário”, “O Telefone”, “A Imprensa”, “A Reforma”, “A Falange”, “O Piauí”, “República” e “A Notícia”, estão no rol dos jornais que possuíam tipografia própria e aceitavam a contratação de serviços gráficos, inclusive a impressão de outros jornais. Na tipografia “d’O Piauí”, em 1891, foi impresso o jornal literário “Ziguezague”; nessa mesma tipografia, ainda em funcionamento em 1902, foram impressos alguns números da revista “A Pena” órgão da Oficina Literária José Coriolano de Sousa Lima, que também se utilizou dos serviços da tipografia da “República”, na impressão de outros números da revista²⁰⁹. As tipografias estavam desaparecendo e surgindo pequenos empreendimentos gráficos e de papelaria²¹⁰.

Logo nos primeiros anos do século XX, foram instaladas em Teresina, as gráficas Libro-Papelaria Veras e a Tipografia Paz. A primeira empresa, propriedade de J. Campos Veras possuíam oficinas “perfeitamente montadas”, com aparelhos moderníssimos para impressão em similigravura, fototopia e zincografia, planas e em relevo, preto e em cores. Possuía ainda um setor de encadernação e fabricação de pastas de couro e outro de pautação de livros. Um dos maiores empreendimentos comerciais da capital, no setor de papel, ainda comercializava material escolar e de escritório²¹¹.

O Governo do Estado voltou a investir no setor gráfico, criando a imprensa oficial. Em Oeiras, entre 1837 e 1849, a província possuiu tipografia própria, que foi extinta nesse último ano. A partir dessa data, por mais de seis décadas, o governo contratou serviços

²⁰⁷ LUCA (2005, p. 136-139) percebeu fenômeno semelhante no Rio de Janeiro. Contudo, é necessário considerar a abrangência e resultados de tal fenômeno no contexto social piauiense para o contexto social fluminense.

²⁰⁸ BASTOS, 1994, p.289 e 564-565.

²⁰⁹ PINHEIRO FILHO, 1972, p.88; BASTOS, 1994, p. 283.

²¹⁰ Assim se denominavam os novos estabelecimentos tipográficos, com se vê nos reclames comerciais veiculados na imprensa.

²¹¹ Revista “Alvorada”, set. 1909, APPI.

gráficos, até que em 1910, foi criada a imprensa oficial. Os intelectuais da época monopolizaram o órgão como se pode ver na composição de sua primeira diretoria: Clodoaldo Freitas, presidente; Higino Cunha, vice-presidente; Mário Batista e Matias Olímpio, respectivamente, 1º e 2º secretários e Antônio Chaves, tesoureiro, Matias Olímpio acumulava, a função de orador. Um diretor e um redator se encarregavam diretamente da redação e publicação do Diário Oficial, respectivamente, Simplício Mendes e Anísio Brito.

Extinta em 1915, a imprensa oficial foi recriada na década de 1930 e se encontra em funcionamento até hoje. No trecho abaixo, ficaram registradas as condições do maquinário do órgão na década da reinstalação.

Seu equipamento principal compunha-se de prelo “Nuremberg”, alemão, e máquina de pautação “Liniiraschinen”, inaugurada em 11-8-1932. Sua “Rotoplan Duplex”, adquirida em 1939, tinha capacidade para imprimir 6 000 mil unidades por hora, usando papel de 176 cm para 16 páginas do “Diário Oficial” ou 88 cm para 8 páginas. Posteriormente, transformou-se em Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Voltou a chamar-se Imprensa Oficial e no 1º governo de Alberto Tavares e Silva deu origem à COMEPI – Cia. Editora do Piauí.²¹²

Paralelo ao esse processo de modernização técnica do setor gráfico de Teresina encontrou-se indícios de que foram instaladas tipografias em vários municípios piauienses, presume-se que tenham adquirido o antigo maquinário em funcionamento na Capital. Campo Maior, Picos, Piripiri, União, Amarração, Jerumenha, Piracuruca, Livramento, Miguel Alves, Pedro II, Amarante, São Raimundo Nonato, Floriano, São João do Piauí, encontram-se no rol dos municípios com tipografias instaladas. Os periódicos da capital saudavam com entusiasmo cada lançamento de jornal nesses municípios. Em Parnaíba, nesse mesmo período, circularam vinte e oito periódicos. No conjunto, destaca-se “O Nortista”, em circulação entre 1901 e 1912, direção de Francisco de Moraes Correia e, entre seus colaboradores, Lima Rebelo, Armando Madeira, Antonino Freire e Lucídio Freitas, os dois últimos, renomados intelectuais da Capital.

Em Teresina, entre 1880 e 1922, observa-se que vários noticiosos divulgaram a literatura produzida pelos intelectuais locais: crônicas, contos, poesia e até romances. Entretanto, nenhum outro gênero literário mereceu mais atenção da imprensa do que a poesia. Até a década de 1940, é notável o volume de poesias veiculadas pelos jornais. “O Telefone”, jornal semanal, que circulou entre 1883 e 1889, publicou o poeta Hermínio Castelo Branco e a poetisa Luisa Amélia²¹³. “O Norte”, em circulação entre 1899 e 1914, divulgou não só poetas

²¹²BASTOS, 1994, p.307.

²¹³PINHEIRO FILHO, 1972, p.84.

da capital, mas também de outros municípios²¹⁴. Entretanto, nenhum jornal foi tão elogiado como o “Diário do Piauí”, pelo largo espaço reservado aos literatos piauienses. Um contemporâneo, através de artigo na revista “Cidade de Luz” comentava:

[O Diário Oficial] despiu a feição austera de órgão oficial, exclusivamente ao serviço de divulgação de decretos e ofícios e vestiu-se, quase todo, da forma leve, atraente do jornal literário, em cujas colunas se foram, aos poucos, apresentando nomes ainda desconhecidos, que, porem ocultavam individualidades de bem regular cultura mental [...] Foi o palco amplo e seguro onde as permutas de ideias se começaram a fazer, bruxuleando as luzes de rígidas inteligências.²¹⁵

Entre os poetas divulgados pelo Diário, destacam-se: Baurélio Mangabeira, Nogueira Tapeti, Fenelon Castelo Branco e os irmãos Alcides e Lucídio Freitas e Jônatas e Zito Batista²¹⁶. Dessa forma, é compreensível o interesse dos intelectuais em administrar a imprensa oficial, na ausência de veículos de divulgação utilizaram o “Diário Oficial” para divulgar a literatura por eles produzida. Muito embora, os intelectuais se sentissem pouco à vontade em utilizar jornais não especializados em literatura como veículo de divulgação da produção literária.

É por essa época, entre 1880 e 1922, que circularam com regularidade destacados jornais e as revistas de caráter literário²¹⁷. Alguns periódicos se designavam como “literário, político e científico” ou “literário, político e noticioso” ou “literário e noticioso” ou apenas “literário”. No quadro que segue é possível observar alguns jornais e revistas que circularam no período.

²¹⁴BASTOS, 1994, p. 282; PINHEIRO FILHO, 1972, p.89.

²¹⁵Revista “Cidade de Luz”, APPI.

²¹⁶CELSO PINHEIRO, 1972, p.92.

²¹⁷Consultando o acervo da Hemeroteca do APPI, algumas revistas apresentam formato semelhante ao de jornal, outras se aproximam mais do formato das revistas atuais.

Quadro 02 - Periódicos piauienses em circulação entre 1880 e 1922

1880-1890	Jornais: O Filomela, Sensitiva, O Rouxinol, O Crepúsculo, O Cricri, O Prometeu, O Porvir, A Idéia, Sempre-Viva, O Colibri, O Melro, O Rebate, O Gladiador, O Mundo Novo, O Fonógrafo, O Escalpelo, A Reforma, A Mocidade, A Revolução; A Flor, A Mocidade Piauiense, A União, A Luta; A Borboleta; Cidade Verde. Revista: Revista Mensal da Sociedade União Piauiense.
1890-1900	Jornais: Ziguezague, A Garça, Zéfiro; O Sabiá, A Primavera; Revista: Revista Piauiense.
1900-1910	Jornais: A Semana, O Correio, O Livro, O Dever, Aurora, A Palavra, Andorinha, O Operário, Ideal, A Idéia, Liberdade, O Amigo do Povo, O Lírio, O Aspirante, Esperança, Arrebol, O Mensageiro, O Cricri, Borboleta. Revistas: A Pena, Alvorada.
1910-1922	Jornais: Cidade Verde, O Lince, O Lábaro, O Porvir, A Idéia, Gente Nova; Revistas: Cidade de Luz, Letra, O Lépidio, Via Lucis, Kosmos, Litericultura, Revista da Academia Piauiense de Letras.

Fonte: Hemeroteca do APPI; PINHEIRO FILHO, 1972.

As revistas são a grande novidade no ambiente literário de Teresina, algumas indicadas no quadro acima estão disponíveis na hemeroteca do APPI e serão aqui analisadas. Do século XIX restou apenas a “Revista Mensal” da Sociedade União Piauiense²¹⁸. Na impossibilidade de precisar com exatidão o período de circulação do periódico, observa-se que os números consultados foram publicados entre 1887 e 1892. Em um dos editoriais ficou explicitado que pretendia publicar “todos os assuntos concernentes ao Estado do Piauí. Literatura, história, geografia, lingüística, antropologia, e todos os demais ramos do conhecimento humano”²¹⁹.

Em conformidade com os interesses especificados no programa da revista, encontram-se artigos abordando temáticas diversas como filosofia, arte, ciências da natureza, literatura e história. Entre os artigos sobre literatura, encontrou-se um estudo, assinado por Mello Rezende, analisando a obra do poeta José Coriolano de Sousa Lima. No campo da história destaca-se artigo sobre a participação do Piauí na Confederação do Equador, assinado pelo pernambucano Francisco Augusto Pereira da Costa, além de estudo sobre folclore piauiense, assinado por Leônidas e Sá. Este juntamente com Nascimento Filho aparece como as figuras centrais da “Revista Mensal”. Colaboraram em diferentes números da revista: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Antônio Costa e Rezende & Cabral.

Aparentemente, é um periódico sintonizado com o movimento literário, artístico e científico que marcou a passagem do século XIX para o XX. Em uma das edições,

²¹⁸A observação privilegiou as revistas da Hemeroteca, APPI. Dois fatores motivaram a escolha: a falta de estudos sobre o acervo e as condições dos jornais desse período, que não permitem manuseio.

²¹⁹“Revista Mensal”, APPI.

Nascimento Filho explica que o periódico deseja contribuir com a “revolução que se inicia”. Ele sintetiza em forma de poesia esse interesse.

Nós somos os romeiros do bem e do progresso
 Queremos igualdade nas classes sociais
 Lutamos pela luz que jorra da ciência
 E temos muito ódio das púrpuras reais
 (...)
 Marchamos em procura de todas as reformas
 Que sejam necessárias e úteis a nação...

Como se observa o trecho da poesia se propõe incutir um complexo de idéias que se aproximam dos ideais da Ilustração²²⁰ que, na segunda metade do século XIX, apesar do contato com correntes de pensamento como o cientificismo e o evolucionismo darwinista, ainda influenciavam a intelectualidade piauiense. O poeta se refira ao conjunto de transformações necessárias a sociedade brasileira como “reformas úteis à nação”, mas em outra edição da revista, texto em prosa, Nascimento Filho se refere ao conjunto de transformações como “revolução”. Contudo, para essa geração de intelectuais, a “revolução” não ia além das reformas eleitorais defendidas na época, nem da abolição da escravidão e da substituição do governo monárquico, por vias pacíficas. Demonstrando o conservadorismo característico das elites locais.

Em relação às revistas em circulação nas primeiras décadas do século XX, foram localizadas: “Borboleta”, “Andorinha”, “Cidade Verde”, “Alvorada”, “A Letra”, “Litericultura”, “Cidade de Luz” e “Revista da Academia Piauiense de Letras”²²¹. Várias revistas circularam como órgão de divulgação de associações, a exemplo de “Andorinha”, revista do Clube Literário 12 de Outubro, que esteve em atividade entre 1904 e 1906. Chama a atenção o número de mulheres no quadro de sócios efetivos. Ficaram registrados os nomes de: Durcila Cunha, Maria Amélia de Sousa Duarte, Maria Alice da Cunha, Maria da Ressurreição Leal e Elisa Couto do Nascimento. Entre os associados do sexo masculino: Esmaragdo de Freitas e Sousa, Pedro Adalberto da Cunha, Raimundo Cunha, Pedro de Moraes Fonteneles, Joaquim Sobreira Nunes, Francisco de Moraes Fontenele, Adalberto da

²²⁰É interessante a concepção de Antonio CANDIDO (1997, p. 41) sobre Ilustração, “conjunto das tendências ideológicas próprias do século XVIII, de fonte inglesa e francesa na maior parte: [...] divulgação apaixonada do saber, crença na melhoria da sociedade por seu intermédio, confiança na ação governamental para promover a civilização e o bem-estar coletivo. Sob o aspecto filosófico, fundem-se nela racionalismo e empirismo; nas letras, pendor didático e ético, visando empenhá-las na propagação das Luzes.”

²²¹Na hemeroteca do APPI, restaram de dois a três números de cada título. No caso de “Andorinha” e “Borboleta” que têm feição de jornal, os números estão em uma mesma encadernação. Já as revistas “Alvorada” e “Litericultura”, em maior quantidade de exemplares, os números estão avulsos, em caixa arquivo.

Silva Portelada, Raimundo Fernandes e Silva, Benedito Cunha, Álvaro Sisifo Correia e Joaquim de Lemos.

A revista “A Letra” pertencia ao Grêmio Literário “Euclides da Cunha”, fundado em 16 de abril de 1911. Apesar de alguns pesquisadores²²² afirmarem que pertencia aos alunos do Liceu Piauiense, observa-se, através do estatuto, que se tratava de grêmio independente, organizado por jovens interessados em literatura. Entre seus objetivos se destaca o estudo da língua portuguesa e a formação de oradores: “procuramos obter a prática de tribuna literária”, é o que ficou registrado no estatuto do grêmio. Nesse sentido, as reuniões ordinárias eram pedagógicas, o presidente indicava três associados para ocupar a tribuna e discorrer sobre qualquer aspecto do fazer literário ou da história piauiense.

O quadro de associados estava dividido em três categorias: sócios fundadores, referentes aos doze indivíduos que fundaram o grêmio; sócios contribuintes, que no ato de admissão estavam sujeitos ao pagamento de quantia estipulada estatutariamente, além da mensalidade; sócios beneméritos, que além da taxa de ingresso e da mensalidade, estavam sujeitos à doação de certa quantia em dinheiro. Apesar do jornal “Cidade de Teresina”²²³ divulgar que entre seus diretores estava Higino Cunha, Abdias Neves e Valdivino Tito, nenhum desses intelectuais fez parte nem da primeira nem da segunda diretoria, segundo dados da própria revista.

O estatuto é enfático na afirmação de que a agremiação era composta de jovens que “se iniciavam na carreira literária”. Entre os “moços” associados foram identificados: José Messias Cavalcante (1893-1941) e Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves (1895-1984) que, posteriormente, brilharam no cenário cultural piauiense.

As revistas “Alvorada” e “Litericultura” também oferecem dados para elaboração de uma história. Ambas apareceram no cenário literário como periódicos independentes. “Alvorada”, revista quinzenal, lançada em julho de 1909, no editorial do primeiro número, criticava o acanhado ambiente literário piauiense: “não temos um clube literário, não temos um jornal diário, não temos uma biblioteca pública; não temos nada, finalmente, que facilite a nossa educação artística, desenvolvendo nosso gosto pelas letras”. Criticava ainda os jornais noticiosos pelo exíguo espaço dispensado à literatura. Para preencher essa lacuna, se propunha a publicar artigos de literatura, ciência, moda, entre outras temáticas. Nas páginas

²²² PINHEIRO FILHO, 1972, p. 92; BASTOS, 1994, p.286.

²²³ Jornal “Cidade de Teresina”, nov., 1911, APPI.

das edições consultadas, invariavelmente, foi publicado poesia, conto, crônica e, também, noticiário²²⁴.

Um grupo de mulheres fazia parte da redação da revista “Alvorada”: Maria Amélia Rubim, Maria da Ressurreição Leal e Maria Saraiva de Lemos que, possivelmente respondiam pela “Secção Elegante”, especializada em dicas de moda e comportamento social, além de divulgar os acontecimentos do “high-life”. Interessante destacar a antipatia dos homens de letras do Piauí em relação à misoginia. Embora, individualmente, alguns possam considerar inferior a produção literária das mulheres, no geral, sempre incentivaram e louvaram aquelas dedicadas as letras²²⁵.

É possível perceber como algumas mulheres através da imprensa periódica deram contribuição valiosa para o desenvolvimento do ambiente literário, através da imprensa especializada para o público feminino. Já no século XIX surgiram os primeiros periódicos desse tipo, a exemplo de “A Borboleta”. Exclusivamente literário, o lançamento desse periódico ocorreu em setembro de 1888, não se sabe até quando circulou. Pesquisadores da história da imprensa²²⁶ afirmam que entre 1904 e 1907 estava na sua segunda fase. Durante o primeiro ano, circulou manuscrito e, depois, impresso. Entre suas redatoras, Helena Burlamaqui, Alaíde Burlamaqui e Maria Amélia Rubim²²⁷.

Em Teresina, nos primeiros anos do século XX, circulou um jornal “Amigo do Povo” órgão do Grêmio Literário David Caldas²²⁸, assim como a revista “Via Lucis”, órgão do Grêmio Literário Abdias Neves²²⁹. Os dois periódicos foram dirigidos por moças dedicadas às letras. Através dos dois periódicos, publicaram poesias Maria Clara Cunha²³⁰, Rosélia Sandoval²³¹ e Maria Naydine²³², entre outras. As mulheres aparecem ainda, discursando em manifestações cívicas, festas escolares ou associações de representação literária, nas quais sempre tiveram participação ativa. As mulheres merecem destaque ainda por constituírem parcela considerável do público leitor ou da assistência, no caso das famosas conferências literárias tão comuns ao ambiente literário teresinense.

²²⁴“Alvorada”, números relativos a 1909 e 1910. APPI.

²²⁵Cf. crítica de Clodoaldo FREITAS (1998) sobre a obra de Luisa Amélia de Queirós Brandão.

²²⁶BASTOS, 1994, p.284.

²²⁷“Borboleta”, números relativos a 1905 e 1906, APPI.

²²⁸“Andorinha”, número de 1904.

²²⁹“Diário do Piauí”, nov. 1912. Nossa posição é contrária a de Celso PINHEIRO FILHO (1972, p. 93), para ele, Omar Campelo e Ademar Carvalho dirigiam a revista.

²³⁰NASCIMENTO, 1988, p. 234.

²³¹NASCIMENTO, 1988, p. 236.

²³²NASCIMENTO, 1988, p. 262.

“Litericultura”, revista mensal, reuniu um grupo de cinquenta literatos empenhados na sua edição, destacando-se como principais redatores: Jônatas Batista, Baurélio Mangabeira, Zito Batista, Abdias Neves, Alcides Freitas, Lucídio Freitas, Celso Pinheiro, Fenelon Castelo Branco, Antonino Freire, Da Costa e Silva, Arimatéa Tito, Félix Pacheco, Vaz da Silveira, Matias Olímpio, Cromwell de Carvalho, Clodoaldo Freitas, Valdivino Tito, Higinio Cunha, Simplício Mendes, Mário José Batista e João Pinheiro. Todos intelectuais renomados, alguns representantes políticos do Piauí na esfera federal e estadual e, ainda outros, profissionais liberais respeitados, que anunciavam seus serviços através da revista além de colaborar escrevendo artigos.

No primeiro ano de circulação da revista “Litericultura”, 1912, observou-se que o capital para sua edição partiu de um conglomerado de profissionais liberais, que utilizavam a revista como espaço de divulgação de seus serviços. No ano seguinte, o financiamento veio do governo do Estado, é o que se depreende das páginas da revista. A partir de abril de 1913, não aparecem mais os anúncios com endereços dos consultórios e a revista que antes era impressa na Tipografia Paz, uma empresa particular²³³, passou a ser impressa na Imprensa Oficial²³⁴.

Na primeira edição ficou determinado entre seus objetivos “a cultura das letras, nas suas variadas modalidades”. Sendo assim, publicou desde contos e poesias até discursos e artigos sobre determinadas atividades profissionais. Contudo, é clara a preocupação em registrar singularidades da cultura piauiense. O destaque é para os textos de João Pinheiro, odontólogo que se dedicou ao magistério e à vida literária, tornando-se um dos mais atuantes intelectuais da primeira metade do século passado. Esse literato pesquisou sobre a produção literária piauiense e a área de estudo que os intelectuais da época denominavam folclore. Uma leitura dos exemplares disponíveis de “Litericultura” confirma essa asserção, Pinheiro publicou uma série de artigos com o título “Aspectos piauienses”, através dos quais fixou tipos e costumes do sertão piauiense. Matias Olímpio, João Freitas, Leônidas Sá e Joaquim Nogueira Paranaguá aparecem em diferentes números da “Litericultura” com artigos sobre festas populares e recontando lendas piauienses. Abdias Neves e Clodoaldo Freitas contribuíram com a revista publicando estudos biográficos de piauienses ilustres e episódios do processo histórico.

²³³BASTOS, 1994, p. 565.

²³⁴Essa é uma característica marcante da vida intelectual piauiense. Nesse sentido, os programas editoriais financiados pelo governo estadual assumiram a responsabilidade pela publicação de obras de autores piauiense, a exemplo do Projeto Petrônio Portela e a Lei Municipal A. Tito Filho. Nesse sentido cf. PINHEIRO, 1940, p.24.

O teatrólogo Jônatas Baptista publicou o drama histórico “Jovita, ou a heroína de 1865”, immortalizando a jovem que partiu do Piauí para lutar na Guerra do Paraguai. Os poetas Zito Batista, Da Costa e Silva e Félix Pacheco, entre outros, através de sua poesia, celebram aves, insetos, rios, entre outros aspectos do Piauí. Presume-se que “Litericultura” atuou como um elemento gregário da intelectualidade piauiense, dando a ela o sentido de pertencimento a um ambiente literário.

No conjunto, esses periódicos possuíam feição de revistas de variedade e, embora apresentassem poucas ilustrações, tinham requintado visual gráfico, oferecendo leitura fácil e agradável. Foram editados por intelectuais reconhecidos socialmente pela atividade literária e não por estudantes secundaristas. Publicaram poesia, conto, crônica e, também, noticiário do Brasil e de outros países; instantâneos da vida mundana de Teresina; conselhos sobre moda e regras de etiqueta, além de passatempo. Quase todos esses periódicos tiveram circulação efêmera, ou encerraram a circulação logo nos primeiros números. Revistas como “Alvorada” e “Litericultura”, redigidas por intelectuais famosos, não facilitavam espaço aos neófitos o que justificava o esforço permanente de criação de novos periódicos. Entende-se que cada revista lançada visava atender interesses de determinado grupo de intelectuais. O público leitor continuava muito restrito, os próprios intelectuais, fora desse círculo, só o público feminino, representado por mulher dos grupos sociais elevados na hierarquia social.

Nas revistas literárias como em outros periódicos não especializados, chama atenção a quantidade de poesia publicada por intelectuais que ganharam notoriedade não como poetas, a exemplo de Abdias Neves, Pedro Borges, Esmaragdo de Freitas, Cromwell de Carvalho, Areolino de Abreu, Mário José Batista, Higino Cunha e Clodoaldo Freitas que ganharam notoriedade como romancista, contista, cronista ou pesquisadores da sociedade piauiense. Como quase todos os intelectuais desse período escreveram poesia, presume-se que divulgar a poesia de intelectuais renomados, aumentasse as possibilidades de saída do periódico. Além de divulgar os poetas locais, também divulgaram poetas de renome nacional como Casimiro de Abreu, Olegário Mariano, Gonçalves Crespo, Afonso Celso e Olavo Bilac.

Entre 1880 e 1922, uma questão, em especial, preocupava o ambiente literário piauiense, o pequeno volume de obras publicadas não correspondia à avultada produção literária. Através da imprensa os intelectuais discutiam a questão.

Quase todos os intelectuais piauienses, que mourejam na terra natal, tem prometido a publicação de uma ou mais obras, sem conseguirem realizar a promessa. Revelam com isso boa vontade. Mas parece que o meio não é favorável à eclosão de livros. Talentos de escol não nos faltam em todas as gerações. A nossa imprensa periódica

o atesta sobejamente. No entanto, pode-se dizer que somos todos autores inéditos, por falta de livros, escritores dispersos nas páginas do jornalismo efêmero.²³⁵

Contudo, alguns contemporâneos entendiam que o problema estava em vias de superação. Recepcionando o livro de contos “Á toa”, de João Pinheiro, o crítico literário da revista “Cidade de Luz” escreveu:

Movimentado assim o meio, com novos elementos fortes nas lutas da imprensa periódica, era preciso, para mais integral afirmação dessa força de inteligência e de bom gosto, que passasse da vida efêmera dos artigos de jornais para a forma duradora e consagrada do livro. Não tardou. Apesar do peso da publicação e o ainda relativamente pequeno número de leitores, os livros surgiram firmando definitivamente nomes de talentos e cheios de vigor, estereotipados na forma perfeita de dulcificados versos, filiados às escolas mais recentes em que se subdividiu o parnasianismo francês com Varlaine e Malarmé à frente. Só até aí livros de versos, sem dúvida mais fáceis de concepção do que o livro de prosa.²³⁶

O trecho é claro quanto a existência de um ambiente literário em Teresina. A imprensa, “com novos elementos”, divulgava a produção literária e se ressentia pela falta de livros. A geração de intelectuais atuante entre 1882 e 1922 criou periódicos especializados para publicação da literatura, também a ela deve ser creditado o aumento do meio circulante de livros no Piauí e, especialmente, na Capital. Primeiro, foram os livros que os recém-formados introduziram na província, circulando na forma de empréstimo; depois, o estabelecimento de um pequeno e discreto comércio de livros, pressão desses novos profissionais sobre os comerciantes locais.

Inicialmente os livros foram comercializados em bazares, juntamente com alimentos, ferragens, tecidos, remédios, etc. Nas primeiras décadas do século XX, surgiram espaços apropriados com as papelarias. Em 1912, pela imprensa, a “Agência de Revistas”, de Artur Carvalho e Cia, localizada a Rua Rui Barbosa, anunciava que continuava recebendo publicações nacionais e internacionais²³⁷, indício da existência do comércio de impressos e do surgimento de espaços específicos para esse tipo de comércio. Embora sejam escassas as fontes, é certo que, em Teresina, a partir de 1870, é crescente o número de notícia de jornais tendo livros como objeto de notas, é a publicação de um livro de piauiense, cujo lançamento ocorreu em outra província; outra notícia sobre a circulação de obras em Teresina; outra anunciando que determinado escritor estava com obra no prelo; outra sobre a venda de livros.

²³⁵Jornal “O Monitor”, dez., 1906.

²³⁶Revista “Cidade de Luz”, n. 11, p. 23-24, APPI.

²³⁷Jornal “Cidade Verde”, fev. 1912; Jornal “Diário do Piauí”, ago. 1912, APPI.

Entre 1880 e 1922, os literatos locais publicaram um “corpus” de livros, ampliando significativamente o volume em circulação²³⁸. Algumas dessas obras constam nos dois quadros seguintes. O primeiro consta os romances, poesias e contos publicados na forma de livro.

Quadro 03 - Livros de ficção de escritores piauienses em circulação entre 1880 e 1922

Obra	Autor	Ano	Forma de expressão literária
Harpa do Caçador	Teodoro Castelo Branco	1884	Poesia
Via Crucis	Félix Pacheco	1900	Poesia
Ânforas	Jonas da Silva	1900	Poesia
Alcione	Amélia de Freitas Beviláqua	1902	Contos
Ulhanos	Jonas da Silva	1902	Poesia
Ano de Luto	Fenelon Castelo Branco	1902	Poesia
Mors-Amor	Félix Pacheco	1904	Poesia
Memórias de um velho	Clodoaldo Freitas	1905/1906	Romance
Silhouettes	Amélia de Freitas Beviláqua	1906	Contos
Através da vida	Amélia de Freitas Beviláqua	1906	Romance
Solar dos sonhos	João Pinheiro	1906	Poesia
Almas Irmãs	Antônio Chaves, Zito Batista e Celso Pinheiro	1907	Poesia
Ode a Satã	Adalberto Peregrino	1907	Poesia
Sincelos	Jônatas Batista	1907	Poesia
Sangue	Da Costa e Silva	1908	Poesia
O Piauí (canto sertanejo)	Clodoaldo Freitas	1908	Poesia
Um Manicaca	Abdias Neves	1909	Romance
Em roda dos fatos	Clodoaldo Freitas	1911	Crônicas
Flor Incógnita	Celso Pinheiro	1912	Poesia
Alexandrinos	Lucídio Freitas e Alcides Freitas	1912	Poesia
Angustia	Amélia de Freitas Beviláqua	1913	Romance
À toa (aspectos do Piauí)	João Pinheiro	1913	Contos
Inezita	Félix Pacheco	1915	Poesia
Nebulosas	Antônio Chaves	1916	Poesia
União por dentro	Fenelon Castelo Branco	1916	Poesia
Marta	Félix Pacheco	1917	Poesia
Tu só tu	Félix Pacheco	1917	Poesia
Verhaeren	Da Costa e Silva	1917	Poesia
Zodíaco	Da Costa e Silva	1917	Poesia
Vida Obscura	Lucídio Freitas	1917	Poesia

²³⁸ O volume posto em circulação é bem maior do que o “corpus” aqui apresentado. Como critério para seleção das obras foi considerada sua existência material na Biblioteca de Apoio a Pesquisa do APPI, assim como, o noticiário através da imprensa local, indício de que, pelo menos, foram mencionadas no ambiente literário.

No limiar do outono	Félix Pacheco	1918	Poesia
Chama Extinta	Zito Batista	1918	Poesia
Lírios Brancos	Félix Pacheco	1919	Poesia
Poema da Mágoa	Antônio Chaves	1919	Poesia
Pandora	Da Costa e Silva	1919	Poesia
Estos e pausas	Félix Pacheco	1920	Poesia
Minha Terra	Lucídio Freitas	1921	Poesia
Em busca da luz	João Ferry	1922	Poesia

Fonte: Biblioteca de apoio a pesquisa, APPI; PINHEIRO, 1994; NASCIMENTO, 1988.

Cotejando os dados dessa geração com a anterior, os indícios apontam para um “corpus” de mais de cinquenta livros em circulação, quando, no período compreendido entre 1852 e 1880 era menos de uma dezena de livros. O livro se inseria na sociedade piauiense “na forma perfeita de ‘doces’ versos”, como se observa no quadro acima. Reafirmando que a poesia é forma de manifestação literária dominante de meados do século XIX até meados do século seguinte.

Segundo o desenho traçado sobre a sociedade piauiense, presume-se que, somente a partir do final do século XVIII, o livro foi introduzido no Piauí. Livros didáticos, para instrução dos membros da elite rural. Na primeira metade do século XIX, com o retorno de piauienses que estavam fora da Província cursando o ensino superior, é que os livros se diversificaram e surgiram as primeiras bibliotecas particulares, a exemplo da biblioteca do padre Marcos de Araújo Costa. Embora as fontes de informações sejam poucas, é possível afirmar que mais bibliotecas particulares foram se constituindo ao longo da segunda metade do século XIX²³⁹. Já na década de 1870, foram criadas as primeiras bibliotecas públicas do Piauí²⁴⁰. É possível afirmar que, lentamente e sem ostentação, o livro penetrou na sociedade piauiense oitocentista.

Nas primeiras décadas do século XX, algumas bibliotecas foram colocadas à venda, como a de João Pinheiro e do major Fontenele Burlamaque, que através do jornal “Correio de Teresina”, anunciava a venda da sua biblioteca que continha “bons romances e obras didáticas”²⁴¹. Presume-se que, no geral, as bibliotecas se constituíam em algumas prateleiras com espaços para armazenar jornais e revistas, e os livros necessários à atividade profissional, a exemplo de códigos de leis ou livros de anatomia.

²³⁹Higino Cunha, em suas memórias, deixa claro que vários contemporâneos seus possuíam bibliotecas, muito embora não se possa identificar e quantificar. Observamos que na Biblioteca de Apoio a Pesquisa do APPI, em muitos volumes, consta indícios de que parte do acervo se originou de bibliotecas particulares.

²⁴⁰COSTA, 1974, v. 2.

²⁴¹MAGALHÃES, 1998; Jornal “Correio de Teresina”, 1915, APPI.

Mas, pelos indícios, havia livros de literatura, filosofia, religião, etc. No caso da geração de Higino Cunha, de leitura diversificada, é possível encontrar obras de autores como: Spencer, Taine, Lombroso, Littré, Darwin, Haeckel, Humberto de Campos, Tobias Barreto, Raimundo Correia, Araripe Júnior, Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Guerra Junqueira, José Veríssimo, Faelante da Camara, entre outros. Baudelaire é o poeta da predileção de muitos intelectuais piauienses entre 1880 e 1952. É clara sua influência na obra de Celso Pinheiro e Félix Pacheco²⁴², este último escreveu “Baudelaire e os milagres do poder da imaginação”, ensaio literário apresentado em uma das reuniões da Academia Brasileira de Letras. Posteriormente foi impresso e colocado em circulação no Rio de Janeiro e em Teresina.

Na primeira metade do século XIX, já era considerável o número de piauienses que escreviam e publicavam, em especial, estudos que desenvolveram na sua área profissional. No conjunto, essas obras circularam na Europa ou em outras províncias do Brasil, onde os autores residiam. Não há indícios de que tenham circulado no Piauí, nem mesmo obras publicadas por escritores como Leonardo Castelo Branco e Francisco de Sousa Martins, que residiam no Piauí.

Foi a partir de meados do século XIX que foram publicados os livros que deram origem ao sistema literário piauiense, entre os quais, o de Licurgo de Paiva, Luísa Amélia de Queirós Brandão e do poeta José Coriolano de Sousa Lima, tendência que se intensificou entre 1880 e 1922. Sobrepondo-se parcialmente umas às outras, essas obras foram configurando um sistema literário e revelando sociabilidades entre os intelectuais.

No geral, esse “corpus” bibliográfico teve recepção positiva, posição mais comum da crítica que, apesar de fundamentada, muitas vezes trazia as marcas das relações pessoais ou dos grupos rivais, revelando as tensões que perpassaram o ambiente literário. Foi ruidosa a crítica de Esmaraldo de Freitas a “Sincelos” livro de poesia de Jônatas Batista. Recepção acerba, recebida com a marca da antipatia que o crítico nutria pelo poeta. Jônatas Batista se defendeu através da imprensa periódica, revivendo o episódio do ano anterior, 1906, quando os dois se enfrentaram no centro de Teresina, ocasião em que Esmaraldo de Freitas chegou a disparar um tiro de revólver²⁴³.

Muito festejado pela crítica foi “Alexandrinos”, de Alcides e Lucídio Freitas. Filhos de Clodoaldo Freitas, os jovens poetas eram admirados pelo “high-life” teresinense, pela

²⁴²PINHEIRO, 1939; CABRAL, 1938.

²⁴³MAGALHÃES (1998) em “Literatura Piauiense” aborda crítica interna das obras: “Solar dos Sonhos”, “Sincelos”, “Almas Irmãs”, “Ode a Satã”, “Flor Incógnita”, “Alexandrinos”, “Nebulosas”, “Um Manicaca”, “À toa” e “Fogo de Palha”.

educação esmerada e inteligência precoce. Independente do talento e sensibilidade dos poetas, o livro surgiu num contexto de acontecimentos funestos que infelicitou a família Freitas. Na época do lançamento de “Alexandrinos”, já era do conhecimento de parte dos intelectuais, que o poeta Alcides estava gravemente doente. Recém-formado em medicina, tinha apenas vinte e três anos de idade quando faleceu, poucos meses depois da publicação do livro. Em 1917, Lucídio Freitas publicou “Vida obscura”, editado na capital do Pará, obra que recebeu elogios da crítica piauiense e paraense. Quatro anos depois, em 1921, o poeta falecia vitimado pela tuberculose. Nesse mesmo ano, ainda em vida, Clodoaldo Freitas mandou editar o livro “Minha Terra” com poesias de Lucídio²⁴⁴, homenagem ao filho enfermo.

Mas, em meio a tanta poesia, a novidade era o lança lançamento de livros em prosa. A novidade é realmente o livro, uma vez que jornais e revistas já publicavam contos, crônicas e até mesmo romances²⁴⁵. Chama atenção a publicação de um romance na forma de livro, “Um Manicaca”, de Abdias Neves, livro marco na literatura piauiense. Encontra-se entre os primeiros livros em prosa elaborado e editado no início do século XX, em Teresina, rompendo com a prática tradicional de publicação de poesias. Seu conteúdo retoma a tradição dos romances de autores piauienses do século XIX, a exemplo de Francisco Gil Castelo Branco²⁴⁶ e Leônidas Benício Mariz e Sá, em que o Piauí aparece como cenário onde os personagens se movimentam. No caso do romance de Abdias Neves, ficou plasmado o espaço e costumes da sociedade teresinense.

Em 1901, o jornal “O Correio” informava que Abdias Neves estava concluindo um romance que seria publicado em breve. A nota veiculada enfatizava:

A nós, os piauienses, é que, principalmente, deve agradar Um Manicaca. Peça de costumes locais, ele tem necessariamente de se impor a nossa procura porque forçosamente há de agradar-nos a reedição calma, conjunta dos nossos hábitos. Não conhecemos, é certo, a nova obra; mas acreditamos que de forma alguma arrepender-se-á aquele que possui-la. E depois, deve-se prestar gentil recepção ao romance de patricio trabalhador...²⁴⁷

²⁴⁴FREITAS, 1995, p. 7-12.

²⁴⁵Clodoaldo Freitas, por exemplo, publicou o romance “Memórias de um velho” na forma de folhetim, no jornal “Pátria”, entre novembro de 1905 e fevereiro de 1906. Obra republicada na forma de livro, em 2008, pela Professora Dra. Teresinha Queiroz, da Universidade Federal do Piauí, que tem se dedicado ao estudo dos literatos desse período. Há notícias de que em 1893, antes do romance de Clodoaldo Freitas, Leônidas Benício Mariz e Sá publicou em Recife um romance de costumes piauienses, intitulado “Bela”, entretanto não se encontrou indícios de foi recepcionado no Piauí.

²⁴⁶Muito embora a geração de Abdias Neves não tenha incluído esse autor na tradição literária piauiense.

²⁴⁷Jornal “O Correio”, ago. 1901, APPI. No jornal “O Norte”, 19 nov. 1907, encontra-se noticiado que o romance estava “pronto para entrar no prelo e nosso público já o conhece em parte pela publicação que dele fez um jornal desta capital”, clara indicação de que antes da edição em livro, parte do romance já tinha circulado na forma de folhetim. Na mesma notícia o livro do romancista piauiense é comparado aos romances “A Normalista”, de Adolfo Caminha e ao “Ateneu”, de Raul Pompéia. Cf. Hemeroteca do APPI.

O romance marca ainda o momento da transição da forma de publicação da literatura, das páginas dos jornais para a forma de livro, segundo um colunista do jornal “O Monitor”, os escritores piauienses eram inéditos e “dispersos nas páginas do jornalismo efêmero”²⁴⁸. O desentendimento entre Higino Cunha e Abdias Neves parece ilustrativo nesse sentido. Concuphados e amigos, o autor de “Um Manicaca” submeteu o original do romance à apreciação de Higino Cunha que circulou pelas rodas literárias desdenhando da obra e do autor²⁴⁹.

É que, no início do século XX, Abdias Neves já havia conquistado a simpatia da comunidade intelectual local com a publicação de “A Guerra de Fidié”, estudo de história sobre a guerra de independência no Piauí. Higino Cunha, apesar de escrever regularmente em quase todos os jornais em circulação no Estado, era um desses escritores dispersos pelas páginas dos jornais, tinha apenas um livro publicado e que não alcançou o mesmo sucesso do livro de Abdias Neves. Sua obra, na quase totalidade, foi editada entre as décadas de 1920 e 1940. A leitura do original do romance e a possibilidade de uma boa recepção quando da sua publicação, levou Higino Cunha a desprestigiar o romance e o autor. Em parte, o sucesso literário de Abdias Neves se deve à escolha da sociedade piauiense como objeto de estudo. O episódio envolvendo os dois escritores é indício da valorização do livro como elemento importante na construção da fama de intelectual.

No período em análise, destacam-se os livros de contos de Amélia Beviláqua e João Pinheiro. No Piauí, as bases dessa forma de expressão literária foram lançadas em meados do século XIX, quando o poeta José Coriolano de Sousa Lima se dedicou à escrita de contos como “O casamento e a mortalha no céu se talha”. Contudo, somente no início do século XX, o conto se firmaria no ambiente literário piauiense. Para Brandão, os primeiros contos piauienses apresentavam muita semelhança com a crônica, foi Clodoaldo Freitas e João Pinheiro que deram a essa forma de expressão literária a feição correta e moderna²⁵⁰.

Entre os livros de contos lançados nesse período, “À toa” teve recepção calorosa. Presume-se que esteja em harmonia com a tendência do conto brasileiro que, nas primeiras décadas do século XX, se utiliza de matrizes regionais como inspiração²⁵¹. Brandão já percebera a importância do livro e do autor quando afirmou que o contista “não [era] um

²⁴⁸ Jornal “O Monitor”, dez. 1906, APPI.

²⁴⁹ PASSOS, 1966.

²⁵⁰ BRANDÃO, 1981.

²⁵¹ BOSI, 2006, p. 194-217, “O naturalismo e a inspiração regional”: intenção é fixar o momento em que, no meio de tanta poesia, o conto e o romance surgiram na literatura piauiense, assim como, verificar a aproximação entre as tendências locais e as tendências da literatura brasileira. Referências sobre o conceito de regionalismo e a avaliação estética da literatura regional, cf. LAJOLE, 1998, p. 297-327.

estilista, mas sua linguagem [ficava] sempre em perfeita correspondência com o meio e os personagens das narrativas que constrói com simplicidade e maestria”²⁵².

Na passagem do século XIX para o XX, a crônica ganhou a preferência dos leitores, ocupando espaço considerável nos jornais. No “Estafeta”, por exemplo, Thomaz Antônio de Oliveira encantava os leitores com “Tipos de Rua”, crônicas tratando de figuras populares da época²⁵³. Essa forma de expressão literária se firmou no meio piauiense com o lançamento de “Em roda dos fatos”, de Clodoaldo Freitas, reunião de crônicas que escreveu para a imprensa periódica²⁵⁴, iniciativa singular, uma vez que a produção dos cronistas permaneceria inédita nas páginas do jornalismo efêmero.

Para concluir as observações sobre a circulação de livros, enfatiza-se um “corpus” bibliográfico eclético, composto de discursos, conferências, trabalhos parlamentares, teses, escritos de caráter pessoal e político partidário e ensaios voltados para o conhecimento da sociedade piauiense, publicado nesse período. Mesmo se afastando do campo da ficção, esse conjunto bibliográfico contribuiu para movimentar o ambiente literário, como é possível acompanhar no quadro que segue.

Quadro 04 - Livros de escritores piauienses em circulação entre 1880 e 1922

Obra	Autor	Ano
Os fatores do coelhado	Clodoaldo Freitas	1892
Vultos Piauienses	Clodoaldo Freitas	1903
Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país	Joaquim Nogueira Paranaguá	1905
Questão de Tutóia	Antonino Freire	1907
Guerra Sectária	Elias Martins	1910
História de Teresina	Clodoaldo Freitas	1911
O idealismo filosófico e o ideal artístico	Higino Cunha	1913
Frei Serafim de Catânia	Elias Martins	1917
Nossos Imortais	Fenelon Castelo Branco	1918
Anísio de Abreu (sua obra, sua vida e sua morte)	Higino Cunha	1920
O Piauí	Benjamin de Moura Batsita	1920
Interesses Piauienses	Armando Madeira Bastos	1920
Operário da Boa Vinha	Elias Martins	1920
Fitas	Elias Martins	1920
O Piauí na Confederação do Equador	Abdias Neves	1921
Escola Normal do Piauí	Anísio Brito	1921

²⁵² BRANDÃO, 1981, p.14.

²⁵³ NASCIMENTO, 1988, p. 229.

²⁵⁴ FREITAS, 1996, p. 5-18.

A Questão e legislação social	Ribeiro Júnior	1921
Limites do Piauí	Antonino Freire	1921

Fonte: Biblioteca de apoio a pesquisa APPI; PINHEIRO, 1994; NASCIMENTO, 1988.

Esse conjunto bibliográfico lança no ambiente cultural piauiense as primeiras obras, resultado do esforço de conhecer cientificamente o Piauí, nos mais diferentes aspectos, seja geográfico, histórico, antropológico, sociológico e econômico. São obras que discutem problemas e potencialidades locais. Embora diferenciando claramente esse conjunto de estudos das obras literárias, - romances, poesias, contos, esse escritores piauienses não as consideram nem maiores, nem menores, e as integram sem dificuldades no que consideram o sistema literário piauiense em formação²⁵⁵.

Nos primeiros anos do século XX, a intelectualidade piauiense se articulava no sentido de criar um instituto de representação literária, nesse sentido, “Vultos Piauienses”,²⁵⁶ de Clodoaldo Freitas e “Nossos Imortais”, de Fenelon Castelo Branco, tornam-se visíveis como partes da conexão de elementos para a fundação do referido instituto, uma vez que as duas obras se inserem no trabalho de invenção de uma tradição literária piauiense²⁵⁷.

“Vultos Piauienses” é um livro de estudos biográficos, oito biografias, de um total de dez, enfatizam a atividade literária do biografado, é o caso dos poetas José Manoel de Freitas, Leonardo Castelo Branco, Licurgo de Paiva, José Coriolano e Teodoro Castelo Branco; da poetisa, Luisa Amélia de Queirós Brandão e dos polígrafos Miguel Castelo Branco e João Alfredo de Freitas. Quando da fundação da Academia Piauiense de Letras, dos literatos contemplados nessa obra, somente Leonardo Castelo Branco não foi escolhido como patrono, justamente aquele que recebeu críticas contundentes. O autor do livro, Clodoaldo Freitas, foi sócio fundador da APL e seu primeiro presidente.

Considera-se que, embora o livro de Fenelon Castelo Branco tenha sido publicado no mesmo ano em que a APL foi instalada, também sua intenção era contribuir para determinar essa continuidade literária. Quando mais tarde foi publicado “Literatura Piauiense” (1937) de João Pinheiro e “Vozes Imortais” (1945) de Edson Cunha fica claro que parcela considerável

²⁵⁵É claro que deforma a ideia de sistema literário de Antonio Candido, contudo, infere-se dos escritos desses intelectuais o apreço especial por essas obras “extraliterárias”. Por exemplo, Gabriel Ferreira, como uma porcentagem considerável de homens de letras do seu tempo, apesar das poesias publicadas pelos jornais da época, tem apenas uma obra em forma de livro o “Índice alfabético das leis provinciais do Piauí”, sua consagração vem dos escritos de caráter pragmático e não poético.

²⁵⁶A obra é fonte de consulta para os pesquisadores da história da literatura, foi reeditada em 1998, pela Fundação Monsenhor Chaves, com estudo introdutório assinado pela Professora Dra. Maria do Socorro Rios Magalhães, da Universidade Federal do Piauí.

²⁵⁷A ideia de tradição cf. HOBBSAWM, RANGER, 1997; sobre tradição literária cf. MELLO E SOUZA, 2000; REIS, 2003.

dos escritores piauienses, embora integrados a um movimento mais geral das letras brasileiras, participavam de uma comunidade de escritores movida por interesses comuns, como o de tornar o Piauí um território com características que o diferenciava dos demais estados da federação.

Outra nota sobre esse “corpus” bibliográfico se relaciona à literatura produzida em decorrência da polêmica anticlerical. Entende-se como um capítulo da luta dos intelectuais piauienses contra a Igreja Católica, pelo controle da sociedade. Apenas a Igreja Católica como instituição portadora de um projeto de sociedade e, o clero, composto de indivíduos letrados, obrigados à defesa desse mesmo projeto, estavam em condições de fazer oposição ao projeto de civilização defendido pela intelectualidade piauiense²⁵⁸.

Em 1901, a criação da diocese do Piauí e, posteriormente, sua instalação, desencadeou acirrada disputa entre o clero e os intelectuais livre-pensadores, entre outros, Abdias Neves, Antonino Freire, Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha, Miguel de Paiva Rosa e Matias Olímpio. Do lado da Igreja, nomes famosos do clero piauiense, Cícero Nunes, Honório José Saraiva, Acilino Batista Portela Ferreira, Raimundo Gil da Silva Brito, Joaquim Lopes e, também, leigos como Elias Firmino de Sousa Martins, Manuel Rodrigues de Carvalho, Gentil Pedreira e José Pereira Lopes²⁵⁹.

Para enfrentar os intelectuais livre-pensadores, alguns proprietários de jornais, a Igreja Católica além de organizar o Partido Católico, financiou vários jornais como “A Cruz”, “A Civilização” e “O Apóstolo”. No acirramento da questão anticlerical, durante o governo de Miguel Rosa, em 11 de dezembro de 1912, a cidade assistiu à polícia incendiar a tipografia do jornal “O Apóstolo”. Através desse órgão de comunicação, o bacharel em direito, político e intelectual cristão, Elias Firmino de Sousa Martins, defendeu o projeto de sociedade da Igreja Católica. Narra Higinio Cunha em suas “Memórias” que, no governo de Antonino Freire, o bispo diocesano ficou por vários meses sob a proteção do governo do Estado, recolhido na quinta Pirajá, nos arredores de Teresina, em decorrência das tensões entre os dois grupos.

Como a disputa muitas vezes resvalou para o campo pessoal, os intelectuais atacando o clero, tentando desacreditá-lo diante da opinião pública e o clero contra-atacando, nota-se

²⁵⁸ Infere-se das fontes consultadas a ideia de projeto de civilização defendido pela intelectualidade. Por exemplo, uma leitura de “Memórias”, de Higinio Cunha, deixa a impressão de que os bacharéis estavam prontos a “escalar o poder” e, como livres-pensadores, colocavam-se contrários a orientação clerical. Para enfrentar esse problema, enalteciam o cientificismo e o naturalismo em detrimento do pensamento religioso. Outro escrito de onde se infere a ideia desse projeto de civilização é o artigo “Dr. Elias Martins” de Martins Vieira, publicado no “Almanaque Piauiense”, no ano de 1937, p.135-139.

²⁵⁹ Os dados sobre órgãos de divulgação da Igreja Católica e seus representantes cf. PINHEIRO FILHO, 1972; BASTOS, 1994, diferentes verbetes relacionados à questão.

que a publicação de estudos como “Frei Serafim de Catânia” (1917) e “Operário da Boa Vinha” (1920), ambos de autoria de Elias Martins, inserem-se muito bem no âmago da questão e visam enaltecer figuras do clero. Do lado dos intelectuais, algumas publicações aparecem como provocação, a exemplo do livro de poesias “Ode a Satã”, de Adalberto Peregrino²⁶⁰, ou a escolha de Higino Cunha, um anticlericalista convicto, para escrever sobre a história da religião no Piauí. Esse trabalho foi publicado em meio aos festejos comemorativos do centenário de adesão do Piauí à independência do Brasil. É possível acompanhar aspectos da polemica anticlerical no Piauí através da obra “O poder das trevas”, de Elias Martins, editada em 1913²⁶¹.

O interesse nesse rol de obras e autores é registrar as primeiras publicações que, articuladas umas às outras, foram configurando o sistema literário piauiense. A associação dessas obras com alguns fatos relacionados aos autores explicita a rede de sociabilidades que envolvem os piauienses produtores de literatura, residentes ou não no Piauí, se reconheciam como membros de uma mesma comunidade de intelectuais.

Observa-se que estavam postos os elementos basilares de um sistema literário. O viver em Teresina, pelo menos para alguns segmentos do topo da hierarquia social, havia alcançado patamares de civilidade. Havia um ambiente literário movimentado, em especial, pela circulação permanente de periódicos noticiosos abertos à veiculação de ideias e da literatura, que, posteriormente, passou a circular através de revistas e jornais especializados. Mais interessante era a quantidade de livros produzidos pelos intelectuais locais, indicando que enfim a literatura abandonava as páginas efêmeras dos periódicos para circular na forma de livros, veículos mais apropriados e menos perecíveis.

Os leitores, por muito tempo ainda seriam os próprios produtores de literatura e parcela pequena das classes privilegiadas, a exemplo das mulheres de condição social elevada, que tiveram acesso ao ensino formal. Para melhor configuração do sistema literário, faltavam os institutos de representação literária que estabelecem o cânon literário. Demanda atendida com a criação, entre outros institutos, da Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico Antropológico e Geográfico Piauiense e do Cenáculo Piauiense de Letras.

²⁶⁰Essa polêmica literária foi estudada por MAGALHÃES, 1998, p. 347-355.

²⁶¹Cf. PINHEIRO, 2001. Observa-se que os intelectuais desse período, mesmo aqueles envolvidos na questão anticlerical, demandavam pelo sacramento do matrimônio, batizado e extrema-unção. Existem depoimentos de que alguns se converteram no leito de morte, a exemplo de David Caldas e Abdias da Costa Neves. O anticlericalismo se limitava à disputa entre o projeto social dos intelectuais e o da Igreja, não atingia a fé, nem a alma.

2.4. Intelectuais piauienses imersos nos cânones literários

A fundação da Academia Piauiense de Letras é o marco da vitória da cultura letrada sobre a cultura oral. Nesse sentido, triunfou o projeto de civilização dos intelectuais que atuaram em Teresina entre 1880 e 1922. Dispondo de capital cultural e de suas instituições literárias, educacionais, políticas e, até mesmo recreativas, os intelectuais direcionaram os destinos da sociedade piauiense. A geração seguinte, atuando entre 1922 e 1952, consolidou a posição social conquistada, muito embora, para alguns estudiosos da Literatura Piauiense, no plano da produção literária tenha ocorrido um momento de brilho menos intenso se comparado a produção literária da geração anterior. A geração atuando entre 1922 e 1952 defendeu os cânones literários estabelecidos e valorizou a APL, mantendo a rotina de reuniões acadêmicas, de eventos culturais repetitivos como as palestras, até que por volta do final da década de 1940 emergiram elementos que indicavam uma renovação no ambiente literário²⁶².

Muitos jovens piauienses, em especial aqueles pertencentes ao “high-life”, tinham os intelectuais como modelo de vida, imitando-os até mesmo na forma elegante de vestir. Muitos jovens invejavam o poeta Jônatas Batista, que namorava uma das filhas do “Dr. Higino Cunha”. Outros sonhavam com reuniões sociais, para exibir dotes artísticos, conversar sobre leitura, viagem, música. Escreviam poesia envidando esforços para publicá-las nos jornais em circulação como faziam os intelectuais consagrados. Ainda outros, desejavam ocupar cátedra no Liceu Piauiense e na Escola Normal ou um lugar nas câmaras legislativas ou na chefia do executivo.

A sociedade piauiense tinha no mais alto conceito aqueles que dominavam a escrita e a leitura, era o reconhecimento da atividade do escritor. Ainda que a população não pudesse penetrar plenamente no sentido das obras literárias produzidas, sempre que possível, estava disposta a participar dos eventos culturais promovidos pelos institutos literários. Os saraus literários foram concorridos, as pessoas ouviam com atenção os recitais de poesias, os números musicais ou a encenação de algum drama, revista ou comédia de costumes, alguns de autoria de Jônatas Batista ou de João Ferry. A população escutava, aplaudia, cumprimentava com admiração e respeito os intelectuais. Observa-se uma sociedade ainda com maior disposição para ouvir do que para ler.

²⁶² Antonio CANDIDO (1997, p. 182), estudando a formação da literatura brasileira, nesse mesmo período, percebeu fenômeno semelhante e afirma: “É o momento em que, à sombra das normas ossificadas em convenção, pululam escritores de toda sorte, iguais nas qualidades e defeitos, certos de corresponderem a uma opinião acomodada pelo hábito”.

Apesar de Higino Cunha continuar à frente do movimento literário, a maioria dos companheiros de sua geração estava desaparecendo naturalmente do cenário cultural. Já era visível que uma nova geração estava em movimentava. Entre os novos: Artur Passos, Vaz da Costa, João Ferry, Leônidas Melo, José Auto de Abreu, Álvaro Ferreira, Joel Oliveira, Jacob Gayoso, Vidal de Freitas, Martins Napoleão, Raimundo de Brito Melo, Luís Lopes Sobrinho, Hermínio Conde, Patrício Franco, Moura Rego, Clidenor Freitas, Clemente Fortes, Celso Pinheiro Filho, Ofélio Leitão, Darci Araújo, Cunha e Silva, Wall de Carvalho, Odilon Nunes (1899-1989), Maria Isabel Gonçalves Vilhena (1896-1988) e João Coelho Marques (1907-1966)²⁶³.

Se comparada a atividade jornalística desenvolvida pela geração de David Caldas e Licurgo de Paiva ou a geração de Higino Cunha e Clodoaldo Freitas, os integrantes dessa nova geração se distanciavam da imprensa periódica, embora alguns tenham sido jornalistas dedicados, como Joel Oliveira, Bugyja Britto, Cláudio Pacheco e Fabrício de Arêa Leão. Esse afastamento deve ser entendido como sucessão de mudanças, pois muitos intelectuais ainda colaboravam nos noticiosos de Teresina ou de outros municípios do Estado²⁶⁴, entretanto, percebe-se que a publicação de textos literários perdia espaço nos periódicos noticiosos.

Apesar do surgimento do livro, a imprensa continuava ocupando espaço significativo no ambiente literário piauiense, em especial a imprensa literária criada na passagem do século XIX para o século XX. No quadro 05 é possível observar alguns jornais e revistas que circularam entre 1922 e 1952 movimentando o ambiente literário.

Quadro 05 - Periódicos piauienses em circulação entre 1922 e 1952

1922-1930	<u>Jornais</u> : Gente Nova, O Lince, O Lábaro, A Idéia, <u>Revistas</u> : Revista do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, O Automóvel, Cidade Verde, A Revista, A Mocidade
1930-1940	<u>Jornais</u> : A Escola, O Ginásio, A Mocidade, Renovação, O Meio, <u>Revistas</u> : A Propaganda, Garota, Gleba, O Meio, Parnaíba, Revista Acadêmica, Harpa, A Granada, 4 de Outubro, Guisos, Primícias Literárias, Panorama Estudantil, Seleta, Raios de Luz, O Obuz, Camondongo; <u>Almanaque</u> : Almanaque Piauiense.
1940-1952	<u>Jornais</u> : O Piauí <u>Revistas</u> : Voz de Parnaíba, Zodíaco, Geração, Voz do Estudante, Cultura Acadêmica, Mocidade, Cultura, O Meridiano, O Arauto, Panóplia e Revista Carnavalesca.

Fonte: Hemeroteca do APPI; PINHEIRO FILHO, 1972.

²⁶³ Indica-se data de nascimento e morte dos intelectuais que não foram citados anteriormente.

²⁶⁴ Com base em PINHEIRO FILHO (1972), elaborou-se relação de pessoas que atuava na imprensa periódica entre 1922 e 1952. Observa-se que parcela significativa atuou no jornalismo como comentarista político ou colaborando no noticiário. Quanto a literatura, quando muito, publicaram algumas crônicas.

Presume-se que o volume de periódicos em circulação foi bem maior, contudo, a análise privilegiara apenas sobre as revistas encontradas na hemeroteca do APPI, que foram agrupadas segundo suas características em três conjuntos. O primeiro conjunto se constitui das revistas lançadas pelo período do carnaval, a exemplo de: “Automóvel”, “O Obuz”, “A Granada”, “Guisos” e “Camondongo”²⁶⁵. De fácil manuseio, contendo entre 10 e 20 páginas, atraem pelo colorido e pelas caricaturas, assim como a forma caricatural de descrever pessoas e questões locais, permitindo leitura coletiva e comentada, despertando risos. Esse conjunto hemerográfico se afasta do aspecto circunscripto das revistas especializadas em literatura, arte e ciência que exigiam leitura individual, silenciosa, reflexiva, de difícil alcance para a sociedade piauiense composta de iletrados.

O segundo conjunto é formado pelas revistas literárias e noticiosas como: “Cidade Verde”, “Mocidade” e “Garota”²⁶⁶. Esta última revista circulou em 1933, Moura Rêgo, Carvalho Lago, Ribamar Ramos e Tobias Duarte eram responsáveis pelo periódico literário e social, que recebeu a colaboração de Pedro Brito, Giovani Costa, Berilo Neves, João Ferry, Celso Pinheiro, Martins Napoleão e Baurélio Mangabeira.

No ano seguinte, 1934, Leopoldo Cunha lançou “O Meio”²⁶⁷, revista de arte, ciência, literatura e mundanismo. Embora anunciasse periodicidade quinzenal, circulou mensalmente. Os artigos de abertura de todos os números consultados são de autoria de Higino Cunha, pai de Leopoldo Cunha. Entre seus colaboradores Martins Napoleão, Álvaro Ferreira, Celso Pinheiro e Arimatéa Tito, todos membros da APL.

De periodicidade variável, entre quinzenal e trimestral, o conjunto dessas revistas, apresentam um aspecto gráfico atraente, de fácil manuseio, poucas páginas e boa disposição das matérias. Contribuíram para veiculação de poesias, crônicas e contos, associados ao noticiário e reclames publicitários.

No entanto, foram as revistas de divulgação dos grêmios escolares, que movimentaram o ambiente literário, além de modificar aspectos do cânone literário vigente. Na apresentação gráfica, se comparado aos dois conjuntos anteriores, são menos atraentes, em formato de livro, volumosas, quase nenhuma ilustração. Apresentam textos extensos, de difícil compreensão, abordando questões de antropologia, arte, literatura, entre outras temáticas.

²⁶⁵Hemeroteca do APPI.

²⁶⁶Hemeroteca do APPI.

²⁶⁷Hemeroteca do APPI.

Exigiam leitura individual, silenciosa, reflexiva, considera-se que se direcionava para os intelectuais e os estudantes mais diretamente envolvidos com literatura. Na década de 1940, circularam as mais importantes revistas do período: “Voz do Estudante”, do Grêmio Literário Da Costa e Silva, do colégio Ateneu Piauiense e da Academia de Comércio do Piauí²⁶⁸; “Zodíaco” do Centro Cultural Lima Rebelo, do Ginásio Dr. Demóstenes Avelino²⁶⁹ e “Geração”, do Colégio Estadual do Piauí (Liceu Piauiense)²⁷⁰.

Como revistas de grêmios escolares, sofreram interferência da direção do colégio ao qual o grêmio estava atrelado. Embora publicassem poesias, contos, discursos de alunos e professores, esses periódicos publicaram intelectuais famosos como Da Costa e Silva, Celso Pinheiro, Martins Napoleão e Cristino Castelo Branco. Percebe-se que a iniciativa de publicar intelectuais consagrados partiu da direção das escolas, objetivando divulgar entre os estudantes os talentos literários locais, apresentando-os como paradigmas literários.

O grupo de estudantes, principalmente aqueles ligados a “Zodíaco” e “Geração”, denunciou as interferências e criticava as práticas literárias tradicionais²⁷¹. Resistindo às determinações que tendiam modelar sua atuação, o grupo de estudantes elaborou poesia e prosa que se distanciavam do cânon literário. No interior de cada revista, nota-se claramente que os jovens optaram por determinadas formas de expressão literária. Manoel Paulo Nunes, Jessé Soares Ferry, Alcebíades Vieira Chaves e Ribamar Oliveira aparecem como contistas; Hindenburg Dobal Teixeira e Celso Barros Coelho se destacam como ensaístas; Vítor Gonçalves Neto e Francelino Pereira Santos como críticos literários; Anísio de Abreu Neto, José Newton de Freitas, Odete Vieira da Rocha, Guadalupe Lima, Deolino Silva Júnior, estão entre os poetas. Com frequência, outros nomes que posteriormente ganharam fama no cenário cultural piauiense aparecem como colaboradores, a exemplo de Itamar de Sousa Brito e José Camilo Filho.

²⁶⁸ Órgão do Grêmio Literário “Da Costa e Silva”, do colégio Ateneu Piauiense e da Academia de Comércio do Piauí, complexo de ensino de propriedade de Felismino Weser Freitas e Moaci R. Madeira Campos, respectivamente, localizado a Rua Senador Pacheco, 57, fone 385. Na Hemeroteca do APPI se encontram oito números, o primeiro, corresponde à primeira edição, data de dez. 1940, e o último número encontrado data de 1951. A edição de nov. 1950 indica ano IX, número XXI, assim, a revista circulou por mais de uma década. Inicialmente, a periodicidade era trimestral, a partir da década de 1950 circulou como anual.

²⁶⁹ Órgão de divulgação do Grêmio Literário “Lima Rebelo”, dos alunos do Ginásio “Dr. Demóstenes Avelino”, fundado em dez. 1942. O grêmio data de abr. 1943, com sede social na Rua Machado de Assis, 1733, fone 421. Na Hemeroteca do APPI se encontra quatorze números do periódico, o mais antigo corresponde ao número 6, abr. 1944 e o último encontrado corresponde ao número 21, ano VIII, jun. 1950. Com base nos dados, nesse ano a revista estava no oitavo ano em circulação. Na década de 1950, alegando problemas financeiros, a revista passou a ter circulação anual.

²⁷⁰ Revista “Geração”, out. 1945, APPI.

²⁷¹ Revista “Geração”, out. 1945, APPI.

No panorama da poética piauiense ainda predominava uma poesia lírica, intimista. Celso Pinheiro, o mais festejado dos poetas do período, escrevia versos segundo os ditames da corrente literária simbolista²⁷² e tinha a dor como motivação de sua ação criadora. Nota-se também uma poesia de celebração da paisagem piauiense como estímulo a delimitação de um espaço território e cultural ou, ainda, uma poesia de caráter reflexivo, que se aproximava da poesia produzida no restante do Brasil. Na obra poética de Higinio Cunha uma se destaca exemplarmente.

O homem só é homem quando se ergue
Ao ideal sublime do futuro;
Não passa de suíno, de epicuro,
Se além do ventre nada mais enxergue.

A vida social é um grande albergue,
Asilo tormentoso e mal seguro,
Onde sem trégua luta o palinuro
Para que a lei do bem se não postergue.

Embora o mal pompeie a coma hirsuta,
Como querendo tudo avassalar
Com fúria demoníaca e poluta,

A evolução caminha sem cessar,
Lenindo a natureza fera e bruta
Conquistando o progresso e o bem-estar.²⁷³

Alguns dos poetas ligados às revistas em apreciação cultivaram a lírica intimista e de celebração das coisas mais tangenciáveis, bem aos moldes do cânone vigente. Contudo, registra-se a existência de um grupo que se rebelava contra essa forma de fazer literatura. O crítico literário Francelino Pereira Santos, já percebia essa diferença, em um artigo em que criticava a poesia de Silva Júnior.

Sempre me recinto ao pensar em Anísio de Abreu, jovem esperançoso de mais na poesia, mas que descambou na trasladação de idéias e atitudes, quais sejam de cultivar uma cabeleira ondulante, de desperdiçar vinho, choros e sonetos a suposta amada – tudo isso produzido pela herança extemporânea do egotismo dos românticos. Silva Júnior – ao contrário – soube imunizar-se muito bem ao enlagramado passadismo.²⁷⁴

²⁷²HARDI FILHO, 1988; CABRAL, 1938. Segundo Alfredo BOSI (2006, p. 281-287), dois outros poetas expressivos no meio literário, Félix Pacheco e Da Costa e Silva, eram simbolistas, posteriormente, o poeta amarantino involuaria para o neoparnasianismo.

²⁷³AIRES, 1972, p. 30.

²⁷⁴Cf. artigo “Silva Júnior no plano de sua experimentação poética” de Francelino Santos, Revista “Zodíaco”, nov. 1944, p. 27-31. O autor é o piauiense Francelino Pereira Santos que fez vida política e literária em Minas Gerais.

Parcela significativa dos poetas piauienses que atuavam entre 1880 e 1940 teve como paradigma os poetas do Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo²⁷⁵, modelos que só tenderam a superação a partir da década de 1940 com o surgimento de movimentos de renovação cultural. Em sua “História concisa da Literatura Brasileira”, Alfredo Bosi, oferece alguns dados sobre a produção literária nas três primeiras décadas do século XX o que contribui para compreender o que ocorreu no Piauí.

O Parnasianismo é o estilo das camadas dirigentes, da burocracia culta e semiculta, das profissões liberais habituadas a conceber a poesia como “linguagem ornada”, segundo padrões já consagrados que garantam o bom gosto da imitação. Há um academicismo íntimo veiculado à atitude espiritual do poeta parnasiano; atitude que tende a enrijecer-se nos epígonos, embora se dilua nas vozes mais originais. Os mesmos temas, as mesmas palavras, os mesmos ritmos confluem para criar uma tradição literária que age *a priori* ante a sensibilidade artística, limitando ou mesmo abolindo a sua originalidade: basta considerar, nessa época áurea da Academia Brasileira de Letras, a voga imensa do soneto descritivo, ou descritivo-narrativo, ou didático-alegórico, fenômeno a que um modernista daria o nome de “sonetococcus brasiliensis”.²⁷⁶

O trecho se aplica bem aos intelectuais piauienses, na sua maioria, engajados na burocracia administrativa pública e na política. Aqueles considerados os nomes de maior destaque na literatura estavam na Academia Piauiense de Letras e pontificavam defendendo a tradição literária. Para alguns críticos, entre eles Assis Brasil, a produção desses literatos revela preocupação com a forma, muito embora não possam ser acusados de elaborar uma poesia despida de vida e emoção.

Alguns críticos atribuem ao poeta Martins Napoleão a introdução do modernismo no Piauí. Entretanto, falando sobre sua própria filiação poética, Martins Napoleão afirmou: “Se me fosse possível definir-me, diria que sou neoclássico – um clássico renovado e em permanente renovação; romântico no fundo e clássico na forma”²⁷⁷. Em 1940, o presidente da Academia Maranhense de Letras, recepcionando o livro de poesia “Poemas da Terra Selvagem” do referido poeta, encontrou na sua poesia elementos que indicavam tendências

²⁷⁵Em “A poesia piauiense no século XX” de Assis BRASIL (1995), observa-se que poetas piauienses como: Taumaturgo Vaz, Félix Pacheco, Jonas da Silva, Antônio Chaves, Jônatas Batista, Da Costa e Silva, Zito Batista, Celso Pinheiro, Alcides Freitas, Nogueira Tapety, Lucídio Freitas, R. Petit, João Ferry, Isabel Vilhena, Martins Napoleão, Martins Vieira, Luiz Lopes Sobrinho, Oliveira Neto, Adail Coelho Maia, Hermes Vieira, Renato Castelo Branco, Almir Fonseca e Newton de Freitas, embora pertencentes a gerações diferentes, produziram literatura nos moldes do Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo. O autor da antologia reconhece que vários dos poetas citados já manifestavam inclinação para o movimento modernista e que ocorreu uma “maré tardia” dessas tendências literárias. Até a década de 1940, a produção poética piauiense atravessou uma “fase de transição de três escolas literárias”, Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo. Essa análise ajuda a entender por que o movimento modernista paulista ou o movimento regionalista pernambucano tiveram pouca penetração no meio literário piauiense e por que somente a partir dos anos de 1940 é que se percebe indícios de renovação no panorama da literatura piauiense.

²⁷⁶BOSI, 2006, p. 234-235.

²⁷⁷PINHEIRO, 1994, p. 162.

para o modernismo, principalmente pela temática voltada para a questão da “brasilidade”²⁷⁸. Merece registro que, em edição da revista da APL, esse poeta romântico e neoclássico escreveu um dos raros manifestos em “defesa da poesia moderna” de que se tem notícia no ambiente literário piauiense²⁷⁹.

Outros críticos atribuem a José Newton de Freitas a introdução do modernismo no Piauí, contudo, outros jovens poetas da sua geração, pelo menos no que tange a temática, apresentam mais inclinação para o modernismo do que ele. Silva Júnior, por exemplo, elabora poesia provocativa e reflexiva²⁸⁰, de igual força de expressão é, também, a poesia de Odete Vieira da Rocha, expressando tema e ritmos da vida moderna²⁸¹.

Considera-se essa discussão relativa aos introdutores do modernismo no Piauí de menor importância, é certo que os jovens em volta das revistas “Voz do Estudante”, “Zodíaco” e “Geração”, em contato com as novas idéias, leituras e práticas literárias, assumiram um fazer literário diferenciado que renovou o cenário da literatura piauiense. Em meados da década de 1940, percebe-se a existência de pequenos grupos de jovens interessados em literatura formando entidades literárias e envolvendo-se em acerbos polêmicas em torno de diversos assuntos²⁸².

No final dessa mesma década, vários jovens secundaristas, a exemplo de Paulo Nunes e H. Dobal ingressavam na faculdade de Direito do Piauí e atuavam como membros do Diretório Acadêmico, redigindo a revista “Cultura Acadêmica”²⁸³. Outros foram cursar a faculdade fora do Piauí, como Francelino Pereira dos Santos. Concluído o curso superior, alguns fixam residência fora do Piauí e outros voltam para assumir a direção da sociedade local, Teresina, na condição de capital, foi o ponto de convergência.

Observa-se que até a década de 1940, os jornais noticiosos e políticos ainda disputavam com os periódicos especializados a publicação da literatura, em especial, veicularam poesias. Nas páginas dos jornais em circulação ficaram registradas poesias de Antônio de Neves Melo, Lívio Castelo Branco, Jugurtha Castelo Branco, assim como poetas de renome como Raimundo Correia, Olegário Mariano, Alberto de Oliveira e Cruz e Sousa.

²⁷⁸“Revista da APL”, maio 1942, p.46-52.

²⁷⁹“Revista da APL”, dez. 1943, p. 120-126.

²⁸⁰Revista “Zodíaco”, jun. 1944, p. 33.

²⁸¹Revista “Zodíaco”, jun. 1944, p. 29. Sobre o fazer literário diferenciado dos cânones vigentes cf. artigo “Gente moça de minha terra” de Vitor Gonçalves Neto, Revista “Geração”, ago./1945, p. 19-20.

²⁸²Sobre a atuação literária dessa geração que desponta na década de 1940 cf. SILVA, 2005; KRUEL, 2007; CADERNOS DE COMUNICAÇÃO, 1996.

²⁸³Hemeroteca do APPI.

Nesse sentido, em Teresina, os jornais “O Dia” e “A Imprensa” se destacam como divulgadores de poesia.

É interessante observar o conjunto dos periódicos que circularam fora de Teresina, em outros municípios do Piauí. É claro que os objetivos traçados vão além do literário, contudo, publicava a literatura produzida pelos intelectuais locais, a exemplo do jornal “A Luta”, de Floriano, que circulava com poesias de Antônio Veras de Holanda (1903-1942) e Cunha e Silva, da cidade de Amarante; em Picos, o “Aviso”, divulgava o poeta Luís Lopes Sobrinho.

Em Parnaíba, as revistas “Gleba”, “Parnaíba”, “Harpa” e “A Propaganda” demonstram que é possível associar literatura, noticiário e entretenimento²⁸⁴. “A Propaganda”, por exemplo, divulgou novos nomes da poesia, como a poetisa Francisca Montenegro. A cidade também possuía suas revistas colegiais como “Voz de Parnaíba” e “Panorama estudantil”²⁸⁵. Encerrando a primeira metade do século XX, em março de 1949, circulou em Parnaíba a revista “O Arauto”²⁸⁶, órgão da Associação Parnaibana de Letras, indício de que em meados do século passado, os intelectuais residentes em outros municípios já organizavam institutos de representação literária.

Nessa mesma cidade, precisamente em 1924, circulou o “Almanaque da Parnaíba”. No seu primeiro número declarava-se “guia de informações úteis, passatempos, curiosidades e distrações”. O periódico passou por várias fases, mas, já na primeira, sob a direção de Benedito dos Santos Lima, publicava poesias, contos e estudos pragmáticos de intelectuais parnaibanos e teresinenses que foram dominando as páginas do almanaque. Na década de 1940, em mãos da família Torres Raposo, assumiu as características de revista literária, embora mantivesse o título de almanaque.

Em uma perspectiva política, os periódicos literários piauienses desse período, pouco revelam sobre o agitado universo da política brasileira dos anos de 1930 a 1964. É interessante lembrar que nesse agitado período da política brasileira, pelo menos, durante a vigência do Estado Novo (1937-1945), a imprensa de uma forma geral sofreu censura. E como a maioria dos proprietários, redatores e colaboradores dos periódicos eram funcionários do Estado, presume-se que se sentiam impossibilitados de publicar matérias de críticas ao governo. Getúlio Vargas, a mais destacada figura da política brasileira nesse período, é celebrado através dos periódicos como “o muito digno chefe da nação”, revistas e jornais

²⁸⁴Hemeroteca do APPI.

²⁸⁵Hemeroteca do APPI.

²⁸⁶Hemeroteca do APPI.

estampavam seu retrato em capas ou folhas iniciais. Todavia, um fato político marcou o ambiente cultural de Teresina, a passagem da Coluna Prestes, largamente noticiada nos jornais da época e que provocou a publicação de vários livros.

A década de 1920, subsequente à criação da APL e do IHAGP, chama atenção a quantidade de estudos publicados em forma de livros.

Quadro 06 - Livros de escritores piauienses em circulação entre 1922 e 1952

Obra	Autor	Ano
O teatro em Teresina	Higino Cunha	1922
O Ensino Normal no Piauí	Higino Cunha	1923
Livramento	José de Almendra Freitas	1923
A indústria pecuária piauiense	R. Fernandes e Silva	1924
História das Religiões	Higino Cunha	1924
Notas sobre a geologia do estado do Piauí	Luiz Flores de Moraes Rego	1925
Os rebeldes no Piauí	F. Pires de Castro e Martins Napoleão	1926
Os revolucionários do sul através dos sertões nordestinos do Brasil	Higino Cunha	1926
Aspectos do Piauí	Abdias Neves	1926
O Ideal Cristão	Simplício Mendes	1926
Hidrografia e Orografia do Estado do Piauí	Mario José Batista	1927
O sentimento brasileiro na poesia de Bilac	Martins Napoleão	1928
Antiga História do Brasil	Ludwing Schwennhagen	1928
Propriedade territorial no Piauí	Simplício Mendes	1928
Aspectos do problema econômico piauiense	Luís Mendes Ribeiro Gonçalves	1929
Conchrone, falso libertador do Norte	Hermínio Conde	1929
Pátria Nova	Martins Napoleão	1931
Depoimentos para a história da Revolução no Piauí	Moisés Castelo Branco	1931
A defesa do professor Leopoldo Cunha	Higino Cunha	1934
Paz Mundial	Lindolfo do Rego Monteiro Nunes, Raimundo de Brito Melo e Monsenhor Cícero Portela	1935
O Piauí na história	Odilon Nunes	1937
Literatura Piauiense (escorço histórico)	João Pinheiro	1937
Vária fortuna d'um soldado português	Brigadeiro Fidié	1942
A civilização do couro	Renato Castelo Branco	1942
O Piauí e o Nordeste	Martins Napoleão	1942
O descobrimento do Piauí e o documento de Perira da Costa	João Pinheiro	1943
Homens que iluminam	Cristino Castelo Branco	1946
O vale do rio Parnaíba	Gayoso e Almendra	1948

Fonte: Biblioteca de apoio a pesquisa, APPI; Hemeroteca, APPI.

Analisando esse “corpus” bibliográfico, observa-se que discursos, palestras e conferências foram transformadas em livros. A APL e o IHAGP publicaram discursos de posse e falas proferidas em algumas reuniões acadêmicas, prática comum no ambiente literário piauiense. Félix Pacheco supera qualquer autor em quantidade de discursos publicados, como se pode observar no rol da bibliografia seleta, destacando-se os discursos e pronunciamentos que proferiu como ministro das Relações Exteriores. Hoje, muitos desses volumes são manuseados como fonte de informação e pesquisa, a exemplo de “O Teatro em Teresina” e “O Ensino Normal no Piauí”, de Higino Cunha, e “Aspectos do problema econômico piauiense”, de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves.

É interessante o título de algumas publicações, como “Pátria Nova”, de Martins Napoleão, conferência publicada em forma de livro e título sugestivo em relação ao contexto político da década de 1930 e, também, “Paz Mundial”, de Lindolfo do Rego Monteiro, Raimundo de Brito Melo e Monsenhor Cícero Portela Nunes, três conferências sobre o mesmo tema, reunidas em um único volume, pronunciadas em dias e locais diferentes. A fala dos três intelectuais sobre a paz mundial, no contexto de 1935, demonstra que a intelectualidade piauiense não estava alheia às questões políticas, até mesmo aquelas de caráter internacional. Indício de que, sempre que possível, externavam seu pensamento sobre política. No contexto piauiense de um reduzido público leitor, uma vez que as conferências eram bastante concorridas, parecem um meio eficaz de manter a população informada sobre o clima de belicosidade entre os países da Europa.

Observando esse “corpus” bibliográfico, o Piauí com seus problemas, sua história e seu povo, é o objeto de conhecimento desses intelectuais. Essa é uma produção empenhada, necessária para o autoconhecimento e glorificação dos valores locais, necessária para impor o Piauí ao conjunto das áreas civilizadas, ao conjunto dos estados da federação. A síntese dessas preocupações se revela na publicação de “Aspectos do Piauí”, de Abdias Neves, um ensaio construído na fronteira de diferentes campos de estudo, a exemplo da História, Antropologia, Geografia e Economia.

Observa-se que os intelectuais acreditam que sua missão é conduzir os destinos da sociedade piauiense e, deliberadamente, volta-se para o conhecimento de sua terra. Esse autoconhecimento tem um viés prático, pode estar relacionado ao exercício do magistério, atividade que envolveu parte significativa dos intelectuais, determinando esse esforço de conhecimento da realidade piauiense. Contudo, nota-se que esse esforço extrapolou o círculo do magistério, como se observa com a publicação de “Pecuária” e “O Vale do Rio Parnaíba”,

de Gayoso e Almendra, “A indústria pecuária piauiense”, de R. Fernandes e Silva e “Notas sobre a geologia do estado do Piauí”, de Luiz Flores de Moraes Rego.

Por ocasião do centenário da independência, surgiram duas obras, ainda hoje, muito utilizadas pelos pesquisadores. “A Instrução Pública no Piauí”, publicação da Sociedade Auxiliadora da Instrução, impresso na Papelaria Piauiense em 1922. Desejando reformar o ensino, o governador João Luís Ferreira formou uma comissão para estudar as causas do atraso do ensino público estadual, formada por João Osório P. da Motta, Pedro Borges da Silva, Manoel Raimundo da Paz Filho e Matias Olímpio, que resultou na referida obra. Dividida em duas partes, a primeira reúne o relatório da Comissão e os documentos que alteram o Regulamento Geral da Instrução Pública; a segunda parte reúne estudo de Anísio de Brito Melo sobre aspectos históricos do ensino primário, normal e secundário. Matias Olímpio também se preocupa com aspectos da história do ensino normal e secundário, bem como do ensino profissional, além de discutir as críticas às alterações produzidas pela nova legislação do ensino; Pedro Borges da Silva contribui com estudo sobre a educação popular e sobre a ação das municipalidades no ensino. Consta ainda uma parte de anexos com pessoal docente primário das escolas públicas do estado nos diferentes níveis de ensino, além de relação das escolas de cada município.

A outra obra é “O Livro do Centenário do Piauí”, quatro volumes, publicados em 1923. Uma comissão foi instituída para organizar os eventos relativos ao festejo do centenário da independência do Piauí, que envolveu uma exposição de produtos piauienses, conferências, leilões e publicações. Nesse caso, foram publicados o “Catálogo dos Produtos Piauienses na Primeira Exposição Estadual do Piauí”, e “O Livro do Centenário do Piauí”, como só restou no APPI o quarto volume, presume-se que dois ou três foram destinados às informações sobre os municípios. “A história das religiões no Piauí”, de Higino Cunha é uma publicação dentro dos eventos do centenário, como o autor explicita na nota introdutória da obra, o que nos leva à conclusão de que pelo menos um volume foi destinado a temáticas mais gerais, a exemplo da religião. O quarto volume consta de informações sobre os municípios de Livramento, Marruás, Miguel Alves, Oeiras, Parnaguá, Parnaíba, Patrocinio, Paulista, Pedro II, Piripiri, Picos, Piracuruca, Porto Alegre, Regeneração, Santa Filomena, São João do Piauí, São Pedro, São Raimundo Nonato, Simplício Mendes, Teresina, União, Uruçuí e Valença. Parte dos textos está assinada por um intelectual, a exemplo do texto sobre Teresina, que foi escrito por Clodoaldo Freitas e o de Piracuruca, por Anísio Brito.

A passagem da Coluna Prestes pelo Piauí despertou os intelectuais, Higino Cunha publicou “Os revolucionários do sul através dos sertões nordestinos do Brasil” e Martins Napoleão e F. Pires de Castro publicaram “Os rebeldes no Piauí (subsídios e documentos para a história)”. As duas obras foram impressas na oficina do jornal “O Piauí” e publicadas no mesmo ano de 1926. Em 1929, circulou um volume de poemas humorísticos “A indústria da Defesa”, assinado por Garcez D’Ávila, pseudônimo, versando sobre as verbas enviadas pelo governo federal ao Piauí para combater a Coluna Prestes, em que o senador Félix Pacheco e o governador Matias Olímpio de Melo são os personagens principais.

Todo acontecimento é motivo para produção de livro. Ainda em vida, Higino Cunha relaciona entre suas obras, “A defesa do professor Leopoldo Cunha (produzida por seu pai Dr. Higino Cunha, no processo movido contra aquele pelo crime de tentativa de homicídio)”, peça processual impressa na Imprensa Oficial, em Teresina, em 1934. A chamada Revolução de 1930 também foi motivo da produção de livros, visto que em 1931, circulou pelo ambiente cultural “Depoimento para a história da Revolução no Piauí”, de Moisés Castelo Branco, sobre os acontecimentos políticos do ano anterior.

Entre 1922 e 1952 também foi publicado um “corpus” bibliográfico literário, como se pode observar no quadro que segue:

Quadro 07 - Livros de ficção de escritores piauienses em circulação entre 1922 e 1952

Obra	Autor	Ano	Gênero literário
Czards	Jonas da Silva	1923	Poesia
Ode a mendiga	Alarico Cunha	1923	Poesia
Harmonia dolorosa	Zito Batista	1924	Poesia
Poesias Reunidas	Zito Batista	1924	Poesia
Fogo de Palha	João Pinheiro	1925	Contos
Verônica	Da Costa e Silva	1927	Poesia
Páginas de saudade	Heitor Castelo Branco	1927	Poesia
Jeanette	Amélia de Freitas Beviláqua	1928	Romance
Crônicas e Versos	Carlos Borromeu	1930	Crônica e Poesia
Poesias	Félix Pacheco	1932	Poesia
A mulher e o diabo	Berilo Neves	1932	Contos
Princípio de inspiração	Abdoral Reis	1934	Poesia
Alma sem rumo	Jônatas Batista	1934	Poesia
Poesias avulsas	Jônatas Batista	1934	Poesia
Muralhas	Bugyja Britto	1934	Poesia
Segredos	Aluízio Napoleão	1935	Contos
Ascensão dos sonhos	Moura Rego	1936	Poesia

Primeiros Versos	Antônio Neves	1938	Poesia
Poesias	Celso Pinheiro	1939	Poesia
Memórias	Higino Cunha	1939	Memória
Poemas da terra selvagem	Martins Napoleão	1940	Poesia
Os sertões	Renato Castelo Branco	1943	Poesia
Contradição	Vidal de Freitas	1943	Poesia
O prisioneiro do mundo	Martins Napoleão	1943	Poesia
A libertação da França	Alarico Cunha	1944	Poesia
As Exéquias de D. Francisca	Alarico Cunha	1944	Poesia
Vozes Imortais	Edson Cunha	1945	Antologia
Gritos Perdidos	Moura Rego	1945	Poesia
Teodoro Bicanca	Renato Castelo Branco	1948	Romance

Fonte: Biblioteca de apoio a pesquisa, APPI.

No campo da ficção, nenhuma outra forma de expressão literária supera a poesia quanto ao volume posto em circulação. Aparece no final do período o romance “Teodoro Bicanca”, de Renato Castelo Branco que, em 1948, ganhou o prêmio Círculo Literário Brasileiro, apesar do sucesso fora do Piauí, sua recepção nem de longe se assemelha a “Um Manicaca”, de Abdias Neves. Registra-se que outros piauienses escreveram romances, é o caso de Permínio de Carvalho Ásfora, autor de romances nordestinos, quase todos publicados nas décadas de 1940 e 1950. Contudo, esse romancista mantém laços mais estreitos com o movimento literário de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

O conto conquistou espaço no ambiente literário piauiense. João Pinheiro repete o sucesso de “À toa”, com o livro de contos “Fogo de palha” com temática regional. Na década de 1930, o poeta Berilo Neves, transitando entre a poesia e o conto, publicou “A mulher e o diabo” um livro de contos “de ataque impiedoso as mulheres”²⁸⁷ e Aluizio Napoleão publicou “Segredo”, volume com vinte contos e vinte uma ilustrações em preto e branco assinadas por Santa Rosa, uma inovação na apresentação gráfica dos livros da época. Contos que se afastam da temática de João Pinheiro, alguns ambientados nas cidades e abordando aspectos do viver urbano.

Nesse período, a novidade são as obras do advogado Giovanni Costa, pela polêmica política que despertaram, agitando o meio intelectual piauiense, o que traz de volta ao cenário cultural piauiense o clima da antiga imprensa política. Outra novidade foi a publicação do livro “Memórias” de Higino Cunha, modalidade de texto inédita no meio cultural piauiense. Mas, a novidade é mesmo o livro, texto impresso colocado em circulação, consolidação do

²⁸⁷BASTOS, 1994, p.394.

ambiente e do sistema literário. Vitória dos intelectuais piauienses que se reflete no surgimento de instituições como a Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico Antropológico e Geográfico Piauiense e o Cenáculo Piauiense de Letras - CPL.

2.4.1. Institutos de Representação Literária

O “corpus” literário produzido entre 1882 e 1922, assim como aquilo que se anunciava em termos de produção para o futuro, contribuiu para ir formatando, entre os intelectuais piauienses, a necessidade de se congregarem em um instituto enquanto instância específica de seleção e consagração intelectual, “lugar”²⁸⁸ que desse suporte à pesquisa e ao discurso literário. As associações criadas até o início do século XX tiveram pouco tempo de duração e tinham caráter muito abrangente. Em 1901, um grupo de intelectuais de reconhecida influência no ambiente literário, se reuniu para discutir a criação de uma Academia, contudo a concretização desse ideal só aconteceu mais de uma década depois quando foi criada a Academia Piauiense de Letras - APL.

Enquanto institutos de representação literária, as academias de letras estabelecem o cânon, que além das regras que orientam o fazer literário, determina o conjunto de obras e autores fundadores do sistema literário, “estabelecendo-se desse modo uma tradição contínua de estilos, temas, formas e preocupação.”²⁸⁹ Os patronos escolhidos por cada acadêmico ao ingressar na academia, representam essa linhagem literária, essa tradição, apresentam-se como guias; suas obras aparecem como modelo literário. É interessante um olhar sobre a tradição literária piauiense, segundo os fundadores da APL.

²⁸⁸Michel de CERTEAU (1994, p.221-243) ajuda na reflexão acerca da importância do lugar que potencializa o “sujeito”, com sua concepção de “lugar social”; cf. ainda SCHWARC, 1993, p.65.

²⁸⁹CANDIDO, 1997, p. 24-25.

Quadro 08 - Patronos da Academia Piauiense de Letras e sua obra literária

Cadeira	Patrono	Obras
01	José Manoel de Freitas	Formado pela Faculdade de Direito do Recife, escreveu poesias de temática sertaneja publicadas nos jornais em circulação no Recife. Entre outras obras de caráter pragmático publicou “Índice da Legislação Brasileira”.
02	Hermínio de C. Castelo Branco	Autodidata, escreveu poesias de temática sertaneja, algumas reunidas e publicadas em “Ecos do Coração” ou “Lira Sertaneja”.
03	Joaquim Sampaio Castelo Branco	Formado em Teologia, Doutor em direito canônico, respectivamente, estudou em Paris e Roma. Intensa atividade cultural no Maranhão, escrevendo regularmente nos jornais da época. Publicou “O padre deve ser casado?”
04	David Moreira Caldas	Autodidata. Jornalista, político e poeta, não têm livros publicados.
05	Areolino de Abreu	Formado em medicina, Salvador, Bahia. Médico e político publicou trabalhos na área médica. Entre suas obras, “Discursos”, livro póstumo.
06	Teodoro de C. Castelo Branco	Autodidata. Escreveu poesias de temática sertaneja, algumas reunidas e publicadas em “A Harpa do Caçador”.
07	Anísio Auto de Abreu	Formado pela Faculdade de Direito do Recife. Poeta lírico com incursão na poesia de temática social, abolicionismo. Obra poética dispersa nos jornais de Teresina. Publico “Três Liras” em parceria com Joaquim Ribeiro Gonçalves e Antonio Rubim.
08	José C. de Sousa Lima	Formado pela Faculdade de Direito do Recife. Contista e poeta escreveu poesia de temática sertaneja e lírica. Livro póstumo “Impressões e Gemidos”.
09	Alcides Freitas	Formado em medicina, Salvador, Bahia. Poeta lírico, em parceria com o irmão Lucídio Freitas publicou “Alexandrinos”.
10	Licurgo de Paiva	Autodidata. Jornalista e poeta, publicou “Flores da noite”.
11	João Alfredo de Freitas	Formado pela Faculdade de Direito do Recife. Polígrafo, publicou pesquisa na área da ciências da natureza; contista publicou “Contetos” (contos); na área do folclore, publicou “Lendas e superstição do norte do Brasil”; trabalhou com traduções.
12	Antônio Coelho Rodrigues	Formado pela Faculdade de Direito do Recife. Extensa publicação na área jurídica, além de discursos que proferiu como político.
13	Joaquim Ribeiro Gonçalves	Formado pela Faculdade de Direito do Recife, poeta lírico e abolicionista. Publicou os seguintes livros de poesia: “Três Liras”, “Vislumbres”, “Rimas”, “Emancipação”, “Mártires da vitória”.
14	Raimundo Alves da Fonseca	Padre. Estudou no seminário de São Luis (MA). Intensa vida cultural no Maranhão como jornalista, professor e orador sacro. Não publicou livros. Um dos editores da “Seleta Nacional” (antologia, crítica literária e estudos sociais).
15	Antônio B. L. Castelo Branco	Formado pela Faculdade de Direito do Recife. Publicação na área jurídica.
16	Taumaturgo Sotero Vaz	Formado pela Faculdade de Direito do Recife. Intensa vida cultural em Manaus, publicou “Cantigas do Brasil” e “Fé,

		Esperança e Caridade”; autor de revistas teatrais, a exemplo de “Patureba” e “O trouxa”.
17	Raimundo de Arêa Leão	Formado em medicina, Salvador, Bahia. Publicação na área médica; poeta lírico e satírico tem publicado um livro póstumo, . “Poesias”.
18	Marques de Paranaguá	Formado pela Faculdade de Direito de Olinda. Obra eclética, publicação na área jurídica e política.
19	Antonio José Sampaio	Bacharel em letras por Weisthertur, engenheiro industrial Escola Politécnica Federal da Suíça, doutor em ciências físicas e naturais pela Universidade de Zurique. Publicação na área das ciências aplicadas.
20	Álvaro de A. O. Mendes	Formado pela Faculdade de Direito do Recife, atuação na imprensa periódica, não tem livros publicados.
21	Leopoldo Damasceno Ferreira	Doutor em direito canônico, Paris. Orador sacro, jornalista com intensa vida cultural no Maranhão. Publicou “Biografia do dr. José da Silva Maia”.
22	Miguel de S. B. L. Castelo Branco	Sem dado sobre escolaridade. Intelectual que se destacou em Teresina, em meados do século XIX. Foi político, jornalista, editor e professor. Entre outras obras publicou “Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres”.
23	Lucídio Freitas	Formado em Direito no Rio de Janeiro. Poeta lírico, publicou “Alexandrinos”, “Vida Obscura”, “Minha Terra”, livros de poesia. Na Revista da APL escreveu “História da poesia piauiense”.
24	Jonas de Moraes Correia	Sem dado sobre escolaridade. Intelectual parnaibano, publicou “A exportação do sal piauiense”.
25	Gabriel Luiz Ferreira	Formado em Direito pela Faculdade do Recife. Poeta lírico, com trabalhos dispersos pelos jornais de sua época. Publicou “Índice alfabético das leis provinciais do Piauí”.
26	S. Coelho de Resende	Formado em Direito pela Faculdade do Recife. Jornalista e político, publicação na área jurídica.
27	Honório P. Parentes	Formado em medicina, Salvador, Bahia. Médico e pesquisador, publicação na área médica. Atuou no jornalismo.
28	Luísa Amélia de Queirós Brandão	Poetisa lírica, publicou “Flores Incultas”. Obra poética dispersa pelos jornais que circularam em Teresina.
29	Gregório Taumaturgo de Azevedo	Engenheiro militar, formado em Direito pela Faculdade do Recife e bacharel em matemática e ciências físicas. Entre suas obras “O Acre” e “Limites do Brasil”.
30	Deolindo Mendes da S. Moura	Formado em Direito pela Faculdade do Recife. Político e jornalista, não tem livros publicados.

Fonte: SANTOS, 1994; BASTOS, 1994; ADRIÃO NETO, 1995.

Observando o conjunto dos patronos, com exceção do Marquês de Paranaguá e Antônio Castelo Branco, os demais integram as duas primeiras gerações de intelectuais que residiram em Teresina entre 1852 e 1922. Os fundadores da APL se consideravam herdeiros literários dos literatos piauienses a partir dessas duas gerações.

Para as primeiras décadas do século XX, a presença de Luísa Amélia de Queirós Brandão e de Amélia de Freitas Beviláqua se constitui em fato inusitado na história das

academias de letras do Brasil. Reafirma o que vem se configurando ao longo desse capítulo, o papel ativo que as mulheres piauienses exerceram no ambiente literário, como jornalistas, ficcionistas, oradoras e, em especial, leitoras.

Entre os contemplados com o patronato, intelectuais portadores de diploma de curso superior e também autodidatas, entre os últimos, alguns dominavam muito bem os conteúdos de disciplinas como História, Geografia e Literatura, além de dominar línguas estrangeiras. Em contato com pessoas de reconhecido prestígio intelectual, a todos encantavam com sua ilustração. Alguns são apontados como pobres²⁹⁰, contudo a pobreza não foi empecilho à vida intelectual de sucesso. O emprego no serviço da administração da província ou estado, em parte, resolveu a questão. Foi assim com David Caldas e Licurgo de Paiva, até quando comungaram com os padrões de comportamento da época; também com Celso Pinheiro, intelectual conformado com os padrões valorizados por seus pares.

Chama atenção o conjunto da obra dos patronos, muito embora se tenha feito recorte da obra de cada um, o que se revela é um conjunto de obras eclético. Na área da ficção domina a poesia, tendo em vista que quase todos os intelectuais entre 1852 e 1952, escreveram poesias²⁹¹. Fora da ficção, muitos estudos - na área jurídica, das ciências aplicadas e sociais -, também, discursos, relatórios, escritos pessoais diversos. Como parte do cânon literário, denota uma visão de literatura muito abrangente.

Alguns patronos não chegaram a publicar livros, foram contemplados com o patronato apenas pela atuação na imprensa periódica. Parcela da obra dos patronos se inclui na sua área de atuação profissional ou foi produzida ainda no contexto da escolaridade do autor, com pouquíssima relevância do ponto de vista da arte e do conhecimento e quase nenhuma relação com a sociedade piauiense. Nesses casos, o patronato aparece como um elemento de distinção social, não por mérito literário ou contribuição ao conhecimento.

A história da Academia Piauiense de Letras, de sua fundação em 1917 até 1952, é a de um sodalício elitista, fechado, de pouca penetração na sociedade. Afigura-se como mais

²⁹⁰Essa questão merece estudo à parte, descontada a pobreza material do próprio meio, a maioria dos intelectuais piauienses, entre 1850 e 1950 teve uma vida de relativo sucesso. Quase todos oriundos de famílias rurais com alguma posse, não faltou o básico para uma vida digna: local para morar e trabalho de onde retirar o sustento para a família. O emprego público foi o caminho para o sucesso profissional, como funcionários públicos de alto escalão, como professores e como magistrados. É possível encontrá-los em cargos de representação como deputados, senadores, vereadores e governadores. Outros literatos atuaram na iniciativa privada como guardalivros, contadores, vendedores, jornalistas. Observa-se que, fora do Piauí, os literatos piauienses frequentaram os círculos literários e sociais mais refinados, a exemplo da família de José Manoel de Freitas em Pernambuco. No Rio de Janeiro salta aos olhos o sucesso de Félix Pacheco, João Cabral e Cristino Castelo Branco. Os exemplos podem se multiplicar, como se depreende das fontes consultadas. Da Costa e Silva, foi alto funcionário do Ministério da Fazenda, com estabilidade garantida para criar seis filhos, de dois respeitáveis casamentos.

²⁹¹AIRES, 1972.

um lugar na intrincada rede de poder estabelecida pela elite. Na sociedade rurícola, de maioria iletrada, cada acadêmico, como portador de capital intelectual, distingue-se do restante dos seus conterrâneos, cobrando tributo em honrarias.

O período da criação da APL é seu próprio fastígio. Na reunião preparatória para a oficialização da academia, em dezembro de 1917, estavam reunidos Lucídio Freitas, João Pinheiro, Antônio Chaves, Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, Felon Ferreira Castelo Branco, Jônatas Batista, Edison da Paz Cunha, Benedito Aurélio de Freitas e Celso Pinheiro. Foi apresentado um projeto de estatuto, elaborado por Lucídio Freitas, João Pinheiro e Antônio Chaves, que depois de lido foi aprovado. Elegeram a primeira diretoria e estabeleceram a data de 24 de janeiro de 1918, para a solenidade de inauguração do instituto.

Nas décadas seguintes, suas atividades se resumiram às reuniões ordinárias que, na falta de sede própria, aconteciam na residência dos acadêmicos e as reuniões solenes em espaços públicos, como o salão nobre do Paço Municipal. As reuniões de recepção dos novos sócios eram disputadas pelo “high-life”, quase sempre contavam com a presença do governador do estado e do bispo diocesano, entre outras autoridades.

No início da década de 1940, segundo fala do seu presidente, Higino Cunha, a APL estava acometida pela “paralisia”. Tinham opinião semelhante, dois dos mais eminentes acadêmicos, João Pinheiro e Arimatéa Tito²⁹². Presume-se que a composição do quadro de sócios criou situações que dificultaram o desenvolvimento da Academia.

Na reunião de dezembro de 1917, o grupo de sócios fundadores indicou os nomes de Amélia de Freitas Beviláqua, José Félix Alves Pacheco, Raimundo Antônio Francisco da Costa e Silva, Zito Batista, Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves e Abdias da Costa Neves para sócios efetivos. Somando os dez sócios fundadores e os seis indicados, mais de 50% das vagas estabelecidas no estatuto já estavam preenchidas. Olhando o quadro de composição dos sócios efetivos, observa-se que três dos indicados tinham domicílio fora do Piauí, os outros transitavam entre o Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo. Abdias Neves e Luís Mendes desenvolviam entre outras atividades, a de representantes do Piauí no Congresso Nacional²⁹³.

As vagas restantes foram preenchidas por João Cabral, Joaquim Ribeiro²⁹⁴, Armando Madeira Brandão, Luís de Moraes Correia, Jonas Fontenele da Silva, Benedito Francisco Nogueira Tapeti, Odilo Costa, Matias Olímpio, Pedro Brito, Simplício Mendes, Benjamin Batista, Elias de Oliveira e Silva, Arimatéa Tito e Antônio Bona. Dessa relação, os seis

²⁹²PINHEIRO, 1940; “Revista da APL”, 1943.

²⁹³“Revista da APL”, 1945.

²⁹⁴Morreu em 1919, antes de tomar posse, passou a patrono da cadeira.

primeiros sócios residiam fora de Teresina, Joaquim Ribeiro faleceu antes da posse e passou a patrono da cadeira. No total de cinquenta acadêmicos admitidos entre 1917 e 1952, nove tinham domicílio fora do Piauí; nove transitavam entre o Piauí e outros estados da federação e, de passagem por Teresina, estavam divididos entre as questões pessoais ou político partidárias, restando pouco tempo para a Academia; seis moravam em outras cidades do Piauí, destacando-se Parnaíba.

Pela sobrecarga de atividades, os acadêmicos residentes em Teresina, colocavam a Academia no final do rol de suas prioridades. Por exemplo, o septuagenário Higino Cunha, entre 1919 e 1940, presidiu a APL e o Instituto Histórico Antropológico e Geográfico Piauiense - IHAGP e ainda participava da comissão de redação da revista dos dois institutos, além de escrever artigos para as mesmas²⁹⁵. Observa-se que nesse mesmo período, escrevia regularmente para vários jornais. Advogado no exercício da profissão, também pertencia ao quadro de professores do Liceu Piauiense, Escola Normal e Faculdade de Direito. Outro acadêmico, Cromwell de Carvalho, foi secretário de governo, presidente do Tribunal de Justiça e diretor da Faculdade de Direito e acumulava algumas dessas funções. Além de dirigir a Faculdade de Direito por mais de duas décadas, compunha também o seu quadro de professores.

Também contribuiu para a inconstância das atividades acadêmicas o desaparecimento natural dos sócios da Academia, em média, uma morte a cada ano, no período de 1917 a 1952, o que desencadeou um longo processo de vacância/ocupação das cadeiras, que se inclinou à estabilização, para o final da década de 1940. Na década de 1920, faleceram Lucídio Freitas, Clodoaldo Freitas, Felon Castelo Branco, Zito Batista, Antônio Ribeiro Gonçalves e Abdias Neves; na década de 1930, Jônatas Batista, Luís Correia, Félix Pacheco, Baurélio Mangabeira (Benedito Aurélio de Freitas), Antônio Chaves e Cirilo Carneviva; na década de 1940, Benjamin Batista, Higino Cunha, João Pinheiro, João Cabral, Amélia de Freitas Beviláqua, Jonas Silva, José Pires de Lima Rebelo, José Pires Rebelo, Gonçalo Castro Cavalcante e Esmaragdo de Freitas. Como se observa, nas três décadas após a criação da APL, seu quadro de sócios efetivos foi renovado em mais de 50%.

As vagas da Academia eram muito disputadas gerando tensões entre os proponentes e os sócios votantes. É curioso como algumas figuras de reconhecido prestígio intelectual ficaram fora da Academia, a exemplo de Antonino Freire, Eudóxio Neves e Anísio Brito. Não

²⁹⁵BASTOS, 1994; "Revista da APL", 1939.

obstante o quadro de dificuldades a APL se afirmava como principal instituto de representação literária do Piauí.

Um episódio em especial merece menção, uma vez que permite visualizar a independência da Academia em relação as suas congêneres e a força do instituto como representante de uma comunidade de intelectuais. Amélia de Freitas Beviláqua pertencia ao quadro de imortais da APL desde 1917, embora não tivesse assumido a cadeira para a qual fora eleita. Na década de 1930, quando sua proposta de admissão à Academia Brasileira de Letras foi recusada, a proponente decidiu oficialmente assumir sua cadeira na APL. Na solenidade de recepção, Cristino Castelo Branco discursava.

A vossa presença nessa casa constitui, até hoje, o maior acontecimento desta academia. Obreiros humildes e obscuros do pensamento e das letras, neste recanto esquecido e longínquo do mundo, é para nós honra insigne acolher em nossa companhia a figura excelsa e respeitável da mulher ilustre, que lá na grande metrópole brasileira, enaltece e sublima o nome piauiense entre os expoentes máximos da cultura e da civilização nacionais. [...] A festa é vossa, e não minha. Os aplausos, os louvores, são para vós e não para mim. A alegria que enche o ambiente desta sala vem de vós, da vossa presença, tudo aqui reflete o prazer de vos ver, de vos ouvir, de vos homenagear. Sou apenas, neste instante, uma espécie de pároco de aldeia, celebrando no altar de vossa inteligência.²⁹⁶

Amélia de Freitas Beviláqua descendia de uma das famílias mais tradicionais no cenário social e literário piauiense. Parente próxima de Clodoaldo Freitas, um dos fundadores da Academia e seu primeiro presidente, era filha de José Manoel de Freitas e o irmã de João Alfredo de Freitas, respectivamente patronos das cadeiras n.1 e n.11 da APL. Longe do discurso louvaminheiro, a recepção era um ato de desagravo, como se infere da fala do recepcionista, “desde os albores de nossa instituição, foste contemplada entre os nossos para orgulho nosso” e concluía:

Não podíamos compreender uma Academia Piauiense de Letras, sem que no quadro dos nossos consócios figurasse o vosso nome [...] Nesse ponto, divergimos profundamente do nosso paradigma, a Academia Brasileira, que iluminada pela glória dos seus pró-homens, cerra egoisticamente as suas portas ao valor feminino, como se o esplendor mental e o mérito literário fossem neste país de mulheres inteligentes, apanágio dos homens.²⁹⁷

A APL saiu do episódio fortalecida, indiscutivelmente, representava uma comunidade, a piauiense, e um sistema literário com cânone definido e um grupo de escritores e leitores, ainda que restrito aos grupos sociais dominantes.

²⁹⁶“Revista da APL”, dez. 1936, APL.

²⁹⁷“Revista da APL”, dez. 1936, APL.

No final da década de 1940, um grupo de acadêmicos manifestava sua insatisfação para com o quadro de paralisia. A reforma dos estatutos e a candidatura de Álvaro Alves Ferreira e Maria Izabel Gonçalves de Vilhena proporcionaram um clima para que o grupo dos insatisfeitos tomasse de “assalto à presidência”²⁹⁸. Numa reunião, onde reinou a “anarquia e o tumulto, aberração das boas normas da convivência social, num pandemônio infernal”, Martins Napoleão, Celso Pinheiro, Matias Olímpio, Arimatéa Tito, Mário José Batista, Pedro Brito e Júlio Martins Vieira, puseram fim ao longo período de Higino Cunha à frente da APL, elegendo Martins Napoleão como seu sucessor.

O Instituto Histórico Antropológico e Geográfico Piauiense - IHAGP foi outra instituição cultural do período muito disputado pela intelectualidade piauiense, sua criação em 1918, atendeu uma demanda de meados do século XIX, quando da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. O plano era instalar associações congêneres em cada província do Império²⁹⁹. Ao contrário do que fora planejado, a maioria só foi instalada no século XX, a exemplo dos institutos do Amazonas (1917), Espírito Santo (1916), Minas Gerais (1907), Pará (1917), Paraíba (1905), Rio Grande do Norte (1902), Rio Grande do Sul (1920) e Sergipe (1912)³⁰⁰. A criação do IHAGP também visava atender à demanda por associações que congregassem os intelectuais locais.

A presença de Antônio Carlos Simões da Silva, vice-presidente do IHGB e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Fluminense, na solenidade de instalação do IHAGP, demonstra a atualidade do que fora planejado e o quanto essas instituições ainda representavam no cenário cultural. Através das revistas editadas pelo IHAGP, é possível acompanhar sua trajetória, que se divide em fase de ouro (1918–1928), decadência (1928–1971) e ressurgimento (1972-1974)³⁰¹. Segundo o estatuto, o Instituto possui associados efetivos, beneméritos, honorários, correspondentes e protetores. Segundo o cadastro social de 1920 e 1922, constante nas revistas do órgão, é possível observar a quantidade de associados em cada categoria. Não há informações para o período entre 1928 e 1952, quando a associação viveu um período de paralisia de suas atividades. Observa-se que corresponde ao mesmo período de paralisação da APL, o que leva a crer que a fundação desses institutos visava apenas à consagração pessoal. É comum no texto biográfico dos piauienses que

²⁹⁸Uma versão desse episódio foi apresentada por PINHEIRO (1940), integrante do grupo ligado à presidência de Higino Cunha.

²⁹⁹GUIMARAES, 1995, p.539.

³⁰⁰COUTINHO, SOUZA, 2001.

³⁰¹A proposta de fases se encontra na “Revista do IHAGP” dez. 1974, APPI. Cf., também, ADRIÃO NETO, 1995, p. 247. Na década de 1980 o Instituto passou a viver nova fase de paralisia de atividades.

integravam o ambiente literário, nesse período, a extensa relação de sociedades as quais pertenceram, o que indica uma forma de distinção.

A literatura sobre os institutos históricos indica que seus associados pertenciam aos grupos sociais mais elevados, além de compor os segmentos sociais letrados e envolvidos com a política. É o que se examina em seguida em relação ao Piauí. Assinaram o estatuto como sócios fundadores do IHAGP, Higino Cunha, Fenelon Ferreira Castelo Branco, João Pinheiro, Clodoaldo Freitas, Benjamin de Moura Batista, Simplício de Sousa Mendes, Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, Heitor Castelo Branco, todos membros efetivos da Academia Piauiense de Letras, ainda, Valdivino Tito de Oliveira, Antonino Freire da Silva, Eurípedes Clementino de Aguiar, Anísio Brito de Melo, Julio Lustosa, Antônio Celestino Franco de Sá Filho, Justino Augusto da Silva Moura, Artur Furtado de Albuquerque Cavalcante e Sérgio Moisés Tajra, destacadas figuras do cenário social e cultural piauiense, entretanto, nenhum com vínculo acadêmico. Em 1920, foram admitidos como sócios do IHAGP, o cônego Cícero Portela Nunes, Elias Firmino de Souza Martins, Francisco Brandão Júnior e Francisco Portela Parentes³⁰².

Observa-se pela composição do quadro de associados do IHAGP, entre 1918 e 1920, algumas dificuldades no sentido de atender à demanda de congregar os intelectuais fora da Academia. O regimento estabelecia trinta vagas para sócios efetivos, cujo requisito básico era a apresentação de “uma memória de sua lavra, reconhecida como valiosa em parecer da [comissão de admissão] e [que] trate das matérias almejadas pelo Instituto”.

Membros da Academia se apressaram em ocupar espaços no novo sodalício, oito vagas das trinta regimentais, foram ocupadas por membros da APL. Higino Cunha, Fenelon Ferreira Castelo Branco, João Pinheiro, Clodoaldo Freitas, além de acadêmicos e membros do IHAGP, ocuparam cargos na diretoria do órgão. Foram acomodados intelectuais renomados como Valdivino Tito, Antonino Freire, Anísio Brito, cônego Cícero Portela, Elias Martins e Francisco Portela Parentes, consagrados pesquisadores, com livros publicados. Quase todos os sócios atuavam no magistério e escreviam para jornais e revistas sobre os mais variados temas, em diferentes áreas do conhecimento.

As demais vagas foram preenchidas por um grupo de estrelas de menor brilho no ambiente cultural. Observa-se que até 1922 havia vagas não preenchidas, fato estranho, quando muitos intelectuais estavam aptos a ocupar essas vagas e considerável era número de estudos publicados sobre a sociedade piauiense, inclusive do ponto de vista histórico e

³⁰²“Revista do IHAGP”, 1920, APPI.

geográfico, Presume-se que, igualmente à APL, o IHAGP manteve rigoroso critério de seleção de seus associados, que extrapolou o estabelecido no estatuto, para incluir fatores de ordem social e política.

As mulheres se fizeram presentes no quadro do Instituto, a maioria na categoria de sócio protetor, a exemplo de: Amélia de Freitas Beviláqua, que presenteou a biblioteca do Instituto com obras de sua autoria; Firmina Sobreira Cardoso, maranhense radicada em Teresina, musicista muito popular pela autoria do Hino do Piauí e, em especial, pela sua atuação no magistério; Francisca de Sá Vianna Montenegro, poetisa e professora parnaibana; Déa Pinheiro, Lélia de Moraes Avellino, Alice de Arêa Leão Castelo Branco, Ester Couto, Josepha Ferraz e Purcina Ribeiro Fonseca, sobre as quais não se encontraram informações. Na relação de sócios correspondentes aparece o nome de Miss. Adela Breton, residente nos Estados Unidos.

O Instituto funcionava através de cinco comissões: Admissão de Sócios, Redação da Revista, Aquisição de Documentos, Estudos Americanistas e Estudos de Limites do Estado. Observamos o trabalho da Comissão de Redação da “Revista do IHAGP” através da primeira e segunda edição que estão dentro do marco cronológico desse trabalho. Clodoaldo Freitas, Fenelon Castelo Branco e João Pinheiro formavam a comissão responsável pela primeira edição da revista datada de 1920. Aí se encontra estudo sobre o rio Parnaíba, elaborado pelo engenheiro Gustavo Luiz Guilherme Dodt, na década de 1880; catálogo de sesmarias concedidas no Piauí e registradas nos livros da Diretoria de Agricultura, Terras, Viação e Obras Públicas, organizado por Antonino Freire. Colaboraram ainda: Anísio Brito com dois artigos, “A quem pertence a prioridade histórica do descobrimento do Piauí?”, “Adesão do Piauí à Confederação do Equador”; Abdias Neves, “O cerco de Oeiras em 1845”; Padre Cícero Nunes, “Notas sobre a religião no Piauí”; F. A. Brandão Júnior, “A lagoa da pimenteira”; F. Parentes, “Ensaio sobre as entradas no Piauí”; Elias Martins, “Operário da Boa Vinha: esboço biográfico do cônego Acyline Batista Portella Ferreira 1853-1917”; Fenelon Castelo Branco, “Cidade de Floriano”; José Correa Rabelo, “As sete cidades do Piauí”; Benjamin Batista, “A mudança da capital”; Antonino Freire, “Minerais no Piauí” e mais dois artigos cujos autores assinaram com as iniciais F. C., “Contribuições para a história do Piauí: documentos a consultar” e P.C., “Comando das armas do Piauí”.

A comissão organizadora da segunda edição, datada de 1922, homenagem ao centenário da independência do Brasil, estava composta por Anísio Brito, Fenelon Castelo Branco e João Pinheiro. Assinaram artigos: Higino Cunha, “A independência do Brasil” e “O

teatro em Teresina”; Anísio Brito, “A independência do Piauí” e “Os Balaios no Piauí”; Clodoaldo Freitas, “A mudança da capital”; Felon Castelo Branco, “Síntese da história administrativa e jurídica do Piauí”; J. M. Guimarães, “Notas sobre Amarante”; Manoel Raimundo da Paz Filho, “Congresso sobre as municipalidades”; Hugo Victor, “Sesmarias Piauienses”; Alfredo de Carvalho, “Através do Piauí”, artigo sobre a passagem dos viajantes Spix e Martius pelo território piauiense.

A história da “Revista do IHAGP” aponta para a irregularidade das edições, pois foram publicados apenas dois números entre 1920 e 1952, os demais foram publicados nas respectivas datas, 1972, 1974 (dois números) e 1975. Como as demais revistas desse tipo, publicou textos de natureza variada: conferências, notas de aula, discursos, informativos, relatórios, catálogos, biografias, pesquisa documental. A figura de Anísio Brito se destaca dentro do Instituto, ele monopolizou as duas primeiras edições da revista, publicando dois artigos em cada uma³⁰³, além de compor a comissão de redação da segunda edição. Na diretoria eleita para o ano social de 1922-1923 ocupou o cargo de segundo secretário. Segundo as fontes consultadas, Anísio Brito é apresentado como diretor do IHAGP, contudo não ficou especificado o período. Presume-se que foi depois de 1923, pois Higino Cunha foi diretor da instituição de 1918 a 1923 e nas décadas de 1930 e 1940³⁰⁴.

Anísio Brito é um dos intelectuais mais respeitados da primeira metade do século XX. Formado em odontologia, dedicou-se à pesquisa histórica e ao magistério. Foi diretor da Instrução Pública e da Biblioteca, Museu e Arquivo do Piauí, nesse cargo foi gestor do maior centro documental do Piauí, o que lhe permitiu maior intimidade com a documentação histórica. Desse contato, nasceu sua paixão pela pesquisa histórica. Sua obra se encontra dispersa em jornais e revista da época. É curioso o fato de Anísio Brito não escrever para a “Revista da APL”, nem ter ocupado uma de suas cadeiras.

A criação da Comissão de Estudos de Limites do Estado demonstra a pretensão de membros do Instituto de intervir em questões limítrofes do Piauí, por essa época ainda não estavam definidas. Antonino Freire e Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, intelectuais e políticos, engenheiros por formação, membros da referida comissão, transformaram-na em fórum de debates. Antes mesmo da criação do Instituto, Antonino Freire publicou “Limites entre os Estados do Piauí e Maranhão”. Em 1921, publicou “Limites do Piauí”, resultado do permanente diálogo desenvolvido no interior da referida comissão. Em 1919, circulou em Teresina a obra “Limites do Maranhão com o Piauí com a Questão de Tutóia”, de José

³⁰³“Revista do IHAGP”, APPI.

³⁰⁴“Revista da APL”, out. 1939, APPI; ADRIÃO NETO, 1995, p. 160.

Ribeiro do Amaral³⁰⁵, o que demonstra também preocupação dos intelectuais dos estados vizinhos com a questão.

A história do IHAGP entre 1928 e 1952 é de “uma crise profunda”. Coincidentemente, corresponde ao mesmo período de crise da APL, decênios de 1930 e 1940, quando Higino Cunha presidiu as duas instituições. O que se observa é que a APL, apesar das dificuldades, consolidou sua posição no cenário cultural, conseguindo editar sua revista e realizar as reuniões ordinárias com regularidade. Promoveu “saraus” literários abertos ao público, uma forma de divulgar a instituição. Além disso, a Academia destruiu as bases do Instituto, ao incorporar parte fundamental do seu papel, o de pesquisar e difundir conhecimento de história e geografia do Piauí, como se observa na primeira edição da “Revista da APL”.

[Tanto o estatuto da APL como a primeira edição da “Revista da APL”, especificavam que entre seus objetivos estava] difundir o gosto das boas letras e dos estudos de história e de geografia do Piauí, de que tanto carecemos. O nosso olvido pelas cousas piauienses concorre para que sejamos esquecidos dentro do país, de forma que os geógrafos e historiadores cometem os erros mais grosseiros sempre que se referem a nossa terra, tão pouco amada de seus filhos³⁰⁶.

As duas instituições foram as mais importantes no cenário cultural piauiense até os anos de 1970, quando os intelectuais das diversas regiões do Estado iniciaram um processo de criação de institutos regionais³⁰⁷.

O Cenáculo Piauiense de Letras - CPL³⁰⁸, outro importante instituto de representação literária do período, foi instalado em 1927, por iniciativa de um grupo de intelectuais, ligados ao jornal “O Lábaro”, semanário literário, que circulou em Teresina entre 1926 e 1929. Reformado o estatuto em 1929, ficou registrado que o fim do CPL era “promover o alevantamento e unidade” da “mocidade” intelectual piauiense. Estabelecia trinta vagas para sócios efetivos e para sócios correspondentes tantas “quantas forem os valores intelectuais piauienses moços dispersos no Estado ou no País”. Entre os critérios para concorrer a uma vaga ficou estabelecido: naturalidade piauiense, idade acima de 18 anos, ficha criminal limpa,

³⁰⁵O autor foi citado no “Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de todos os tempos”, ADRIÃO NETO, 1995, p. 23; não consta como membro da APL nem do IHAGP.

³⁰⁶“Revista da APL”, jun. 1918, APPI.

³⁰⁷Essa tendência localista não é um fenômeno novo no cenário intelectual piauiense, ao longo do século XX, há notícias sobre a criação grêmios literárias no interior do Estado, associando jovens inquietos e ávidos de leitura, que também produziam seus primeiros escritos. Havia uma articulação entre esses jovens de diferentes partes do Piauí, em especial dos principais centros urbanos como Parnaíba, Campo Maior, Amarante, Floriano e Oeiras. ADRIÃO NETO (1995, p. 360) registrou a criação do Grêmio Literário Amarantino, na cidade de Amarante, em 1904.

³⁰⁸MELLO, 1992, p.11-27; NASCIMENTO, 1988, p.227-297; ADRIÃO NETO, 1995, p.346-347; BASTOS, 1994, p.126-127.

capacidade moral e, antes de qualquer outra exigência, ter produzido e publicado trabalhos de reconhecido mérito ou valor literário em qualquer dos gêneros da literatura.

O quadro de associados efetivos, ano de 1932, estava assim composto.

Quadro 09 - Sócios efetivos do Cenáculo Piauiense de Letras e respectivos patronos

Sócios efetivos	Patronos
José Severiano da Costa Andrade (1906-?)	Padre Cirilo Chaves
Luís Torres Raposo (1898-1930) ³⁰⁹	Higino Cunha
Júlio A Martins Vieira (1905-1984, sócio fundador)	João Pinheiro
Wagner Cavalcante (1912-?)	Cromwell de Carvalho
Souza Lima Machado (sem dados)	Edison Cunha
Osíris Neves de Melo (1905-1964, sócio fundador)	Antonio Chaves
A. Veras de Holanda (1903-1942, sócio fundador)	Pedro Borges
Iara Neves Borges de Melo (sem dados)	Jônatas Batista
A. Martins Castelo Branco (1911-?, sócio fundador)	Celso Pinheiro
R. Moura Rego (1911-1988)	Benedito Aurélio de Freitas
A. Bugyja de S. Brito (1907-1992 sócio fundador)	Pedro Brito
Felismino de Freitas Weser (1895-1984)	Cristino Castelo Branco
Oliveira e Ferres (1902-1939)	Luís Mendes Ribeiro Gonçalves
Jesus A de Medeiros (1906-? sócio fundador)	Matias Olímpio
Vaga	Simplício Mendes
Raimundo Sobreira Cardoso (1908-? sócio fundador)	Benjamin Batista
Eudóxio da C Neves (1879-1933, sócio fundador)	Luís Correia
Álvaro A Ferreira (1893-1963)	Odilo Costa
Antônio Neves de Melo (1903-1945)	Abdias Neves
Alberto Abreu (sem dados)	Félix Pacheco
Sílvio Carvalho ³¹⁰	João Cabral
Gaudêncio Carvalho (sem dados)	Ribeiro Gonçalves
Francisco da Cunha e Silva (1905-1990)	
Júlia Gomes Ferreira (sem dados)	Amélia Beviláqua
João Santos de Sousa (1903-?)	Elias Oliveira
Borges Barros (sem dados)	Armando Madeira
Durvalino Couto (1909-1979)	Pires Rebelo
Inocência Machado Coelho (1907-? sócio fundador)	Jonas da Silva
Antônio de Pádua Rezende (1908-1944)	Arimatéia Tito
Vaga	Antônio Bona

Fonte: "A Revista", 1932, Hemeroteca, APPI.

³⁰⁹Falecido em 1930, foi substituído por B. C. M de Melo.

³¹⁰Faleceu antes de tomar posse, não ficou registrado o substituto, nem dados de nascimento e morte.

Observa-se que os patronos são os sócios efetivos da Academia Piauiense de Letras, clara demonstração de que a agremiação não pretendia romper com o cânon literário estabelecido, antes era mais uma forma de acomodar aqueles que ainda não tiveram oportunidade de acender ao maior dos institutos de representação literária do Piauí, a APL. Posteriormente, Martins Vieira, Moura Rego, Buggy Brito, Cunha e Silva, entre outros, tiveram assento na Academia. Nota-se um apelo desde o estatuto da entidade, passando pelos discursos de posse de seus associados, até os escritos dos colaboradores de “A Revista”, em relacionar o CPL com a ala jovem da intelectualidade piauiense. No caso do patronato, os jovens do CPL se sentiam diretamente influenciados e sob a proteção dos acadêmicos.

A maioria do quadro de associados do CPL era composto de jovens entre dezenove e vinte e cinco anos, cuja produção literária era mais latente do que manifesta, contudo, intelectuais de reconhecido prestígio literário e que se encontravam fora da APL, também compuseram o quadro do instituto. A exemplo de: Eudócio Neves, Álvaro Ferreira, Felismino Weser e Torres Raposo, que na época da criação da APL e do IHAGP, eram maiores de idade e respeitados no ambiente literário. Eudócio Neves, por exemplo, tinha uma vasta obra poética dispersa pela imprensa periódica. É estranho não constar seu nome entre os fundadores ou entre os primeiros ocupantes das vagas na APL ou também entre os associados do IHAGP. O fato reforça a ideia da tensão que permeou o preenchimento de vagas nesse instituto literário³¹¹.

É possível perceber como a família Neves fará desse sodalício um espaço de construção de sua fama literária. Radicados nos municípios do norte do Piauí, em especial Piri-piri e Teresina, fizeram parte do CPL, os irmãos Osíris Neves de Melo e Antônio Neves de Melo, sobrinhos de Eudócio da Costa Neves e de Abdias da Costa Neves, pai de Iara Neves, também membro do CPL. Pelo menos com o nome de família Melo, tem seu nome ligado ao sodalício, Antonio Félix de Melo e B.C.M de Melo, que não foram identificados. Pelos discursos proferidos nas sessões e através das páginas de “A Revista”, periódico do instituto, percebemos como Abdias da Costa Neves, irmão de Eudócio Neves, foi cultuado como uma das inteligências mais brilhantes da intelectualidade piauiense.

Na composição da primeira diretoria do CPL estava Antônio Neves como secretário e Antônio Félix de Melo como tesoureiro. Osíris Neves integrava a comissão de redação de

³¹¹É necessário lembrar o silêncio em torno do nome de Leonardo Castelo Branco e de Francisco Gil Castelo Branco. Polêmica acerba, mais recente, deu-se em torno da candidatura de J. Miguel de Matos a APL, cf. SILVA 1970.

“A Revista” órgão de divulgação do instituto³¹². Em 1932, a diretoria estava assim composta: Eudócio Neves, presidente; Álvaro Ferreira, vice-presidente; Antônio Neves de Melo, secretário geral; Osíris Neves de Melo primeiro secretário; Veras de Holanda segundo secretário; Wagner Cavalcante, tesoureiro e Jesus Medeiros, bibliotecário.

A morte de Antônio Neves e Eudócio Neves, respectivamente em 1935 e 1933, parece ter influenciado na decadência das atividades do CPL, já que foram seus principais articuladores. Em 1938 circulou “Primeiros Versos”, livro contendo dezesseis poesias da lavra de Antônio Neves, publicado por seu pai Lino de Moraes Rego e seu irmão Osíris Neves. Uma das poesias, “Alma enferma”, foi dedicada ao “tio Eudócio”. O prefácio do livro foi escrito pelo amigo Álvaro Ferreira, que considera o jornalista Antônio Neves mais genial do que o poeta, contudo, para o crítico, o livro “encerra estados e motivos de uma alma sonhadora e tropicalmente excitada”.

Na década de 1940, o CPL estava com suas atividades paralisadas, o que reforça o argumento de que fora criado como espaço de consagração de intelectuais da família Neves. Como os outros institutos de representação literária, fundados em Teresina, o CPL facilitava e saudava com entusiasmo a filiação de intelectuais residentes em outros municípios. Nesse sentido, foram sócios correspondentes do instituto em foco, Raimundo Petit (Parnaíba), Antônio da Costa Rosal e Acrísio Pereira Lopes (de Floriano), Possidônio Nunes de Queiroz (Oeiras) e Messias Fontenele (Piracuruca). É muito claro que, a partir das primeiras décadas do século XX, intelectuais residentes em diferentes municípios do estado passaram a ocupar espaço de destaque na vida intelectual da capital.

³¹²Na hemeroteca do APPI consta apenas o primeiro número, ano de 1932.

CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS³¹³ NA PRODUÇÃO LITERÁRIA PIAUIENSE

Para alcançar o objetivo traçado para este capítulo: entender a pertinência existente entre produção literária e representações identitárias, procurou-se formular um panorama da produção literária piauiense, através da apropriação de produtos literários de três gerações de escritores que viveram em Teresina entre 1852 e 1952. Com o estudo foi possível observar que fatores que desfavoreciam uma cultura letrada, tais como a vida rurícola, a atividade agropastoril e a ineficiência do sistema formal de ensino, não foram suficientes para impedir o surgimento de intelectuais capazes de gerar um vistoso acervo composto por uma literatura de ficção, bem como por estudos diversos que tornam possível a recomposição do palimpsesto discursivo que foi dando significado ao Piauí.

O que mais chama a atenção no referido acervo é o esforço para suturar as identidades e a existência dos sujeitos presos à terra, ao lugar, formatando uma região e, em seu lastro, uma piauiensidade fixa³¹⁴. Esta piauiensidade, por sua vez, seria condicionada pela vida do campo, pela relação dos sujeitos com uma natureza quase intocada, que precisava ser protegida de qualquer contágio modernizante que a desagregasse e com as atividades rurais, elementos que entram na tessitura das próprias subjetividades³¹⁵.

Essa representação, elaborada e consolidada discursivamente ao longo da segunda metade do século XIX, no Piauí, encontrou na poesia de temática sertaneja um dos principais instrumentos de sua formulação e veiculação. Presume-se que esse estilo de poesia tenha surgido a partir dos repentes travados pelos violeiros e trovadores que, em suas refregas, retratavam positivamente figuras, usos e costumes da sociedade rurícola. Trata-se de uma poesia singela, alegre, cantada com acompanhamento de instrumentos musicais, o que facilita a sua assimilação por grupos não letrados, os quais constituem, no período, a maioria da população piauiense. Uma boa ilustração daquilo que está sendo chamado de poesia de temática sertaneja é aquela da lavra do poeta Zé da Prata, um dos mais populares repentistas piauienses do século XX.

³¹³Representação, nesse trabalho, está sendo utilizada no sentido atribuído por CHARTIER, 1991, segundo o qual a representação é o produto do resultado de uma prática. A literatura, por exemplo, é representação, porque é o produto de uma prática simbólica que se transforma em outras representações.

³¹⁴Parâmetro identitário para os piauienses.

³¹⁵RABELO, 2005, p. 10.

José Fernandes, meu nome,
Carvalho, paterna herança,
Da prata, por apelido,
Caboclo, por confiança.

Prata de lei no repente,
Está nisso o meu tesouro
Em muitas vezes a prata
Serve melhor que o ouro...

De Altos, sou altaneiro,
Minha terra predileta
Não me faz viver a rogo...

Sou no trabalho o primeiro,
Pois com carta de poeta
Não se põe panela ao fogo...³¹⁶

Embora fossem originalmente de domínio popular, os temas e rimas da poesia de temática sertaneja foram, a partir da segunda metade do século XIX, crescentemente sendo incorporados por intelectuais letrados, a exemplo de José Coriolano de Sousa Lima, José Manoel de Freitas e Hermínio Castelo Branco³¹⁷.

Aos poetas citados acrescenta-se ainda o nome de Teodoro Castelo Branco, que não deixou de registrar hábitos e costumes rurícolas. Sua apologia ao caçador e ao ato de caçar oferece uma dimensão importante do viver do piauiense oitocentista. Teodoro é tio de Hermínio Castelo Branco, um dos mais visíveis literatos piauienses no período em estudo. Ambos, tio e sobrinho, publicariam livros de capital importância para a história do Piauí, bem como a compreensão da forma como segmentos da intelectualidade reagiam à novidade e ao progresso. Obras tais como “A Harpa do Caçador” de Teodoro Castelo Branco e a “Lira Sertaneja”, de Hermínio Castelo Branco, são exemplares típicos daquilo que estamos chamando de poesia de temática sertaneja.

Fragmentos da obra desses poetas e mais o romance “Ataliba, o vaqueiro”, de Francisco Gil Castelo Branco, serão apropriados por este estudo como um *corpus* literário que contribuiu significativamente para a construção de representações identitárias do Piauí na segunda metade do século XIX³¹⁸. No seu romance, Francisco Gil Castelo Branco procura mostrar que também opera com poesia sertaneja. Em vários trechos, a prosa cede espaço para

³¹⁶AIRES, 1972, p. 61.

³¹⁷No conjunto literário em análise, são várias as referências sobre cantadores e violas, cf. COSTA, 1974; CASTELO BRANCO, 1988. Informações sobre poesia de temática sertaneja, cf. CABRAL, 1938; FREITAS, 1998, especialmente a biografia de José Manoel de Freitas e José Coriolano de Sousa Lima.

³¹⁸Observa-se que o conto elaborado nesse período não se distancia da poesia de temática sertaneja. Para ilustrar, basta conferir os livros de contos que João Pinheiro publicou no período, fixando tipos piauienses. Contudo, nosso recorte privilegiou a poesia de temática sertaneja e o romance de Francisco Gil Castelo Branco.

a poesia, como se observa no excerto do canto entoado pela personagem Terezinha, o qual é transcrito a seguir:

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração!
[...]
Corrente clara do meu ribeiro,
que vens de longe, da solidão;
viste passando, o meu vaqueiro?
Oh! Diz... que sofre meu coração.
[...]
Nuvens douradas do céu brilhante
que a terra cobrem dos seus primores,
onde o vaqueiro, meu belo amante,
por quem, saudosa, soluço amores?³¹⁹

O trecho transcrito acima é um dos que abrem o romance que, por sua vez, inaugura a prosa regionalista, na medida em que antecede a um conjunto bibliográfico chamado de “romance regional” e do qual é expoente a obra “A bagaceira”³²⁰, de José Américo de Almeida. A poesia de temática sertaneja aparece, também, na festa em que Ataliba se torna noivo de Teresinha. Neste momento do romance, é o africano Cassange quem puxa o verso:

Meu amo Sô Ataliba
meu amo do coração
vai se casa c’o sinhá moça
rainha do sertão

Ataliba
A flor do – piqui – é branca,
do – bacuri – encarnada,
a flor do jambo é bonita,
mais bonita é minha amada

Terezinha
Dormindo estava sonhando
que me mataram meu bem,
acordei pedindo a Deus
que me matasse também...³²¹

E retorna, com alguma ênfase, no momento em que Castelo Branco descreve minuciosamente uma cena em que retirantes da seca executam tarefas com vistas à abertura

³¹⁹ CASTELO BRANCO, 1993, p. 42-43.

³²⁰ ALMEIDA, 1983.

³²¹ CASTELO BRANCO, 1993, p. 63-64.

de uma cacimba, indispensável à obtenção de água. Enquanto trabalham, os retirantes vão cantando:

Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado dessa fazenda
que da seca vai morrer.

A chuva não quer chover,
nem a desgraça parar!...
os campos ficaram secos
o riacho vai secar.

[...]

A mata ficou sem sombra,
a roça sem plantação,
a caça foge assutada
das terras do meu sertão.

[...]

Aqui não posso ficar,
mais fica meu coração!
vou-me embora pra longe
das terras do meu sertão.³²²

Como se disse anteriormente, através dessas referências literárias inaugurais no âmbito daquilo que seria um sistema literário no Piauí, torna-se possível observar elementos de conformação da piauiensidade, tal como a estamos concebendo.

3.1. Um Piauí longínquo, tosco e inculto emerge de exemplares da literatura piauiense

No conjunto literário elaborado pelos escritores piauienses na segunda metade do século XIX, o Piauí emerge territorialmente como sertão. Em meados dessa mesma centúria, como estudante da Faculdade de Direito do Recife, saudoso da sua bucólica Jerumenha, escreveu o poeta José Manoel de Freitas.

Tenho um berço mui ditoso,
Pois sou filho do sertão;
Lá nasci, cresci gozando
Os sopros da viração;³²³

Poemas como este convergem temática e esteticamente para a já citada “Lira Sertaneja”, a qual nos sugere que o Piauí é, antes de tudo, sertão. Entre outras coisas, isto se confirma no fato de Hermínio Castelo Branco, seu autor, só se referir aos piauienses como sertanejos. Para o poeta, ser piauiense equivale a ser sertanejo. O próprio autor declara-se “um

³²²CASTELO BRANCO, 1993, p. 74.

³²³FREITAS, 1998, p. 22.

rude sertanejo”, cuja poética se conformaria em um “selvagem canto”, inspirando-se na viola e não em “dourada lira” a qual, para ele, seria o “outro” do selvagem canto. Para aqueles que consideram incompreensível sua poesia, por sua vez, Hermínio recomenda a consulta aos “dicionários da língua chã [...] do homem do sertão”, como se observa no excerto transcrito abaixo.

Eu sou rude sertanejo:
Só falo a língua das selvas
Onde impera a natureza
Não sei fazer epopéias,
Não entendo de poemas,
Nem choramingo pobreza.
[...]
Porém quero, em tosca frase,
Com singela liberdade,
Sem floreios, nem mentira,
Entoar selvagem canto,
Inspirado na viola
Em vez de dourada lira.

E quem não for sertanejo,
E queira compreender
A beleza da expressão,
Consulte dicionários
Da língua chã, verdadeira,
Do homem cá do sertão.³²⁴

Outro poeta, Teodoro Castelo Branco, auto define-se como um poeta “tosco”, “grosseiro”, “brusco” e “selvagem”, cujo canto se inspiraria nas cenas do ato de caçar:

Sou filho das selvas, sou tosco, grosseiro,
Sou brusco, selvagem; não sou trovador;
Eu tenho outras lides, eu tenho outro emprego,
Que em tudo me ajusta: - eu sou caçador.

Se a lira hoje empunho, se solto este canto,
Não queiram tomar-me por um trovador...³²⁵

Curiosamente, os dois poetas “toscos” referidos acima pertencem a uma das famílias de maior prestígio social e econômico do Piauí. Quando a grande maioria dos piauienses não dominavam a leitura ou a escrita, estes poetas que se reivindicam toscos escreviam e publicavam livros com poesias que caíam no gosto da população. A poética de ambos converge para a impressão da rusticidade como um dos signos identitários do Piauí. O sertão/campo/mato/selva se define em oposição à “praça”, expressão comumente usada na

³²⁴CASTELO BRANCO, 1993, p. 30

³²⁵PINHEIRO, 1994, p. 40.

literatura do período para designar a cidade. Entre outros, esta oposição está bem expressa na poesia de José Coriolano de Sousa Lima:

Nasci e criei-me nas vastas catingas,
 Nas selvas umbrosas do meu Piauí;
 Não gosto das *praças*, seus usos detesto,
 Que males e dores não sofrem-se aí!³²⁶

Nos dois últimos versos do trecho transcrito acima, a cidade surge como o lugar dos males e dores que o poeta sentiu no próprio corpo quando, em 1855, transferiu-se de Marvão – hoje município de Castelo do Piauí, norte do Estado – para Recife. Na capital da província de Pernambuco, seria acometido por sarnas, bexiga e febre amarela. Zombando do seu estado de saúde, o qual atribuía à vida na cidade, versejava:

Oh! Que sarnas cruéis! Eu que me esfregue
 Sem descanso encontrar...
 Tive febre amarela e por desgraça
 Depois tive bexigas...
 Hoje estou que pareço um surubim...³²⁷

A cidade como lugar negativo, desarmônico, intranquilo, que estaria em oposição à benevolência e à salubridade do sertão, é igualmente tematizada na “Lira sertaneja”, já citada, de Hermínio Castelo Branco.

Tu, leitor, se és da cidade,
 Alheio à felicidade,
 Que se goza no sertão,
 Vais uma cena assistir,
 Em que pode consistir
 O viver do coração

Dá-me teu braço amistoso:
 Verás quanto é aventureiro
 Nosso matuto roceiro,
 Sentindo no rude peito,
 O dulcíssimo efeito
 De grato amor verdadeiro

Vais notar a diferença,
 Que disparidade imensa
 Do casamento forjado
 Pelo mais vil interesse,
 Que na cidade se tece,
 Quase sempre desastrado...³²⁸

³²⁶ MOURA, 2001, p. 55, destaque nosso.

³²⁷ FREITAS, 1998, p. 130.

³²⁸ CASTELO BRANCO, 1988, p. 49.

Depois de mostrar a fragilidade dos sentimentos do cidadão, corrompidos pelos interesses de ordem material, o poeta passa a caracterizar negativamente e em antagonia com o trabalho no campo, o desempenho de funções públicas, só possível na cidade:

Vê tu quanta diferença
 Dos homens lá da cidade!
 Que nas tetas do tesouro
 Te mesmo à saciedade
 Sugam, qual imenso polvo,
 O suor do pobre povo.

E nas casas do governo,
 Que se diz – repartições –
 Nas horas de expediente
 (Com dívidas exceções)
 Recebem todas as partes,
 Com tiros de bacamarte!³²⁹

Em outro trecho do longo poema, Hermínio Castelo Branco passa a descrever os políticos, identificado-os como típicos habitantes da cidade. Em um trecho de “O vaqueiro do sertão”, uma sub-parte d’A Lira Sertaneja, depois de um dia duro de trabalho nas lidas do campo, à noite, deitados em suas redes para recompor as energias, vaqueiros trocam, entre si, as seguintes impressões:

E esta! vancê não sabe...
 Da nova lei que botaram?
 Diz que não nos imbilita
 Para votar com os brancos,
 Caboclo não se acredita!

Pela parte que me toca
 (Não falo com presunção)
 Lhe digo, na fé de Deus:
 Leve o diabo a eleição...

Deixemos cá destas cousas:
 Nós não semo deputado
 A conversa de vaqueiro
 É só por cima do gado...³³⁰

Um ponto alto dessa literatura de ataque ao homem da cidade e de desqualificação dos políticos – ainda que o autor da poesia pertença a uma das famílias mais tradicionais da política piauiense no período – é a poesia “O drama do eleitor”, que antes de ser publicada como parte da “Lira Sertaneja”, circulou em Teresina através do jornal “O Telefone”. Em oposição ao cidadão, o sertanejo é apresentado, entre outras coisas, como alguém tranquilo, sincero, leal e valente, como se vê na escrita de José Manoel de Freitas.

³²⁹ CASTELO BRANCO, 1988, p. 49.

³³⁰ CASTELO BRANCO, 1988, p. 34-35.

Os homens lá dos meus matos,
 Não sabem o que é chorar;
 São livres, não são das praças
 Que só servem de adular...

Liberdade lá se ouve
 Nos cantos do sabiá,
 Nas vozes dos passarinhos
 E no rugir do guará.
 Liberdade soa o vento
 No ramo do piquiá,
 Onde o sofrer saudoso
 Acompanha o sabiá...

É assim que lá nos campos
 Lá no meu belo sertão
 A mocidade se passa
 Entoando o le-la-drão!
 E eu se viver n'outra terra
 Viverei sem coração;
 Se morrer longe da pátria
 Voarei pra meu sertão³³¹

A visão do romancista Francisco Gil Castelo Branco sobre o sertanejo não se distancia daquela de Hermínio Castelo Branco. Para ele, o sertanejo piauiense é “repleto de sentimentos generosos e inocentes aspirações”, não sofre das misérias da ambição, quando ama, o amor é puro, iluminado, calmo e misterioso³³².

Nesse acervo literário, se a cidade é um lugar insalubre, habitado por pessoas que apresentam “tíbieza” de caráter, o sertão aparece como síntese de perfeição, a começar pelo espaço. O escritor Francisco Gil Castelo Branco, embora tenha passado a maior parte de sua vida entre o Rio de Janeiro e a Europa, ao escrever “Ataliba, o vaqueiro”, contribuiria para consolidar uma representação do Piauí como lugar longínquo, tosco e inculto, mas ao mesmo tempo de beleza fascinante, como se pode vislumbrar no trecho abaixo, no qual o autor descreve um alvorecer no sertão piauiense:

As barras do dia abriam o horizonte; o orvalho cobria as campinas [...] uma variedade de florzinhas mimosas cobriam esses planos de matizes admiráveis [...] lindas borboletas esvoaçavam por todos os lados, e uma aluvião de canários, cabeças-vermelhas, ou cardeais, confundidos com as nuvens de rolinhas e chicanos-pretos catavam as sementes das vassorinhas e outras ervas, enquanto os sabiás, os xexéus, o corrupião ou sofrer gorjeavam entre os leques do palmeiral [...] Pela manhã e à tarde o céu tingia-se de cores vivas e resplendentes, destacando-se um fundo azul que, pouco a pouco, até ao meio dia, se tornava claro diáfano [...] O sol então brilhava com todos os seus raios e parecia derramar sobre a terra toda a

³³¹FREITAS, 1998, p. 22-24.

³³²CASTELO BRANCO, 1988, p. 53.

intensidade da sua luz tropical. À noite refulgiam inúmeras estrelas, ou o luar encantava com sua pureza inimitável.³³³

Na poesia de temática sertaneja, como se pode ver, o Piauí é assemelhado a um paraíso terreal, no qual “florzinhas mimosas de matizes admiráveis” são visitadas por “borboletas esvoaçantes” de diferentes nuances, ao mesmo tempo em que esvoaçam exóticas abelhas de tom preto ou dourado. Nos ramos do piquiá ou do cajueiro, bem como nos da mangueira ou do faveiro, pipilam aves de tamanho e cores diversas: canários, cabeças-vermelhas, rolinhas, anuns, sabiás, xexéus, corruções e guarás, dividiam a copa das árvores com os guaribas. Emas, veados, pacas, guaxinins, onças, entre outras aves e animais quadrúpedes, transitavam pelas chapadas, em busca de aguadas, “fontes mimosas” a correr, engrossando o caudal, transformando-se em “canoros” riachos ou rios violentos nas suas corredeiras e quedas d’água.

Todavia, esse paraíso se apresenta devassado. A mão humana já havia deixado sua marca através da atividade da caça, como se percebe em vários trechos já citados. Afirmava o poeta Teodoro Castelo Branco, em uma de suas composições que, “os gozos” do ato de caçar, não se comparam aos prazeres dos bailes, teatros, torneios e jogos dos homens da cidade³³⁴. Hermínio Castelo Branco dedicou duas poesias da “Lira Sertaneja” ao ato de caçar.

No Piauí, até meados do século passado, caçar tornou-se uma prática comum aos homens dos diferentes grupos sociais, sendo uma ação que exigia resistência, paciência e coragem, para se embrenhar no mato, tendo por companhia apenas os cachorros de caça, quando não caçavam em grupos. Em geral, os caçadores optavam pela noite, em especial, com lua, quando a visibilidade era melhor. Armado com facão, cartucheira, polvorinho e clavina, o caçador instalava-se próximo a uma aguada, na árvore mais alta e frondosa, entre os galhos mais fortes, armava sua rede e esperava o animal ou ave que vinha beber. A caça abatida, apreciada por muitos sertanejos, complementava a alimentação.

O acervo literário que está sendo apropriado por este trabalho favoreceu a construção de uma imagem para o Piauí na qual ele aparece como o sertão da fartura, lugar onde não se passa fome na passagem do século XIX para o XX. É Pereira da Costa quem afirma em vários trechos da “Cronologia do Estado do Piauí”. Em “Ataliba, o vaqueiro”, a fome apenas aparece quando ocasionada pela seca. Mas, antes da manifestação deste fenômeno climático, o sertão

³³³Em “Ataliba, o vaqueiro”, Francisco Gil CASTELO BRANCO (1993, p. 58-59) apresenta o sertão antes e depois da seca. Antes da seca o sertão de flora verde e bela, fauna abundante e diversificada, fontes plenas de água, sertanejos felizes; no sertão da seca a vegetação perdeu o verdor, as folhas caíram, as árvores estão nuas, as fontes secaram, os animais selváticos acuados pela sede e pela fome atacam humanos e animais domésticos, rebanhos de gado morrem de fome e sede, sertanejos retirantes fogem da seca.

³³⁴PINHEIRO, 1994, p. 40.

é “mato [aonde] há tanta fruta de pequi e tanta caça”, que “não vale a pena a gente amofinar-se”, matar-se de tanto trabalhar. Antes da seca, o sertão da criação de porcos, galinhas, perus no terreiro, até mesmo, nas casas mais pobres. Antes da seca, o sertão da fartura, o sertão da festa aonde cada folgazão chega trazendo beijus, ovos, frutas. Espetos de pau com mantas de carne assada e gamelas com pirão percorrem as rodas dos convivas, restaurando as forças para encarar o batuque³³⁵.

Outro aspecto a destacar no acervo literário em estudo é a apresentação da pecuária como um dos fatores de devassamento do sertão. Do conjunto de textos, o Piauí emerge como o lugar de criação de gado solto, que pasta gramínea rasteira e seca, junto com o sal da terra. Lugar onde em menor proporção se desenvolveu também a atividade agrícola, uma vez que o sertão piauiense é o sertão da pecuária. No conjunto da poesia de temática sertaneja, “O Toro Fusco”, de José Coriolano de Sousa Lima, é uma das composições poéticas que melhor síntese elabora de um Piauí da criação de gado, lugar longínquo, tosco e inculto. Para os críticos literários, “O Toro Fusco” é uma “epopéia em 3 cantos, cada um com 17 oitavas reais, totalizando 408 versos decassílabos”. Não encontrando-se nada igual “em nenhuma literatura, pela audácia de cantar em versos heróicos a estória de um novilho famoso, que luta e morre como herói, e nos deixa saudades como as figuras humanas ou semidivinas de uma epopéia homérica ou virgiliana”, comenta o crítico João Crisóstomo da Rocha Cabral³³⁶.

A proximidade entre as atividades agropastoris e a produção intelectual favoreceu a absorção das sociabilidades a esta última e dos códigos culturais à primeira, como se evidencia em a “Lira Sertaneja”. A poética de Hermínio Castelo Branco é o testemunho de um povo em seus diferentes aspectos, debatendo-se entre os valores da tradição e as promessas da modernidade. O autor se posiciona como porta-voz dos sertanejos, aqueles que, ligados a um modo de viver rurícola, não têm espaço para suas falas. As poesias de abertura do livro – “O vaqueiro do Piauí” e “Um ajuste de casamento num serão de farinhada” – descrevem dois eventos importantes do calendário social do Piauí no período em estudo.

Acontecendo em períodos diferentes, a vaquejada e a farinhada se desatacam por reunirem um grande número de pessoas de uma região, para a execução de atividades de tratamento do rebanho de gado bovino e de beneficiamento da mandioca. Nos dois casos, durante dias, concentrados em uma mesma fazenda, ao se desincumbirem das atividades a que se propuseram para o encontro, as pessoas trocam experiências e relatam acontecimentos; realizam coletivamente as refeições, bebem e conversam; estabelecem relações pessoais. O

³³⁵CASTELO BRANCO, 1993, p.58-62.

³³⁶CABRAL, 1938, p.180.

titulo da poesia “Um ajuste de casamento num serão de farinhada” da a dimensão da rede de relações que se estabelecem nesses encontros, relações que vão dos negócios à afetividade.

Em “São Gonçalo nos sertões”, o autor descreve uma novena. Durante nove dias, na casa do promotor da novena, familiares e vizinhos mais próximos se encontram para as rezas. Como a vaquejada e a farinhada, a novena é um dos raros eventos do modesto calendário social do sertão, onde se passam dias na labuta pela sobrevivência e não em festas. Estas são periódicas, apesar de durarem vários dias. Na última noite do novenário, chegam os familiares, amigos e conhecidos, moradores mais distantes, depois das rezas, em frente ao altar armado na sala principal da casa, onde acontece a festa. No terreiro, primeiro acontece o leilão, onde podem ser arrematadas frutas variadas, bolos, doces e assados diversos. Depois, principia a festa dançante. Eis, a seguir, uma descrição minuciosa dessas festas:

Isto feito, os tocadores,
As violas afinando,
Nos bancos vão se assentando
Com dois ou três cantadores
Não pense a gente da praça
Que as violas, com graça
E com mestria tocadas,
São os barulhos formados
Por instrumentos soprados,
Das bandas desafinadas.

Principia o baião,
Ou mesmo o belo chorado,
Sob a latada tocado,
Tudo dança na função
Ao bom som da castanheta,
A matutinha espreita
O namorado dançar
Com o peito palpitante,
Deseja ardente o instante
Que ele lhe venha tirar.³³⁷

Paralelamente às danças, aconteciam os improvisos de viola, momento em que a criatividade sertaneja é posta à prova e se pode perceber aspectos marcantes do imaginário social da época e do lugar:

Junto às violas, sentados,
De ombros com os tocadores,
Estão os dois tocadores
Dos lugares, afamados
Bem alternativamente,
Vão cantando justamente
Ao som dos bons instrumentos,
Fazendo do derradeiro

³³⁷CASTELO BRANCO, 1988, p. 74.

Verso do seu companheiro,
Gerar novos pensamentos.

Em torno deles se agrupam
Mulheres, velhos, crianças,
Que não gostando das danças
Aos cantadores escutam.
E estes entusiasmados,
Por serem apreciados
Como brilho do festim,
Entre palmas e risadas,
Pelos ouvintes rasgadas,
Começam cantar assim...³³⁸

E assim a noite vai se passando. A “juíza” da festa, a anfitriã – pois em geral as sertanejas são quem promove as novenas – passa a noite toda rodando a “cuité” com uma generosa quantidade da “brasileira”, aguardente que é servida aos convidados. Esta é muito apreciada porque “é da terra”, uma vez que “no sertão se rejeita toda bebida que é feita nessas terras estrangeiras”. A anfitriã controla a bebida, não passa a garrafa para nenhuma outra pessoa, indistintamente, sorridente, serve a todos que desejam beber. Também é servido “saboroso aluá”, que contribui para animar mais ainda a “função”, que no linguajar sertanejo significa festa. “E quando os raios dourados do astro-rei” iluminam chapadas e brejos do sertão, é servida a refeição matinal.

Naquela hora o café
Com iscas bem saborosas
É por todos esperado
Na tigela, ou na cuité
Na peneira de taboca
Os beijus de tapioca
E macaxeiras gostosas,
Sem bondade se oferece
Ao povo que aparece...³³⁹

Em toscas travessas de madeira e louça, serve-se a sobra da comida do dia anterior: é comum uma refeição composta por arroz, farofa e enormes nacos de carne assada. Cessada a dança, os cantadores ainda cantam. Um deles puxa o improvisado:

Nunca vi couro de alma,
Nem rastro de lobisome;
Sou cascavel de vereda:
Onde pico, urubu come.
Sou raio, fogo, corisco,
Onde não tem São Jirome.

³³⁸CASTELO BRANCO, 1988, p. 75.

³³⁹CASTELO BRANCO, 1988, p. 79.

O outro responde:

Tu é a cascavel veia;
 Eu sou a cascavelinha:
 Onde boto minha presa
 Não tem cura nem meizinha,
 Nem oração de vigário
 Nem feitiço de cozinha.³⁴⁰

Os rústicos poetas cultores da poesia de temática sertaneja se associaram a romancistas letrados, tais como Francisco Gil Castelo Branco, e a obras como “Ataliba, o vaqueiro”, para consolidarem a imagem de um Piauí que é sertão, território distante da civilização, coberto de mato, com uma rica e diversificada fauna. Pouco povoado, tal espaço é composto por pequenos núcleos populacionais, habitados por uma gente iletrada e incivilizada, mas que apesar disso é “repleta de sentimentos generosos e inocentes aspirações” e vive de uma agricultura de subsistência e, principalmente, do pastoreio extensivo.

Não obstante a caracterização muito geral do piauiense, como se percebe no conjunto literário analisado, é o vaqueiro que aparece como o tipo social representativo da sociedade, figura que encanta desde os grupos sociais posicionados no alto da hierarquia social aos grupos sociais de posição mais inferior. Em “O vaqueiro do Piauí”, Hermínio Castelo Branco grava essa imagem sedutora do vaqueiro, quando descreve a peleja da vaqueirama para colocar o rebanho no curral:

Cada qual mais presunçoso,
 No limpo pátio espaçoso.
 Mais se mostrou corajoso,
 No derribar mais ligeiro.³⁴¹

Pelo terreiro e nos alpendres, em grupos, as mulheres observam as peripécias dos vaqueiros. As moças admiram e suspiram enamoradas.

De longe os aplaudindo,
 Batendo palmas, sorrindo,
 Se ouviam as moças pedindo
 A Deus um noivo vaqueiro.³⁴²

Com a criação do personagem Ataliba, Francisco Gil Castelo Branco favoreceria a constituição de uma imagem romântica e idealizada para a figura do vaqueiro, divulgando-a através de sua obra.

³⁴⁰CASTELO BRANCO, 1988, p. 81.

³⁴¹CASTELO BRANCO, 1988, p. 45.

³⁴²CASTELO BRANCO, 1988, p. 45.

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro e enamorado. Com efeito, as suas perneiras, o seu guarda-peito, o seu gibão e o seu chapéu com trancelim e borlas de fios de cor, eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mãos de mestre. Um maço de cordas de couro adunco, dobrado em vários círculos, passava-lhe do pescoço por sob o braço esquerdo: era a sua faixa de honra, era o famoso laço com que prendia a rês rebelde à porteira do curral ou necessitada de algum cuidado. O bacamarte também lhe vinha a tiracolo e via-se lhe à cintura uma larga faca de cabo de prata metida na bainha... Empunhando a agulhada, longa e rija vara com uma ponta de ferro aguçada e enrolada em correias [...] Ataliba firmando-a na laje, nela apoiava o corpo reclinado e em êxtase contemplava Teresinha. Os seus olhos de carbúnculo chamejavam; um ar de ventura animava o seu rosto acaboclado e o seu porte esbelto, em harmonia com o seu vestuário, dava-lhe o aspecto de magnífica estátua fundida em bronze.³⁴³

Idealiza também uma imagem feminina de sertaneja correspondente à imagem romântica do vaqueiro, através da personagem Teresinha, a amada de Ataliba. Neste processo criativo idealizador Castelo Branco concebe que

as filhas do sertão são como as flores campesinas; a arte não lhes realça o valor; desabrocham e fenecem ignoradas; mas a sua singeleza arrebatada, os seus perfumes embriagam, os seus matizes deslumbram! Ai daqueles que as viu! Jamais as poderá esquecer! São tão lindas! Tão mimosas as flores dessas campinas e as filhas desses sertões³⁴⁴

No conjunto literário em análise, a figura do vaqueiro aparece adjetivada de diferentes maneiras, todas muito positivas: másculo, garboso, valente, trabalhador e honesto. Pessoa simples, entregue à tarefa cotidiana de cuidar do gado, atividade que necessita de coragem para eventualmente enfrentar uma manada indômita, um boi desgarrado e bravo ou uma onça, animal que é apresentada como o mais feroz dos animais das matas do Piauí. Representação que se consolida na poesia “O vaqueiro”, de José Manoel de Freitas:

Não me assustam trabalhos da lida
Nem as onças me fazem chorar,
Sou valente! Que importa esta vida
Se as vaquinha não ouço berrar?³⁴⁵

A imagem do vaqueiro também aparece, por vezes, associada à de uma pessoa ingênua, paciente, desprovida de riqueza material. Nessa caracterização da literatura de ficção, a imagem do vaqueiro é semelhante ao perfil do elemento humano do sertão piauiense da segunda metade do século XIX, elaborada no conjunto de estudos sobre a sociedade

³⁴³ CASTELO BRANCO, 1994, p.43-44.

³⁴⁴ CASTELO BRANCO, 1993, p.41.

³⁴⁵ FREITAS, 1998, p. 20.

piauiense, como se pode observar no seguinte excerto, retirado de Pereira da Costa: o piauiense representa “quase sem discrepância, o tipo físico: frugal, ignorante, religioso, não raro supersticiosos e ingênuos, porém sinceros, cortês de palavra e caráter honesto e sisudo [tem] boa índole.”³⁴⁶ A representação do vaqueiro da leitura ficcional se aproxima daquela veiculada pela literatura não ficcional. Um piauiense dedicado às atividades da pecuária, desenvolvidas em fazendas isoladas umas das outras por imensos espaços de chapadas e caatingas. Atividades cujos resultados práticos demandavam lentidão e dependência da intempérie.

Em outros trechos da literatura de ficção, a imagem do vaqueiro aparece associada a práticas artísticas tais como a de tocador de viola. No sertão, em ocasiões festivas, como no noivado de Terezinha e Ataliba – personagens já citados de Francisco Gil Castelo Branco – o rústico vaqueiro se transmuta em tocador de viola.

Terezinha foi ao quarto buscar sua viola para Ataliba, e o cavaquinho para o acompanhar; e os noivos brilhavam rememorando as suas cantigas aos sons frenéticos dos respectivos instrumentos, também ouvindo carpir em lá bemol o urucungo de Cassange...³⁴⁷

Sozinho, no alpendre da casa de uma fazenda ou em um terreiro sempre muito limpo, o vaqueiro toca sua viola para espantar a solidão e o medo das noites escuras e silenciosas do sertão. É possível perceber na obra de José Manoel de Freitas e Hermínio Castelo Branco afigura de vaqueiro associada a de cantador, deitado em redes, tocando viola, comendo carne de gado assada e bebendo leite de vaca. Em estudo sobre a obra de Hermínio Castelo Branco, Celso Pinheiro fala do violeiro e cantador que foi o poeta.

Já moleque mais taludo, não perdia uma desobriga, nem festas em latadas de palha, passando a iniciar-se no segredo dos desafios, no que se tornou depois verdadeiro mestre. Aprimorou-se tanto nesse mister, que chegou a desafiar e vencer cantadores famosos de seu tempo, ao som da viola, como o afamado Raimundo Dias, a quem faz referência em São Gonçalo no Sertão.³⁴⁸

Essas são algumas imagens elaboradas na segunda metade do século XIX, articuladas à figura do vaqueiro como tipo social próprio do piauiense. No conjunto bibliográfico focando o processo social, o vaqueiro é apresentado como o elemento que efetivamente deu origem ao processo de ocupação do território piauiense, no final do século XVII, para a instalação dos currais de criação de gado vacum e cavalari. O fato, primeiro

³⁴⁶COSTA, 1885, p. 243-244.

³⁴⁷CASTELO BRANCO, 1993, p. 57.

³⁴⁸CASTELO BRANCO, 1988.

narrado pela tradição oral, e depois incorporado a uma tradição escrita, tomaria ares de epopéia e alçaria o vaqueiro à condição de um herói a ser festejado e copiado.

Até meados do século vinte, muitos fazendeiros, assim como seus filhos, vestiam-se como vaqueiro e montavam e campeavam apenas por divertimento. Era comum, também, um rico fazendeiro assumir a condição de vaqueiro “cabeça de campo”³⁴⁹, comandando o vaqueiro principal e o restante da vaqueirama. Estas atividades, para além do diletantismo, eram ocasiões para demonstrar virilidade, força e poder. Era comum, no período, recatadas sertanejas, mesmo aquelas pertencentes a famílias abastadas, sonharem em se casar com um vaqueiro.

Delineada a imagem do vaqueiro, é possível observá-lo em ação, como na poesia “O vaqueiro do Piauí”, de Hermínio Castelo Branco. A vaquejada é a reunião do rebanho de gado vacum de uma fazenda, nos últimos meses do inverno. Trabalho coletivo, realizado pela vaqueirama de uma região, a convite do vaqueiro “cabeça de campo” da fazenda ou complexo de fazendas.

Era o mês da mutuca:
Fins d’água vinham chegando,
Quando o gado sai da mata
Na carreira, escramuçando...

Avisei a vaqueirama
Toda daquelas beiradas
Para me dá uma ajuda
De campo nas vaquejadas
Entre nós, estes convites,
São de alianças sagradas.³⁵⁰

No dia aprazado, ocupa o terreiro, com grande rebuliço e para deleite de todos, a vaqueirama, exibindo seus arreamentos de gala:

Assim na véspera do dia
Que se havia combinado
Riscou tudo em minha porta
Quanto eu tinha convidado.
Cavalaria de fama,
Cada qual mais arreado.³⁵¹

³⁴⁹A expressão indica o vaqueiro principal de uma fazenda, encarregado dos negócios da mesma.

³⁵⁰CASTELO BRANCO, 1988, p. 30-31.

³⁵¹CASTELO BRANCO, 1988, p. 32.

Em geral, as mulheres espreitavam com alguma ansiedade a chegada dos vaqueiros, cuja condição certamente lhes enchia de orgulho, uns eram maridos, outros noivos, alguns, namorados.

Subindo numa levada,
Que era o pátio da fazenda,
Lá enxerguei minha véia
Sentada, fazendo renda.

Estava mais as vizinhas,
Já co'os óios na estrada,
Já se pisando no lombo,
Pra ver a vaquejada.³⁵²

A vaquejada, via de regra, acontece no pátio da fazenda e é o momento em que o vaqueiro pode exhibir suas habilidades. Muitas reses se mostram ferozes e resistem à entrada no curral ou mesmo à “ferra”, e o vaqueiro tem de sujeitá-las. O poeta José Manoel de Freitas imortalizou um desses momentos no poema “Uma vaquejada no sertão”:

O denodo do jovem vaqueiro
A um outro ciúme excitou,
Que querendo mostrar-se ligeiro
Pela cauda uma rês derribou!
Uma rês, que atrevida espiçava
Sem temer os latidos do cão
E que o moço valente agarrava
Como faz só quem veste o gibão

Mas o touro também rompe a esteira
E começa com as mãos a cavar.
Os vaqueiros se armando em fileira
Dão-lhe ecos que fazem-no urrar!
Mas o bicho abaixando a cabeça
Corre acima do forte ferrão...
Gritam bravos! Por força obedeça
A quem veste perneira e gibão!³⁵³

Em vários momentos o trabalho cede lugar à festa, como na hora das refeições:

Apenas anoitecendo,
Puxei um couro de gado
Para fora, no terreiro,
Bem varrido e asseado,
Pra nele botar a ceia...

Fui buscar, logo nas buchas,
A panela de coalhada;
A farinha numa cuia,
No espeto, a carne assada.

³⁵²CASTELO BRANCO, 1988, p. 44.

³⁵³FREITAS, 1998, p. 27.

“Venham vindo se arrastando!”
- Gritei à rapaziada

Cada qual com sua faca,
De coc'ras junto à panela,
Foi tirando com a cuia
Que servia de tigela,
E despejando a farinha
Na coalhada, dentro dela.

Misturando a carne assada,
Gorda, frescal e cheirosa,
Todos ficaram contentes
Com a ceia apetitosa.³⁵⁴

À noite, espalhados em redes armadas pelos alpendres e latadas, os vaqueiros aproveitam para conversar. O conteúdo das conversas é o próprio rebanho, as caçadas e, quase sempre, a crítica à gente da cidade. A vaquejada e a farinhada, na poética de Hermínio Castelo Branco, são atividades características de uma sociedade rural, marcada pelo confinamento das pessoas, onde entretenimento aparece associado ao trabalho. Em síntese, a poesia de temática sertaneja, em especial, aquela expressa por Hermínio Castelo Branco, em “Lira Sertaneja”, conseguiu divulgar uma representação do ambiente material e humano piauiense, marcando a segunda metade do século XIX. Uma representação muito distante do Piauí urbano, desejado pelo “high-life” teresinense e pela intelectualidade atuando entre 1880 e 1922.

3.2. A celebração do espaço piauiense na poesia produzida na passagem do século XIX para o XX

Como se observou no segundo capítulo, entre 1852 e 1952, a poesia dominou o cenário literário piauiense. Na segunda metade do século XIX, a poesia de temática sertaneja teve maior penetração na população, entretanto, a partir de 1880, para satisfação de um público letrado e urbano em formação³⁵⁵, surgiu uma poesia que, apesar de celebrar o território piauiense, através dos seus elementos geográficos, sua fauna e flora, distanciava-se da forma da poesia de temática sertaneja.

Nessa nova poesia não havia espaço para a celebração de hábitos e costumes rurícolas, ela se aproximava das tendências da literatura nacional, representada, nesse momento, pelo parnasianismo e pelo simbolismo, principalmente, no que diz respeito à forma

³⁵⁴ CASTELO BRANCO, 1988, p. 33.

³⁵⁵ A despeito dos esforços empreendidos pela geração de intelectuais atuando entre 1880 e 1922, apenas parcela da elite aderiu aos hábitos e costumes urbanos.

e à incorporação de algumas temáticas como a lírica amorosa, a reflexão sobre temas universais, a subjetividade humana e a celebração das coisas da pátria. No caso do Piauí, ocorreu a celebração do território através dos seus elementos geográficos, sua fauna e flora, muito mais do que os usos e costumes rurícolas, foco da poesia de temática sertaneja.

Na poesia elaborada pela geração de intelectuais atuantes entre 1880 e 1922, a natureza piauiense surge como motivo de inspiração, mas a forma de trabalhar a composição poética mudou em relação à poesia de temática sertaneja. Através da poesia “A missa da Natureza”, do parnaibano Alarico José da Cunha, tem-se a dimensão da mudança na forma e como a poesia piauiense desse período se aproxima dos exemplares da poesia elaborada nos grandes centros culturais do Brasil.

No templo do Universo e sobre o altar do oceano,
Forrado de água imensa e adornado de espuma,
Rezava a santa missa o criador soberano,
Acolitado pela esplendorosa bruma.

Era a festa solar, era domingo, em suma,
Ao despontar do dia, alcandorado, ufano;
Pelas praias quebrando as ondas de uma a uma
Entoavam canções ao majestoso arcano!

Mais tarde se elevava a hóstia consagrada;
Era o sol – todo amor, surgindo alvissareiro,
Com preces de manhã e sinos de alvorada!

Que cena de esplendor! Que espetáculo sem par!
O próprio ateu se curva à razão verdadeira
Vendo a imagem de Deus refletida no mar!³⁵⁶

Afastando-se da observação da alvorada no estreito litoral piauiense³⁵⁷, adentrando as chapadas, um dos intelectuais pertencentes ao grupo da revista “Litericultura”, o poeta Luiz Carvalho, escreveu a poesia “Sertanejas”, composta de três cantos, cujo canto de abertura é também uma celebração ao alvorecer sertanejo.

Vem nascendo a manhã. A lavandisca
Desfere o canto a sombra das ramadas.
Tremendo, o orvalho límpido faísca
Das paineiras nas flores desatadas.

³⁵⁶ AIRES, 1972, p.52.

³⁵⁷ Antes desse período, o litoral quase não aparece na produção literária piauiense. As belezas do litoral e suas marcas aparecem em outras composições poéticas, a exemplo de “Pedra do Sal” de Edson Cunha, cf. AIRES, 1972, p.73. É interessante registrar que vários intelectuais dessa geração foram deputados, senadores, governadores e prefeitos, como administradores públicos deram início à luta pela construção do porto marítimo de Parnaíba.

Solta, pelos capões, correndo, a arisca
 Seriema as estridentes gargalhadas,
 E a aurora nuvens de ouro e sangue risca,
 Doira e ensanguenta a areia das estradas.

Todo o sertão está desperto. O brando
 E frio vento da manhã sacode
 O mangueiral, as mangas despencando.

Sobe da mata o aroma das resinas
 E o cordoniz, assobiando, acode
 Aos pios matinaes das suruminas.³⁵⁸

O poeta Abdias Neves, preso a essa mesma temática mágica do alvorecer sertanejo, escreveu “O Sangue das Rosas”:

Quando sinto cantarem sobre as telhas
 o ouro da luz e a voz das madrugada,
 vou ver morrer no céu as encantadas,
 pequeninas e fúlgidas centelhas.

Inda não despertaram as abelhas
 para a festa das ramas enfloradas.
 Pássaros dormem. E, abertas nas estradas,
 rosas pompeiam pétalas vermelhas...
 Onde lhes vem aquele sangue rubro?
 Chego pé ante pé, sigo e me encubro
 por traz de moitas de onde possa vê-las,

E vejo, então, olhando o espaço infindo,
 aquele sangue vir do céu caindo
 pelos olhos de prata das estrelas.³⁵⁹

Observa-se a mesma visão edênica da poesia de temática sertaneja celebrando o alvorecer do sertão, muito embora a expressão “sertão” apareça timidamente na poesia elaborada a partir de 1880. A fauna composta por aves e insetos diversos; a flora com mangueirais, paineiras e capões de mato com ramas floradas, se manifestam sugerindo uma correlação com o sertão. É a celebração do espaço piauiense, da beleza do estreito litoral, sobre o qual a poesia sertaneja faz pouquíssimas referências, ao silêncio opressor das chapadas e brejões ensombrados ao meio-dia, como canta o mesmo poeta de “Sertanejas”, no segundo canto da referida composição poética.

Meio dia. Lá fora um sol violento
 Caí do céu, queima o pó, doira as espigas.
 A beira da água o gado sonolento
 Repousa, e batem roupa as raparigas.

³⁵⁸Revista “Litericultura”, abr. 1913.

³⁵⁹Revista “Litericultura”, maio 1913.

Agora a mata é quieta e muda. O vento
Cessou. Cessaram todas as cantigas
Nem um leve rumor, nem um lamento
No seio bom das árvores amigas...³⁶⁰

A natureza dá visibilidade ao território, exaltando sua fauna e sua flora: urubu, aranha, cobra, canção, boi, bambual, faveiro, jatobazeiro, tudo é motivo de inspiração para as duas gerações de intelectuais atuantes entre 1880 e 1952³⁶¹. O poeta Luiz Carvalho conclui sua poesia “Sertanejas” celebrando a noite do sertão.

Agora o curvo céu resplende. O cheiro
Bom da jurema os ares embalsama.
Dorme o curral. O gênio feiticeiro
Da noite anda a sonhar de rama em rama.

Fia o luar nas árvores a trama
Da luz. Da casa grande no terreiro
Tem a viola enleios de quem ama,
Entre os dedos nervosos do vaqueiro.

Grilos... O fogo azul dos pirilampos...
O murmurar dos ninhos e do rio,
A mãe da lua aos gritos pelos campos...
Noite de minha terra, mansa e boa!
Deixa que eu durma ouvindo o desafio
Das cantigas dos sapos na lagoa!³⁶²

Mas a referência a rio e lagoa anuncia nova temática incorporada pelos poetas piauienses atuante entre 1880 e 1922, a exemplo da água, pouco freqüente na poesia de temática sertaneja. Nessa tendência poética a seca aparece como uma estação natural do ano. Se a vegetação perde o verdor, torna-se verde nas “primeiras águas”, a estação chuvosa. A seca não causa danos materiais, perda de rebanhos, morte de pessoas, nem a fuga do local de moradia³⁶³. Outra temática que se nota na poesia do período é a referência a pecuária, tema recorrente na literatura piauiense, tanto de ficção como não ficcional. É clara a constante referência ao boi e ao vaqueiro, não na forma entusiástica e de celebração da poesia de temática sertaneja, mas, como constatação de um elemento já arraigado a sociedade piauiense.

Na poesia elabora pelos poetas entre 1880 e 1952, a água é celebrada através dos rios piauienses, a exemplo do Gurguéia, Canindé e Longá³⁶⁴. Contudo, nenhum rio é mais cantado

³⁶⁰Revista “Litericultura”, abr. 1913.

³⁶¹Na antologia de Félix AIRES (1972) é possível perceber esses aspectos.

³⁶²Revista “Litericultura”, abr. 1913.

³⁶³João CABRAL (1938, p. 170-202) apresenta excerto de poesias que celebram esses aspectos.

³⁶⁴AIRES, 1972; CABRAL, 1938.

do que o Parnaíba e nenhum dos seus cantores é mais entusiasmado do que o poeta Da Costa e Silva³⁶⁵.

Saudade! o Parnaíba, - velho monge –
As barbas brancas alongando... e, ao longe,
O mugido dos bois de minha terra...³⁶⁶

Nascido em Amarante, banhada pelos rios Mulato, Parnaíba e Canindé, Da Costa e Silva viveu a maior parte da sua vida fora do Piauí. A lembrança nostálgica das coisas da sua terra perpassa a sua obra.

Na verde catedral da floresta, num coro
Triste de canto chão, pelas naves da mata,
Desce um rio a chorar o seu perpétuo choro,
E o amplo e fluido lençol de lágrimas desata.

Caudaloso a rolar, desde o seu nascedouro,
Num rumor de orações no silêncio da oblata,
Ao sol – lembra um rocal todo irisado de ouro,
Ao luar – rendas de luz com vidrilhos de prata.

Alvas garças a piar, arrepiadas de frio,
Seguem, de absorto olhar, a vítrea correnteza;
Pendem ramos em flor sobre o espelho do rio...

É o Parnaíba assim, carpindo as suas mágoas,
- Rio da minha terra, ungido de tristeza,
Refletindo o meu ser, á flor móvel das águas.³⁶⁷

Quilômetros e quilômetros de distância, rio e terra, espaço desejado, inigualável a quaisquer outros espaços por onde andou, o poeta celebra a cidade amada:

A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra:
É um céu sob outro céu tão límpido e tão brando,
Que eterno sonho azul parece estar sonhando
Sobre o vale natal, que o seio à luz decerra...

Que encanto natural o seu aspecto encerra!
Junto à paisagem verde, a igreja branca, o bando
Das casas, que se vão, pouco a pouco, apagando
Com o nevoento perfil nostálgico da serra...

Com o seu povo feliz, que ri das próprias mágoas,
Entre os três rios, lembra uma ilha alegre e linda,
A cidade sorrindo aos ósculos das águas.

³⁶⁵O crítico João Cabral considera que, no período em análise, a obra do poeta Da Costa Silva é a que mais celebra o Piauí.

³⁶⁶AIRES, 1972, p.60.

³⁶⁷CABRAL, 1938, p. 205.

Terra para amar com o grande amor que eu tenho!
 Terra onde tive o berço e de onde espero ainda
 Sete palmos de gleba e os dois braços de um lenho.³⁶⁸

Para além do recorte cronológico desse trabalho, muitos poetas continuaram cantando sua cidade em poemas cujas letras ajudaram a recortar mais ainda o espaço geográfico piauiense, a exemplo de Campo Maior, Oeiras, Picos, Piri-piri, Piracuruca, Valença e Esperantina, cidades que aparecem em suas especificidades geográficas e históricas³⁶⁹. Mas, é o poeta Da Costa e Silva que compôs o poema-síntese dessa poesia de celebração do Piauí.

Salve terra que aos céus arrebatas
 Nossas almas nos dons que possuis:
 A esperança nos verdes das matas,
 A saudade nas terras azuis

Piauí terra querida,
 Filha do sol do Equador
 Pertencem-te a nossa vida,
 Nosso sonho, nosso amor!
 As águas do Parnaíba,
 Rio abaixo, rio arriba,
 Espalhem pelo sertão
 E levem pelas quebradas,
 Pelas várzeas e chapadas,
 Teu canto de exaltação!...

Desbravando-te os campos distantes
 Na missão do trabalho e da paz,
 A aventura de dois bandeirantes
 A semente da pátria nos traz.

Sob o céu de imortal claridade,
 Nosso sangue vertemos por ti,
 Vendo a Pátria pedir liberdade,
 O primeiro que luta é o Piauí.

Possas tu, no trabalho fecundo
 E com fé, fazer sempre melhor,
 Para que, no concerto do mundo,
 O Brasil seja ainda melhor.

Possas tu, conservando a pureza
 Do teu povo leal, progredir,
 Envolvendo na mesma grandeza
 O passado, o presente e o provir.³⁷⁰

A Lei Estadual nº 1.078, de 18 de setembro de 1923, declara essa poesia hino do Piauí. Visitando os temas da poesia de temática sertaneja, a representação de sertão

³⁶⁸BRASIL, 1995, p.58

³⁶⁹Na antologia de Félix AIRES (1972) é possível perceber esses aspectos.

³⁷⁰BRASIL, 1995, p.62.

identificada com o Piauí é imortalizada na letra do hino. Sertão de mata verde e águas espalhadas “pelas várzeas e chapadas”. A poesia do hino também faz referência a dois temas caros à pesquisa histórica desenvolvida pelos intelectuais da geração de 1880 e 1922: primeiro, a versão da colonização do sertão para o litoral, território devassado pelos bandeirantes; segundo, o destaque dado às lutas de independência travadas no solo piauiense. O centenário da adesão do Piauí à independência do Brasil foi motivo de grandes eventos sociais, tendo a capital como centro das comemorações. Na perspectiva da cultura, por exemplo, foi publicada uma obra contendo informações diversas sobre todos os municípios do estado.

Por essa mesma época, de institucionalização do hino do Piauí, o poeta Augusto de Melo Mousinho escreveu a poesia “Minha Terra o Piauí”:

Mundo novo de várzeas e colinas,
Céu de turquesa resplandente e belo!
O Parnaíba entoando ritornelo
À terra das palmeiras e boninas!

Olhando além, campinas e campinas...
O sol tisonando as águas de amarelo...
Lá no alto, longe, a altura de um castelo,
Nuvens se abrindo á guisa de cortinas...

Vive o gado a pastar nos tabuleiros...
Numa algazarra, em bandos, os periquitos
A exterminar os milharais inteiros!³⁷¹

“Mundo novo de várzeas e colinas” contrasta como as chapadas e matas da poesia de temática sertaneja? Esse “novo mundo” estará diretamente relacionado às aspirações da geração de intelectuais atuantes em Teresina, entre 1880 e 1922, geração que se quer diferente da de seus pais e avós, como se observou no primeiro capítulo desse trabalho? Na poesia dessa geração, se evidencia também a atividade agrícola, elemento pouco abordado pela poesia de temática sertaneja, como se pode acompanhar através da poesia “Inverno”:

O inverno... a chuva... e um gélido torpor
A encher de tédio todo o espaço ambiente!
Como é bom nesse tempo ter a gente
Uma alma simples de lavrador,
Para ver o futuro através do presente
Para sonhar, para prever, para supor
O bem que, sabe Deus, esta n’ma semente!

Ser lavrador! Nos campos de lavoura
Que o inverno alaga, o lavrador bem diz

³⁷¹AIRES, 1972, p. 89.

A vida, na ilusão consoladora
 De quem espera – rústico e feliz –
 Frutos de ouro colher na seara loura
 E a fortuna encontrar n’um grão, n’uma raiz...³⁷²

Na composição poética “Outono”, Da Costa e Silva segue celebrando a agricultura, o lavrador, a semente que germina.

O outono... Como encanta esta tristeza
 Em que as coisas estão!
 É o êxtase da luz que abate a Natureza,
 Estuando de emoção e de surpresa
Ante o incêndio do sol que devora o sertão...

E enquanto o sol de luz inunda
 Vales, rechaus, florestas e montanhas,
 Numa explosão fatal de beijos quentes,
 Morta de amor e de prazer,
 A Natureza provida e fecunda
 Abre, feliz, as maternas entranhas,
 Para em seu ventre recolher
 A vida imperiosa das sementes.³⁷³

João Gaspar Tobler e Silva, um intelectual da geração de 1922 a 1952, através da poesia “O Lavrador”, oferece uma síntese do agricultor piauiense, que agora integra a galeria das imagens que representarão o Piauí.

Mal rompe no horizonte o nune auroreal,
 Vai a vagar montado em seu cavalo pampo,
 Pelas veredas e barrancos do arraial,
 Rever a roça e, assim, as reses pelo campo.

Mãos calosas, a tez áspera e bronzeada,
 Vimo-lo forte, entregue à faina cotidiana...
Semeia, planta, irriga a terra calcinada
 Para ganhar o pão em luta ingrata e insana...

E a noite, quando a lua ideal, linda e tristonha,
 Vai embrulhando num longo lençol de prata
 A silhueta azul da serra, o lavrador,

Na esperança da messe, ei-lo, que dorme e sonha,
 (Atleta rude de verde e opulenta mata)
 O áureo sonho em lauréis dos milharais em flor!³⁷⁴

Observa-se que na segunda metade do século XIX, a poesia de temática sertaneja elaborou para o Piauí a representação do sertão da pecuária. Essa imagem veiculada pela

³⁷²Revista “Litericultura”, jul.1913.

³⁷³Revista “Litericultura”, set. 1913, destaque nosso.

³⁷⁴AIRES, 1972, p. 119, destaque nosso.

literatura singularizou o Piauí, dando visibilidade ao território e à sociedade, conferindo aos piauienses o sentimento de pertença a uma comunidade. Na virada do século, os poetas continuaram celebrando o território piauiense como sertão, mas, paralelo à imagem da pecuária tentaram infundir também uma imagem de sertão da agricultura. Mas nessa representação do sertão da agricultura se anunciam elementos de um sertão da seca, como se observa na alusão ao sol ou à luminosidade intensa nos trechos utilizados para construção desse capítulo. Versos como “ante o incêndio do sol que devora o sertão” e “lá fora um sol violento cai do céu, queima o pó” anunciam outra representação de Piauí, a de “terra calcinada”, na expressão do poeta João Gaspar Tobler e Silva.

3.3. Letras calcinantes: a seca na produção literária piauiense

No âmbito das lutas de representação em torno do papel do clima como elemento definidor do Piauí, a obra “Seca seculorum” constitui um marco na literatura piauiense. Sendo a primeira obra de caráter histórico que objetiva explicar a seca no Piauí, expressa uma quebra de paradigmas na relação da intelectualidade piauiense com a temática, particularmente revelando a inserção de intelectuais de esquerda no debate sobre a apropriação da estiagem, pelas formas dominantes de pensamento no Piauí de então³⁷⁵.

A importância da obra no cenário intelectual piauiense pode ser medida pela formação, em sua decorrência, de um “corpus” literário cuja ambiência temática contempla a seca, como: “Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina”, de Maria Mafalda Balduino de Araújo³⁷⁶ e “A representação da seca na narrativa piauiense: Séculos XIX e XX”, de Raimunda Celestina Mendes da Silva.

Ao que parece, a importância de “Seca seculorum” decorre, em parte, da interlocução que travou com um conjunto de obras de ficção, romances e poesia, que se articulam e colaboram entre si para naturalizar o drama dos flagelados pela seca. Nesse “corpus”, é possível vislumbrar reconhecidos clássicos da literatura ficcional piauiense, tais como “Ataliba, o vaqueiro”, de Francisco Gil Castelo Branco³⁷⁷, “Um manicaca”, de Abdias

³⁷⁵Manoel Domingos Neto, por exemplo, era militante do Partido Comunista do Brasil (PC do B), então na clandestinidade, e se tornaria deputado federal pelo partido em 1988. Geraldo Almeida Borges também pertenceu aos quadros do PC do B.

³⁷⁶A seca aparece nessa obra como tema secundário.

³⁷⁷CASTELO BRANCO, 1993.

Neves³⁷⁸, “Vida gemida em Sambambaia”, de Fontes Ibiapina³⁷⁹ e “Canto da Terra Mártire”, de Martins Vieira³⁸⁰.

Apropria-se deste debate para, a partir da audição a essas duas séries de discursos, refletir sobre a representação literária da seca. Em termos de amostragem, privilegiou-se a produção literária cujo enfoque incide sobre os seguintes períodos de seca: entre os anos de 1877 e 1879, o ano de 1889, o de 1915 e os vários períodos entre 1932 e 1950.

Entre 1878, data da publicação de “Ataliba, o vaqueiro”, marco inaugural da literatura piauiense sobre a seca, e 1986, data da publicação de “Vida Gemida em Sabambaia”, romance publicado na mesma década em que veio a lume “Seca Seculorum”, formou-se um vigoroso “corpus” literário ficcional, objeto da análise, o qual se esforçou para caracterizar a seca e seus desdobramentos.

A primeira característica que se percebe nesse conjunto bibliográfico é a naturalização da seca, sendo o fator climático decisivo para sua manifestação. Essa visão se articula com o conjunto bibliográfico não-ficcional. Segundo os autores de “Seca seculorum”, parcela considerável da literatura sobre a seca na região Nordeste apresenta o clima como elemento responsável pela sua ocorrência. O fator climático tem um peso explicativo considerável até mesmo para as análises que veem a seca como resultante de um conjunto de fatores.

Para Francisco Gil Castelo Branco, a seca se manifesta na mata que fenece, nas fontes e lagoas que secam e, principalmente, na ausência de chuvas. Essa é a visão que perpassa o romance “Ataliba, o vaqueiro”. Em outro romance, “Um Manicaca”, o autor Abdias Neves insiste nessa visão naturista da seca, mostrando o renascimento da natureza sertaneja logo “nas primeiras águas”.

Quando a primeira chuva banha a terra, ressequida por muitos meses de seca, a mata, que estava escura, queimada, parecendo morta, sofre transformação maravilhosa: surge uma manhã coberta de brotos, e transmuda-se, logo, enfolhada, aberta em flores. E o espetáculo dos campos se estende à alma do povo. Reanima-se. Retempera na alegria da mata as suas alegrias. Readquire a abalada confiança. Enflora os sonhos num impulso vigoroso para a vida.³⁸¹

Seis décadas depois, o poeta Martins Vieira escreveria “Canto da Terra Mártire”, que reúne poesias sobre a seca e seu flagelo, conforme enuncia desde o título. Poesias como “A conjura do espaço” e “Promessa vã” se articulam para apresentar a seca como um fenômeno

³⁷⁸No romance também a seca aparece como tema secundário.

³⁷⁹IBIAPINA, 1985.

³⁸⁰VIEIRA, 1983.

³⁸¹NEVES, 2001, p.205.

da natureza, que se anuncia ao sertanejo através dos sinais que aparecem no céu ao alvorecer ou ao anoitecer, pelo pio e voo das aves. Nesses casos, alvorecer e anoitecer já não possuem mais a beleza do sertão da pecuária ou do sertão agrícola nos meses de inverno. No poema “Promessa Vã”, o poeta canta consternado a chuva anunciada que não cai, restando “somente... orar [e] sofrer”. A seca é a ausência de chuvas e o domínio do invencível “Príncipe de Fogo [o Sol] que cumprindo a decisão suprema do Destino, condena o sertanejo à morte pela fome”³⁸². Em outra passagem mais forte, o poeta lamenta o sertão calcinado:

Imersa no clarão a caatinga estremece:
nem um ramo esverdeado, ao acaso, aparece;
nem uma nuvem no alto; embaixo, nenhum vento!...
Alguém, por trás de tudo, espreita o isolamento.
Fugiram para longe as nuvens caprichosas,
a descobrir no chão as vias dolorosas
por onde passarão os filhos do Nordeste.
Quando a chuva não cai, vem a fome, entra a peste,
dissipa-se a razão e predomina o instinto...
Um escárnio tremendo incha o ventre ao faminto,
Enquanto os magros bois, mugindo tristemente,
Têm soluços de agouro e gemidos de gente.³⁸³

Um século depois da publicação de “Ataliba, o vaqueiro”, o lançamento da obra “Vida gemida em Sambambaia” apresenta a mesma visão sobre a seca, a falta de chuva. Percebe-se isso nas falas dos personagens da fazenda Sambambaia. As lembranças do próprio autor do romance estão impregnadas dessa visão de fenômeno natural. A primeira experiência de Fontes Ibiapina com o contexto de seca foi no transcurso da década de 1930, quando, pelas terras de sua família, transitavam os retirantes vindos de outros estados, tangidos pela falta de chuva³⁸⁴.

Outra característica que marca o conjunto bibliográfico constituído pelos romances e poemas sobre a seca é o foco na questão das migrações. Presume-se que até meados do século XX, a cada período de seca o território piauiense foi invadido por retirantes. Durante o Império, entre as províncias do norte do Brasil, o Ceará surge como o centro de irradiação de migrantes³⁸⁵. O Ceará também aparece entre as províncias mais castigadas pela estiagem. Num texto de crítica sobre a obra “Ataliba, o vaqueiro”, Teixeira de Mello aponta como essa província foi atingida pela seca de 1877/1879.

³⁸²VIEIRA, 1977.

³⁸³VIEIRA, 1977, p.34.

³⁸⁴SILVA, 2005, p.195.

³⁸⁵Observa-se no acervo do Arquivo Publico do Piauí, que nas listas da Comissão de Socorros Públicos, instaladas em cada província do Brasil para combater os efeitos da seca, ficou registrado que um número significativo de beneficiados era oriundo do Ceará. Há necessidade de um estudo sobre a relação Piauí e Ceará, nos períodos de seca.

Com efeito [o leitor tem a impressão de estar] assistindo ao lúgubre desenrolar da horrorosa calamidade que assola as províncias setentrionais da nossa pátria, sobretudo da pobre vítima sobre que mais pesada carrega, a mão da fatalidade, conquanto o autor apenas pusesse na tela um dos quadros menos aflitivos de que pudera ter-se aproveitado, pois não ousou sair da circunscrição de território em que nasceu, isto é, do Piauí. Não teve ânimo de tocar na chaga viva e funda e palpitante do Ceará, que sangra ainda, e que tão cedo não cicatrizará.³⁸⁶

Com base no romance de Francisco Gil Castelo Branco é possível inferir que antes de 1877/1879, o Piauí já havia sofrido invasão de retirantes cearenses, provavelmente nas secas de 1824, 1845 e 1860, períodos de chuvas irregulares nas províncias do norte do Império. Registros históricos indicam que no ano de 1860, por exemplo, o Piauí também foi invadido por levas de baianos que fugiam da seca. O presidente da província mandou instalar um estabelecimento agrícola na região do atual município de Bom Jesus para disciplinar e auxiliar a população retirante³⁸⁷. Como se observa em “Cotidiano e Pobreza”, a política de criação de núcleos coloniais na zona rural de Teresina ou em outros municípios da província tinha como objetivo ocupar os migrantes, evitando a exposição de suas mazelas pelas ruas das cidades, em especial na capital³⁸⁸. Pois segundo Maria Mafalda B. de Araújo:

Teresina [vivia] uma época de tentativas de ordenação do espaço urbano, quando seu ar típico de cidade “ordeira” e “pacata”, como registra a memória oficial, se altera com a instalação de novos habitantes migrantes nordestinos e do interior do Piauí, contribuindo para aumentar os conflitos sociais na cidade. Vimos, portanto, o momento em que a cidade se envolve no imaginário progressista da elite, quando se aguçavam as contradições sociais presentes numa estrutura provinciana.³⁸⁹

Observa-se que o território piauiense é no período em estudo, corredor de passagem de retirantes das diversas províncias do norte, que demandam em busca de províncias como o Maranhão, o Pará e o Amazonas que, embora pertençam à mesma região, apresentam-se ainda hoje, mais ricas em recursos naturais, em especial recursos hídricos. Nesse ponto, a ficção e a literatura não-ficcional se encontram. A referência é explicitada no conjunto bibliográfico não-ficcional, o Piauí foi uma “zona de refúgio”, reservatório das matrizes necessárias à recuperação dos rebanhos e território para preservação da mão-de-obra das áreas economicamente impossibilitadas de reprodução de sua própria força de trabalho³⁹⁰.

Observa-se que o Piauí desempenhou papel maior, foi para muitas famílias de retirantes uma terra para reconstrução de um novo lar, uma terra para sepultar aqueles que

³⁸⁶ CASTELO BRANCO, 1994, p. 37.

³⁸⁷ BASTOS, 1994, p. 139 e 508; BORGES, 1978.

³⁸⁸ ARAÚJO, 1995, p. 76-83.

³⁸⁹ ARAÚJO, 1995, p. 15.

³⁹⁰ DOMINGOS NETO, BORGES, 1987, p. 16 e 36.

sucumbiram ao suplício da fome e à falta de condições profiláticas. Essa idéia de pessoas morrendo durante as migrações ficou registrada em quase todas as obras de ficção. Nesse sentido, o depoimento seguinte é lapidar, segundo memória de uma retirante da seca de 1915.

Tive oito filhos, se estivessem vivos estariam grandinhos. A fome deu cabo de sete, só escapou o Dário. [...] o Manoel, [...] deu uma agonia no caminho do Mearim, escangotou-se e foi logo morrendo [...] Chorei muito, Carmina, e mal enxuguei as lágrimas acabou-se o Pedro. Começou a dar ataque, um em cima do outro, até quando deu o último suspiro. Depois foi a Maria, a barriga inchada que nem bombo. Acabou-se botando lombrigas pela boca e pelo nariz. Depois, o José. Passou três dias no cirro da morte, escangotado [...] Morreu, a boquinha aberta, esperando o de comer que não veio. O Antonio, tão pequeno, estufou o umbigo de tanto chorar de fome [...] o Bento, safadinho, viçava barro, desarranjou a barriga, só faltou botar as tripas para fora antes de morrer. Logo depois foi o Luís, um febrão, não durou vinte e quatro horas. A derradeira foi a Ana.³⁹¹

O poeta Martins Vieira, observando os desdobramentos dos períodos de seca entre a década de 1930 e 1950, consternado e solidário aos pais retirantes que perderam filhos, escreveu:

Ó Pai do Céu, dizei se é lá possível nome
que represente a dor de ver morrer á fome
um filho pequenino, esfarrapado e doente,
se aquele ser franzino é o mesmo ser da gente,
um eu que se desdobra e fica preso ainda
ao ente original... um espelho em que se brinda
aquilo que se foi... uma esperança avante
da prole continuada...³⁹²

Desse modo, a miséria piauiense, sempre igualada à seca, viria de fora da Província, através das levas de retirantes que, fugindo às adversidades, invadem o Piauí à procura de melhores condições de vida. O Piauí é o cenário do trágico drama social vivido pelos sujeitos tangidos pela seca. Segundo constataram os autores de “Seca Seculorum”, até o período de 1877/1879, a seca atingiu o Piauí na forma das invasões.

Consultando a “Cronologia Histórica do Estado do Piauí”, de Pereira da Costa³⁹³, não se encontra registro de que o Piauí tenha sido atingido por secas, antes da década de 1870. O primeiro registro data da seca de 1877/1879. Antes disso, ficou registrada a ocorrência de “mau inverno”, “pouca chuva”, mas não há registro de paralisia das atividades econômicas, nem de grande sofrimento da população. É o que se pode inferir da leitura de “Cotidiano e Pobreza”, em que sua autora, Mafalda Araújo³⁹⁴, registrou a presença numerosa de retirantes

³⁹¹ROCHA, 2002, p.21-22.

³⁹²VIEIRA, 1977.

³⁹³COSTA, 1972.

³⁹⁴ARAÚJO, 1995.

no cenário teresinense entre 1877 e 1914. Nos registros da literatura ficcional, tais como aqueles de “Vida Gemida em Sambambaia”, percebe-se que as migrações continuaram até meados do século XX. Coligindo as informações, verifica-se um período de mais de um século de trânsito de retirantes, movidos pela seca, passando pelo Piauí rumo as províncias/estados do norte.

Outro elemento que caracteriza o conjunto de obras de ficção e também o aproxima do conjunto bibliográfico não-ficcional é a percepção de que a seca atinge de modo diferenciado os diferentes segmentos da sociedade. Analisando “Vida Gemida em Sambambaia”, Silva percebeu que, igualmente na vida, os personagens pertencem a grupos sociais diferenciados e que os desdobramentos da seca não atingem a todos da mesma forma. No conjunto literário não-ficcional, Domingos Neto e Borges trabalham com o conceito “seca de pobre” e “seca de rico”, para concluir:

Há categorias [sociais] que não só são pouco afetadas pela crise periódica como encontram na mesma a força de sua reprodução e engrandecimento. Indo mais além: há setores e regiões econômicas que, de forma direta ou indireta, têm sua lógica de funcionamento em boa parte ligada aos efeitos do flagelo [...] Se todos perdessem com a crise, inclusive os interesses mais evidentemente presentes no esquema de poder regional e nacional, seria difícil crer que sua longevidade não teria sido profundamente abalada³⁹⁵

Ao que parece, a partir do contexto da seca 1877/1879, ocorreram mudanças na maneira de conceber este fenômeno no Piauí, visão que se consolida no contexto dos períodos de seca entre aos anos de 1889 e 1915. Observou-se, como manifestação discursiva, que durante a seca de 1877/1879, pela primeira vez o Piauí foi incluído no rol das províncias atingidas diretamente. Isto é, pela primeira vez a imprensa noticiou que as chuvas escassearam, secaram as aguadas: rios, riachos e fontes; a mata feneceu; animais morreram de fome e sede, os piauienses migraram da zona rural para a zona urbana em busca de socorro. É o fenômeno da seca na sua inteireza. O Piauí deixa a condição de corredor de passagem de retirantes para assumir a condição de área atingida pela seca.

A atuação da imprensa piauiense também foi decisiva para a criação desse discurso, seja reivindicando do Governo Imperial atenção para o estado de calamidade em que se encontrava a Província, seja noticiando sobre os retirantes que invadiam os municípios mais desenvolvidos e ricos. No contexto da seca de 1889, a imprensa foi excessiva na divulgação do drama dos flagelados, noticiando o intenso e incessante fluxo de retirantes e as mazelas que atingiram os diferentes municípios piauienses: um surto de doenças acometia as pessoas

³⁹⁵DOMINGOS NETO, BORGES, 1987, p. 18.

nos municípios de Regeneração, Amarante, Picos e Jaicós. Em Campo Maior crescia a criminalidade, segundo noticiava o jornal “A Falange”, de junho de 1889, o “furto, roubo, estelionato se desenvolveram em tão grande escala [em decorrência da situação de seca] que já não há mais quem denuncie os criminosos, nem as autoridades se animam em instaurar tantos processos”.

Na vila de Natal, hoje cidade de Monsenhor Gil, o atraso no pagamento dos trabalhadores nas frentes de serviços, resultou numa manifestação pública que terminou no apedrejamento de residências de membros da Comissão de Socorros Públicos³⁹⁶, o delegado de polícia colocou os soldados na rua e espancou indistintamente, crianças, velhos e mulheres, é o que foi noticiado pela imprensa da capital.

Nos jornais “O Telefone” e “A Falange”, especialmente, eram comuns as investidas contra o Governo Imperial, pelo descaso aos apelos do Piauí. O Ceará, entre as províncias assoladas pela seca, era apontado como aquele que recebeu mais deferência do Governo. Denunciavam que as verbas destinadas ao Piauí eram menores e demoravam a ser liberadas. Na edição de 05 de junho de 1889, um artigo no jornal “A Falange” concluía violentamente: “Na fartura éramos lembrados para pagar impostos, prestar serviços eleitorais; agora, na adversidade, somos lançados no esquecimento e abandono”³⁹⁷. Secundando a imprensa local, a imprensa do sul do país divulgou entre os habitantes dessa região o discurso sobre a seca.

No Rio de Janeiro, a publicação do romance “Ataliba, o vaqueiro”, de Francisco Gil Castelo Branco, conforma-se como marco inaugural desse discurso, documento-testemunho de um intelectual oriundo do norte, cujo objetivo era chamar atenção do país para o problema da seca. No Parlamento do Império, os deputados e senadores do norte incorporavam a seca como mais um elemento do discurso e da barganha política, pressionando a intervenção do Estado. Percebe-se que a imprensa e o Parlamento configuram-se como um dos espaços de reprodução do discurso sobre seca.

Na literatura piauiense, a partir da publicação de “Seca Seculorum”, a caracterização da seca como fenômeno natural vai cedendo espaço para outro modelo explicativo que vê a seca como resultante de fatores diversos. Essa inflexão na literatura piauiense sobre este fenômeno se observa na referida obra, a partir da análise dos autores sobre a seca de 1915.

³⁹⁶As Comissões de Socorros Públicos que foram criadas no contexto da seca de 1877-1879 (BORGES, 1978) foram reativadas para gerenciar as verbas destinadas às frentes de serviço e comprar víveres para a população necessitada. No geral, eram constituídas pelo juiz de direito, vigário, delegado, coletor e presidente da Câmara Municipal.

³⁹⁷COSTA FILHO, 1989

A tendência histórica de expansão da lavoura de subsistência no Piauí, refletida nos índices da produção de gêneros; os importantes incrementos ao crescimento da população; o conseqüente e paralelo desenvolvimento da urbanização (sempre saudado como indício de progresso pela mentalidade local), ampliando as necessidades de excedentes agrícolas; as condições concretas em que estes excedentes foram gerados tornaram o Piauí palco dos mesmos acontecimentos que anteriormente eram vividos pelos seus vizinhos do Oriente. No lugar de refúgio para os retirantes, o Piauí vê, hoje, sua população amargar a perda de cultura, a fome, o êxodo, a “seca”, enfim. O antigo “refrigério”, para onde, durante séculos, acudiam os criadores vizinhos, na tentativa de salvar os rebanhos, assiste hoje à perda de seu próprio gado. De fome e de sede.³⁹⁸

A nova concepção entende a seca como resultado de uma série de fatores, destacando as questões de ordem social e política, antes da questão climática. Agora, o território piauiense não é apenas um corredor de passagem percorrido por levadas de retirantes que fugiam da seca, mas uma área onde população, rebanhos e colheita são diretamente atingidos.

A necessidade engendrou novas situações sociais para o piauiense que, padecendo as agruras da seca, impossibilitado de dividir com os retirantes o pouco que tinha, tem um novo olhar sobre os retirantes. As elites piauienses, por exemplo, passam a vê-los como bandos ameaçadores da ordem, na medida em que passam a disputar com as camadas mais baixas da população local os víveres e os poucos recursos das frentes de trabalho, agravando mais a situação de miséria dos nativos, criando condições para agitação e revolta que contrariam os interesses desses grupos. A simpatia e a comiseração para com a população retirante, qualidades que haviam animado os piauienses nos diferentes contextos de seca no século XIX, foram diminuindo.

Para evitar comoção, a partir de meados do século XX, os vizinhos flagelados pela seca serão contidos dentro de suas fronteiras territoriais. Ao que parece, será contido o grande e dramático fluxo migratório entre as províncias/estados, com suas longas filas de necessitados cruzando as estradas e invadindo as cidades piauienses, implorando caridade. Agora os flagelados passarão rapidamente pelo Piauí, em veículos motorizados, através de rodovias controladas pelas autoridades, que controlam também o fluxo migratório.

Para todo o Nordeste, a novidade do período de seca entre as décadas de 1930 e 1950 é o aprofundamento do fluxo de retirantes para a região sudeste do país. A partir do final dos anos de 1970, todo o esforço dos Poderes públicos foi no sentido de conter os flagelados pela seca no seu local de origem, tentando evitar a exibição das mazelas. Já a manifestação da seca tem outras características que não foram ainda fixadas pela literatura piauiense.

³⁹⁸ DOMINGOS NETO, BORGES, 1987, p. 49.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que recoberto por uma estereotipia que o situa e significa como área periférica e intelectualmente pouco importante no âmbito da nação Brasil, o Piauí, a despeito disso, ofereceu à literatura brasileira exemplares fundadores, tais como o clássico romance “Ataliba, o vaqueiro”, publicado nos meados do século XIX por Francisco Gil Castelo Branco e por muitos considerado o primeiro romance regionalista do Brasil. Este fato – a presença de clássicos literários – no interior de uma sociedade então marcadamente iletrada, constituiu um dos primeiros argumentos deste trabalho: a pretexto de conhecer as condições históricas no interior das quais foi se erigindo um sistema literário piauiense, indagamos sobre a relação possível entre literatura e vida, isto é, entre aquilo que os literatos criam e que acaba derivando marcos identitários de um povo.

Não se pretendeu, de forma positiva, demonstrar a relação de pertinência entre literatura e identidade cultural, tampouco se desejou definir o que seria uma “literatura piauiense” em contraposição a uma “literatura brasileira de autores piauienses”. Tomando-se textos escritos por autores piauienses procuramos demonstrar que, ao longo da extensão do território brasileiro, a modernização implicou muito mais na vitória da cultura letrada sobre a cultura oral e no abandono de hábitos e costumes rurícolas por parte das elites, do que na modernização da economia. Embora nas diferentes e muitas versões historiográficas sobre o processo de modernização do Brasil o Rio de Janeiro e São Paulo apareçam com protagonista dos acontecimentos, o ideal de civilização e de progresso foi incorporado por todas as elites e colocado em prática nas mais diferentes áreas do Brasil, inclusive no Piauí. A educação formal viria a ser o elemento difusor desses ideais, em especial o ensino recebido nas faculdades de Direito do Recife e de São Paulo, a partir de meados da primeira metade do século XIX.

Trata-se, portanto, de um estudo sobre as elites, em especial sobre as elites piauienses, onde se refletiu sobre suas estratégias para assumir a administração da capitania/província ou estado do Piauí. Na passagem do século XIX para o século XX, um segmento da própria elite, domiciliado na capital da província, Teresina, a frente da administração do Piauí, decidiu civilizar a roça, desencadeando um processo de transformação de hábitos e costumes que resultou na modificação do viver de parcelas da elite rural, incorporando-as ao mundo considerado civilizado. Em paralelo, empreendeu reformas que

deram à província/estado, em especial à cidade de Teresina, elementos do equipamento urbanístico, considerados símbolos da modernização.

As reformas empreendidas pela elite representariam o rompimento com os hábitos e costumes rurícolas? Com os círculos familiares dominantes? Com as relações de compadrio e as relações senhoriais de tutela? Observamos que o contexto das transformações experimentadas por segmentos da elite piauiense, não abrangeu a sociedade como um todo, nem mesmo chegou a atingir todos os integrantes da elite rural. O que ocorreu foram demandas historicamente determinadas, percebidas e enfrentadas primeiramente por segmentos da elite, de forma a beneficiá-las. As aspirações de se igualar às mais requintadas elites do Brasil e da Europa se manifestavam na constituição de segmentos sociais sofisticados, com domicílio nos principais centros urbanos, a exemplo do “high-life” teresinense.

De posse do privilegio da leitura e da escrita, membros da elite piauiense iniciaram a publicação de jornais, revistas e livros, objetos de análise no segundo capítulo. Essas práticas incorporadas pela elite contribuiriam para consolidar sua posição de grupo social dominante e possibilitaria a inserção do Piauí no universo da cultura letrada. Momento particular da história intelectual piauiense, quando, após uma vitória sobre a tradição oral, os segmentos letrados procuram se consolidar através da criação de associações literárias.

Apontamos a relevância dessas congregações literárias enquanto instrumentos capazes de dar a ver as condições existenciais dentro das quais a intelectualidade do Piauí foi se forjando a si mesma, enquanto área especializada da cultura piauiense, ao mesmo tempo em que se esforçava para constituir uma piauiensidade aparentemente natural e centrada. Estas instituições, do ponto de vista desse trabalho, revelariam não apenas um momento bastante intenso da história intelectual piauiense, mas o fazer-se mesmo da piauiensidade moderna.

Conclui-se que a piauiensidade é uma construção dinâmica, passível de transformações segundo os interesses das gerações de literatos em atuação. Observou-se que ao longo da segunda metade do século XIX, foi veiculada uma representação de Piauí longínquo, tosco e inculto que emergiu da poesia de temática sertaneja. A poesia elaborada a partir da década de 1880, por sua vez, veicularia outra representação de Piauí. Diferente da poesia de temática sertaneja, essa nova produção poética se aproxima das tendências da literatura nacional, no que diz respeito à forma e à incorporação de algumas temáticas como a lírica amorosa, a reflexão sobre temas universais, a subjetividade humana e, em especial, a

celebração do território pátrio. Essa última temática foi explorada pelos literatos piauienses que, até a década de 1940, celebraram em suas composições poéticas aspectos que singularizavam o Piauí, a exemplo do espaço, da fauna e da flora. A partir da referida década, um terceiro corpus de textos já anuncia uma nova representação de piauiensidade ligada à seca. Se esta é, já, reconhecidamente, um dos marcos da identidade nordestina, o trabalho procurou particularizá-la em relação à formação da piauiensidade.

De modo geral, portanto, os objetivos preconizados para o trabalho, consubstanciados no desejo de identificar nos textos escritos por literatos piauienses indícios de representação da piauiensidade, foram atingidos. Não se trata – e nem poderia se tratar – de um estudo definitivo, mas de um – apenas um dentre tantos possíveis – contributo ao conhecimento da história da configuração daquilo que se reconhece hoje como “a sociedade piauiense”, com suas semelhanças e diferenças em relação a si mesma, uma vez que, como se sabe, a identidade é uma celebração móvel que se faz sobre comunidades imaginadas e imagináveis³⁹⁹.

³⁹⁹ HALL, 2006.

BIBLIOGRAFIA E FONTES**FONTES**a) Periódicos (Arquivo Público do Piauí)

Jornais:

A Época
A Imprensa
A Falange
A Reforma
Cidade de Teresina
Correio de Teresina
O Amigo do Povo
O Apostolo
O Correio
O Dia
O Monitor
O Norte
O Piauí
O Semanário
O Tempo

Revistas e Almanques:

A Granada
Almanaque do Cariri
Almanaque da Parnaíba
Almanaque Piauiense
A Letra
Alvorada
A Propaganda
A Revista
Camondongo
Cidade de Luz
Cidade Verde
Cultura Acadêmica
Cultura
Garota
Geração
Gleba
Guisos
Harpa
Mocidade
O Arauto
O Automóvel
O Meio
O Obuz
Panorama Estudantil
Parnaíba
Primícias Literárias
Revista da Academia Piauiense de Letras

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí
Revista Mensal da Sociedade União Piauiense
Seleta
Voz do Estudante
Voz de Parnaíba
Zodíaco
4 de Outubro

b) Livros (Arquivo Público do Piauí)

ABREU, Areolino de. *Discursos*. Teresina: Imprensa oficial, 1913.

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Recepção do Sr. Matias Olimpio* (discurso do recipiendario e do acadêmico Higino Cunha). Teresina: Papelaria Piauiense, 1921.

_____. *Discurso de recepção Odylo Costa*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1921.

_____. *Jonas de Moraes Correia*. Parnaíba: Tip. Bastos, 1925.

_____. *Recepção acadêmica*, Armando Madeira, Cristino Castelo Branco. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924.

_____. *Recepção Acadêmica*. Alarico da Cunha e José Pires de Lima Rebelo. Teresina: Imprensa Oficial, 1938.

_____. *Recepção ao Sr. Álvaro Ferreira*. Teresina: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1942.

_____. *O patrono da cadeira nº 14 (Dr. Raimundo Área Leão)* Teresina: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1944.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PARNAIBA. *Amarração e o comércio de Parnaíba*; Pró-Piauí: campanha econômica promovida Associação Comercial de Parnaíba. Ceará: Editora Eugenio Gadelha &, 1920.

BATISTA, Benjamin de Moura. *O Piauí*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1920.

BATISTA, C de Moura. *Capurreiros do Piauí*. São Paulo: Livraria Editora Odeon, 1939.

BATISTA, Jonatas. *Sincelos*. Teresina: Libro-Papelaria Veras, 1907.

_____. *Poesias avulsas*. São Paulo: [s. n.], 1934.

_____. *Alma sem rumo*. São Paulo: Gráfica São Paulo, 1934.

BATISTA, Mario José. *Hidrografia e Orografia do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro: Gráfica do Jornal do Comercio, 1927.

BEVILÁQUA, Amélia de Freitas. *Angustia*. Rio de Janeiro: Tip. Besnard Frères, 1913.

_____. *A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Bevilaqua* (Documentos históricos – literários). Rio de Janeiro: Besnard Frères, 1930.

_____. *Silhoettes*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1931.

_____. *Divagações sobre a consciência*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica Mundo Medico, BORSOI & C., 1931.

_____. *Jornada pela infância*. Rio de Janeiro: Est. Gráfico “Mundo Médico”, J. Borsoi Jr., 1940.

BIBLIOTECA, ARQUIVO PÚBLICO E MUSEU HISTÓRICO DO ESTADO DO PIAUÍ. *Vária fortuna d’um soldado português pelo brigadeiro Fidié*. Edição Comemorativa dos 120 anos da Guerra de Independência no Piauí, outubro, 1942.

BORROMEU, Carlos. *Arcos Iris*. Teresina: [s.n.], 1930.

BRITTO, Anísio. *Escola Normal do Piauí*. Teresina: Tip. d’O Piauí, 1921.

BRITTO, Bugyja. *Muralhas*. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1934.

CABRAL, João Crisostomo da Rocha. *Leitura de direito internacional por João C. da Rocha Cabral*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1923.

_____. *O caminho da paz pela ordem jurídica*. Rio de Janeiro: Bonsoi, 1939.

CASTELO BRANCO, Cristino. *Codificação processual*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1920.

_____. *Defesa de Oton Ramos de Almeida por seu advogado Dr. Cristino Castelo Branco*. Teresina: Imprensa Oficial, 1929.

_____. *Homens que iluminam*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda., 1946.

CASTELO BRANCO, Fenelon. *Nossos Imortais* (2ª edição correta e aumentada). Teresina: Tipografia Paz, 1912.

CASTELO BRANCO, Miguel de Sousa Borges Leal. *Dimensão e reintegração do procurador fiscal do tesouro provincial do Piauí Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco: a apreciação dos homens doutos do paiz*. Teresina: Tip. da Imprensa, 1883.

CASTELO BRANCO, Moises. *Depoimentos para a história da Revolução no Piauí*. Rio de Janeiro: Tip. São Benedito, 1931.

CASTRO, F. Pires de, NAPOLEÃO, Martins. *Os rebeldes no Piauí* (subsídios e documentos para a história). Teresina: Tip. d’ O Piauí, 1926.

CATALOGO DOS PRODUTOS PIAUIENSES. Primeira Exposição Estadual do Piauí. Realizada a 24 de janeiro de 1923. Comemorativa do primeiro centenário da sua adesão a independência do Brasil. Teresina: Papelaria Piauiense, 1923.

CAVALCANTI, J. *Meu livro azul* (Sonetos). Recife: [s.ed.], 1944.

CENACULO PIAUIENSE DE LETRAS. *Estatutos*. Teresina: Tip. Popular, 1931.

CENTRO PIAUIENSE. *Oito anos de governo: a administração Leônidas Melo no Piauí*. Rio de Janeiro: Indústria Gráfica Luno, 1943.

CLARK, Oscar. *Da Dyspépsia asthenica*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1913.

_____. *Estado atual dos nossos conhecimentos sobre o câncer no homem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

CLUBE DOS DIÁRIOS, Sociedade Anônima. *Estatutos e Regimento interno*. Teresina: Tipografia do Piauí, 1925.

COMISSÃO DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA. *O Piauí no centenário de sua independência (1823-1923)*. Teresina: s.e., [1923].

CONDE, Hermínio. *Conchrone, falso libertador do norte*. São Luiz do Maranhão: Tip. Teixeira, 1929.

CONDE, Pedro. *O sentido da educação* (tese de concurso à cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola Normal “Antonino Freire”). Teresina: Imprensa Oficial, 1950.

CORREIA, Benedito Jonas, LIMA, Benedito dos Santos (org.). *O livro do centenário de Parnaíba*. Documento da cidade. Estudo histórico, corográfico, estatístico e social do município de Parnaíba. Parnaíba: Gráfica Americana, 1945.

COSTA, J. Vaz da. *Arengas e retalhos*. Bahia: Oficinas da livraria “Duas Américas”, 1924.

COSTA, Giovanni. *O desvario do crime*. Teresina: Gráfica Piauiense, 1929.

_____. *O crime de Teresina: dados sobre a ação do delegado geral da policia do estado no inquérito sobre o assassinato do Dr. Lucrecio Dantas Avelino*. Teresina: Gráfica Piauiense, 1928.

_____. *O Estado Novo no Piauí: de como se pratica o Estado Novo no Piauí; o caso dos desembargadores*. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1941.

_____. *Cousas do Piauí: folheto mandado publicar por um grupo de amigos de Giovanni Costa*. Teresina, [s.n.], 1942.

COSTA, F. A. Pereira da. *Noticia sobre as comarcas da província do Piauí*. Piauí, 1885. [códice].

CUNHA, Alarico. *Ode a mendiga*. Parnaíba, PI: [s.n.], 1923.

_____. *A libertação da França*. Parnaíba: [s.n.], 1944.

_____. *As exéquias de D. Francisca*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1944.

CUNHA, Edson. *Vozes imortais, crestomatia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: [s.n.], 1945.

- CUNHA, Higino. *O idealismo filosófico e Ideal artístico*. Teresina: Imprensa Oficial, 1912.
- _____. *Anísio de Abreu* (sua obra, sua vida e sua morte). Teresina: Papelaria Piauiense, 1920.
- _____. *O Teatro em Teresina*. Teresina: Tip. do Correio do Piauí, 1922.
- _____. *História das religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924.
- _____. *A defesa do professor Leopoldo Cunha* (produzida por seu pai Dr. Higino Cunha, no processo movido contra aquele pelo crime de tentativa de homicídio). Teresina: Imprensa Oficial, 1934.
- _____. *Os revolucionários do sul através dos sertões nordestinos do Brasil*. Teresina: Oficinas d'O Piauí, 1926.
- _____. *Memórias* (traços autobiográficos). Teresina: Imprensa Oficial, 1939.
- FERRAZ, Antônio Leôncio Pereira. *Apontamentos genealógicos de D. Francisco da Cunha Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial, 1926.
- FORTES, Herbert. *Sobre literatura brasileira*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1927.
- FREIRE, Antonino. *Limites do Piauí*. Contribuição para o estudo de suas questões territoriais com o Maranhão. Rio de Janeiro: Imprensa Guanabara, 1921.
- FREITAS, José de Almendra. *Livramento*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1923.
- FREITAS, Alcides, FREITAS, Lucídio. *Alexandrinos*. Teresina: Tip. Paz, 1912.
- FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*, apontamentos biográficos. Teresina: Tip. D' O Estado, 1903.
- _____. *Em roda dos fatos*. Teresina: Tip. Paz, 1911.
- FREITAS, Lucídio. *Vida Obscura*. Teresina: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1917.
- FREITAS, Vidal de. *Contradição*. Recife: Jornal do Comercio, 1943.
- GAIOSO E ALMENDRA. *Pecuária*. Teresina: Imprensa Oficial, 1931.
- _____. *O vale do rio Parnaíba* (notas históricas e geográficas) Descobrimento, primeiros arraiais e freguesias, estradas e produções. Teresina: Tip. Ribeiro, 1948.
- GONÇALVES, Luis Mendes Ribeiro. *Aspectos do problema econômico piauiense*. Teresina, Imprensa Oficial: 1929.
- GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. *Estatutos do Instituto Geográfico e Histórico Piauiense*. Teresina: Tip. do Piauí, 1919.
- MADEIRA, Armando. *Interesses piauienses*. São Paulo: Tip. Sociedade Editora, 1920.
- MARTINS, Elias. *Guerra Sectária*. Teresina: Tip. d'O Apostolo, 1910.

_____. *Frei Serafim de Catânia*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1917.

_____. *Operário da boa vinha*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1920.

_____. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.

MELLO, Yara Neves de. *Cenáculo Piauiense de Letras*. Discurso de posse cadeira Jonatas Batista. Pará: Edição especial da revista Guajarina, 1931.

MENDES, Simplício. *O Ideal Cristão*. Teresina: Tip. d'O Piauí, 1926.

_____. *Propriedade territorial no Piauí*. Teresina: Tip. do Piauí, 1928.

MONTEIRO, Benjamin M. *República Modelar*. Teresina: Imprensa Oficial, 1931.

MONTEIRO, Lindolfo do Rego; MELLO, Raimundo de Britto; NUNES, Monsenhor Cícero Portela. *Conferências*. Paz mundial. Teresina: Imprensa Oficial, 1935.

MONTEIRO, Lindolfo do Rego. *Destruindo infâmias*: farta e decisiva documentação fornecida sob certidão pela Prefeitura de Teresina, na administração do Dr. José Martins Leite. Teresina: [s.ed.], 1946.

NAPOLEÃO, Aluizio. *Segredos* (Contos). Rio de Janeiro: Estúdio de Artes Gráficas C. Mendes Jr., 1935.

NAPOLEÃO, Martins. *Pátria Nova*. [S.l.]: [s.n.], 1931.

_____. *Tese a Concurso*. I-Etímos incertos da língua portuguesa; II-O sentimento brasileiro na poesia de Bilac; III-O Piauí e o nordeste (Aspectos e problemas de sua vida social). Teresina: Gráficas Piauienses Ltda., 1928.

_____. *O prisioneiro do mundo*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1937.

_____. *Poemas da terra selvagem*. Teresina: Tipografia da Imprensa Oficial, 1940.

NEVES, Abdias. *A Guerra de Fidié*. Teresina: Libro-Papelaria Veras, 1907.

_____. *Um Manicaca*. Teresina: Libro-Papelaria Veras, 1909.

_____. *Discurso oficial*. Teresina: Libro-Papelaria Veras, 1909.

_____. *Imunidades parlamentares*. Teresina: Papelaria Veras, 1908.

_____. *A elegibilidade do Marechal*. Teresina: Tip. Veras, 1910.

_____. *Psicologia do Cristianismo*. Teresina: Papelaria Veras e Tipografia do livro, 1910.

_____. *O foguete*. Teresina: Imprensa Oficial, 1912.

_____. *O Dr. Abdias Neves foi coligado?* Teresina: Imprensa Oficial, 1914.

_____. *Um caso eleitoral*: trabalho lido perante a comissão de poderes, pelo senador Abdias Neves, em maio de 1915. Teresina: [s. ed.], 1916.

- _____. *Discursos*. Rio de Janeiro, Colégio Militar do Rio de Janeiro: [s.ed.]. 1916.
- _____. *Política das estradas de ferro e finanças da Republica*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1916.
- _____. *O Brasil e as esferas de influencia na Conferencia de Paz*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1919.
- _____. *O problema da Indústria nacional de anilinas*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1919.
- _____. *O Piauí na Confederação do Equador*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.
- _____. *Aspectos do Piauí*. Teresina: Tip. D'O Piauí, 1926.
- NEVES, Antonio. *Primeiros versos*. Teresina: Gráfica Esperança, 1938.
- NEVES, Berilo. *A mulher e o diabo*. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comercio, 1932.
- NOGUEIRA, Raimundo Lustosa. *E assim veio o banditismo no estado do Piauí*. Bahia: Imprensa Vitória, 1942.
- NUNES, Odilon. *O Piauí na história*. Teresina: Tip. Popular, 1937.
- PACHECO, Felix. *O publicista da regência*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1899.
- _____. *Mors-Amor*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1904.
- _____. *Discursos*. Recepção ao deputado federal Dr. Anísio de Abreu. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1904.
- _____. *A identificação pelas impressões digitais: o emprego da datiloscopia na América do Sul, o processo Vucetich*. Rio de Janeiro: Tip. Rebello Braga, 1904.
- _____. *O serviço da identificação*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1906.
- _____. *O recenseamento*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1906.
- _____. *Regulamentação do serviço de identificação*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1907.
- _____. *Dois egressos da farda*. O Sr. Euclides da Cunha e o Sr. Alberto Rangel. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1909.
- _____. *A independência do Poder Judiciário e as prerrogativas do Supremo Tribunal Federal*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1913.
- _____. *Discurso de recepção na Academia*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1913.

_____. *A emissão de papel moeda*. Razões de voto na comissão de finanças da Câmara dos deputados. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1914.

_____. *Pereira Passos*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1916.

_____. *Tiro brasileiro da imprensa*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1917.

_____. *Um francês-brasileiro Pedro Plancher*, subsídios para a história do “Jornal do Comercio”. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1917.

_____. *Tiro brasileiro da imprensa*. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1917.

_____. *O marques de Paranaguá*, notas biográficas e perfil publico. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1917.

_____. *Marta*. Rio de Janeiro: edição íntima, 1917.

_____. *Tu, só tu...* São Paulo: Oficinas de POCAI & C., 1917.

_____. *No limiar do outono*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1918.

_____. *A defesa da pátria e a bandeira*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1918.

_____. *O Brasil um só*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1919.

_____. *Lírios Brancos*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1919.

_____. *Éstos e pausas*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1920.

_____. *Discurso* (pronunciado no almoço oferecido pelos colegas do Jornal do Comercio, por ocasião da eleição de Felix Pacheco para o Senado Federal). Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1921.

_____. *Discurso* (pronunciado na cerimônia da inauguração do retrato do diretor do Jornal do comércio, Sr. A. R. Ferreira Botelho, em 10 nov. 1921). Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1921.

_____. *Dispensário de São Vicente de Paula* (discurso pronunciado nesse estabelecimento por ocasião da visita do presidente da República). Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1921.

_____. *O eleitorado piauiense*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1921.

_____. *Discurso de recepção do Sr. Constancio Alves na ABL e resposta do Sr. Felix Pacheco*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1922.

_____. *Em louvor de Paulo Barreto*. Versos recitados na sessão de saudade da Academia Brasileira de Letras em 27.10.1921. Rio de Janeiro: [s. ed.], 1922.

_____. *O Brasil na Conferencia de Santiago*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1923.

- _____. *Presidente Harding*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1923.
- _____. *Discurso*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1923.
- _____. *Brasil-Argentina*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1923.
- _____. *La voz del Itamaraty*. El Brasil em La 5ª Conferencia Panamericana de Santiago del Chile. Rio de Janeiro, “La Roza” (Publicação Hispano-Americana), 1923.
- _____. *Speech delivered at a lucheon offered to Sr. Rivas Vieuña, Chilian Minister to Switzerland, on his passing through Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1923.
- _____. *Speech. Pronounced at a luncheon offered to Mr. President Fletcher*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1923.
- _____. *Un François-Bresilien*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1924.
- _____. *O jubileu de Sua Eminência o Cardeal D. Joaquim Arcoverde*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1924.
- _____. *Itália-Brasil* (saudação feita pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil, Sr. Felix Pacheco, ao embaixador especial Sr. Giovanni Giuriati, no banquete realizado em 7 de abr. 1924 no Palácio do Itamarati). Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1924.
- _____. *A propósito da Doutrina Monroe*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1924.
- _____. *Dia da América*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1924.
- _____. *APPEL adressé a la Jenesse Brésilienne em faveur dela société dès Nations*. [S.l.]: [s.n.], 1925.
- _____. *Discurso* (agradecimento a saudação do deputado Armando Burlamaqui banquete no Jockey Clube). Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1926.
- _____. *Discurso* (Pronunciado em 15 nov. de 1926 no Jornal do Comércio em resposta a saudação de Oscar da Costa). Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1926.
- _____. *Discurso* (ao Dr. Otavio Mangabeira). Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1926.
- _____. *A política americana do Brasil*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1926.
- _____. *A comissão de verificação de Poderes do Senado da República e aos homens de bem do país inteiro*. Rio de Janeiro: [s. ed.], 1927.
- _____. *L'affaire des Emprunts – Or.* Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1930.
- _____. *A Canaã de Graça Aranha*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1931.
- _____. *Robles e Cogumelos* José do Patrocínio e os pigmeus da imprensa (escorço a carvão). Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1931.

_____. *A vida útil e gloriosa da Academia Brasileira de Letras e o amanhã da língua portuguesa encarada através da reforma ortográfica em andamento*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1932.

_____. *Poesias*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1932.

_____. *Paul Valery e o monumento a Baudelaire em Paris, um passeio pelas coleções de "La Plume"*. A atitude de Paul Claudel. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1933.

_____. *Baudelaire e os milagres do poder da imaginação*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comercio, 1933.

_____. *Guy d'Auberval* (Aloísio de Castro). Retrato a pastel. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1933.

PARANAGUÁ, Joaquim Nogueira. *Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

PAZ, Daniel. *Biografia do Dr. Artur Pedreira por Daniel Paz*. [s.loc.], [s. ed.], 1902.

PAZ, José Firmino. *Unidade política, o Estado Nacional e o Presidente Vargas*. Teresina: Gráfica Moderna, [s.dat.].

PINHEIRO, Celso. *Poesias*. Teresina, Academia Piauiense de Letras, 1939.

PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense* (escorço histórico). Teresina: [s.ed.], 1937.

_____. *Fogo de Palha*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1925.

_____. *A Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Tip. Popular, 1940.

_____. *O descobrimento do Piauí e o documento de Pereira da Costa*. Teresina: Tip. Popular, 1943.

REGO, Moura. *Ascensão de Sonhos*. Teresina: Tipografia "O Tempo", 1936.

_____. *Grito perdidos*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1945.

REGO, Luiz Flores de Moraes. *Notas sobre a geologia do estado do Piauí*. Teresina: Tip. d'O Piauí, 1925.

REIS, Abdoral. *Principio de Inspirações*. Teresina: Gráfica Esperança, 1934.

RIBEIRO GONÇALVES, Luis Mendes. *Aspectos do problema econômico piauiense*. Teresina: Imprensa Oficial, 1929.

RIBEIRO JÚNIOR. *A questão e legislação sociais*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1921.

ROCHA, José Marques da. *Sobre verminoses intestinais*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1922.

SANTOS, Moises Pereira dos. *O Infinitivo*: tese de livre escolha com que o padre Moises Pereira dos Santos concorreu a cadeira de português, 1 e 2 séries do Colégio Estadual do Piauí. Teresina: Tip. Popular, 1945.

SILVA, R. Fernandes e. *A indústria pecuária piauiense*: memória apresentada ao 3º Congresso Nacional de Agricultura e Pecuária promovido pela Sociedade Nacional de Agricultura. Teresina: Tip. de O Piauí, 1924.

SILVA, Jonas da. *Czardas*. Manaus: Tip. da Revista “Cá e Lá”, 1923.

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INSTRUÇÃO. *A Instrução Pública no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1922.

_____. *O ensino normal do Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1923.

TEXEIRA, Raimundo Odorico. *Os neoplasmos e o aparelho endócrino – simpático*. Bahia: Estabelecimento dos dois mundos, 1919.

c) Acervos diversos (Arquivo Público do Piauí)

Registro Geral de Terras (Sala do Poder Judiciário)

Joel Oliveira (Biblioteca de apoio a pesquisa)

Legislação Piauiense (Biblioteca de apoio a pesquisa)

Mensagens e Relatórios dos Governadores do Piauí (Biblioteca de apoio a pesquisa)

Mensagens e Relatórios do Executivo Municipal de Teresina (Biblioteca de apoio a pesquisa)

BIBLIOGRAFIA

a) Livros, artigos, capítulos

ABREU, Capistrano. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

_____. *Ensaio e Estudos* 1ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

ABREU, José Auto de. *Terra Mater*. Discursos. Teresina: Plano Editorial do Governo do Estado do Piauí, 1976.

ABREU, José Auto de; SILVA, Jeremias Abreu Pereira da. *Anísio de Abreu* (dois discursos). Teresina: Imprensa Oficial, 1965.

ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campina SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Os fundadores*. Teresina: Meio Norte, 1997.

_____. *Cadeira 18*. Teresina: s. e., 1980.

ADRIÃO NETO. *Crônicas de sempre* (coletânea). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

_____. *A poesia parnaibana* (antologia). Teresina: FUNDEC-COMEPI, 2001.

AIRES, Félix. *Antologia de sonetos piauienses*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1972.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente In: *Revista de História UFC*, Fortaleza, n.6, 2005, p.43-66.

_____. *História a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí*. Teresina: Comepi, 1981.

ALENCAR, José de. *Ubirajara*. São Paulo: Martins Claret, 2002.

ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (org.). *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad, 2001.

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da instrução pública no Brasil (1500-1889)*. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1986.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. São Paulo: Global, 1997, vol. I e II.

_____. Iracema In: ALENCAR, José de. *Iracema. Cinco Minutos*. São Paulo: Martins Claret, 2005, p. 13-20.

AZEVEDO, Álvares de. *Noite na taverna. Macário*. São Paulo: Martins Claret, 2005.

AZEVÊDO, Maria Francisca. *O casarão do Olho D'Água dos Azevedo*. Teresina: 1986.

BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, vol. 1 e 2.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

- BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. São Paulo: Martins Claret, 2003.
- BARBOSA, Tânia Maria Brandão. “Maneiras de viver em Jerumenha – 1800/1813”. *Cadernos de Teresina*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Ano 3, n.8, ago. 1989, p. 16-19.
- BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: RJ, Vozes, 2007.
- BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (org.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.
- BATISTA, Jonatas. *Poesia e Prosa*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. São Paulo: Martins Claret, 2002.
- BELO, André. *História & Livro e leitura*. Belo Horizonte: Autentica, 2002.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BESSONE, Tânia Maria. *Palácio de destinos cruzados*. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BORGES, Geraldo Almeida (coord.). *História político-administrativa da agricultura do Piauí: 1850-1930*. Teresina: Fundação CEPRO, 1978.
- _____. Notas sobre a literatura piauiense: na primeira República In: *Carta CEPRO*. Teresina, v. 11, n.1, jul./dez. 1986, p. 27-52.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. BRESON, François; CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Casa de escola: cultura camponesa e educação rural*. Campinas: Papirus, 1984.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. *História do Poder Legislativo na província do Piauí*. Teresina: Grafiset, 1997.

_____. Introdução. Evolução do conto na literatura piauiense. In: GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. *O conto na literatura piauiense*. Teresina: COMEPI, 1981, p. 7-17.

BRASIL, Assis. *A poesia piauiense no século XX*. Rio de Janeiro: Imago, Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 1995.

_____. Introdução. In: BRASIL, Assis. *A poesia piauiense no século XX*. Rio de Janeiro: Imago, Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 1995, p. 15-29.

BREJON, Moysés. *O ensino secundário no império brasileiro*. São Paulo: USP, Grijalbo, 1972.

BURITY, Joanildo (org.). *Cultura e Identidade: perspectiva interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP& A, 2002

BURKE, Peter (org.). *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

_____. *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. *As fortunas d' O Cortesão*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

_____. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

CABRAL, João C. da Rocha. "A vis poética na literatura piauiense" In: *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Ano XXI, n.17, Teresina: Imprensa Oficial, 1938, p. 161-241.

CADERNOS DE COMUNICAÇÃO. Vitor Gonçalves Neto: o cronista maldito. Teresina: Zodíaco, v.3, ago. 1996.

CALDEIRA, Jorge (organização e introdução). *Diogo Antônio Feijó*. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção Formadores do Brasil).

_____. *José Bonifácio de Andrade e Silva*. São Paulo: Ed. 34, 2002. (Coleção Formadores do Brasil).

CAMPELO, Ací. "Artes Cênicas do Piauí, uma Reflexão". In: SANTANA, R. N. Monteiro (org.) *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: Fundação de Apoio Cultural do Piauí – FUNDAPI, 2003, p. 29-34.

CANDEIRA FILHO, Alcenor. *Memorial da cidade amiga*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1997.

CARDOSO, Elisangela Barbosa. *Múltiplas e Singulares*. História e memória de estudantes universitárias em Teresina, 1930-1970. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CARVALHO, Abimael Clementino Ferreira. *Família Coelho Rodrigues; passado e presente*. S.l. Imprensa Oficial do Ceará, 1988.

CARVALHO JR. Dagoberto. *Passeio a Oeiras*. Recife: Editorial Tormes, 2004.

CARVALHO, Elmar. *Aspectos da literatura parnaibana*. Parnaíba: Gráfica & Editora Livramento Ltda., 2003.

CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem*. A elite político-imperial. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

_____. *Visconde do Uruguai*. São Paulo: Ed. 34, 2002. (Coleção Formadores do Brasil).

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de pauperia: Torquato Neto e a invenção da tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CASTELO BRANCO, Fenelon. "Síntese da história administrativa do Piauí". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense*. Teresina, n. 2, 1922, p 33-67.

CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba o vaqueiro: Hermione e Abelardo, a mulher de ouro*. Teresina: Convênio APL/UFPI, 1993.

CASTELO BRANCO, Hermínio. *Lira Sertaneja*. Teresina: Academia Piauiense de Letras: Projeto Petrônio Portela, FUNDEC, 1972.

_____. _____. Teresina, Academia Piauiense de Letras: Projeto Petrônio Portella, 1988.

CASTELO BRANCO FILHO, Moysés. *A família rural do Piauí*. Ciclo do vaqueiro. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1983.

CASTELO BRANCO, Renato. *O Piauí: a terra, o homem, o meio*. São Paulo: Quatro Artes, 1970.

_____. *Tomei um ita no norte* (memórias). São Paulo: L. R, Editores Ltda, 1981.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina em Teresina na primeira república*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

_____. _____. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

CELESTINO, Erasmo. *Odilon Nunes: historiador e educador*. Teresina: Edição Instituto Dom Barreto, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". In: *Estudos Avançados*. Rio de Janeiro, n.11(5), 1991.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

_____. *Formas e sentidos: cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: SP, Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANI, Maria Stella (org.). *Literatura e cultura no Brasil. identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.

COELHO, Celso Barros. *Três poetas de sua terra*. Brasília: Câmara dos deputados, Centro de documentação e informação, 1984.

_____. *Cristino Castelo Branco. Estilo e caráter*. Teresina: s. e., 1992.

_____. *Academia Piauiense de Letras – 75 anos*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1994.

_____. *Perfis Paralelos*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2003.

COELHO NETO. *Conferências Literárias*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1909.

CORREIA, Benedito Jonas, LIMA, Benedito dos Santos (org.). *O livro do centenário de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1945.

COSTA, F. A. Pereira da. *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974, 2 vols.

COSTA FILHO, Alcebíades. Teresina, 1889, Ano da República In: *Cadernos de Teresina*. Ano 3, n.8, Teresina, ago. 1989, p. 8-10.

_____. História da mulher escrava no Piauí In: *Cadernos de Teresina*. Ano 6, n.12, Teresina, ago. 1992, p. 23-33.

_____. Oeirenses republicanos. Notas biográficas In: *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*. Edição comemorativa do jubileu de prata, 1997, p.113-126.

_____. *A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2006.

CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do imaginário: literatura, história e identidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

COUTINHO, Afrânio (direção). *A literatura no Brasil*. Preliminares. Parte I/Generalidades. São Paulo: Global, 2004.

DA COSTANDRADE. *Rosal da vida e outros poemas*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

- DEL PRIORE, Mary. *Historia do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DEMES, Josefina. *Floriano: sua história, sua gente*. Teresina: Halley, 2002. DEMES, Josefina. *Floriano: sua história, sua gente*. Teresina: Halley, 2002.
- DIAS, Claudete Maria Miranda. *Balaíos e bem-te-vis: a guerrilha sertaneja*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.
- DIAS, Gonçalves. *I-Juca Pirama. Os Timbiras. Outros Poemas*. São Paulo: Martins Claret, 2002.
- DOMINGO NETO, Manuel, BORGES, Geraldo Almeida. *Seca seculorum, flagelo e mito na economia rural piauiense*. Teresina: Fundação CEPRO, 1987.
- DUMAZEDIER, Joffre. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Sesc, 1994.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República. História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EAGLETON, Terry. *Depois da Teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- _____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- FALCI, Miridan Knox. *Escravos do sertão: Demografia, Trabalho e Relações sociais*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.
- _____. Mulheres do sertão nordestino In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002, p.241-277.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 1995.
- FERREIRA, Álvaro. *Da terra simples (contos e crônicas)*. Teresina: Edições Caderno de Letras “Meridiano”, 1958.
- FONSECA NETO. “Líricas Porandubas do Doutor” In: CARVALHO JR., Dagoberto. *Passeio a Oeiras*. Recife: Tormes, 2004, p. 15-28.
- FRANCO, José Patrício. *O município no Piauí 1767/1961*. Edição comemorativa dos 125 anos da Fundação de Teresina, Teresina, 1977.
- _____. *Capítulos da história do Piauí*. Teresina: Gráfica do Senado Federal, 1983.
- FREITAS, Clodoaldo. *Historia de Teresina*. Teresina, Fundação Monsenhor Chaves, 1988.

- _____. *Em roda dos fatos* (Crônicas). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.
- _____. *Vultos piauienses*-Apontamentos biográficos. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.
- _____. *O Bequimão* (Esquisso de um romance). São Paulo: Siciliano, 2001.
- FREITAS, Lucídio. *Poesia completa*. Teresina: Convenio APL\ UFPI, 1995.
- FREIRE, Gilberto. *Vida social no Brasil, nos meados do século XIX*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 1985.
- FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: introdução à sociedade patriarcal no Brasil, 2: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FRESNOT, Daniel. "O inferno de Rimbaud". In: RIMBAUD, Arthur. *Uma estadia no inferno. Poemas escolhidos. A carta do vidente*. São Paulo: Martins Claret, 2005, p. 13-16.
- FURTADO, José da Rocha. *Memórias e depoimentos*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, Governo do Estado do Piauí. 1990.
- GARCIA, José Ribamar. *Imagens da cidade verde*. Rio de Janeiro: Litteris, 2000.
- GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- GOMES, José Airton Gonçalves (cord.). *O legislativo Piauiense 1835-1985*. Teresina, Assembléia Legislativa do Piauí, edição comemorativa do sesquicentenário da Assembléia Legislativa do Piauí, 1985.
- GONÇALVES, Paulo César. "Uma saga nordestina". In: *Nossa História*. Ano 3, n. 35, São Paulo, set. 2006, p.71-74.
- GONÇALVES NETO, Vitor. *Conversa tão somente* (crônicas de outrora e de agora). Teresina: Meridiano (Caderno de letras), 1957.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: edição do autor, 2000.
- _____. *Chão de estrelas da história de Barras do Marataon*. Teresina: Halley gráfica e editora, 2006.
- GOVERNO DO ESTADO DOPIAUI. *Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica*. Teresina: Fundação CEPRO, 1993.
- _____. *Piauí evolução, realidade e desenvolvimento*. Teresina: Fundação CEPRO, 2002.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. “Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial”. In. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 388, jul/set. 1995, p. 459-613.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDI FILHO, *Poesia e dor no simbolismo de Celso Pinheiro*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1988.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HELENA, Lucia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática, 1986.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *A era do capital 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *A era dos impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *A era dos extremos 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWM, Eric J; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

IBIAPINA, Fontes. *Vida gemida em Sambambaia*. São Paulo: Clube do Livro, 1985.

IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões*. São Paulo: Nacional, 1952.

JANCSÓ, István. *Na Bahia, contra o Império: história do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo/Salvador: Editora Hucitec, 1996.

JOÃO DO RIO. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Martins Claret, 2007.

LAJOLO, Marisa. “Regionalismo e História da Literatura: Quem é o vilão da história?” In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 297-327.

LEÃO, Fabrício de Arêa. “Canto da Terra Mártire”. In: VIEIRA, Martins. *Canto da Terra Mártire*. Teresina: Publicação do Governo do Estado, 1977.

- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LEITÃO, Ofélio. *Eurípedes de Aguiar – varão de Plutarco*. Teresina: COMEPI, 1980.
- LEITE, Renato Lopes. *Republicanos e Libertários: pensadores radicais no Rio de Janeiro (1822)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *Cidades Mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LOURENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1985.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos. A guerra dos jornalistas na independência 1821-1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MACHADO, Paulo Henrique Couto. *Trilhas da morte: extermínio e espoliação das nações indígenas na região da bacia hidrográfica parnaibana piauiense*. Teresina: Corisco, 2002.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizontes de leitura & crítica literária (1900-1930)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: História do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- _____. *O modernismo (1916-1945)*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. *História da Inteligência brasileira (1500-1960)*. 7v. São Paulo: Cultrix, 1976-1979.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema: a formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro: ACCESS, 1994.
- MATOS, J. Miguel de, TITO FILHO. *Abdias Neves*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, EDUFPI, 1984.
- MATOS, Olgária C. F. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.

MELLO, Cléa Rezende Neves de. *Osíris Neves de Mello: Eco de momentos vividos*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1992.

_____. *Velhos conterrâneos luminosos*. Piripiri: Papelaria, Gráfica e Editora Ideal, 1994.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A fronda dos mazombos nobres contra mascates: Pernambuco 1666-1715*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELVILLE, Jean. “O naturalismo como arte e documento”. In: ALUISIO AZEVEDO. *O Homem*. São Paulo: Martins Claret, 2003, p. 11-16.

MELLO, Teixeira de. “Carta Preliminar”. In: CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba o vaqueiro: Hermione e Abelardo, a mulher de ouro*. Teresina: Convênio APL/UFPI, 1993, p.

MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena aberta*. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Artur Azevedo. Campinas, SP: Editora Unicamp; Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

MENDES, Algemira de Macedo. *A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

MENDES, Algemira de Macedo, ROCHA, Olivia Candeia Lima, ALBUQUERQUE, Marleide Lins de. (Org.) *Antologia de escritoras piauienses*. Teresina: Fundação Cultural do Piauí – FUNDAC; Fundação de Apoio Cultural do Piauí – FUNDAPI, 2009.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Achieta a Euclides: breve história da literatura brasileira I*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

_____. *O véu e a máscara: ensaios sobre cultura e ideologia*. São Paulo: T. A. Queiroz, editor, 1997.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONSENHOR CHAVES. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. *Nordeste insurgente (1850-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MONTEIRO, Ogmar. *Teresina descalça*, memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimento dos novos. Fortaleza: s. e., 1988.

MORAES, Herculano. *Visão histórica da literatura piauiense*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1976.

_____. *Visão histórica da literatura piauiense*. Teresina: H.M. Editor, 1997.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira 1933-1974*. São Paulo: Ática, 1998.

MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

- MOTT, Luiz R. B. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- MOURA, Francisco Miguel de. *Literatura do Piauí, 1859-1999*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, Banco do Nordeste, 2001.
- NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1975.
- NAPOLEÃO, Aloizio. *Meu avô José de Freitas*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.
- NAPOLEÃO, Martins. *Opus 7 (Poemas)*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Coelho Branco, 1953.
- _____. *Folhas soltas ao vento*. Teresina: Comepi, 1980.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cronologia do Piauí Republicano 1889 – 1930*. Teresina: Fundação CEPRO, 1988.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro e sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NEVES, Abdias. *Velário; Poesias*. Teresina: Fundação Universidade Federal do Piauí, 1983.
- _____. *O Piauí na Confederação do Equador*. Teresina: EDUFPI, 1997.
- _____. *Um Manicaca*. Teresina: Corisco, 2001.
- NEVES, Lúcia M. B. P. das, MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- NUNES, Odilon. *Súmula de história do Piauí*. Teresina: Edições Cultura, 1963.
- _____. *Os primeiros currais*. Teresina: Comepi, 1972.
- _____. *Economia e Finanças (Piauí Colonial)*. Teresina: COMEPI, 1972.
- _____. *Pesquisas para a história do Piauí*. v. 1 e 4, Rio de Janeiro: Art Nova, 1975.
- _____. _____. Teresina: FUNDAPI, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.
- NUNES, Manoel Paulo. *A geração perdida*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1979.
- _____. *As solidões justapostas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1992.
- _____. *Invenção e Tradição: discursos acadêmicos – nova série*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1998.
- _____. *Modernismo & Vanguarda*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2000.

- OLIMPIO, Matias. *Falando e escrevendo*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1958.
- _____. *Ensaaios, Discursos e Conferências*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1959.
- ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminurus, 2002.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PACHECO, Felix. *Poesias*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- PARANHOS, Maria da Conceição. “Castro Alves e a busca da poesia” In: ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes*. São Paulo: Martins Claret, 2002, p. 11-25.
- PASSOS, Artur. *Abdias Neves; homens e eventos de sua época*. Teresina: s.e., 1966.
- PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Escrita, Linguagem, Objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.
- PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.
- _____. Luzes, progresso e civilização. Abdias Neves e a narrativa histórica no Piauí do início do século XX In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar, et. al. *História: cultura, sociedade, cidades*. Recife: Bagaço, 2005, p.43-59.
- PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1972.
- _____. A guisa de prefácio e biografia In: CASTELO BRANCO, Hermínio. *Lira Sertaneja*. Teresina: Academia Piauiense de Letras\ Projeto Petrônio Portella, 1988.
- PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense; esboço histórico*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.
- PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – itinerário de uma falsa vanguarda. Os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PREFEITURA DE TERESINA. *Deolindo Couto- in memoriam*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- QUEIROZ, Teresinha. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí 1900 – 1920*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, Academia Piauiense de Letras, 1994.
- _____. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.

_____. Direito e Identidades In: *Cadernos de Teresina*, Teresina, ano X, n. 23, p. 33 – 37, ago. 1996, 33-37.

_____. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.

_____. *do Singular ao Plural*. Recife: Edições Bagaço, 2006.

_____. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880 – 1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

_____. História e Literatura In: ADAD, Shara Jane H. Costa; BRANDIM, Ana Cristina M. de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (org.). *Entre línguas: movimento e misturas de saberes*. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 200-214.

RABELO, E. *Territórios de Crispim: inscrições literárias da piauiensidade*. Teresina: Departamento de Geografia e História, Universidade Federal do Piauí, 2005 [Inédita].

RAIMUNDO, Maria Antonieta Vilela. Gonçalves Dias e o Indianismo. In. DIAS, Gonçalves. *I-Juca Pirama. Os Timbiras. Outros Poemas*. São Paulo: Martins Claret, 2002, p.13-18.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor, 2001.

RÊGO, José Expedito. *Vaqueiro e visconde*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

RÊGO, Moura. *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos modernos*. Histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: evolução e sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIMBAUD, Arthur. *Uma estadia no inferno. Poemas escolhidos. A carta do vidente*. São Paulo: Martins Claret, 2005.

ROCHA, Odete Vieira da. *Maranduba: memória do nordeste contada de viva voz. De mãe para filho, de avó para neto para que não se percam nossos começos e tropeços*. Rio de Janeiro: Sindical, 2002.

RODRIGUES, José Honório. *Historia e historiografia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SAMPAIO, Antonio. *Velhas escolas – grandes mestres*. Esperantina: Prefeitura Municipal, 1996.

SANTOS, José Lopes dos Santos. *A Academia e a cadeira 27*. Teresina: Gráfica Mendes, 1994.

SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história*. Indicações na passagem para o moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso In. SEVCENKO, Nicolau (org.). *Historia da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7-48.

SILVA, Alberto da Costa e. *A literatura piauiense em curso*. Da Costa e Silva. Teresina: Corisco, 1997.

SILVA, Halan. *As formas incompletas: apontamentos para uma biografia de H. Dobal*. Teresina: Oficina da palavra/Instituto Dom Barreto, 2005.

SILVA, Josias Clarence Carneiro da. *Genealogia de J. Miguel de Matos*, Teresina: s. e., 1970.

SILVA, Ovídio Saraiva de Carvalho. *Poemas*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 1989.

SILVA, Raimunda Celestina da. *A representação da seca na narrativa piauiense: século XIX e XX*. Rio de Janeiro: editora Caetés, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SOUZA, Silvia Cristina Martins. *As noites do Ginásio*. Teatro e tensões culturais na corte (1832-1888). Campinas, SP: Editora da Unicamp; CECULT, 2002.

TAPETY, Nogueira. *Arte e Tormento*. Oeiras: Instituto Histórico de Oeiras; Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990.

TÁVORA, Franklin. Escritos do norte do Brasil. in. CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba o vaqueiro: Hermione e Abelardo, a mulher de ouro*. Teresina: Convênio APL/UFPI, 1993.

TITO FILHO. *Lima Rebelo, o Homem e a Substância*. Teresina: Companhia Editora do Piauí-COMEPI, 1972.

_____. *Deus e a Natureza em José Coriolano*. Teresina: Companhia Editora do Piauí-COMEPI, 1973.

_____. *Praça Aquidabã sem número*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

_____. *Governadores do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.

_____. *A augusta casa do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1978.

_____. *Memorial da cidade verde*. Teresina: COMEPI, 1978.

_____. *O poder legislativo do Piauí: síntese histórica*. Teresina: COMEPI, 1980.

VIEIRA, Hermes. *Piauí sertão*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1988.

_____. *Nordeste*. Poemas. Teresina: s.e., s/d.

VIEIRA, Martins. *Canto da Terra Mártire*. Teresina: Publicação do Governo do Estado, 1977.

_____. *Canto da Terra Mártire*. Teresina: COMEPI, 1983.

VILLALTA, Luis. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura In: SOUZA, Laura de Mello e (org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. v.1, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 331-385.

_____. Os leitores e os usos dos livros na América portuguesa In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 183-212.

KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. *A origem do livro: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1986.

KOTHE, Flavio R. *O cânone imperial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

KNOX, Miridan Brito. *O Piauí na primeira metade do século XIX*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

KRUEL, Kenard. *Gonçalo Cavalcanti: o intelectual e sua época*. Teresina: Zodíaco, 2005.

_____. *O.G Rêgo de Carvalho*. Fortuna crítica. Teresina: Zodíaco, 2007.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José. O funcionário colonial entre a sociedade e o Rei In: DEL PRIORE, Mary. *Revisão do paraíso: os brasileiros e o estado em 500 anos de história*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 139-159.

WILSON, Edmund. *O Castelo de Axel: estudos sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

b) Obras de Referência

ADRIÃO NETO. *Dicionário biográfico: escritores piauienses de todos os tempos*. Teresina: Edição do autor, 1995.

BASTOS, Cláudio. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.

COUTINHO, Afrânio, SOUZA, J. Galante de (direção). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 ed., São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001.

DOMINGOS NETO, Manoel. *Indicações bibliográficas sobre o Estado do Piauí* (selecionadas e comentadas). Teresina: Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí, 1978.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GOMES, José Airton Gonçalves. *Bibliografia piauiense*. Teresina: Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí, 1978.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Edição do autor, 2003.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas, 2000.

VAINFAS, Ronaldo (direção). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

_____. *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.